

VICTORIA SCHWAB

*A Bruxa
de Near*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

*A Bruxa
de Near*

VICTORIA SCHWAB

*A Bruxa
de Near*

Tradução
Marcelo Barbão

 Planeta

Copyright © 2011, by Victoria Schwab.

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Near Witch*

PREPARAÇÃO: Beatriz de Freitas Moreira

REVISÃO: Tulio Kawata

DIAGRAMAÇÃO: S4 Editorial

CAPA: Leslie Morais

IMAGEM DE CAPA: Mark Rose/Getty Images

CONVERSÃO EM EPUB: {kolekto}

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S425b

Schwab, Victoria

A bruxa de Near/Victoria Schwab; tradução Marcelo Barbão. – 1. ed. – São Paulo:
Planeta, 2013.

Tradução de: *The Near Witch*

ISBN 978-85-422-0295-3

1. Ficção americana. I. Barbão, Marcelo. II. Título.

13-04639

CDD: 813

CDU:821.111(73)-3

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Apresentação

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

A minha mãe e a meu pai, por nunca terem duvidado.



COMEÇA COM UM ESTALO, UMA CHISPA E UMA FAÍSCA. O fósforo se acende.

– Por favor – ouço uma fraca voz atrás de mim.

– Já é tarde, Wren – digo. O fogo vai comendo a madeira na minha mão. Toco com o fósforo cada uma das três velas juntas no peitoril da janela. – Está na hora de dormir.

Com as velas todas acesas, chacoalho o fósforo e a chama morre, deixando uma trilha de fumaça que vai subindo perto do vidro escuro.

Tudo parece diferente à noite. Definido. Do outro lado da janela, o mundo está cheio de sombras, todas unidas em um duro alívio, de alguma maneira mais afiadas que sob a luz do dia.

Os sons parecem mais fortes também, à noite. Um assobio. Um estalo. O suspiro de uma criança.

– Só mais uma – ela pede, abraçando os livros. Eu dou um suspiro, de costas para minha irmãzinha, e passo os dedos nos livros empilhados ao lado das velas. Sinto que estou me inclinando.

– Pode ser uma bem curta – ela fala.

Minha mão descansa sobre um velho livro verde enquanto o vento parece cantar do lado de fora.

– Tudo bem – não consigo negar nada a minha irmã, parece. – Só um – acrescento, virando-me para a cama.

Wren suspira feliz no seu travesseiro e eu me sento ao lado dela.

As velas criam imagens de luz nas paredes do nosso quarto. Respiro fundo.

– O vento no páramo¹ é trapaceiro – começo, e o pequeno corpo de Wren se aconchega ainda mais fundo na cama.

Imagino que está ouvindo mais os altos e baixos da minha voz do que as palavras em si. Nós duas conhecemos as palavras de cor – eu, por meu pai, Wren por mim.

– De todos os aspectos do páramo, a terra, as pedras, a chuva e o fogo, o vento é o mais forte em Near. Aqui, do lado de fora da vila, o vento está sempre por perto, fazendo barulho nas janelas. Ele sussurra, uiva e canta. Pode modificar sua voz e assumir qualquer forma, longo e fino o suficiente para deslizar por baixo da porta, corpulento o suficiente para parecer algo pesado, que respira e tem ossos.

Digo a Wren:

– O vento estava aqui quando você nasceu, quando eu nasci, quando nossa casa foi construída, quando o Conselho foi formado e até quando a Bruxa de Near vivia – digo isso com um sorriso tranquilo, da forma que meu pai sempre fez, porque é *nesse ponto* que a história começa.

– Há muito, muito tempo, a Bruxa de Near vivia em uma pequena casa na ponta mais distante da vila e costumava cantar para as colinas dormirem.

Wren puxa as cobertas até o rosto.

– Ela era muito velha e muito jovem, dependendo de como virava a cabeça, pois ninguém sabe a idade das bruxas. Os riachos do páramo eram seu sangue e o mato era sua pele. Seu sorriso era doce e duro ao mesmo tempo, como a lua na noite escura...

Eu quase nunca consigo chegar ao fim da história. Em pouco tempo Wren é uma pilha de cobertores e respira tranquila, sonhando pesado ao meu lado. As três velas ainda estão queimando no peitoril, inclinando-se uma na direção da outra, pingando sobre a madeira.

Wren tem medo do escuro. Eu costumava deixar as velas acesas a noite toda, mas ela dorme tão rápido e, se acorda, geralmente consegue encontrar o caminho, de olhos fechados, até o quarto da nossa mãe. Agora eu fico acordada até ela dormir e depois apago as velas. Não é preciso desperdiçá-las ou pôr fogo na casa. Saio devagar da cama, os pés descalços sobre o velho chão de madeira.

Quando alcanço as velas, olho as pequenas poças de cera, marcadas com pequenas digitais, pois Wren gosta de subir na ponta dos pés e fazer desenhos enquanto a cera ainda está morna. Passo meus dedos sobre ela, distraída, quando algo, um

movimento leve na janela, chama minha atenção. Não tem nada ali. Do lado de fora, a noite está quieta, é cortada por raios prateados e o vento está batendo contra o vidro, um balanço que faz gemer a velha moldura de madeira.

Meus dedos passam da cera para o parapeito, sentindo o vento através das paredes de nossa casa. Está ficando mais forte.

Quando eu era pequena, o vento me cantava músicas de ninar. Com ritmo, sussurrando, agudo, enchendo o espaço ao meu redor, de modo que, mesmo quando parecia tudo em silêncio, na verdade não estava. Foi com esse vento que vivi.

Mas esta noite é diferente. Como se houvesse uma nova música tocando, mais baixa e mais triste que as outras. Nossa casa está na ponta norte da vila de Near e, além do vidro gasto, o páramo se afasta como um longo tecido: colina após colina de arbustos, pontilhadas por pedras, e um ou dois raros rios. A vista se perde e o mundo parece pintado de branco e negro, frio e quieto. Umas poucas árvores se destacam da terra entre as rochas e os arbustos, mas, mesmo neste vento tudo fica estranhamente estático. Mas eu juraria que vi...

Novamente algo se move.

Desta vez meus olhos estão preparados o suficiente para ver. Na ponta do nosso jardim, a linha invisível onde a vila termina e o páramo começa, uma forma se move contra a noite pintada. Uma sombra se retorce e dá passos para a frente, debaixo de uma faixa de luz da lua.

Eu entrefecho os olhos, pressionando minhas mãos contra o vidro frio. A forma é um corpo, mas muito magro, como se estivesse sendo empurrado pelo vento, arrancando faíscas. O luar corta a frente daquela estranha forma, mostra tecido e pele, uma garganta, um queixo, um rosto.

Não há estranhos na cidade de Near. Eu já vi todos os rostos mil vezes. Mas não este.

A figura fica parada ali, olhando para o lado. E, mesmo assim, ela não está *toda* ali. Há algo na maneira que a lua azul-esbranquiçada ilumina seu rosto que me faz pensar que poderia passar meus dedos através dele. Sua forma é meio apagada nas pontas, confundindo-se com a noite de cada lado, como se estivesse se movendo muito rápido, mas deve ser o vidro molhado, porque ele não está se movendo. Está parado ali, olhando para o nada.

As velas tremem ao meu lado e, no páramo, o vento recomeça e o corpo do estranho parece ondular, desaparecer. Antes que eu perceba, estou me pressionando contra a janela, alcançando o trinco para abri-la, para gritar, chamar a forma de volta, então ela se move. Vira o rosto para a casa e a janela, na minha direção.

Fico sem fôlego quando os olhos do estranho se encontram com os meus. Olhos tão escuros quanto as pedras do rio e, de alguma forma, ainda brilhantes, absorvendo a luz da lua. Olhos que se abrem um pouco quando se encontram com os meus. Um olhar único, longo, sem piscar. E então, em um instante, o estranho parece se separar, sopra uma forte rajada de vento e as persianas batem forte contra o vidro.

O som acorda Wren, que murmura algo e, meio dormindo entre os lençóis, se levanta, caminha tropeçando pelo quarto iluminado pela lua. Ela nem me vê parada na janela, olhando para as persianas de madeira que taparam o estranho e o páramo. Ouço seus passos pelo corredor, o som ao abrir a porta do quarto da nossa mãe, e desaparecer dentro dele. O quarto está, de repente, muito silencioso. Eu abro a janela, a madeira resistindo quando é arrastada para abrir as persianas.

O estranho desapareceu.

Sinto como se devesse existir uma marca no ar, no lugar onde ele desapareceu. Mas não há nenhum traço. Não importa quanto eu olhe, não há nada além das árvores, das pedras e das colinas.

Olho para essa paisagem vazia e parece impossível que o tenha visto, que tenha visto alguém. Afinal, não há estranhos na cidade de Near. Nenhum há muito tempo, antes de meu nascimento, antes da construção da casa, antes do Conselho... E ele nem parecia real, não parecia estar *ali*. Esfrego meus olhos e percebo que estava segurando a respiração.

Uso o ar para apagar as velas.

1 Páramos são planaltos desérticos encontrados a grandes altitudes, principalmente em cadeias montanhosas como os Andes e no México, inexistentes no Brasil. (N. T.)



– LEXI.

A luz entra pelos lençóis. Puxo os cobertores, tentando recriar a escuridão, e encontro minha mente vagando pela noite anterior, pelas sombras do páramo iluminadas pela lua.

– Lexi – a voz da minha mãe chama de novo, desta vez penetrando nos cobertores. Chega junto a mim com a luz da manhã. As lembranças esmaecidas da noite parecem desaparecer.

Do meu ninho, ouço o barulho de passos na madeira, seguidos por uma pausa. Eu me abraço, fico quieta enquanto o corpo se catapulta sobre a cama. Pequenos dedos tocam os cobertores por cima de mim.

– Lexi – diz uma nova voz, uma versão mais aguda da voz da minha mãe. – Levante-se agora. – Continuo fingindo dormir. – Lexi?

Abro meus braços, segurando minha irmã em um abraço de lençóis.

– Peguei você! – grito. Wren solta um gritinho divertido. Ela se libera e eu luto com os lençóis. Meu cabelo escuro se enrola ao redor do rosto. Consigo sentir, os cachinhos já desarrumados, quando Wren se senta na ponta da cama e ri de um jeito que quase parece um passarinho. Seu cabelo é loiro e reto. Nunca sai dos lados do rosto, nunca deixa seus ombros. Eu enterro meus dedos nele, tento desarrumá-lo, mas ela só ri e balança a cabeça, e o cabelo se arruma novamente, perfeito e macio.

Estes são nossos rituais matutinos.

Wren se levanta e vai para a cozinha. Saio da cama e vou até o armário para pegar roupas quando meus olhos se viram para a janela, examinando o vidro e a manhã do outro lado. O páramo, com seus arbustos e pedras espalhadas, parece muito aberto e

tranquilo sob a luz do dia. É um mundo diferente na manhã cinzenta. Não consigo deixar de pensar se o que vi na noite passada foi somente um sonho. Se *ele* foi somente um sonho.

Toco o vidro com meus dedos para testar o calor do dia. É o fim do verão, aquele breve momento em que os dias podem ser agradáveis, até quentes, ou nublados e gelados. O vidro está frio, mas meus dedos só fazem pequenos halos de vapor. Eu me afasto.

Faço o máximo para tirar o cabelo da testa e o jogo para trás com uma trança.

– Lexi – minha mãe chama de novo. – O pão deve estar pronto.

Ponho um vestido longo, simples, ajustado na cintura. O que não daria para vestir calças! Estou quase certa de que o meu pai teria se apaixonado pela minha mãe mesmo se ela usasse bombachas e um chapéu de caça, mesmo quando chegasse aos dezesseis, idade de se casar. Minha idade. *Idade de se casar*, eu fico zombando, olhando desesperada para o par de chinelos femininos. São verde-claros, com sola fina, e substituem muito mal o velho par de botas de couro de meu pai.

Olho para os meus pés descalços, marcados pelos quilômetros que já andaram no duro páramo. Preferia ficar aqui, e entregar o pão da minha mãe, do que ficar velha e enrugada como Magda e Dreska Thorne, do que presa a saias e chinelos, e casada com um garoto da vila. Enfiei os chinelos nos pés.

Estou vestida, mas não consigo eliminar a sensação de que estou esquecendo algo, viro para a pequena mesa de madeira ao lado da minha cama e suspiro, meus olhos encontram a faca de meu pai dentro da sua bainha de couro, o cabo usado. Gosto de passar meus pequenos dedos pelas impressões. É como se pudesse sentir sua mão na minha. Costumava usá-la todos os dias, até os olhares de Otto ficarem duros, e mesmo assim eu às vezes a pegava. Devo estar me sentindo ousada hoje, porque meus dedos se fecham ao redor da faca e sinto seu peso. Coloco-a ao redor da cintura, como um cinto, a faca escondida nas costas, e me sinto segura de novo. Vestida.

– Lexi, vamos! – chama minha mãe e eu me pergunto o que poderia ser tão urgente, já que os pães da manhã costumam estar frios antes de chegar aos compradores, mas então uma segunda voz chega aos meus ouvidos cruzando as paredes, um murmúrio baixo e tenso que se mistura com o tom mais alto da minha mãe. Otto. O cheiro de pão levemente queimado me saúda quando entro na cozinha.

– Bom dia – digo, encontrando os dois pares de olhos, um pálido e cansado, mas sem piscar, o outro escuro e fundo. Os olhos de meu tio são parecidos com os de meu pai – o mesmo castanho forte, enquadrado em cílios escuros –, mas os de meu pai estavam sempre dançando, enquanto os de Otto estão presos por linhas, sempre parados. Ele está encurvado para a frente, os ombros largos sobre seu café.

Cruzo a cozinha e beijo o rosto de minha mãe.

– Já era hora – fala meu tio.

Wren passa por trás de mim e joga seus braços ao redor da barriga dele. Otto amolece um pouco, passando a mão levemente sobre o cabelo dela, que depois sai pela porta. Otto volta sua atenção para mim, como se esperasse uma resposta, uma explicação.

– Qual é a pressa? – pergunto quando os olhos de minha mãe passam por minha cintura e a tira de couro sobre meu vestido, mas não diz nada, só se vira de frente para o forno. Os pés de minha mãe raramente tocam o chão. Ela não é bonita ou charmosa, exceto dessa forma em que todas as mães são para suas filhas, mas parece flutuar.

Estes, também, são rituais matinais. O beijo da minha mãe. A aparição de Otto na nossa cozinha. Isso é bastante regular, a ponto de deixar sua sombra aqui. Seus olhos ficam rígidos quando me olha dos pés à cabeça, vendo a faca de meu pai. Espero que faça algum comentário, mas não diz nada.

– Você chegou cedo, Otto – digo, pegando um pedaço de pão quentinho e uma caneca.

– Não o suficiente – ele fala. – Toda a cidade está de pé e comentando.

– E por quê? – pergunto, servindo chá de uma chaleira perto da lareira.

Minha mãe se vira para nós, a mão cheia de farinha:

– Precisamos ir para a cidade.

– Há um estranho – Otto resmunga para sua caneca. – Apareceu a noite passada.

Eu faço tremer a chaleira e quase queimo minhas mãos.

– Um estranho? – pergunto, equilibrando a chaleira. Então não era um sonho ou um fantasma. *Havia* alguém lá fora.

– Quero saber o que ele está fazendo aqui – acrescenta o meu tio.

– Ele ainda está aqui? – pergunto, lutando para evitar que a curiosidade tome conta de minha voz. Dou um gole no chá e queimo minha boca. Otto confirma e

bebe o resto em sua xícara, antes que eu possa morder a língua e as perguntas comecem a sair.

– De onde ele veio? Alguém falou com ele? – pergunto. – Onde ele está agora?

– Chega, Lexi. – As palavras de Otto cortam o calor da cozinha. – Por enquanto, são somente rumores. Muitas vozes falando ao mesmo tempo. – Ele está mudando bem na minha frente, endireitando-se, passando de ser meu tio a Protetor da vila, como se o título tivesse massa e peso próprios. – Ainda não sei com certeza quem é o estranho ou de onde ele vem ou quem ofereceu abrigo a ele – acrescenta. – Mas vou descobrir.

Então alguém tinha oferecido abrigo a ele. Mordo meus lábios para engolir o sorriso. Aposto que sei quem está escondendo o estranho. O que quero saber é *por quê*. Engulo meu chá quente, sofrendo com o calor que desce até o meu estômago, louca para escapar. Quero ver se estou certa. E se estiver, quero chegar lá antes de meu tio. Otto se levanta da mesa.

– Vocês vão na frente – digo, fingindo um sorriso inocente.

Otto deixa escapar uma risada.

– Acho que não. Hoje não.

Meu rosto fica triste.

– Por que não? – pergunto. As sobrancelhas de Otto cobrem seus olhos.

– Sei o que você quer, Lexi. Quer caçá-lo sozinha. Não vou permitir isso.

– O que posso fazer? Sou filha de meu pai.

Otto assente com a cara fechada.

– Isso é claro como o vidro. Agora vá se arrumar. Vamos *todos* para a vila.

Levanto uma sobrancelha.

– Não estou pronta?

Otto se inclina sobre a mesa lentamente. Seus olhos escuros param sobre os meus como se pudesse me intimidar com o olhar. Mas seus olhos não são tão fortes quanto os de minha mãe ou os meus, e não dizem muitas coisas. Fico encarando-o calmamente, esperando pelo último ato de nossos rituais matutinos.

– Deixe essa faca. Você parece uma boba.

Eu o ignoro, terminando minha torrada, e me viro para minha mãe.

– Estarei no jardim enquanto vocês dois se preparam. – A voz de Otto preenche o espaço atrás de mim quando saio.

– Você deveria ensiná-la apropriadamente, Amélia – ele murmura.

– Seu irmão achou bom ensinar a ela seu ofício – minha mãe responde, embrulhando os pães.

– Não está certo para uma garota, Amélia, e certamente não na idade dela, sair com coisas de garotos. Não pense que não vi as botas. Tão ruim quanto caminhar por aí descalça. Ela esteve na cidade estudando? Helena Drake sabe costurar, cozinhar e cuidar de crianças... – consigo vê-lo passar seus dedos pelo cabelo escuro, depois pela barba, puxando seu rosto como sempre faz quando está frustrado. *Não está certo. Não é apropriado.*

Eu tinha começado a deixá-los para trás quando Wren aparece do nada no jardim. Ela realmente parece um passarinho. Voando por aí. Pousando em cima dos outros. O bom é que faz barulho, caso contrário, suas aparições repentinas seriam assustadoras.

– Para onde vamos? – ela ri, envolvendo os braços ao redor da minha cintura.

– Para a vila.

– Para quê? – Ela solta meu vestido e levanta a cabeça para me olhar.

– Para vender você – digo, tentando ficar séria. – Ou talvez somente para doá-la.

Não consigo evitar o sorriso.

Wren franze a testa.

– Não acho que seja por isso.

Suspiro. Ela pode parecer uma pilha de luz e alegria, mas não se assusta como outras crianças de cinco anos. Olha para cima, além da minha cabeça, e eu também. As nuvens estão se juntando, da mesma maneira que fazem a cada dia. Como uma peregrinação – era assim que meu pai falava. Eu escapo da minha irmã e me viro para a casa de Otto, e além dela, escondida pelas colinas, a vila. Quero chegar lá o mais rápido possível e ver se meu palpite sobre o estranho está correto.

– Vamos – chama meu tio, seguido por minha mãe. Otto vê minha faca na cintura uma última vez, mas só resmunga algo e sai. Eu sorrio e o sigo.



A cidade de Near está montada como um círculo. Não há um muro ao redor, mas todo mundo sabe onde termina e onde começa o campo. Muros de pedra se espalham pela vila, chegam quase à altura de minha cintura e estão praticamente

engolidos pelas ervas e arbustos. Estão presentes no grupo de casas espalhadas por colinas ou campos vazios, até chegarem ao centro da cidade, onde as estruturas estão quase coladas. O centro da cidade está cheio de costureiras e carpinteiros, além de pessoas que trabalham lado a lado. A maioria dos moradores vive perto da praça da cidade. Ninguém se aventura a ir ao páramo, tentam evitá-lo, mas algumas casas, como a nossa e a das irmãs Thorne, estão nas pontas, onde Near se encontra com o páramo. Somente caçadores e bruxas vivem além deste caminho, dizem.

Logo o círculo mais fechado de casas aparece. As construções, todas de pedra cortada, montadas sobre a madeira, e com tetos de palha, estão agrupadas. As casas mais novas são mais pálidas, as mais velhas estão escurecidas por tempestades, pelo musgo e pelas ervas. Caminhos estreitos e bem transitados perfilam-se ao redor e no meio de tudo.

De longe é possível ver que o centro de Near está cheio de gente.

As notícias espalham-se como erva daninha em um lugar tão pequeno.

Quando chegamos à praça da cidade, a maioria dos moradores já está fofocando e resmungando em turnos. À medida que vão chegando, dividem-se em grupos cada vez menores. Isso me faz lembrar as nuvens, só que ao contrário. Otto se separa para encontrar Bo e o restante de seus homens, provavelmente para dar ordens. Minha mãe vê algumas outras mães e acena cansada. Ela solta a mão de Wren e minha irmã vai correndo para o meio da multidão.

– Cuide dela – diz para mim, já se virando, indo na direção de um grupo do outro lado da praça.

Tenho outros planos, mas o protesto morreu na minha garganta. Minha mãe não pede. Ela só me dirige aquele seu olhar. O olhar que diz: *Meu marido está morto, meu cunhado está exigindo demais e tenho pouquíssimo tempo para mim, e a menos que queira ser um peso para sua pobre mãe, seja uma boa filha e cuide da sua irmã.* Tudo em um só olhar. De alguma forma, minha mãe é uma mulher poderosa. Eu a acato e sigo Wren, ouvindo as vozes ao meu redor, quase todas contando rumores.

Wren me faz passar por Otto e Bo, os dois falando em voz baixa. Bo, um homem baixo que manca um pouco, é muitos anos mais jovem que meu tio. Seu nariz é longo e seu cabelo castanho desce em cachos sobre a testa, mas dos lados é bem ralo, parece pontudo.

– ... eu o vi perto da minha casa – Bo está dizendo. – Era cedo e não estava tão escuro, mas não o suficiente para que eu confiasse totalmente em meus olhos.

Wren se afasta adiante e Otto olha para mim, fazendo um movimento lateral com a cabeça. Eu me viro e corro, pensando que, como Bo vive na parte oeste da vila, o estranho deveria ter circulado por Near naquela direção. Quando estou atrás de Wren, passo por duas famílias da parte sul da cidade. Diminuo o ritmo, cuidando para ficar de olho na minha irmã.

– Não, John, juro que ele é largo como uma árvore... – grita uma mulher mais velha, abrindo os braços como um espantalho.

– Não seja ridícula, Berth. Eu o vi, ele é velho, muito velho, praticamente caindo aos pedaços.

– É um fantasma.

– Não existem fantasmas! Ele é um metadílio, parte homem, parte corvo.

– A-há! Então não existem fantasmas, mas existem pessoas-corvos? Aposto que não o viu.

– Eu o vi, juro.

– Deve ser um bruxo – interrompe uma mulher mais jovem. O grupo fica em silêncio por um momento antes de John continuar enfático, ignorando o comentário.

– Não, se era uma coisa-corvo, então é um bom augúrio. Corvos são bom augúrio.

– Corvos são terríveis augúrios! Você está louco, John. Sei que falei isso na semana passada, mas estava errada. Hoje você realmente está louco...

Perco Wren.

Olho ao redor e finalmente vejo seu cabelo loiro desaparecendo no meio de um círculo de crianças. Alcanço o grupo e encontro minha irmã, uma cabeça mais baixa que a maioria dos outros, mas igualmente barulhenta e duas vezes mais rápida. Estavam se dando as mãos, se preparando para brincar. Uma garota um ano mais velha que Wren chamada Cecília vestindo uma saia verde, toma a mão da minha irmã. Cecília tem muitas sardas, parecem respingos de barro, por todo o seu rosto, nos ombros desaparecem debaixo dos cachos ruivos. Fico vendo como ela balança a pequena mão de Wren para a frente e para trás, até perceber um menininho tropeçando no chão ali perto, deixando escapar um pequeno soluço.

Edgar Drake, um garoto com o cabelo bem loiro, está sentado no chão, apertando as palmas das mãos.

– Você está bem? – pergunto e me ajoelho, examinando suas mãos arranhadas. Ele morde os lábios e consegue dizer que sim com a cabeça enquanto limpo a sujeira com os meus polegares da maneira mais gentil possível. Ele é da idade de Wren, mas ela parece inquebrável e ele é um mosaico de arranhões pelas muitas quedas. Sua mãe, a costureira da vila, já consertou suas roupas um zilhão de vezes. Edgar continua olhando triste para suas mãos.

– O que Helena faz – pergunto, dando um sorriso – para te deixar melhor? – Helena é minha melhor amiga e a irmã mais velha de Edgar, e ela o mimia o tempo todo.

– Ela me dá um beijo – ele murmura, ainda mordendo os lábios. Eu dou um beijo de longe em cada palma. Fico imaginando se Wren gostaria de ser tratada assim, se fosse tão frágil, se ficasse tão chocada com um corte ou um arranhão. Bem naquele momento ela solta uma risada estridente e nos chama.

– Edgar, venha rápido! – ela grita, pulando enquanto espera que a brincadeira comece. Ajudo o menino a se levantar e ele corre, quase tropeçando novamente, no meio do caminho. Um rapazinho desajeitado. Ele chega ao círculo e entra ao lado de Wren, segurando sua mão direita, batendo no ombro dela.

Vejo a brincadeira começar. É a mesma que eu costumava brincar, Tyler de um lado, Helena do outro. A brincadeira de girar. Começa com uma música, a “Rima da Bruxa”, uma canção que existe há tanto tempo quanto as histórias de dormir da Bruxa de Near e, pelo jeito, há tanto tempo quanto o próprio páramo. É uma melodia viciante, tanto que parece que o próprio vento a murmura. As crianças dão as mãos e começam a se mover em um lento círculo, enquanto cantam:

O vento no páramo está cantando para mim

A grama, as pedras e o mar distante assim

Os corvos todos olham sobre o muro

As flores no jardim crescem seguro

Ao jardim, nós, crianças, fomos brincar

Ouvir a bruxa e vê-la cantar

As crianças cantam mais rápido quando ganham velocidade. A brincadeira sempre me lembra a forma que o vento levanta as folhas caídas, girando-as em anéis fechados e enlouquecidos.

*Ela falava com a terra e a terra rachava
Falava com o vento que de volta assobiava
Com o rio e o rio rodopiava
Falava com o fogo e o fogo se enrolava
Mas o pequeno Jack por muito tempo ficava
Bem de perto a canção da bruxa ele escutava*

Mais rápido.

*Seis flores sobre a cama do menino viu
Sua casa queimou e a bruxa fugiu
Expulsa, no páramo esquecida
Bruxa de Near, Bruxa do Páramo
agora desaparecida*

Ainda mais rápido.

*A bruxa ainda está cantando nas colinas para dormir
Sua voz é alta e me faz fugir
Sob a porta, os sons todos escorrem
Através do vidro as palavras morrem
A Bruxa de Near está cantando para mim*

A música recomeça.

O vento no páramo está cantando para mim...

As palavras circulam ao redor delas mesmas, até as crianças terminarem caindo, cansadas e rindo. O vencedor é o último a ficar de pé. Wren consegue ficar mais

tempo que todos, mas no final até ela cai no chão, sorrindo e sem fôlego. Elas se levantam rapidamente e se preparam para brincar de novo enquanto minha mente viaja em círculos lentos sobre o mistério do estranho, com seus olhos que pareciam absorver a luz da lua, e seus contornos embaçados.

Quem é ele? Por que está aqui? E então, mais calma: Como ele desapareceu? Como ele simplesmente pareceu se desintegrar?

Fico de olho em Wren enquanto tento ouvir pedaços das conversas. Várias pessoas afirmam ter visto a forma indistinta, mas não acredito em todas elas. Aceito que ele passou ao oeste da casa de Bo, norte para mim. Ele parece ter caminhado a linha invisível que separa Near do páramo, apesar de eu não saber como reconheceu a divisão.

O riso das crianças é substituído por uma voz familiar e eu me viro para encontrar Helena sentada no muro baixo que vai diminuindo pela ponta da praça. Um grupo de homens e mulheres se junta ao redor dela, talvez os únicos moradores na praça que não estavam falando. Na verdade, estavam todos silenciosos e a própria Helena era o objeto da atenção deles. Ela olhou para mim e piscou antes de se virar para a audiência.

– Eu o vi – ela fala. – Estava escuro, mas sei que era ele.

Puxa uma fita do cabelo e passa pela cintura, deixando cachos loiros, como o cabelo de Edgar, caírem por seus ombros. Helena, que nunca consegue ser barulhenta o suficiente, ousada o suficiente, está iluminada pelo sol e se alimentando de toda gota de atenção dirigida a ela.

Fico séria. Ela não está mentindo. Seu rosto pálido sempre fica vermelho à primeira menção de uma mentira, mas as palavras saem tranquilas e seguras, seu rosto continua mantendo o rosa normal.

– Ele era alto, magro, cabelo escuro que caía pelo rosto.

A multidão murmura coletivamente, crescendo enquanto outras pessoas se juntam, saindo dos outros grupos. A notícia se espalha pela praça da cidade: alguém deu uma boa olhada no estranho. Eu me aperto entre os corpos até estar ao lado dela, as perguntas surgem de todas as partes. Aperto o braço dela.

– Aí está você! – ela diz, puxando-me para perto dela.

– O que está acontecendo? – pergunto, mas minha questão é engolida entre várias outras.

– Ele falou com você?

– Para que lado ele foi?

– Qual a sua altura?

– Calma, gente, deixem Helena respirar – falo, notando o meu tio por cima das outras cabeças no outro lado da praça. Ele vê a multidão se juntar ao redor de Helena e vem investigar. – Um momento para respirar. – Puxo Helena de lado.

– Você realmente o viu? – sussurro em seu ouvido.

– Vi! – ela sussurra de volta. – E Lexi, ele era lindo. E estranho. E jovem! Se você pudesse ter visto também...

– Se eu pudesse – murmuro. Há muitas vozes matraqueando sobre o estranho e muitos olhos procurando por ele. Não vou acrescentar os meus. Ainda não.

O grupo ao nosso redor cresce e as perguntas voltam. Otto está cruzando a praça.

– Conte, Helena.

– Conte o que você viu.

– Conte onde ele está – fala uma voz masculina, o tom com algo mais severo que mera curiosidade. Bo.

Helena se vira para a audiência, para responder, mas eu puxo seu braço um pouco forte. Ela dá um pequeno grito.

– Lexi! – ela sussurra. – Calma.

– Hel, é importante. Você sabe onde ele está agora?

– Sei – ela fala com os olhos brilhando. – Você não sabe? Lexi, a grande rastreadora, claro que já deduziu.

Otto está na ponta da multidão, tocando o ombro de Bo, que sussurra algo para ele.

– Helena Drake – Otto grita acima de todo mundo. – Uma palavra.

Ela desce do muro. Meus dedos apertam seu braço.

– Não conte a ele.

Ela olha por cima do ombro para mim.

– Por que não contaria?

– Você conhece meu tio. Tudo o que ele quer é expulsar o estranho. – Expulsar, e que tudo volte a ser como era antes, seguro e igual. Ela junta as sobrancelhas. – Só uma vantagem, Helena. Dê-me isso. Para avisá-lo.

O grupo se abre para o meu tio passar.

– Bom dia, sr. Harris – diz Helena.

Do outro lado da praça toca um sino, seguido por outro, mais baixo, e um terceiro, mais baixo ainda. O Conselho. Otto faz uma pausa, virando-se para os sinos. Três homens, tão velhos quanto sujos, esperam na porta de uma das casas, parados nos degraus para que todos os vejam. Mestre Eli, Mestre Tomas e Mestre Matthew. Suas vozes estão meio murchas com a idade, então eles usam sinos em vez de gritar para chamar a multidão. Na verdade, não fazem nada a não ser envelhecer. O Conselho começou com os três homens que enfrentaram a Bruxa de Near e a expulsaram. Mas esses esqueletos nos degraus são um Conselho somente no título, os herdeiros do poder. Mesmo assim, existe algo em seus olhos, algo frio e afiado, que faz as crianças sussurrarem e os adultos olharem para baixo.

As pessoas vão diligentes até os velhos. Meu tio franze a testa, dividido entre questionar Helena e seguir a multidão. Ele bufa e se vira, voltando pela praça. Helena olha para mim e o segue.

É minha única chance.

Eu caminho seguindo o muro, para o lado oposto aonde vão meu tio e o restante dos moradores. Quando estou deixando a praça, olho para Wren com as outras crianças. Minha mãe está ao lado dela. Otto está assumindo seu posto perto dos três velhos, com sua cara de Protetor. Não vão sentir minha falta.

– Como vocês ouviram... – diz o Mestre Tomas para a multidão quieta. Ele era uma cabeça mais alto que Otto e sua voz, apesar de meio murcha, tem um modo incrível de se expandir – ... temos um estranho em nosso meio...

Entro no meio de duas casas, pegando um caminho que leva para o leste.

Helena está certa: sei onde está o estranho.

Quase todo mundo já estava reunido na praça quando chegamos. Exceto duas pessoas. Não que elas gostem de aparecer, mas a presença de um estranho deveria ter sido suficiente para levar as irmãs Thorne para Near. A menos que elas o estivessem abrigando. Caminho pelas vielas, indo para o leste, até os sons da vila morrerem e o vento tomar conta de tudo.



MEU PAI ME ENSINOU MUITO SOBRE BRUXAS.

Bruxas podem chamar a chuva ou juntar pedras. Conseguem fazer o fogo dançar. Conseguem mover a terra. Conseguem controlar um elemento. Como Magda e Dreska Thorne conseguem fazer. Perguntei a elas uma vez o que eram e disseram *velhas. Velhas de verdade*. Mas não é tudo. As irmãs Thorne são bruxas, simples assim. E bruxas não são muito bem-vindas em Near.

Chego à casa das irmãs. O caminho debaixo dos meus sapatos é pouco nítido e estreito, mas nunca desaparece totalmente, apesar de muito poucas pessoas andarem por ele. O caminho foi desaparecendo na terra. A cabana das irmãs fica depois de um bosque e no topo de uma colina. Sei quantos passos preciso dar para chegar à casa delas, tanto contando desde a minha casa como desde o centro de Near, conheço todo tipo de flor que cresce no caminho, toda subida e toda descida no chão.

Meu pai costumava me trazer a essa casa.

E mesmo agora, que ele está morto, eu venho até aqui. Estive muitas vezes na cabana, intrigada pelo estranho encanto delas, para ver como juntam ervas ou para fazer alguma pergunta ou simplesmente cumprimentá-las. Todo o restante da vila vira as costas para as irmãs, finge que não estão ali e parece fazer um bom esforço para esquecê-las. Mas, para mim, elas são como gravidade, com sua estranha atração, e sempre que não tenho para onde ir meus pés me levam até a casa delas. É a mesma gravidade que senti na janela ontem à noite, puxando-me para o estranho no páramo, um tipo de peso que nunca entendi completamente. Mas meu pai me ensinou a confiar nele tanto quanto em meus olhos, então é o que faço.

Lembro-me da primeira vez que ele me levou para ver as irmãs. Devia ter oito anos, mais ou menos, era mais velha que Wren agora. Toda a casa cheirava a terra, pesada e fresca ao mesmo tempo. Lembro-me dos olhos verdes de Dreska e do sorriso torto de Magda, a coluna torta, tudo torto. Elas nunca mais me deixaram entrar desde que meu pai morreu.

As árvores se fecham ao meu redor quando entro no bosque.

Eu paro, sabendo imediatamente que não estou sozinha. Algo está respirando, movendo-se além da minha visão. Seguro a respiração, deixando a brisa, o silêncio e o suspiro do páramo passarem para o barulho ambiente. Procuo com meus ouvidos, esperando que um som surja do mar de sussurros, procurando com meus olhos, esperando que algo se mova.

Meu pai me ensinou a rastrear, a ler o chão e as árvores. Ele me ensinou que tudo tem uma linguagem; se eu souber entendê-la, é possível fazer o mundo falar. *A grama e a terra guardam segredos*, ele falava. *O vento e a água carregam histórias e avisos*. Todo mundo sabe que bruxas nascem, não são criadas, mas quando era criança eu achava que ele tinha encontrado alguma forma de enganar, de persuadir o mundo a funcionar para ele.

Algo se move entre as árvores à minha direita. Giro quando um grupo de galhos se afasta de um tronco. Não são galhos, percebo. São chifres. Um alce caminha entre as árvores com suas pernas magras. Suspiro e volto ao caminho, e uma sombra se retorce, mais no fundo do bosque.

Uma sombra de tecido escuro.

Eu pisco e ela desaparece, mas posso jurar que a tinha visto, uma rápida visão de uma capa cinza entre as árvores.

Ouço um barulho de galho quebrado atrás de mim, pulo e giro para encontrar Magda, pequena e encurvada, olhando para mim. Seu olho esquerdo é azul-claro, mas o direito é feito de algo escuro e sólido como madeira, e seu olhar de dois tons está a centímetros do meu rosto. Solto a respiração, que nem percebi que estava segurando, quando a velha balança a cabeça, o cabelo grisalho e a pele gasta. Ela ri, os dedos enrugados curvados sobre a sua cesta.

– Você deve ser boa em rastrear, querida, mas se assusta como um coelho. – Ela aponta para mim com um longo dedo ossudo. – Não, não precisa muito para ser seguida.

Olho para trás, mas a sombra desaparece.

– Olá, Magda – digo. – Estava a caminho da sua casa.

– Imaginei isso – ela responde, piscando seu olho bom. Por um momento, ela só me olha com seu olho escuro, e eu tremo. – Venha, então. – Ela segue pelo bosque, em direção à colina e à sua casa. – Vamos tomar um chá.



Nos últimos três anos nunca mais tinha sido convidada para entrar.

Agora Magda me leva para a cabana em silêncio, enquanto as nuvens vão escurecendo acima. É uma caminhada lenta porque ela precisa dar três passos para acompanhar um dos meus. O vento está ficando mais forte e meu cabelo está escapando da trança, enrolando-se desafiadoramente ao redor do meu rosto e do pescoço enquanto Magda vai cambaleando ao meu lado.

Sou bem mais alta que ela, mas imagino que é bem mais baixa do que já foi, então parece injusto comparar nossas alturas. Ela se move mais como uma folha levada pelo vento do que como uma mulher mais velha, balançando-se sobre o chão e mudando de curso enquanto subimos a colina até a casa que divide com sua irmã.

Crescendo em Near, ouvi muitas histórias sobre bruxas. Meu pai odiava aquelas histórias e me contou que eram inventadas pelo Conselho para assustar as pessoas. “O medo é uma coisa estranha”, ele costumava dizer. “Tem o poder de fazer as pessoas fecharem seus olhos, virarem de costas. Nada de bom cresce do medo.”

A cabana está esperando por nós, tão torta quanto as duas mulheres que nela moram. A espinha da estrutura inclinada no meio do caminho, o teto inteiramente em outro ângulo. Nenhuma das pedras parece confortável ou bem assentada, como as das casas no centro da cidade. Esta casa é tão velha quanto Near, encurvada pelos séculos. Foi construída na parte leste da vila, tendo, de um lado, um pequeno muro de pedra, e do outro, um galpão dilapidado. Entre o muro de pedra e a casa estão duas áreas retangulares. Uma é uma faixa de terra que Magda chama de seu jardim e a outra não é nada mais que um chão onde nada parece crescer. Pode ser o único lugar em Near que não está tomado por ervas. Não gosto da segunda área. Parece antinatural. Além da cabana, o páramo começa, da mesma forma que faz ao norte da minha casa, só colinas, pedras e árvores espalhadas.

– Você vem? – pergunta Magda da porta. No céu, as nuvens se juntam e ficam mais escuras.

Meus pés pairam na porta, indecisos. Mas por quê? Não tenho nenhuma razão para temer as irmãs Thorne ou a casa delas.

Respiro fundo e entro.

Tem o gostoso cheiro de terra, pesado e seguro. Isso não mudou. Mas o lugar parece mais escuro agora do que quando vinha com meu pai. Pode ser pelas nuvens se juntando e o outono que se aproxima, ou o fato de que ele não está ao meu lado, iluminando o lugar com seu sorriso. Luto contra a tristeza enquanto Magda coloca sua cesta em uma comprida mesa de madeira e solta um suspiro pesado.

– Sente-se, querida, sente-se – ela fala com um gesto para uma das cadeiras.

Eu me sento.

Magda mexe na lareira onde a madeira está empilhada, esperando. Olha rapidamente para mim sobre o ombro. Então junta os dedos e avança lentamente. Eu me inclino, esperando que ela vá me deixar ver sua magia, ver se vai juntar alguns gravetos ou de alguma forma arrancar bolhas do chão sujo da lareira. As irmãs não gostam de dar demonstrações, então tudo que consigo é roubar umas poucas visões quando o chão se agita ou as pedras saem voando, a estranha gravidade que sinto quando estou por perto e de que os moradores da vila sentem medo.

As mãos de Magda se levantam até a estante acima da lareira, onde seus dedos pegam um longo graveto. Apenas um fósforo. Meu coração se afunda e volto para a minha cadeira enquanto Magda risca o fósforo contra a pedra da lareira e acende o fogo. Ela se vira para mim.

– Qual é o problema, querida? – Algo brilha em seus olhos. – Você parece desapontada.

– Nada – respondo, sentando-me reta e entrelaçando minhas mãos debaixo da mesa.

O fogo ganha vida sob a chaleira e Magda volta-se para a mesa e para a cesta. De lá, tira vários torrões de terra, algumas flores do páramo, ervas, algumas sementes, uma ou duas pedras que encontrou. Magda coleta seus pedaços diários do mundo. Imagino que é tudo para feitiços. Pequenos talismãs. De vez em quando um pedaço do trabalho das irmãs vai encontrar seu caminho no bolso de um morador, ou ao redor de seu pescoço, até mesmo nos que afirmam não acreditar nisso. Juro que já vi

um talismã costurado no vestido de Helena, mais provavelmente com o objetivo de atrair a atenção de Tyler Ward. Ela pode ficar com ele.

Exceto a estranha coleção sobre a mesa, a casa das irmãs Thorne é incrivelmente normal. Se eu contar a Wren que estive ali, dentro da casa de uma bruxa, ela vai querer saber quão estranha ela é. Será uma pena desapontá-la.

– Magda – digo –, vim aqui porque quero perguntar...

– O chá ainda não está pronto e estou muito velha para conversar e ficar de pé ao mesmo tempo. Espere um momento.

Mordo os lábios e espero o mais pacientemente possível enquanto Magda anda pela casa para pegar as xícaras. A brisa começa a assoviar contra as janelas. As nuvens vão ficando mais escuras. A água começa a ferver.

– Não se preocupe com isso, querida, é só o páramo querendo conversar – diz Magda ao perceber que estou olhando para a janela. Ela passa a água por um velho filtro metálico, que quase não segura as folhas de chá, colocado nas pesadas xícaras. Finalmente, senta-se.

– O páramo realmente fala? – pergunto, olhando o chá ficar mais escuro na xícara.

– Não na forma que falamos, você e eu. Não com palavras. Mas tem seus segredos, sim. – Segredos. Era como meu pai falava também.

– Como soa? Como ele se sente? – pergunto, meio para mim mesma. – Imagino que deve sentir como mais, em vez de menos. Gostaria de poder...

– Lexi Harris, você poderia comer terra todo dia e usar somente ervas, e não estaria mais perto de nada disso do que já está.

É a voz de Dreska Thorne. Num momento a tormenta que crescia estava trancada do lado de fora e, no seguinte, a porta estava aberta pela força do vento e a deixara na entrada.

Dreska é tão velha quanto sua irmã, talvez mais velha. O fato de que as irmãs Thorne ainda estejam de pé, ou mancando, é um claro sinal de seu poder. Elas são tão velhas quanto o Conselho e não somente Tomas, Matthew e Eli, mas seus ancestrais, o *verdadeiro* Conselho. Tanto quanto a Bruxa de Near. Tanto quanto a própria Near. Centenas de anos. Imagino que vejo pequenos pedaços delas caindo, mas, quando olho de novo, elas ainda estão ali.

Dreska está murmurando algo para si mesma enquanto se inclina para a porta e finalmente consegue fechá-la antes de se virar para nós. Quando seus olhos param sobre mim, eu recuo. Magda é redonda e Dreska parece uma ponta afiada, uma delas é uma bola, a outra, um ponto de exclamação. Até a bengala de Dreska é reta. Parece que ela foi cortada das rochas e, quando está brava ou chateada, seus cantos parecem realmente ficar mais pontudos. Um olho de Magda é escuro como a madeira ou a pedra, os dois de Dreska são bem verdes, a cor do musgo sobre as pedras. E eles agora estão voltados para mim. Bebo o chá com força.

Já tinha me sentado nessa cadeira uma vez, com meu pai passando os dedos gentilmente sobre o meu ombro e conversando com as irmãs, e Dreska olhava para ele com uma espécie de bondade, de tranquilidade. Lembro-me tão claramente disso porque nunca revi aquele olhar dela.

Fora da casa começa a chuva, gotas grossas molhando as pedras.

– Dreska está certa, querida. – Magda corta o silêncio enquanto serve três colheres de açúcar marrom no seu chá. Ela não o mexe, deixa que afundem e formem uma película granulada. – Nascer é nascer. Você nasceu da forma que é.

As mãos enrugadas de Magda vêm até o meu queixo.

– Só porque você não consegue fazer a água andar para trás ou as árvores criarem suas próprias raízes...

– Uma habilidade que a maioria prefere não ter – interrompe Dreska.

– ... não quer dizer que não é parte deste lugar – completa Magda. – Todas as almas nascidas no páramo têm o páramo nelas. – Olha para sua xícara, seu olho bom sobre a água escura. – É o que faz o vento mexer conosco quando sopra. É o que nos mantém sempre perto de casa.

– Falando em casa, por que você veio até a nossa? – Dreska pergunta, bem direta.

– Ela vinha nos ver – diz Magda, ainda olhando para o seu chá. – Eu a convidei.

– Por que – pergunta Dreska, prolongando as palavras – faria isso?

– Parecia uma ideia inteligente – diz Magda, olhando para sua irmã.

Nenhuma das duas diz mais nada.

Limpo minha garganta.

As duas irmãs olham para mim.

– Bem, você está aqui agora – continua Dreska. – O que a trouxe aqui?

– Quero perguntar – digo finalmente – sobre o estranho.

Os aguçados olhos verdes de Dreska se entrefecham em seu ninho de rugas. As pedras da casa parecem resmungar e ranger umas contra as outras. A chuva bate contra as janelas enquanto as irmãs mantêm uma conversa construída inteiramente de gestos, olhares e respirações pesadas. Algumas pessoas dizem que irmãos têm sua própria linguagem e acho que é verdade no caso de Magda e Dreska. Eu só conheço inglês e elas sabem inglês, “irmanês” e “paramês”, sabe-se lá o que mais. Um momento depois, Magda suspira e fica de pé.

– O que tem ele? – pergunta Dreska, batendo sua bengala no chão de madeira. Do lado de fora, a chuva cai em ondas, cada uma mais fina que a anterior. Ela pararia logo. – Não sabemos nada sobre ele.

A chuva torna-se garoa.

– Vocês não ofereceram abrigo a ele? – perguntei.

As irmãs ficaram paradas ali, duras e mudas.

– Não estou falando por mal – digo rapidamente. – Só queria vê-lo, falar com ele. Nunca encontrei um estranho. Só queria ver se ele é real e perguntar... – Como poderia explicar? – Só me digam se ele está aqui, por favor.

Nada.

Eu me forço a ficar ereta na cadeira, mantendo a cabeça alta.

– Eu o vi ontem à noite. Pela minha janela. Bo Pike afirma que o viu primeiro, na parte oeste, e estamos no norte. O estranho parecia conhecer a linha que marca o limite da vila. Ele a rodeou, para o leste. – Bato na mesa com o dedo indicador. – Para cá.

As irmãs devem tê-lo abrigado. Tem de ser isso. Mas elas não dizem nada. Seus olhos não falam nada. Seus rostos não falam nada. É como se eu estivesse falando com estátuas.

– Vocês foram as únicas que não estiveram na vila esta manhã – digo.

Magda pisca.

– Preferimos ficar aqui.

– Mas vocês são as únicas que poderiam ter escondido...

Dreska volta à vida.

– É melhor você ir para casa, Lexi – ela fala –, agora que parou de chover.

Olho para a janela. A tempestade parou, deixando o céu cinza e seco. O ar na cabana parece pesado, como se o espaço tivesse encolhido. O olhar das irmãs é

cuidadoso, mais duro que antes. Até os lábios de Magda estão fechados em uma linha fina. Eu me levanto. Não toquei minha xícara.

– Obrigada pelo chá, Magda – digo, indo para a porta. – Desculpe por incomodar vocês duas.

A porta se fecha firme atrás de mim.

Do lado de fora, o mundo é lama e poças, e eu gostaria de poder trocar estes chinelos estúpidos pelas minhas botas de couro. Dou dois passos e meus pés já estão ensopados. No alto, o céu já está começando a se separar, as nuvens se afastando.

Olho para o oeste, para a vila.

Quando tinha a idade de Wren, perguntei ao meu pai por que as irmãs viviam tão longe. Ele falou que, para as pessoas em Near, algo ou era muito bom ou muito ruim. Ele me contou que as bruxas eram como pessoas, que vinham em todos os formatos e tamanhos, e podiam ser boas ou más, tontas ou inteligentes. Mas, depois da Bruxa de Near, as pessoas na vila puseram na cabeça que todas as bruxas eram más.

As irmãs ficam longe porque os moradores da vila têm medo. Mas a parte importante é que elas *ficam*. Quando perguntei ao meu pai por quê, ele sorriu, um daqueles sorrisos doces e privados, e falou: “Este é o lar delas, Lexi. Elas não vão dar as costas para ele, mesmo que ele tenha dado as costas para elas”.

Dou uma última olhada para a colina das irmãs e vou embora. Elas estão protegendo o estranho. Eu sei.

Volto pelo mesmo caminho, passando pelo galpão que está bem ao norte da cabana.

Se as irmãs o estão escondendo, deve haver uma razão...

Prendo a respiração.

Há uma capa cinza-escura pendurada em um prego no galpão, sua bainha mais escura que o restante, como se o tecido estivesse desgastado. O páramo está estranhamente silencioso na tarde pós-chuva, e de repente fico bastante consciente dos meus passos, do som que fazem na terra molhada quando me aproximo do galpão. A estrutura parece estar perdendo uma guerra muito lenta contra a gravidade. É um conjunto de vigas de madeira preso ao solo, apoiando um telhado malcuidado. Entre as ripas está crescendo o páramo, as ervas vão tomando conta, fazendo o máximo para evitar que o galpão desabe. Há uma porta ao lado da capa,

mas sem maçaneta. As tábuas de madeira têm buracos entre elas e eu me abaixo e encosto um dos olhos em uma abertura estreita. O interior escuro está vazio.

Dou um passo para trás e mordo os lábios. Então, do outro lado do galpão, ouço uma respiração leve. Sorrio e me viro silenciosamente para o som, dobrando os joelhos e implorando para que a terra absorva meus passos sem me delatar. Chego até a quina da parede e não há ninguém. Nem mesmo marcas na grama.

Deixando escapar o ar, brava, dou a volta no galpão. Conheço os sons que as pessoas fazem por estarem vivas e sei que alguém estava aqui. Ouvi como ele respirava e vi o...

Mas o prego está vazio e a capa desapareceu.



ACELERO O PASSO AO IR PARA CASA, FRUSTRADA E MOLHADA por caminhar entre a grama. Meus chinelos estão arruinados. O caminho se divide, o mais estreito leva para a cidade, o outro dá a volta por Near até a minha casa. Eu giro para casa, tirando os chinelos ensopados e caminho descalça, sucumbindo à lama. Ela envolve meus pés, meus tornozelos, sobe pela batata das pernas e penso na língua afiada de Dreska me dizendo que eu poderia comer terra que não ia me aproximar mais do páramo. Não acho que me cobrir de lama tampouco ajude.

No final, aparece a casa de Otto e, logo depois, a nossa. O páramo fica além do nosso jardim, tremulando como uma capa. Há uma pilha de madeira de um lado da nossa casa, um pequeno jardim de legumes do outro, pedaços de verde entrelaçado com laranja e vermelho. O jardim pertence a Wren mais do que a mim. Poucas coisas florescem no solo do páramo, mas Wren adora nossa pequena horta e mostra uma estranha gentileza sempre que cuida dela. Claro, é onde ela está agora, sobre uma pedra fora do caminho marcado, arrancando cuidadosamente uma erva da terra.

– Você voltou – ela fala quando me aproximo.

– Claro. Onde está todo mundo? – Minha saída da praça da cidade não foi a minha escapada mais sutil e meu tio vai me dar uma bronca, com certeza.

– Wren. – A voz da minha mãe viaja como fumaça da casa e um momento depois ela está parada na porta, o cabelo negro se enrolando em cachos ao redor do rosto. Wren desce da pedra e vai correndo até ela. Os olhos de minha mãe encontram os meus.

– Lexi – ela fala –, onde você se meteu? – Sua boca triste confirma tudo. Otto vai querer falar comigo.

– Helena tinha esquecido algo para mim em sua casa – digo enquanto percebo a mentira surgir da minha boca somente um momento depois de pensar nela. – Estava completamente presa por sua plateia e pediu que eu fosse pegar. – Procuo nos bolsos do meu vestido alguma prova, mas eles estavam vazios, então fico torcendo para que minha mãe não peça nenhuma prova. Ela não pediu, apenas soltou um pequeno suspiro e voltou para dentro da casa.

Sinto saudades da minha mãe. Sinto saudades da mulher que ela era antes da morte do meu pai, a que ficava ereta e orgulhosa, olhando o mundo com duros olhos azuis. Mas há raros momentos em que é bom que tenha se tornado uma concha, um fantasma de seu Eu antigo. Fantasmas fazem menos perguntas.

Eu me afasto da casa. Estou perdendo a minha vantagem. Logo Otto vai descobrir onde está o estranho, se já não souber. Se vou encontrá-lo, preciso pegá-lo desprevenido. Mas como? Prendo meu cabelo de novo e olho para o céu. O sol ainda está alto, a pilha de madeira perto da casa está baixa e sinto necessidade de me mover. Deixo de lado os chinelos arruinados, calço as botas e começo a cortar lenha.



O machado desce sobre a madeira com um barulho forte. Meu vestido está sujo e minhas botas estão tomadas pela lama por correr pelos campos depois da chuva. Eram do meu pai – de couro marrom-escuro com velhas fivelas, macias, fortes e quentes, o lado de dentro feito para caber os pés dele. Tenho de calçar meias para as botas não saírem, mas vale a pena. Eu me sinto melhor usando-as. E parecem melhores desta forma, sujas. Não consigo imaginá-las limpas e no armário.

Ficar sentada não é uma das minhas habilidades. Nunca consigo parar de me mover, mas isso ficou pior nos últimos três anos.

O suor escorre pelo meu rosto, que se esfria instantaneamente no ar do final da tarde. Coloco outro pedaço de madeira sobre o velho tronco da árvore que está entre a casa de Otto e a nossa, levanto o machado e o deixo cair de novo.

Isso me faz sentir bem.

Meu pai me ensinou a cortar lenha. Perguntei uma vez se ele gostaria de ter tido um filho e ele falou: “Por quê? Tenho uma filha com a força de um”. E não daria para imaginar pelo meu corpo estreito, mas sou forte.

O machado desce.

– Lexi! – uma voz grossa atrás de mim. Deixo o machado no tronco e começo a pegar a lenha partida.

– Pois não, tio Otto.

– O que você acha que está fazendo?

– Cortando lenha – digo em um tom que ao mesmo tempo tenta mostrar o fato óbvio e ser rude.

– Sabe que deve deixar isso aí. Tyler pode fazer isso para você.

– A pilha estava baixa e minha mãe precisa para o forno. Só estou fazendo o que você quer, tio. Ajudando. – Eu me viro e vou até a pilha de lenha. Otto me segue.

– Há outras formas de ajudar.

Otto ainda está usando seu rosto de Protetor; sua voz é rígida, cheia de poder. Pode ser seu rosto e sua voz, mas não é seu título. Era primeiro de meu pai.

– E onde estão os seus sapatos? – ele pergunta, olhando para as botas cobertas de lama.

Deixo a madeira na pilha e me viro.

– Não queria que eu os estragasse, não é?

– O que quero é que você me ouça quando digo para fazer algo. E, mais importante, quando digo para *não* fazer algo.

Ele cruza os braços e eu resisto à tentação de imitá-lo.

– Não sei do que o senhor está falando.

– Lexi, falei que não queria que você sáísse hoje. Não tente dizer que não me desobedeceu.

Testo a mentira por um momento com a minha língua, mas não vou enganar Otto tão facilmente quanto engano minha mãe.

– O senhor está certo, tio – digo com um sorriso de paciência. Uma das suas sobranceiras se levanta, como se suspeitasse de uma armadilha, mas eu continuo. – Fui atrás do estranho, e veja com o que voltei. – Abro minhas mãos. – Nada.

No tronco, levanto o machado, meus dedos deslizam pelos sulcos criados por meu pai.

– Foi uma tarefa tonta – acrescento. – Não consegui encontrá-lo. Ele desapareceu.

O machado cai fundo em cima do tronco, enfiando-se com um barulho forte.

– Então voltei para casa. E aqui estou. Pode relaxar, tio. Tudo está bem. – Limpo minhas mãos, deixo uma delas descansar sobre o ombro de Otto. – Então, o que Helena tinha a falar?

– Nada importante – conta Otto, olhando para as botas de meu pai. – Diz que viu algo, uma sombra, na clareira ao lado de sua casa, pode ser nosso estranho. Afirma que não sabe para que lado ele foi. Simplesmente desapareceu.

– Helena sempre adorou uma boa história – digo. – Ela pode inventar qualquer coisa. – É uma mentira, claro. Ela prefere que eu conte as histórias para ela.

Otto não está nem ouvindo. Está olhando por cima de mim e seus olhos estão ainda mais longe. Olhos escuros e perdidos.

– O que vai acontecer agora? – pergunto.

Ele pisca.

– Por enquanto, esperamos.

Consigo concordar calmamente antes de me virar, com a testa franzida. Não confio nem por um minuto que é isso o que meu tio está pensando.



Esta noite não há lua, e portanto não há luz da lua refletindo nos muros. Nada para entreter aqueles que não conseguem dormir. Estou acordada, mas não por causa do estranho.

É o vento.

A mesma nota triste de novo, espalhando-se pelo ar, e há algo mais, um som que me faz tremer. Não importa como eu me viro ou enterro o meu rosto nos lençóis, fico ouvindo algo – ou alguém – chamando, alto o suficiente para furar as paredes. A voz é claramente algo mais que o vento, enrolando-se e distorcendo-se em agudos e graves, como música abafada. Sei que, se eu conseguisse me aproximar, as palavras ficariam mais claras, mais distintas. As palavras que não se separariam antes de eu conseguir envolvê-las a minha mente.

Empurro as cobertas, com cuidado para não acordar Wren, e deixo um dos meus pés deslizar pelo chão de madeira. Então lembro das palavras de meu pai, trago o pé de volta para a cama, deixando-o pairar estranhamente, no meio do caminho, entre o movimento de me levantar e o de voltar para a cama.

As árvores todas sussurram, as folhas fofocam. As pedras são pensadoras pesadas, do tipo silencioso. Ele costumava inventar histórias para tudo na natureza, dando a todos vozes, vidas. Se o vento do páramo cantar, você não deve ouvir, não com todo o seu ouvido. Use somente as pontas. Ouça como se olhasse com o canto do olho. O vento é solitário e sempre está procurando companhia.

Meu pai tinha lições e tinha histórias, e eu preciso aprender a diferença entre as duas.

O vento uiva e eu descarto o aviso de meu pai, esticando os ouvidos para encontrar o som, para desdobrá-lo. Minha cabeça começa a doer enquanto ouço, tentando formar palavras onde não há nenhuma. Desisto, voltando para baixo dos cobertores, cobrindo-me em meu ninho, assim não poderia ouvir muito a canção do vento.

Bem quando estou a ponto de dormir, Wren se mexe ao meu lado. Ela se levanta e eu ouço seus pés deslizando da cama e cruzando o quarto, indo para a cama da nossa mãe.

Mas algo parece estranho.

Há um leve barulho, o som de passos sobre uma das duas tábuas tortas entre a cama e a janela. Sento-me. Wren está parada entre o vidro e a borda de madeira, seu cabelo loiro quase branco na escuridão. Sem a proteção dos cobertores, consigo ouvir o vento de novo, sua música, e as quase palavras que murmuram algo no meu crânio.

– Wren? – sussurro, mas ela não se vira. Estou sonhando?

Ela estica uma das mãos para o trinco que fecha a janela e o vira. Seus pequenos dedos apertam o botão tentando abri-la, mas é muito pesada para ela. Sempre foi muito pesada. Percebo pela primeira vez que as persianas estão abertas do outro lado do vidro. Não me lembro de tê-las aberto, mas elas estão assim, expondo a noite do outro lado. Wren pressiona os dedos contra a borda de madeira e de alguma forma a janela começa a deslizar um pouquinho.

– Wren!

Saio da cama e vou para o seu lado antes que ela possa seguir adiante, puxando-a de volta para o quarto e fechando a fresta pela qual está entrando um ar frio. Procuo algo fora, no páramo, algo que teria arrastado minha irmã até a janela, mas não há nada. Nada, a não ser a noite escura, as árvores e as rochas, além do vento. Eu me

viro para olhar Wren, barrando o seu caminho, e ela pisca, o tipo de piscada espantada de alguém que foi acordada de repente. Às minhas costas, o vento pressiona contra o vidro, e então parece parar, dissolvendo-se no escuro.

– Lexi? O que aconteceu? – ela pergunta, e devo parecer louca contra a janela e olhando para a minha irmã como se estivesse possuída. Saio do meu posto, mandando que volte para a cama. No caminho acendo as três velas, e elas enchem o quarto com uma luz amarela. Wren entra de novo nos lençóis e eu me deito ao lado dela, descansando as minhas costas contra a cabeceira, olhando para as velas, o vento e a noite do lado de fora.



TOC, TOC, TOC.

Eu me enfio mais fundo nos cobertores. Posso adivinhar só pelo cheiro que é de manhã. Pão e ar do final do verão. Não sei quando dormi, ou se só deslizei até aquele espaço entre...

Toc, toc, toc.

Ouvi a porta da frente ser aberta.

Meus ombros e pescoço estão duros, minha cabeça está latejando e meus pensamentos se desenvolvem com dificuldade quando saio da cama e me encosto contra a porta. Ouço, mas as vozes na porta são baixas demais para conseguir decifrá-las pelas paredes. Um murmúrio é suficientemente distinto, e fico imaginando há quanto tempo Otto está aqui. Visto minhas roupas e abro a porta do quarto, parando no corredor.

– Às vezes os garotos saem por aí, Jacob – fala Otto.

Jacob Drake?

– Pense – acrescenta meu tio. – Para onde ele poderia ter ido?

– Não – responde uma voz fina e nervosa. É realmente o sr. Drake, pai de Helena e de Edgar. – Ele não sairia por aí. Tem medo do escuro... Medo do dia também – acrescenta ele, com um suspiro triste e apertado.

Ouço Otto andando de um lado para o outro.

– Bom, não fique aí parado – ele fala finalmente. – Entre. Você também, Bo.

Espero até eles irem até a cozinha antes de segui-los.

– Alguém poderia tê-lo levado? – pergunta Otto, aceitando uma caneca de café da minha mãe.

O sr. Drake é pequeno e pouco impressionante, com cabelo que deve ter sido loiro como o de Helena e o de Edgar, mas agora é grisalho. Ele está parado no meio da cozinha, cruzando e descruzando os braços enquanto conversa com Otto.

– Não, não, não – ele murmura. – Quem? Quem o teria levado?

– Alguém viu algo?

Minha mãe está amassando pão e balança a cabeça lentamente. Bo manca até a mesa e se encosta nela. Ele manca sutilmente, herança de um tombo alguns anos atrás, e isso faz com que seus passos soem desiguais no piso de madeira. Mastiga um pedaço de pão recém-feito, os olhos acompanhando os dois homens.

– O que está acontecendo? – pergunto.

– Edgar sumiu – fala o sr. Drake, virando os olhos cansados para mim.

Sinto um frio no estômago.

– Como assim, sumiu?

Alguém bate à porta e minha mãe desaparece para atender. Otto ainda está tentando acalmar o sr. Drake.

– Vamos repassar – diz meu tio. – Acompanhe-me com... – Minha mãe reaparece, um velho atrás dela. Não tão velho como as irmãs Thorne, que parecem estar caindo aos pedaços e nunca mudam. Simplesmente *velho*. Mestre Eli. Do Conselho. Seu cabelo grisalho parece duro, cruzando seu rosto abatido. Dou um pequeno passo para trás, abrindo espaço. O sr. Drake e Otto estão com a cabeça abaixada, conversando, Bo se inclina com um ombro para a frente como se só estivesse um pouco interessado. Todos levantam a cabeça quando o Mestre Eli toma um assento.

– O que sabemos? – ele diz. Algo faz barulho e não sei se é ele ou a cadeira. Otto se endireita, virando-se para falar com o membro do Conselho.

– Edgar desapareceu de sua cama na noite passada – ele explica. – Não há sinal dele. Nenhum sinal de luta. Vamos montar um grupo de busca. Ele não pode ter ido muito longe.

– Simplesmente não entendo – murmura o sr. Drake.

Otto franze a testa determinado e coloca sua caneca na mesa. Noto que suas mãos estão vermelhas e ainda está usando seu avental de açougueiro. Ele põe a mão no ombro do sr. Drake e promete que vão encontrar o seu filho. Quando o solta, seus dedos deixam para trás uma mancha de sangue meio seco.

– Não sabemos muito mais que isso, Eli – ele fala. Meu tio é provavelmente o único homem na cidade que pode chamar os membros do Conselho por seus nomes, e não por seus títulos. Um pequeno benefício devido ao seu cargo e do qual ele aparentemente desfruta muito.

– Pobre garoto – murmura minha mãe, e me viro para vê-la confortando Wren, que parece perplexa. Consigo ver que minha irmã acha que nossa mãe está exagerando.

– Pare de se preocupar – fala Wren, tentando se soltar. – Ele só está brincando.

– Quieta, querida – diz minha mãe, olhando para o restante das pessoas. O Mestre Eli olha de maneira estranha para ela, e é difícil saber se é pena ou algo mais duro. Seus olhos são escuros, e profundos, debaixo das sobranceiras. Seu rosto é amarrotado como papel.

– É uma brincadeira – insiste Wren. – Tenho certeza.

Mas não estou tão segura disso. Vi minha irmãzinha tentar subir na janela na noite passada. Pego a mão de Wren enquanto os homens na cozinha juntam armas e murmuram os nomes de uma dúzia de outros que podem ser chamados.

– Otto – Bo fala pela primeira vez –, os outros estão esperando na cidade por nosso comando. Onde vamos começar a procurar?

– Vamos nos encontrar com os outros na praça. Podemos começar ali e nos dividir entre todos os lados.

– Isso é perda de tempo – eu interrompo. – Deveriam começar na casa de Edgar e ir para o perímetro da vila, não para o centro.

– Lexi – avisa Otto, olhando-me do outro lado da cozinha. Bo enruga o nariz. O sr. Drake se vira. O Mestre Eli se encosta na cadeira e parece vagamente divertido. Vagamente. Otto fica vermelho.

– A casa de Edgar está no oeste – pressiono –, então é preciso começar por ali e se afastar da vila. Não faz muito sentido perder tempo dentro da cidade.

– E por quê? – pergunta o Mestre Eli. Seu divertimento é frio e cortante. Seus olhos parecem dizer: *Sua garotinha tonta.*

– Se alguém levou Edgar – explico calma –, nunca tentaria escondê-lo na cidade. Há muitas pessoas em um espaço muito pequeno. Eles o levariam para fora, longe das casas. Para o páramo.

O sorriso do velho desaparece quando ele se vira para meu tio, esperando. Otto entendeu a dica.

– Lexi, tenho certeza de que sua mãe precisa de sua ajuda com os pães. Faça algo útil. – Tenho de travar os dentes para não responder. – Vamos – ele fala, voltando as costas para mim.

Bo e o sr. Drake seguem Otto. O Mestre Eli se levanta. Consigo ouvir seus ossos estalando e voltando ao lugar. Ele passa por Otto e faz uma pausa, descansando uma mão esquelética sobre o ombro de meu tio.

– Você tem um plano? – ele pergunta e juro que seus olhos fundos se voltam na minha direção.

Otto parece ofendido, mas rapidamente se controla.

– Claro.

O Mestre Eli assente e passa por meu tio, que se vira e pega sua arma da pia.

– Deixe-me ir com você, Otto – digo.

– Hoje não, Lexi – diz meu tio, sua voz um pouco mais suave sem os outros homens ao redor. – Não posso.

– *Todas as crianças* – diz o Mestre Eli da porta – devem ficar em casa até que o culpado seja pego e o menino encontrado.

– Não sou criança, *Mestre*. – E certamente você não manda em mim, acrescento silenciosa.

– Não é muito mais velha que uma criança. – E então ele sai. Otto o segue. Fico perto da porta da cozinha, fora da visão deles, e ouço quando chegam à porta da frente e se unem aos outros dois homens que calçam botas na entrada.

– E este estranho? – pergunta o sr. Drake e sinto o peito apertado. O estranho. Quase me esqueço dele. Quase.

– Ele aparece na vila e logo em seguida uma criança desaparece – diz Bo.

– Sabia que algo assim ia acontecer – resmungo Otto. – Deveria ter lidado com ele ontem.

– Ninguém o culpa por esperar.

– Você sabe onde ele está? – pergunta o sr. Drake.

– Claro que sabemos.

– Temos quase certeza – corrige o Mestre Eli com uma voz que parece um chiado – de que ele está com as irmãs Thorne. Se ainda estiver na cidade.

– Por que um estranho levaria Edgar? – pergunta o pai do menino, baixinho.
– Mais provável um estranho que algum de nós – fala Otto. Ouço como acomoda sua arma nos braços.

– Por que *alguém* o levaria?

– Começemos com o que sabemos.

– E o que é?

– Há um estranho na cidade de Near. E agora um menino desapareceu.

Isso não é muito, penso.

– Vamos começar pelo começo. O menino. Vamos tratar do estranho depois.

A porta se fecha e os homens vão embora. Espero o som de suas botas desaparecer antes de voltar para a cozinha. Minha mãe está trabalhando em seu pão, a boca fechada e uma leve ruga entre seus olhos enquanto os dedos encontram seu caminho, perdidos sobre a massa e as vasilhas. De volta ao trabalho, como se nada tivesse mudado. Como se não houvesse uma massa crescente de perguntas, todas aumentando. Sento-me em uma cadeira e raspo os dedos na velha madeira. Minha mãe desliza uma raspadeira por uma tábua e junta pequenos pedaços de massa que sobraram, endurecidos demais para serem usados no pão. Wren fica feliz e pega as sobras que começa a moldar em forma de coração, de tigela e de gente.

Outro ritual.

Minha mãe dá esses pedaços de massa a Wren todas as manhãs, deixando que faça figuras com elas, destrua e volte a fazer figuras até ficar feliz. Então minha mãe cozinha os brinquedos que só duram até o final do dia.

Parece errado ter rituais agora, pois as coisas não podem continuar iguais quando algo rompeu a rotina.

A cozinha fica muito quieta. Eu me inclino para a frente e me levanto. Preciso dar espaço suficiente para o grupo de homens, assim não há perigo de cruzar os seus caminhos, mas não consigo ficar sentada ali.

Se todo mundo vai procurar Edgar, eles não procurarão o estranho. Agora é a minha chance. Viro-me para sair e paro no meio do corredor.

Espero que a minha mãe me impeça, dê um aviso ou uma bronca, diga algo, qualquer coisa, mas ela nem levanta a cabeça.

Antes, teria me impedido, com seus olhos fixos em mim. Teria me obrigado a brigar para sair. Agora só se vira para o forno e começa a cantar baixinho.

Suspiro e vou para o corredor.

Antes de chegar à porta da frente, aparece uma forma na minha frente e eu quase atropelo Wren. Como ela chegou da mesa até ali sem fazer nenhum barulho eu não sei.

– Aonde você vai? – ela pergunta.

Eu me abaixo, olhando bem nos olhos dela, minhas mãos descansam em seus ombros.

– Vou para a casa das irmãs, Wren – digo, surpresa por ver como minha voz sai baixinho.

Seus olhos se abrem, círculos azuis como pedaços do céu.

– É um segredo? – ela sussurra. No mundo da minha irmã, segredos são quase tão divertidos quanto brincadeiras.

– Um grande segredo – digo, meus dedos dançando por seus braços até suas mãos, envolvendo-as com as minhas. Levo nossas mãos unidas até meus lábios, sussurrando no pequeno espaço entre suas palmas. – Consegue manter este segredo para mim?

Wren sorri e puxa suas mãos, ainda escondendo o segredo como se fosse uma borboleta. Depois disso, beijo o cabelo da minha irmã e saio correndo.



Meia hora depois, corro pelo bosque até o caminho da cabana das irmãs. As janelas estão abertas, mas a casa está em silêncio e diminuo a velocidade, tentando abafar o som da minha aproximação para que não me percebam. Não tenho vontade de encarar a expressão brava das irmãs agora. Viro à esquerda, para o galpão, e lá no prego, está a capa cinza com suas pontas enegrecidas. Por mais difícil que pareça, diminuo o ritmo para me aproximar furtivamente até o galpão, sem fazer barulho. As pessoas, quando não querem ser ouvidas, tendem a pôr o peso nas pontas dos pés, mas, na verdade, é melhor caminhar apoiando o pé completamente, distribuindo o peso em movimentos lentos e calmos. Eu dou uma volta ao redor da estrutura de madeira inclinada. Só tem uma abertura, a porta que está na minha frente. Ou ele está aí ou não está. Pressiono o meu ouvido contra a porta podre. Nada.

Mordo os lábios, pesando nas minhas opções. Não quero espantá-lo. Mas não quero que fuja também. Queria pegá-lo desprevenido, mas parece que não há

ninguém aqui para ser pego.

– Olá? – digo finalmente, meu ouvido ainda pressionado contra a porta. Posso ouvir minha palavra vibrar pelas tábuas e me afasto um pouquinho. – Só quero conversar – acrescento, minha voz é mais baixa, o tipo de voz de quem compartilha segredos. Não é uma voz que uso com frequência, exceto com Wren. É a voz que o meu pai usava para me contar histórias. – Por favor, converse comigo.

Nada. Abro a porta e ela range, mas o pequeno espaço está vazio. A porta fecha-se quando me viro. Onde está ele? Fico tentando imaginar, passando meus dedos sobre a capa cinza no prego, o tecido velho e usado. Todo esse tempo perdido vindo aqui em vez de seguir Otto até a cidade, em vez de procurar Edgar.

– Que perda de tempo – murmuro para as tábuas de madeira. Elas rangem em resposta. Meus olhos se abrem bem quando corro ao redor do galpão. O estranho não vai desaparecer desta vez.

E ali está ele. Quase perto o suficiente para tocá-lo. Ele está ali contra o páramo e olha para mim – olha para mim – com seus olhos grandes, um tom cinza como carvão ou rios de pedra sem o fio d'água. O vento corre por seu cabelo escuro e pelas roupas que podem ter tido alguma cor, mas agora são cinza, ou podem ter sido pretas, mas desbotaram. Assim como sua capa. Ele cruza os braços como se sentisse frio.

– Você. – É tudo que consigo dizer. Há algo incrivelmente familiar nele. Nunca tinha visto ninguém tão magro e com o cabelo tão preto, com olhos tão frios e sem vida. E mesmo assim, a luz que dança neles, e aquela estranha atração, como a força da gravidade...

– Quem é você? – pergunto.

Ele mexe a cabeça e percebo pela primeira vez que é muito jovem. Não pode ser muito mais velho que eu, alguns centímetros mais alto e muito magro. Mas de carne e osso, não o fantasma do lado de fora da minha janela que parecia sangrar no meio da noite.

– De onde você veio? – pergunto, examinando seus traços, suas roupas, pintadas em toques de cinza. Ele olha por cima de meu ombro e não diz nada. – Por que você está aqui?

Ainda nada.

– Um menino sumiu hoje. Sabia? – pergunto, procurando algum reconhecimento em seus olhos, algum sinal de culpa.

Ele fica tenso e passa por mim, de volta ao galpão da casa das irmãs. Eu o sigo, mas quando chegamos ao galpão, ele ainda não mostra nenhum sinal de que irá falar comigo. Agarro seu braço e o puxo. Ele recua ao meu toque, afasta-se tão rápido que cai para trás contra as tábuas. E agora ele nem olha para mim, vira seus olhos para o páramo.

– Fale algo! – digo cruzando os braços.

Ele inclina seu peso contra o galpão.

– Você pegou o Edgar?

Ele franze a testa e seus olhos finalmente se voltam para mim.

– Por que eu faria isso?

Então ele *sabe* falar. Não só isso, mas sua voz é tranquila e estranhamente vazia, ecoa. Parece que não queria ter falado, porque fechou os olhos e engoliu em seco, como se quisesse que as palavras voltassem para dentro.

– Por que se escondeu de mim ontem?

– Por que estava tentando me encontrar? – responde.

– Eu falei. Há um garoto desaparecido.

– Hoje, isso aconteceu hoje. E você tentou me encontrar ontem. – O desafio pisca em seus olhos, mas desaparece rapidamente. E ele está certo, eu queria vê-lo ontem, quando Edgar estava seguro. Queria ver se ele era real.

– Não há estranhos na cidade de Near – digo, como se isso explicasse tudo.

– Eu nem estou nela. – Aponta para o chão a seus pés, e eu entendo. Estamos oficialmente fora da cidade, no páramo aberto. Ele encosta todo o seu corpo na parede, e olha para mim.

Ele não é um fantasma ou um espectro, nem uma pessoa-corvo ou um velho. É somente um garoto, tão sólido e real quanto eu. Não passei minha mão por sua pele, mas quando suas costas encontraram o galpão, produziu-se um barulho. Mesmo assim, ele não é como eu. Não é como ninguém que eu já vi. Não é apenas sua pele fantasmagórica ou seus traços escuros, mas sua voz, seu jeito.

– Sou Lexi. Qual é o seu nome? – pergunto.

Ele parece ficar mudo de novo.

– Bom, se não vai me dizer, vou criar um para você.

Ele olha para cima e juro que consigo ver um sorriso triste no canto de seus lábios. Mas ele não diz nada e o sorriso – se existiu – desaparece debaixo da superfície pálida.

– Acho que vou chamá-lo de Robert ou Nathan – digo, olhando para o rosto dele. Seus olhos. Seu cabelo. – Ah, talvez Cole.

– Cole? – ele diz, baixinho. Sua testa se enrugou. – Por quê?

– Seu cabelo e seus olhos: você parece carvão. Como cinzas.

Ele franze a testa e vira os olhos para o chão.

– Não gosta?

– Não – ele responde. – Não gosto.

– Bom, azar o seu – digo calma. – Se não me disser seu nome, vou chamá-lo de Cole.

– Não tenho nome – ele fala e suspira, como se falar fosse muito cansativo.

– Todo mundo tem um nome.

O silêncio cai entre nós. O menino olha para a grama e eu olho para ele. Cole se inquieta, como se estar ali comigo fosse desconfortável, como se meu olhar fosse doloroso.

– O que é uma perda de tempo? – ele pergunta, de repente.

– Como é?

– Você falou aqui na porta do galpão que era uma perda de tempo. O que quis dizer?

Cruzo meus braços. O vento está ficando mais forte.

– Vir até aqui para encontrá-lo e você não estar aqui. Isso teria sido uma perda de tempo.

– Eles têm alguma ideia do que poderia ter acontecido com ele? – diz depois de um momento. – Com o menino desaparecido?

– Não. – Eu me viro para a casa das irmãs, esperando que *elas* tivessem algumas respostas. – Ninguém sabe. – Nem eu. Não estou mais perto de encontrar Edgar do que estava esta manhã. Não sei por que senti a necessidade de vir até aqui, para questionar um menino que quase não tem nada para dizer. Olho para trás pela última vez. – Você deveria ter ido até a vila e se apresentado. Agora vão suspeitar de você.

– Você suspeita de mim?

Eu paro.

– Não conheço você.

Novamente fico olhando para ele. Há algo, distante e triste, neste menino magro, seus olhos vazios e sua gasta capa de viagem. Não consigo piscar enquanto olho para ele, tenho medo de que não esteja mais em minha frente quando eu abrir os meus olhos. Ele levanta o queixo, como se tentasse ouvir uma voz distante. Por um momento parece totalmente perdido, depois se vira e vai embora, para as colinas, parecendo deixar o máximo possível de ervas e flores selvagens entre nós.

Eu volto à casa das irmãs, verificando o ângulo do sol no céu. Estou perdendo tempo. Quanto tempo tenho até Otto voltar para casa? Deveria ter seguido o grupo de busca. Mas não posso me culpar por querer falar com o estranho. Precisava vê-lo sozinha, saber se ele tinha feito aquilo, se estava envolvido.

Chuto uma pedra. Agora só tenho mais perguntas.

Passo pela casa das irmãs, a caminho da minha.

– Lexi – fala Magda, chamando-me. Vejo-a ajoelhada no pedaço de terra bem ao lado da cabana. O lugar que Magda chama de seu jardim.

– Você mentiu para mim – digo, quando estou perto dela – sobre o estranho. Ele está aqui.

Magda vira sua cabeça para mim.

– Falamos que não sabíamos nada sobre ele. E não sabemos. – Ela olha atrás de mim para o páramo. Sigo seu olhar. Bem longe da casa, uma forma fina e vaga sobre as colinas, que se afasta da casa das irmãs em ondas lentas. Em uma dessas ondas, o garoto de cinza faz uma pausa e olha para o norte, para o lado oposto de Near.

Eu me viro para Magda, que está novamente debruçada sobre o pequeno terreno.

– Por que me chamou? – pergunto, raspando a minha bota no pedaço de terra nua.

Magda não responde, apenas começa a sussurrar algo e passa seus dedos retorcidos para a frente e para trás no lugar vazio. Eu me agacho ao lado dela.

– O que está fazendo, Magda?

– Plantando flores, claro. – Ela gesticula para a terra, onde nem mesmo ervas saem do solo. – Estou um pouco enferrujada, só isso.

Normalmente ficaria intrigada e continuaria olhando para conseguir ver alguma magia dela, esperando que esquecesse que eu estava ao seu lado. Mas hoje não tenho tempo.

– Você plantou as sementes? – pergunto.

Com isso, ela dá uma risada seca e sussurra mais algumas coisas na direção do solo.

– Não, querida. Não preciso de sementes. E, além disso, estou plantando flores do páramo. Flores selvagens.

– Não sabia que era possível, neste solo.

– Não dá, é claro. Esta é a questão. Flores são coisas livres. Elas crescem onde querem. Gostaria de ver você tentar decidir onde uma flor do páramo deve crescer.

– Magda se senta e esfrega as mãos.

Olho para o buraco vazio. Estou mais de uma hora atrasada em relação aos homens de Otto, sem nada para mostrar. E, até onde sei, meu tio poderia estar indo para casa neste minuto. Talvez Magda saiba algo. Qualquer coisa. Se ela vai me *contar* é outra história.

– Magda, há um menino perdido. Edgar. Ele tem cinco...

– O loirinho, é? O que aconteceu? – ela pergunta, virando seu olho bom para mim.

– Ninguém sabe. Ele desapareceu da cama ontem à noite. Eles não encontraram nenhum traço dele ainda.

O rosto de Magda muda levemente, as linhas se aprofundam, seu olho ruim cresce mais escuro e seu olho bom focaliza o nada. Parece que quer falar algo, mas muda de ideia.

– Você acha que alguém o levou? – pergunto. Magda franze a testa e confirma.

– O chão é como a pele, cresce em camadas – ela fala, beliscando um pouco do solo com seus dedos enrugados. – O que está no alto, descasca. O que está embaixo pode chegar ao alto, em algum momento.

Eu suspiro, frustrada. De vez em quando, Magda faz isso, começa a falar besteiras. Em sua mente, poderia muito bem ser uma linha lógica de pensamento, uma pena que o resto do mundo não consiga acompanhá-la. Deveria saber que ela não pode, ou não quer, me ajudar.

– O vento é solitário... – Magda acrescenta com uma voz tão baixa que quase não a ouço. As palavras lembram algo.

– O que você... – começo.

– Lexi Harris – diz Dreska, aparecendo na porta. Ela faz um movimento na minha direção com sua bengala, eu me levanto e vou até ela. Pegando minha mão, ela coloca um pequeno embrulho na minha palma. É uma bolsinha com um fio que tem cheiro de grama do páramo, de chuva e de pedras molhadas.

– Dê isso para sua irmã – ela fala. – Diga para usar. Por segurança.

– Então você *ouviu* falar do Edgar.

Dreska assente e fecha meus dedos sobre o talismã.

– Fizemos outros para todas as crianças.

– Vou entregar a ela. – Enfio a bolsinha no bolso e me viro para ir embora.

– Lexi – fala Magda. – Chamei-a pela mesma razão que a convidei ontem. Por causa dele. Imaginei que você tinha ouvido falar de um estranho em Near. – Ela aponta uma unha suja de terra para o estranho no páramo. Olho para o menino, ainda de costas para nós. Ele desliza pelo chão e de repente não se parece com uma pessoa, apenas uma pedra ou uma árvore caída sobressaindo do mato.

– Outros virão procurar por ele também – fala Dreska.

Entendo o que ela quer dizer.

– Não vou contar. Sou a filha de meu pai.

– Esperamos que seja.

Volto para o caminho, mas me viro e acrescento:

– Vocês realmente não sabem nada sobre ele? De onde vem?

– Está mais seguro aqui – murmura Magda, pegando terra com as mãos.

– Ele tem segredos – digo.

– Todos nós temos – fala Dreska com uma risada seca. – Você não acredita que ele pegou o Edgar. – Não é uma pergunta, mas ela está certa.

– Não, acho que não foi ele – digo, indo para casa. – Mas vou descobrir quem foi.



CHEGO EM CASA ANTES DE OTTO E ISSO ME DEIXA ALIVIADA. O sol alto cruza o céu da tarde e já não dá para arriscar ir até a cidade, a chance de encontrar o grupo de busca é muito grande. Não há nenhum sinal de Wren ou da minha mãe, mas a casa está quente e cheira a pão. Percebo como estou com fome. Meio pão está na pia, junto com um pouco de frango frio, sobra do almoço. Corto uns pedaços de cada um e os devoro, desfrutando da liberdade da solidão e por poder simplesmente comer, sem precisar ser delicada.

Sinto-me muito melhor e vou para meu quarto chutando as botas e soltando o cabelo. Deito-me aos pés da cama e tento entender o dia. Meu pai me ensinou a ouvir os instintos e eles me dizem que aquele menino estranho e vazio não levou Edgar. Mas isso não quer dizer que confio nele. Não o *entendo* ainda. E não gosto do modo que meu peito se aperta quando olho para ele, como acontece quando olho coisas selvagens.

Algo mais me incomoda, e lembro das palavras sussurradas de Magda: *O vento é solitário.*

Conheço essa frase.

Vou até a pequena mesa ao lado da janela, onde estão as velas inclinadas e os livros, e meus dedos vão direto para um deles. A capa é verde e marcada, como as marcas que os dedos de meu pai fizeram na faca e no machado. Mas essas são as dos meus dedos, minhas marcas de uso.

As páginas gastas do livro têm forte cheiro de terra, como se houvesse uma parte do páramo entre as capas em vez de papel. Sempre que meu pai contava uma história eu pedia que a escrevesse ali. O livro é estranhamente pesado, como uma pedra, e eu

me deito na cama com ele, passando meus dedos sobre a capa macia antes de abri-lo e virar as páginas com o meu polegar. Há três anos a letra de meu pai desapareceu do livro e a minha a substituiu.

Havia tantas páginas em branco no começo. Tentei, de vez em quando, lembrar-me de partes que ele poderia ter se esquecido de escrever. Caminhando ou entregando pão ou cortando madeira, uma sentença me surgia com sua linda voz, e eu corria até meu quarto para escrever.

O vento é solitário.

Conheço essa frase.

Vou a uma anotação datada de alguns meses depois que a minha mão substituiu a dele:

Nuvens parecem coisas tão sociáveis no céu do páramo. Papai disse que eram as coisas mais espirituais do páramo, que elas saíam em peregrinação todo dia, começando quando o sol se levantava e juntando-se para orar. A chuva provocou...

A anotação termina. Aqui e ali a página ondula, pontilhada com pequenos círculos molhados.

Eu folheio o livro, procurando uma anotação anterior, uma que ele mesmo tinha escrito. Meu polegar pega o canto de uma página perto do começo, puxando-a.

Claro. É da história de que me lembrei ontem à noite.

Se o vento do páramo cantar, você não deve ouvir, não com todo seu ouvido. Use somente as pontas. Ouça como se olhasse com o canto do olho. O vento é solitário e sempre está procurando companhia.

Passo meus dedos pela página. Por que Magda citaria as palavras de meu pai?

E então eu vejo. No final da página, na pequena letra de meu pai, as letras *M. T.* Magda Thorne. Esta história não pertence a meu pai – ele só a copiou. Mas o que significa agora, vinda dos lábios de Magda no jardim?

A porta da frente se abre com um rangido suave, eu pisco e fecho o livro. Por quanto tempo estive deitada aqui, pensando em poemas? Ouço Wren falando no

corredor, seus leves pés no chão de madeira. Não consigo ouvir os da minha mãe, mas sei que devem estar juntas. Saindo da cama, levo o livro para a cozinha.

Wren está sentada na mesa, balançando as pernas e brincando com um dos bonecos de massa.

Eu me encosto no batente da porta, segurando o livro perto de mim, enquanto minha mãe caminha como um fantasma, largando um cesto vazio e pegando um avental sem fazer nenhum ruído. Wren sorri para mim e me chama com o dedo. Quando me aproximo, ela faz uma concha com as mãos para sussurrar:

– Você foi até as irmãs?

Eu me aproximo o suficiente para beijar seu cabelo e sussurrar de volta:

– Fui. Conto tudo mais tarde.

Ela fica feliz.

– Wren. – Minha mãe não levanta a vista, mas sua voz flutua pela cozinha. – Pode me pegar um pouco de manjeriço do seu jardim?

Wren desce da mesa e vai correndo. A porta da frente bate forte depois que ela sai. Espero que minha mãe fale comigo, pergunte onde estive, mas ela não diz nada.

– Fui ver as irmãs – começo. – Elas não ouviram falar de Edgar.

Seu olhar não para em mim. Por que não fala nada?

– Vi o estranho, também. Falei com ele e não é o culpado, acho que não. Tem o jeito mais estranho...

– Você não deveria ter ido, Lexi.

– Você não me impediu.

– Seu tio...

– Não é meu pai. Nem minha mãe.

Ela dobra uma toalha e dá a volta na mesa.

– Otto só está tentando protegê-la.

– E você? – Estou apertando o livro. – Você poderia ter me impedido.

– Você não teria me ouvido – ela fala.

– Você poderia ter tentado... – começo, mas minhas palavras somem quando os dedos da minha mãe, agora fantasmagoricamente brancos com a farinha, descansam nas minhas costas. Seu toque é leve, não é gentil, mas fraco, etéreo. Por um momento lembro-me do estranho. Então seus dedos se fecham e ela me olha, e algo brilha nela, forte e quente.

– *Estou tentando, Lexi* – ela sussurra –, *ajudá-la.*

O vislumbre da mulher que minha mãe costumava ser me pega desprevenida. Só por um momento, então desaparece e seus dedos se afastam. Quero falar, mas quando abro minha boca outra voz aparece de algum lugar. Então outra se junta. E outra.

O momento passou. Minha mãe está de volta à pia, virando a massa de uma tigela, parecendo estar a quilômetros de distância.

– Não o vi – digo rapidamente, os sons dos homens se aproximando. – Nunca fui até lá. – Espero que ela levante a cabeça e dê um sorriso de compreensão ou um aceno, mas ela nem parece me ouvir.

Engulo em seco, enfio o livro embaixo do braço e vou para o corredor. As vozes estão vindo do oeste, crescendo como se fossem trovões, de onde está a vila, escondida pelas colinas. Eu me posiciono no batente da porta, tremendo com o vento.

O que minha mãe quis dizer?

Respiro fundo várias vezes, tentando que o ar passe pelas pedras na minha garganta.

Abro o livro no trecho de Magda, no momento em que vários membros do grupo de busca ficam visíveis, parecendo sombras do sol que está se pondo. Os rostos deles parecem compridos e finos, suas sobranceiras estão pesadas, os ombros, encurvados. A esperança de encontrar Edgar, pelo menos de encontrá-lo vivo, deve estar diminuindo com a luz. Eu fico olhando do meu posto, por cima do livro, tentando ficar com o olhar de uma garota dócil e paciente. Meu polegar passa sobre as palavras: *O vento é solitário.*

Os homens param na casa de Otto e trocam algumas palavras em voz baixa. Então o grupo se divide, espalhando-se como sementes em uma rajada de vento.

Eu fico de lado quando Otto entra em nossa casa, evitando meu olhar. A poucos metros atrás dele, um rapaz alto vem caminhando, seu cabelo loiro sujo brilhando na luz do pôr do sol. Tyler Ward. Seu ritmo diminui quando ele me vê, um sorriso aparece nos cantos da sua boca. Ele está tentando, e fracassando, parecer apropriadamente solene, considerando a situação. Passa pelo batente perto de mim, tocando meus dedos.

– Lindo pôr do sol – fala, e sua tentativa de parecer taciturno e desconsolado é quase engraçada.

– Nenhuma sorte? – pergunto, tirando minha mão.

Ele balança a cabeça e não consigo acreditar, mas é quase desdenhoso. Mordo a língua e forço um sorriso calmo.

– Onde vocês procuraram?

– Por quê? – Ele vira seus olhos azuis para mim por trás de sua franja.

– Vamos, Tyler – digo. – Você está sempre reclamando de não ter suficiente aventura. Conte-me tudo. O que fizeram hoje? Onde foram?

– Otto falou que você perguntaria, disse que tentaria sair sozinha para procurar. Isso seria perigoso, Lexi – ele fala franzindo a testa. – Não posso arriscar que você se machuque. – Seus olhos viajam sobre minhas mãos até um pequeno corte, feito quando cortava lenha. Ele passa a ponta dos dedos sobre o machucado. – Eu teria cortado para você.

– Não queria esperar – digo, tirando minha mão. – E sou mais do que capaz. – Tyler cai em um silêncio estranho, eu me aproximo e levanto o queixo dele com meus dedos. – A praça da cidade? A casa dos Drake? Aquele campo no qual costumávamos brincar, o cheio de urzes?

Ele deu um sorriso de lado.

– O que vai me dar por isso?

– Isto é sério – digo. – Já está quase escuro e Edgar ainda está desaparecido.

Ele vira o rosto, voltando-se para o batente da porta. Parece estranho este rosto sério, tão acostumado a sempre sorrir.

– Eu sei, Lexi. Desculpe.

– Você esteve com Helena? Ela está bem?

Ele entrelaça os dedos atrás da cabeça e não me encara.

Solto um sorriso exasperado. O batente não é grande o suficiente para nós dois, eu passo por ele e saio para o jardim. Tyler corre atrás de mim.

– Conto se você me responder uma pergunta.

Paro de caminhar, mas não me viro. Espero que ele me alcance, abraçando o livro contra meu peito. O vento recomeça, o ar frio castiga minha pele. O mundo está se tornando uma sombra com as luzes se apagando. Tyler para bem atrás de mim. Quase posso sentir sua mão esticada enquanto ele tenta decidir se deve ou não me tocar.

– Por que está fazendo isso comigo? – surge sua voz, alta o suficiente apenas para cruzar o pequeno espaço entre nós.

– Não estou fazendo nada, Tyler. – Mas eu sei que é uma mentira. E ele também.

– Lexi – ele fala, e a voz é estranha, quase implorando –, você sabe o que eu quero. Por que nem...

– Por que não dou o que você quer, Tyler? – pergunto, girando o corpo. – É isso que você está perguntando?

– Lexi, seja justa. Dê-me uma chance – Ele levanta o braço e tira um cacho de cabelo escuro do meu rosto. – Diga-me do que você tem medo. Diga-me por que posso ser seu amigo a vida toda e, mesmo assim, você nem tenta pensar na ideia de...

– *Porque você é meu amigo* – interrompo. Esta não é toda a verdade. *Porque eu amava o garotinho que você era e agora você cresceu e se tornou outra coisa.*

– Sempre fui seu amigo, Lexi. Isso nunca vai mudar. Por que não podemos ser algo mais?

Respiro fundo. Os arbustos rolam em direção a Near.

– Você se lembra – falo sobre o barulho do vento – quando éramos pequenos, e costumávamos brincar de girar?

– Claro que me lembro. Eu sempre ganhava.

– Você sempre *soltava*. Você soltava quando achava que seria divertido e o círculo se quebrava e todo mundo caía, exceto você.

– Era só uma brincadeira.

– Mas tudo é uma brincadeira para você, Tyler – suspiro. – Tudo isso. E não tem mais a ver com joelhos ralados. Você só quer ganhar.

– Quero ficar com você.

– Então que seja como amigo – digo. – E ajude-me a encontrar Edgar.

Tyler olha para a casa, a silhueta de meu tio na janela enquanto lava as mãos. Quando Tyler se volta para mim, está sorrindo de novo, uma versão mais fraca do seu sorriso normal.

– Ninguém será bom o suficiente para você, Lexi Harris.

Eu também sorrio.

– Talvez um dia...

– Quando a lua brilhar... – ele interrompe.

– No céu verde de grama – termino. Um poeminha que meu pai costumava recitar. Tyler o repetia o tempo todo. E por um momento voltamos a ser duas crianças em uma brincadeira de girar ou em um campo de arbustos, rindo até nossos rostos doerem.

Então sopra o vento. O último raio de luz está sangrando ao longe, substituído por uma rica escuridão azul. Eu luto contra um arrepio e Tyler tira seu casaco, mas eu balanço a cabeça. Ele parece preso entre ações, então deixa o casaco ali pendurado em sua mão, os dois sofrendo.

– Agora é sua vez de falar – digo, tentando evitar que meus dentes batam.

– Eu adoro falar – ele diz –, mas Otto vai arrancar minha cabeça por eu contar isso a você, Lexi.

– Quando foi que isso o impediu antes?

Seu sorriso desaparece quando veste o casaco de novo, arruma os ombros e levanta a cabeça em uma imitação quase perfeita de meu tio. – Fomos com o pai de Edgar, sr. Drake, até sua casa; o quarto de Edgar estava intacto. A janela estava aberta, mas isso era tudo. Como se ele tivesse se levantado e saído. Subido pela janela. – Lembro-me de Wren andar dormindo até a janela e tentar abri-la.

– A mãe dele disse que o pôs na cama ontem à noite. Disse que não ouviu nada estranho.

– Edgar tem medo de tudo. Ele não iria embora.

Tyler deu de ombros.

– Tudo que sabemos é que não houve nenhuma luta e a janela estava aberta. Fomos para o oeste, para aqueles campos ao lado da casa deles, e até a ponta da vila.

Então eles seguiram meu conselho, afinal.

– Procuramos em todos os lugares, Lexi.

Todos os lugares em Near, penso.

Tyler suspira e não posso deixar de pensar que ele é quase bonito sem o sorriso egoísta.

– Todo lugar. Não há nenhum traço dele. Como isso pode acontecer? – Ele franze a testa, chutando uma pedrinha. – Quero dizer, todo mundo deixa marcas, certo? – Ele balança a cabeça, endireitando-se. – Otto acha que foi o estranho. Faz sentido, se você pensar.

– Você tem alguma prova? – pergunto, tomando cuidado para parecer neutra. – Você sabe pelo menos onde ele está?

Tyler nega.

– Tenho uma boa ideia. Só existem alguns poucos lugares em que uma pessoa pode se esconder em Near, Lexi. Se ele ainda estiver aqui.

Espero que esteja. O pensamento entra em minha cabeça e, de repente, estou agradecida pela escuridão.

– O que acontece agora? – pergunto.

– Lexi! – uma voz forte chama da porta. Viro-me para ver Otto esperando, delineado contra a luz de dentro da casa. Tyler gesticula em direção à casa, sua mão apoiando-se nas minhas costas, empurrando-me para a porta. Otto desaparece dentro da casa.

– Agora – Tyler fala baixinho –, mandamos as bruxas entregarem o estranho. – Seu nariz se enrugando quando ele diz *bruxas*.

– Presumindo que ele ainda esteja aqui – digo quando alcanço a porta. – E presumindo que as irmãs estejam com ele, e presumindo que Dreska não o amaldiçõe por fazer essa cara. Isso é presumir muita coisa, Tyler.

Ele dá de ombros.

– Talvez tenhamos sorte.

– Vocês precisam de muito mais que sorte.

Ele inclina a cabeça de lado, deixando o cabelo loiro cair em seus olhos.

– Que tal um beijo, então? – ele fala, inclinando-se na minha direção com um sorriso. – Para ter boa sorte?

Eu sorrio de volta, ficando nas pontas dos pés. E depois dou uns passos para trás e fecho a porta na cara dele.

Juro que consigo ouvi-lo beijando a madeira do outro lado.

– Boa noite, garota cruel – ele fala atrás da porta.

– Boa noite, garoto bobo – respondo, parada na porta até não conseguir mais ouvir seus passos.



WREN ESTÁ CORRENDO DE PIJAMAS PELO CORREDOR, brincando no chão de madeira. Seus pés descalços fazem ruídos leves como chuva sobre as pedras. Wren conhece mil brincadeiras para o tempo vago entre as refeições e a cama, para as pessoas prestarem atenção nela. Brincadeiras com palavras e regras, e brincadeiras sem nada disso. *Bum, bum, bum* no chão de madeira.

As tábuas em nossa casa parecem ter afinação própria, então Wren faz um tipo de música ao cair em diferentes tábuas. Ela até encontrou uma forma um tanto desajeitada de tocar a “Rima da Bruxa”. Está tocando as últimas notas da música quando pulo no seu caminho, ela ri e dá a volta em mim sem perder nenhuma nota.

Entro no nosso quarto e coloco o livro de meu pai de volta na estante, ao lado das três velas. Do outro lado da janela, a escuridão vai crescendo.

Não consigo parar de pensar nas palavras de Tyler. *Todo mundo deixa marcas.*

Pego um avental azul-claro da gaveta e o amarro ao redor de minha cintura, indo para a cozinha. Otto está sentado na mesa, uma grossa faixa amarela em cada um dos braços, conversando com minha mãe. Sua voz está no nível que os adultos usam quando estão querendo manter segredos, mas é alto o suficiente para que qualquer criança ouça. Minha mãe está limpando migalhas e farinha da mesa e assentindo. Eu pego a palavra “irmãs” antes que Otto me veja e mude o tom e o assunto.

– Você e Tyler tiveram uma boa conversa? – ele pergunta, muito interessado.

– Razoavelmente boa – digo.

– E como foi seu dia, Lexi? – Posso sentir seus olhos em mim e há um desafio em sua voz. Engulo e tento montar minha mentira quando...

– Ela entregou pão comigo – fala minha mãe, de costas. – Uma criança pode estar desaparecida, mas as pessoas ainda precisam comer. – Eu quase mordo a língua para evitar o choque com a mentira de minha mãe. A imagem dela e de Wren voltando para casa com a cesta vazia gira na minha mente, o súbito olhar duro quando me contou que estava tentando me ajudar.

Assenti, cortando o último pedaço de pão e colocando-o na mesa com um pouco de queijo. Meu tio resmunga, mas não diz mais nada. Minha mãe enrola uns pedaços de pão extra em um pano e tira o avental de cima do vestido. É a última coisa que ela tira a cada noite, quando termina de preparar os pães.

– E você, tio? – pergunto. – Algum sinal de Edgar?

Suas sobrancelhas se juntam e ele dá um longo gole em sua caneca.

– Hoje não – ele fala para a caneca. – Vamos voltar a sair pela manhã.

– Talvez amanhã eu possa ajudar.

Otto hesita, então fala.

– Veremos. – O que quase certamente quer dizer não, mas ele está muito cansado para discutir. Ele se levanta, a cadeira se arrastando contra o chão. – Estou na primeira patrulha.

– Patrulha? – pergunto.

– Temos homens por toda a vila, por segurança. – Ele bate nas faixas amarelas. – Para marcar meus homens. Só um tonto sairia esta noite. Dei ordem para atirarem assim que virem alguém.

Maravilha.

Meu tio pede licença. Eu me sento na cadeira vaga e tento me lembrar se tenho algo amarelo. Do corredor, alguns rangidos e golpes; Wren ainda está brincando. Minha mãe olha para mim, mas não fala nada, e eu me pergunto se ela sabe o que planejo fazer. Ela boceja e beija minha testa, os lábios quase um sopro contra minha pele, e vai pôr Wren para dormir. O *bum, bum, bum* para no corredor quando minha irmã é levada para a cama.

Sento-me na cozinha, esperando a casa ficar gelada. Acho que minha mãe assa pães o dia todo até seus ossos e músculos doerem, assim, quando ela desaba na cama a cada noite, não há perigo de ficar acordada, nenhum risco de ficar se lembrando de nada. Meu pai costumava se sentar com ela, contando histórias até de madrugada, porque sabia que ela adorava o som da voz dele, grossa. Fico sentada até a casa estar

escura e quieta, até o silêncio se tornar pesado, como se tudo estivesse segurando a respiração. Então eu me levanto e vou para o quarto.

As velas já estão queimando na prateleira, jogando sombras que dançam nas paredes. Eu me sento em cima das cobertas, de roupa, e espero até que a respiração de Wren mostre que ela está dormindo profundamente. Ela parece tão pequena em seu ninho de cobertores. Meu peito fica apertado quando imagino Edgar subindo por sua janela e desaparecendo no páramo. Tremo e junto as mãos. É então que me lembro. Minha palma ainda tem o cheiro de pedras molhadas, ervas e terra onde Dreska colocou o talismã e fechou meus dedos ao redor dele. Como poderia ter esquecido? Procuo em meus bolsos e suspiro aliviada quando sinto meus dedos tocarem a bolsinha. Tiro o talismã e o seguro, parece estranho nas minhas mãos – ao mesmo tempo pesado e leve. Uma bolsinha de grama, terra e pedrinhas. Quanto poder ela pode ter? Bocejo e amarro o talismã ao redor do punho de minha irmã. Ela se mexe com o meu toque e abre os olhos.

– O que é isso? – Wren resmunga, olhando para o talismã.

– É um presente das irmãs – sussurro.

– O que ele faz? – pergunta ela, ficando sentada. Cheira o talismã. – Tem cheiro de urze? – ela pergunta, levantando-o para mim. – E terra? Não deveria ter terra aí dentro.

– É só um talismã – digo, tocando-o. – Desculpe por tê-la acordado. Esqueci de entregar antes. Agora – digo, segurando as cobertas para ela –, volte a dormir.

Wren cai de novo sobre os travesseiros. Eu arrumo os cobertores ao redor dela e ela se dobra como uma bolinha.

Eu me sento na ponta da cama e espero até que a respiração de Wren fique pesada de novo. Logo ela está dormindo, os dedos agarrando o talismã.

É hora de trabalhar. Inspeciono as gavetas e encontro um xale amarelo-claro, um presente de Helena há dois anos. Dou um beijo nele, agradeço silenciosamente a minha amiga e seu amor pelo tricô, e amarro o xale ao redor de meu braço.

Pego a faca de meu pai e minha capa verde, espreito pela janela, e seguro a respiração enquanto ela range. Wren não se move. Subo na janela e desço até o chão, fechando-a depois de sair.

As luzes estão acesas na casa de Otto e ele deve ter terminado sua patrulha porque, através da janela, consigo ver o seu contorno, está sentado a mesa. Bo está

sentado perto dele, o cabelo por cima das sobrancelhas, e os dois homens resmungam e bebem, trocando uma ou duas palavras entre cada gole. O tio Otto tem o tipo de voz que ultrapassa madeira, vidro e pedra, e eu me aproximo para ouvir.

– Como se desaparecesse, saiu da cama e caiu – Otto mexe a mão – no nada.

Isso não é possível. Tenho certeza de que há marcas, mesmo se forem leves. Otto saberia o que procurar? Homens certamente podem agir como garotinhos, mas conseguem pensar como eles?

– Muito estranho – fala Bo. – O que você acha?

– Acho que é melhor encontrar o garoto, e logo.

– Não dá para fazer algo aparecer do nada – diz Bo mexendo os ombros.

– Vou ter de fazer isso – diz Otto, dando um longo gole. – É o meu trabalho.

Os dois homens ficam em silêncio, olhando para seus copos, e eu vou embora. Puxo a capa verde-escura ao redor dos meus ombros e deixo os homens com suas bebidas, voltando a minha atenção para a vila. A casa de Edgar está em um grupo de três ou quatro casinhas ao oeste, uma área plana do campo entre aquele grupo de casas e o seguinte. Se houver alguma dica de quem levou Edgar, e onde, e como, então vou encontrá-la.

Eu vou embora, o vento empurrando-me gentilmente.



Sob a luz da lua, o páramo é um vasto fantasma. Linhas finas de neblina deixam a grama brilhando, e a brisa sopra sobre as colinas em ondas lentas. Quando o primeiro grupo de casas pode ser visto do outro lado do campo, eu me pergunto se a patrulha de busca se preocupou em procurar as pegadas do menino. Elas não deveriam ser tão profundas quanto as de um alce. Mas deveria ter algo, um traço de vida e movimento. O chão ao redor da casa deveria estar modificado, deveria ter alguma indicação de em qual direção Edgar foi. *Todo mundo deixa uma marca.*

Na verdade, é isso que me preocupa. Todo mundo deixa uma marca, e agora uma dezena de corpos poderiam ter caminhado pela casa, destruindo pistas. Duvido que consiga descobri-las sem a luz do dia e trazer uma vela ou uma lâmpada teria sido muito arriscado, especialmente com uma patrulha noturna. Não posso deixar que os homens de Otto me descubram. Mesmo se não atirarem em mim, toda minha busca

terá terminado, e provavelmente ficaria presa em casa. *Para minha própria segurança, para meu próprio bem*, zombo. Isso funcionou bem para Edgar, dormindo em sua cama.

Não, aqui a escuridão precisa ser minha aliada. Meu pai costumava dizer que a noite podia contar segredos tão bem quanto o dia e eu tenho de acreditar que ele estava certo.

Vou pelo caminho direto para o coração da cidade, fazendo o melhor que posso para evitar tropeçar em pedras soltas.

Um corvo voa sobre minha cabeça como uma mancha no céu noturno. As casas estão mais perto agora, pequenos jardins separando-as, e diminuo o ritmo, garantindo, assim, espalhar meu peso entre os passos, tentando fazer menos ruído que o vento ao meu redor. Alguém tosse e um momento depois um homem sai de uma das casas, uma sombra contra a fraca luz de dentro. Paro no caminho, os dedos enrolados na ponta de minha capa para evitar que ela voe. O homem se encosta na porta, fumando um cachimbo, um rifle sobre o braço logo abaixo da faixa amarela. Lembro das palavras de meu tio. *Atirem ao avistar algo*. Engulo em seco. Outra voz murmura dentro da casa e o homem olha para trás. Neste momento, escapo do caminho, disparando pela escuridão entre duas cabanas sem luz. Encostada na parede de uma delas, ao lado de uma pilha de madeira, consigo ver a quarta casa, a que está mais ao oeste. A casa de Edgar.

Há luz dentro, tão fraca que somente um brilho leve chega à janela. Eu me aproximo e me ajoelho na base de cada uma das janelas, deixando meus dedos e olhos viajarem pelo chão, procurando alguma perturbação, algum sinal de pé ou de mão. Chego à janela de Helena (eu costumava ficar com ciúme por ela ter seu próprio quarto, mas parece impossível invejá-la agora) e paro enquanto penso em bater gentilmente no vidro. Como um garoto acabou de desaparecer desta casa, parece uma péssima ideia. Passo os dedos pela vidraça e espero que minha amiga esteja dormindo, então continuo ao redor da casa. Paro na última janela, a que sei que pertence a Edgar. Esta é a que eles dizem que foi encontrada aberta. Eu me agacho no chão, tentando ver com a luz fraca.

Está como eu pensei. A superfície é uma rede de sapatos adultos, botas, chinelos, passos velhos que se arrastam e mais jovens que se afundam. Um campo de batalha de pés. Ainda há lama das chuvas, a terra manteve muitas marcas, mas nenhuma delas é pequena ou de menino.

Eu me levanto, lutando contra a frustração. *Pense, pense*. Talvez mais longe desse monte de pegadas de homens existam traços de um pé menor.

Eu me encosto de novo na casa, minha cabeça descansando na parede bem ao lado da janela, e deixo meus olhos seguirem a linha de visão que sai dela. Nessa direção há um campo, uma faixa de grama, urzes e pedras entre este grupo de casas e o seguinte, que, à distância, parecem ovos no ninho. A luz prateada da lua se espalha pelo campo e vou nessa direção, dando passos lentos, meus olhos movendo-se rapidamente da grama alta que toca minhas pernas até a colina à frente. O vento é forte o suficiente para fazer os arbustos farfalharem e se inclinarem.

Um corpo respira atrás de mim. Viro, mas não há ninguém. O grupo de casas está quieto a meio campo de distância, escuro exceto por uma ou duas luzes fracas. Poderia ter sido o vento, mas ele está alto e o som era baixo. Retomo minha busca quando volto a ouvir. Tem alguém aqui, bem perto.

Meus olhos se esforçam para ver algo entre as profundas sombras perto das cabanas de pedra, debaixo dos tetos de palha onde a luz da lua não consegue chegar. Eu espero, congelada, segurando a respiração. E então consigo ver. Algo cruza a distância entre as casas, apanhado por um momento pela luz fracionada da lua. A forma fantasmagórica desaparece em um piscar de olhos, em uma esquina. Saio correndo pela grama atrás da sombra, meio caindo, e não consigo evitar que o som da minha presença seja mínimo enquanto corro. Imagino ouvir a bronca de meu pai enquanto os gravetos se quebram debaixo de meus pés e meus sapatos chutam as pedras, mas estou tão perto. Lanço-me no espaço entre as casas. Vejo a figura pouco antes de ela virar outra esquina. Ela para e se vira, como se me visse, então corta entre as casas, indo para o norte, na direção da sombra da colina, vasta e negra. Se chegar lá antes de mim, sei que a forma vai desaparecer, uma sombra dentro de outra sombra.

Corro, mantendo os olhos vidrados nela, assim não poderá se tornar parte da noite.

Quase lá. Meus pulmões começam a queimar. A figura se move sobre a terra com uma velocidade absurda. Sempre fui rápida, mas não consigo diminuir a distância. O vento sopra em meus ouvidos quando a figura chega à base da colina e desaparece.

Eu a perdi, seja lá o que for.

Minhas pernas param de correr e uma de minhas botas bate em uma pedra baixa, lançando-me para a frente na escuridão relativa ao pé da colina. A forma está ali em algum lugar, tão perto que sinto como se meus dedos pudessem agarrá-la enquanto me levanto. Mas os meus dedos só encontram uma pedra pontuda saindo da colina e nada mais. O vento bate nos meus ouvidos com minha pulsação.

Então as nuvens deslizam pelo céu. Elas caminham silenciosamente pelo céu e engolem a luz e, como uma vela que é apagada, o mundo fica escuro.



TUDO O MUNDO DESAPARECE.

Paro para evitar tropeçar em outra pedra, árvore ou algo pior. Com os dedos ainda pressionados contra a rocha, respiro fundo e espero que as nuvens saiam do caminho, já que o vento forte irá carregá-las rapidamente. Mas elas não estão se movendo. O vento sopra forte o suficiente para assobiar e gemer, mas mesmo assim as nuvens parecem absurdamente congeladas no alto, tampando a lua. Espero que meus olhos se ajustem, mas eles se recusam. Não registro nada.

Meu coração ainda está disparado e não apenas pela caçada. Isso é diferente – uma pontada que não sinto há muito tempo.

Medo.

Medo quando percebo que o grupo de casas está fora de meu campo de visão. Tudo está fora. E, mesmo assim, consigo sentir a presença, o peso de outro corpo por perto.

O vento muda, passa de uma simples brisa a outra coisa, algo mais familiar. Parece quase como uma canção. Não há palavras, só altos e baixos, como música, e por um momento penso que ainda poderia estar na cama, prensada entre as cobertas. Sonhando. Mas não estou. A estranha música me deixa tonta e tento bloqueá-la, mas o mundo está muito escuro, não há nada em que me focar. A música parece ir ficando mais clara até que quase posso dizer de que lado ela está vindo. Solto a pedra e me viro, dando uns poucos passos cautelosos para longe da colina, na direção em que estava a forma, quando ainda podia vê-la.

Meus dedos vão até a faca de meu pai e eu a tiro da bainha na minha perna e a seguro, caminhando como uma cega, sabendo só que havia um declive atrás de mim.

Lembro de ter passado por algumas pedras baixas antes de tudo ficar escuro, então meus passos são cautelosos, sentindo as pontas agudas. O vento continua sussurrando, subindo e descendo, e eu juro que conheço esta canção. Sinto um frio na espinha quando percebo onde a ouvi.

*O vento no páramo está cantando para mim
A grama e as pedras e o mar distante assim*

O vento e o som me envolvem, os altos e baixos da melodia crescendo cada vez mais nos meus ouvidos, e o mundo começa a girar. Paro de caminhar para evitar cair. O cabelo na minha nuca se arrepia e eu luto contra a vontade de gritar.

Seja paciente com ele, Lexi, fala a voz de meu pai.

Tento me acalmar, tento diminuir a pulsação que ressoa, agora tão alta que não consigo ouvir nada. Segurando a respiração, espero que a canção do vento forme uma camada, um cobertor de ruído. Espero que meu coração se torne parte desse cobertor em vez de um tambor batendo na minha cabeça. Um momento depois, meus nervos começam a se acalmar, um novo ruído surge alguns poucos metros na base da colina. Passos pesados na grama.

Eu me viro na direção do som bem no momento em que as nuvens abandonam a lua, jogando fachos de luz que parecem tão brilhantes quanto faróis depois da pesada escuridão. A luz cintila na minha faca, nas poucas rochas dispersas, em uma forma de sombras, finalmente iluminando o contorno de um homem. Eu invisto, derrubando-o contra o declive. Minha mão livre aperta o seu ombro, meu joelho está sobre seu peito.

A luz arranha sua garganta, seu queixo e seu rosto, do mesmo modo que eu o vi pela primeira vez na minha janela. Estou olhando para os mesmos olhos negros que se recusaram a me encarar na colina perto da casa das irmãs.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto, a faca de caça contra sua garganta. Meu coração está a mil e meus dedos apertam a ponta da faca, e mesmo assim ele não vacila nem faz nenhum som, apenas pisca os olhos.

Lentamente, a faca volta à bainha, mas meu joelho continua sobre seu peito, pressionando-o contra a grama.

– Por que você está aqui fora? – pergunto de novo, controlando minha raiva, tanto pelo fato de que ele foi capaz de se aproximar de mim e pelo fato de estar silenciosamente grata por estar aqui. Ele me olha tranquilo, os olhos tão escuros quanto a noite que nos cerca e não fala nada.

– *Responda-me*, Cole – aviso, levantando minha faca. Ele fica tenso e olha para outro lado.

– Não é seguro aqui fora. Não à noite – diz, finalmente. Sua voz é clara e calma ao mesmo tempo, refletindo-se no vento de uma maneira estranha, mais paralela que perpendicular. – E meu nome não é Cole.

– Então estava me seguindo? – pergunto, saindo de cima dele, tentando não deixar que visse que eu estava tremendo.

– Eu a vi sozinha. – Ele se levanta de maneira muito estranha e graciosa, sua capa cinza sobre os ombros. – Queria garantir que estivesse bem.

– Por que não estaria? – pergunto rapidamente. Respiro fundo. – Por que você fugiu?

Espero, mas ele não responde, em vez disso estuda o chão com uma atenção que é claramente uma fuga. Finalmente, diz:

– Mais fácil do que tentar explicar.

A última nuvem desaparece e a luz da lua ilumina o páramo ao nosso redor.

– Você deveria voltar à casa das irmãs. – Olho ao redor para a colina e o grupo de cabanas atrás de nós. Como ele não se move nem fala nada, viro-me para encará-lo.

– Estou falando sério, Cole. Se alguém o vir aqui...

– *Você* me viu aqui.

– Certo, mas não acho que você raptou Edgar. Outras pessoas acham que sim. Você entende, estava na vila, perto da casa de Edgar, na noite seguinte à sua desapareição. Dá para ver como isso parece suspeito.

– Você também estava.

– Mas sou daqui. Sou uma rastreadora. Meu pai também era. O que é você? – Eu estremeço quando percebo como minha voz soa dura.

– Quando entendi o que você estava fazendo, achei que poderia ajudar – ele diz, e é quase um sussurro. Fico espantada por poder ouvi-lo por cima do vento.

– Como?

Suas sobrancelhas escuras se levantam.

– Tenho bons olhos. Pensei que poderia encontrar algo. Uma pista ou algum traço.

– Ou esconder algo? – Sei como isso soa, mas são as perguntas que meu tio vai fazer. As acusações que ele faria se encontrasse o estranho na parte oeste da cidade, à noite.

– Você sabe que não é assim – ele fala, e parece frustrado. – Não fiz nada errado.

Suspiro.

– Desculpe, Cole – Olho para a lua, impressionada como ela viajou pelo céu. Ao nosso redor, a noite está ficando mais amarga e minha cabeça parece turva e cansada. Estou perdendo tempo. – Preciso ir.

Dou um passo na direção das casas, minhas mãos ainda tremem bastante pela caçada e a escuridão penetrante. Cole parece dividido sobre o que fazer, seu corpo se virando para um lado, sua cabeça para outro. A lua emite luz suficiente para fazer sua pele brilhar. Com o rosto pálido, os olhos escuros e a boca triste, ele parece ser preto e branco, como o mundo à noite.

Começo a me afastar quando ele fala.

– Lexi, espere – diz, segurando meu punho. Parece reconsiderar e se afasta, mas seus dedos tocam meu braço. Ele me pega desprevenida. – Talvez eu possa ajudar, se você permitir.

Eu me viro para ele.

– Como?

– Falei que tenho bons olhos. E acho que encontrei algo. É pouco, mas está ali. Tenho certeza. – Ele estica o braço, gesticulando na direção do grupo de casas do outro lado do gramado.

Hesito. Quando não respondo, ele acrescenta:

– Só venha dar uma olhada.

Concordo. Cole me leva pelo meio do grupo de casas até o oeste, até o campo em que eu estava quando primeiro vi a sombra. A janela de Edgar olha para nós, a luz fraca dentro criando um brilho estranho. Cole caminha comigo até a janela e engulo em seco quando percebo que ele parece não fazer nenhum barulho. Seu pé toca o chão, deixando leves marcas, mas não há nenhum barulho de folhas ou grama seca debaixo dos sapatos. Meu pai ficaria impressionado.

Quando quase chegamos à casa, ele se vira, olhando para o chão da mesma maneira que fiz antes.

– Já olhei aqui – falei.

– Eu sei – ele diz, gesticulando para os arbustos e a grama alta. – Está fraco. Consegue ver?

Eu aperto os olhos, tentando encontrar o objeto, a pista.

– Não tente tão forte – ele diz. – Olhe o quadro geral. – Ele parece o meu pai, quieto, paciente. Tento relaxar os olhos, me afasto e olho para o campo em geral. Quase perco a respiração.

– Está vendo?

Estou. É sutil e estou tão em consonância com detalhes que nunca tinha visto. O campo. Ele ondula. Não há passos, nenhum traço na terra, mas o mato e os arbustos se inclinam um pouquinho, como se alguém caminhasse sobre eles. Como se o vento tivesse soprado e eles não tivessem tido tempo suficiente para voltar a se endireitar. Uma faixa estreita do mato se inclina como um caminho.

– Mas como? – pergunto meio para mim mesma, olhando para Cole. Ele franze a testa, balançando levemente a cabeça. Olho de volta para os traços. Não entendo. Mas é *algo*. O caminho feito pelo vento aponta para o norte. Eu me afasto da casa de Edgar e começo a seguir pelo campo.

– Não vá – fala Cole. – Não deveria ir sozinha.

– Por que não? Por que sou uma garota?

– Não – ele diz com uma expressão misteriosa. – Ninguém deveria andar por aqui sozinho. – E depois da estranha escuridão e do vento que me deixou tonta, começo a acreditar que ele está certo.

– Então é melhor vir comigo – digo, dando uns passos à frente.

Ele fica atrás de mim, movendo-se para a frente e para trás, e por um momento parece que não vai me seguir. Muda de ideia no último minuto, porém, e me segue. Continuamos pelo caminho quase invisível, a estrada formada pelo vento. Parece impossível que ela possa me levar a Edgar, já que não há nenhum sinal de seu pequeno pé. Então, de novo, parece impossível que o caminho possa estar ali.

A lua brilha forte e o páramo não parece tão assustador agora. Eu me dou várias broncas por ter ficado com tanto medo. O vento morre e o silêncio cai sobre nós. De vez em quando corto o silêncio com uma pergunta – *De onde você veio, como é esse*

lugar? O que o trouxe a Near? Onde está sua família? – mas ele nunca responde. Estou começando a me acostumar com seu silêncio, mas Cole é tão absurdamente silencioso – passos silenciosos, movimentos silenciosos – que sinto que ele poderia desaparecer, então falo de mim, esperando que isso talvez gere algo mais que um olhar dele.

– Minha mãe faz pães – digo. – Ela assa toda manhã e eu entrego os pães pela vila. É por isso que conheço o caminho mais curto para todas as casas. É por isso que ando pela estrada à noite. Já andei por aqui mil vezes.

Olho para Cole, que também me encara, surpreendentemente interessado no que estou falando. Continuo.

– Minha irmãzinha, Wren, fez cinco anos esta primavera. Ela tem um jardim... – Falo o que vem à mente, as palavras saindo com facilidade.

A trilha desaparece de vez em quando na nossa frente, onde o mato está baixo ou o chão está descoberto, mas sempre reaparecendo. Ela nos leva à parte norte de Near, e eu paro quando vejo a casa de meu tio. Cole para ao meu lado, seguindo meu olhar para a casa escura.

– Near é como um círculo – digo baixinho, procurando sinais da patrulha ou do próprio Otto. – Ou um compasso. Minha família vive na parte norte, as irmãs moram na parte leste.

– Por que você vive tão longe do centro? – pergunta Cole, e eu preciso evitar um sorriso por ele ter voltado a falar. Não é um sussurro, mas sua voz se mistura perfeitamente com o vento leve, doce e clara.

– Dizem que somente caçadores e bruxas vivem tão longe.

Cole fica tenso, quase imperceptivelmente, ao meu lado.

– E qual dos dois é você? – ele pergunta, com uma fraca tentativa de sorrir. Eu me pergunto se as bruxas são ruins de onde ele vem e quase pergunto, mas não quero silenciá-lo agora que finalmente está se dispondo a falar.

– Meu pai era um caçador – digo. – E um rastreador. Não há muita necessidade de caçar hoje em dia, já que algumas famílias criam animais, mas nossa família sempre caçou, então vivemos na saída da cidade. Meu pai está morto agora. Meu tio vive bem ao nosso lado, bem ali – acrescento, apontando para sua cabana, onde as janelas estão finalmente escuras. – Ele é açougueiro. E as irmãs, bem... – Não termino a sentença. Parece errado chamar Magda e Dreska de bruxas, se elas não

contaram nada a ele. Não quero assustá-lo. E, além disso, não cabe a mim. Cole parece contente em deixar a conversa morrer.

– Por ali – ele fala, gesticulando para o lugar onde o mato está mais alto e o caminho reaparece, passando pelas casas e indo para o leste. Através da escuridão, além das árvores e subindo a colina, vivem as irmãs. Dou uma olhada para minha casa, as persianas do quarto ainda bem fechadas, e continuamos.

O caminho feito pelo vento corre paralelo ao velho caminho de terra que se dirige à parte leste e à casa das irmãs, e eu o sigo de memória no escuro da noite. O caminho se torna mais fraco, apesar de o mato estar mais alto, e continuamos em silêncio.

Paro um momento, encostando-me contra uma rocha. O mundo parece um sonho.

– Você está cansada – ele fala.

Dou de ombros, mas descanso mais um pouco.

– Estou bem – digo, ficando ereta. – Conte-me uma história. – Bocejo enquanto continuamos a caminhar pela estradinha estreita, o caminho de vento sempre à nossa esquerda. – Vai me ajudar a ficar acordada.

Não quero qualquer história, quero a dele. Quero saber do mundo além de Near, de que forma falam e quais histórias contam, e por que ele está aqui, com sua capa cinza, e por que quase não fala.

– Não sei nenhuma – ele diz. Olha para as árvores ao longe, envolvidas nas sombras.

– Invente uma – digo, olhando para trás, para o mundo azul-escuro atrás de nós. Cole também olha para trás, franzindo a testa como se visse algo diferente, mais problemático ou vivo que a simples paisagem, mas não diz nada, parece ficar mais magro.

– Certo – digo finalmente. – Eu começo. Algo em especial?

O silêncio é tão longo que acho que ele não me ouviu. O vento murmura ao nosso redor. Finalmente ele fala.

– Conte-me sobre a Bruxa de Near.

Levanto as sobrancelhas.

– Onde você ouviu falar disso?

– As irmãs – diz. As palavras não saem com facilidade, como se ele as estivesse testando. Fico imaginando se ele está mentindo.

– Você acredita em bruxas, Cole?

Seus olhos se encontram com os meus e por um momento ele parece perfeitamente sólido.

– De onde eu vim, as bruxas são bem reais – diz. Há uma estranha amargura em sua voz. *De onde eu vim*. Agarro-me a estas palavras, a primeira dica. – Mas não sei como é aqui.

– Near também conhece bruxas. Ou, pelo menos, conhecia.

– Como assim?

Recomeço a andar. Cole me segue.

– As pessoas sabem, mas tentam esquecer – digo, balançando a cabeça. – Elas veem bruxas como histórias de medo, como monstros. Quando meu pai estava vivo, as coisas eram melhores. Ele acreditava que as bruxas eram abençoadas. Estão mais perto da natureza do que qualquer ser humano, porque é parte delas. Mas a maioria das pessoas acha que as bruxas são amaldiçoadas.

– As irmãs também? – ele pergunta lentamente, e dou um sorriso triste. Então ele sabe mais do que conta.

– Se você perguntar se elas são bruxas, simplesmente vão se virar, piscar ou fazer algum comentário ácido. Devem ter sido poderosas, antes. Mas elas secaram. Ou tentaram.

Olho para Cole.

– Bruxas estão conectadas com o páramo. Acho que meu pai queria ter esta conexão, também. E ele chegou mais perto que a maioria, mas o fato de não conseguir fez com que respeitasse ainda mais as bruxas.

Cole parece ainda mais pálido, se isto é possível. O vento está aumentando.

– E a Bruxa de Near?

– Ela é a razão, acho, pela qual as pessoas aqui estão da maneira que estão. Ou é o que dizem. Ela morreu há muito tempo. Agora tudo parece mais uma lenda do que uma história, para ser honesta. Como um conto de fadas.

– Mas você acredita, não é? – ele pergunta.

– Acredito. – Percebo, só depois que falei, que é verdade. – Pelo menos o que é central na história.

Ele espera.

– Certo – digo, sentindo sua curiosidade. – Vou contar a história da forma que meu pai me contou.

Minha voz fica mais baixa e doce enquanto toco a faca de caça de meu pai. Ainda é perigosamente afiada. Deixo meus dedos deslizarem pelas impressões no cabo enquanto imagino a escrita na página no livro dele, em minha cabeça vem a lembrança de sua voz baixa e doce. Respiro fundo, deixo sair o ar como ele sempre fazia quando ia contar uma história, e começo.



– **HÁ MUITO, MUITO TEMPO, A BRUXA DE NEAR VIVIA EM UMA** pequena casa na parte mais distante da vila. Ela era muito velha e muito jovem, dependendo da forma que virava sua cabeça, pois ninguém sabe a idade das bruxas. Os riachos do páramo eram seu sangue e o mato era sua pele, e seu sorriso era doce e azedo ao mesmo tempo, como a lua no páramo nas noites muito escuras. A Bruxa de Near sabia como falar ao mundo em sua língua e às vezes você não sabia se o som que ouvia por baixo da sua porta era o uivo do vento ou a Bruxa de Near cantando para as colinas dormirem. Tudo parecia o mesmo...

Minhas palavras desapareceram quando nos aproximamos das árvores. Cole olha para cima e espera que eu continue.

Mas algo chama minha atenção e praguejo baixinho. Pouco antes de chegarmos ao conjunto de árvores, o estranho caminho, feito pelo vento que estivemos seguindo desaparece. De repente, o mato retoma seu caos normal e vira para vários lugares diferentes. De repente, a trilha desaparece. Saio correndo debaixo do céu escuro, tropeçando em raízes e galhos caídos, arranhando meu vestido. Na ponta do bosque paro tão de repente que Cole quase me atropela.

Olho para a noite, meu coração se afundando. O caminho feito pelo vento não continua em lugar nenhum. Espero, focando e desfocando meus olhos, esperando conseguir ver algo. Finalmente, eu me viro para Cole.

– Você consegue? – pergunto para a colina acima. Ele passa por mim, franze a testa e balança a cabeça.

– Talvez no alto da colina possamos encontrar. Há muita sombra deste lado.

E ele está certo. A lua está ficando mais baixa, jogando sombras sobre o mundo. Na nossa frente, a colina faz uma curva para cima. Para os dois lados, o chão se estira pelos campos.

Pego umas poucas sementes do bolso e as deixo sobre minha palma aberta na brisa, que está ficando mais forte.

– O que você está fazendo? – ele pergunta e posso ouvir que está espantado. É um som maravilhoso. Ele põe seus dedos nos meus braços esticados, abaixando minhas mãos. A maneira que me toca é como se ele pensasse que vou quebrar ou que vou machucá-lo. Tão rápido quanto me toca, ele afasta a mão e fico me perguntando se seus dedos realmente tocaram minha pele ou se só chegaram perto o suficiente para eu imaginar que tocaram.

– O vento no páramo é cheio de truques – sussurro, meio para mim mesma. – Mas estou pedindo que nos ajude.

Cole se afasta, enfia as mãos dentro da capa e fica olhando, os olhos desaparecendo debaixo do cabelo. Estou a ponto de explicar que é uma brincadeira, um jogo bobo que faço desde que era pequena e via meu pai fazendo isso, quando de repente o vento rouba as sementes e as espalha como migalhas de pão pelo caminho à nossa frente.

– A-há! – digo triunfante, seguindo o caminho das sementes. – Está vendo?

– Estou – diz Cole.

Mas a brisa que chamei está crescendo. Carrega as sementes girando por todas as direções para o fundo da noite e então começa a vangloriar-se e a puxar minhas mangas. Cole segura meu braço e o vento diminui aos poucos, até morrer.

– Cuidado com o que pede ao vento – ele diz. Vira a cabeça rapidamente, olhando para as árvores de onde viemos.

– O que foi?

– Devemos ir andando. – Ele começa a subir a colina em direção à casa das irmãs.

– Viu algo? – pergunto, procurando na escuridão. Tento olhar o mundo através dos olhos dele, mas tudo que consigo ver atrás de nós é a noite azul-escura.

– Acho que sim – ele fala. No meio da subida, ele sai do caminho e vai até o muro baixo de pedras que está bem ao sul da casa das irmãs. Fico olhando para o caminho pelo qual viemos, mas ainda não vejo nada fora do lugar.

– Termine a história – ele diz – sobre a Bruxa de Near. – Não tinha terminado, não é?

Eu aceito e o sigo.

– A Bruxa de Near era uma bruxa do páramo. Dizem que é o tipo de bruxa mais forte que existe, que é preciso ter nascido de duas bruxas, em vez de uma bruxa e um humano, e, mesmo assim, nunca se sabe. Ela conseguia manipular qualquer um dos elementos em vez de apenas um. Dizem que a bruxa era tão forte que a própria terra se movia sob seu comando, que os rios mudavam de curso, que as tempestades explodiam e que os ventos ganhavam forma. Que o chão e tudo o que crescia nele, tudo que era alimentado e mantido e feito por ele, as árvores e as pedras e até os animais, tudo isso se movia por ela. Dizem que ela mantinha um jardim e uma dúzia de corvos, e que o jardim nunca definhava, os corvos nunca ficavam velhos ou voavam. A Bruxa de Near vivia na faixa entre Near e o páramo, entre os humanos e o mundo selvagem. Era parte de tudo e nada... – Minha voz vai morrendo e meus olhos se abrem.

No alto da colina, entre a casa das irmãs e o muro baixo de pedras, consigo ver um pano branco. Em um instante eu corro até lá, esquecendo tudo, menos o tecido emaranhado em um arbusto. Paro ao lado de uma meia de criança, procurando no chão por qualquer outro sinal. Cole aparece ao meu lado.

Eu me ajoelho em frente ao arbusto. A meia tinha sido rasgada e virada, assim a sola estava para o alto, como se o usuário tivesse pisado em algo e machucado os dedos, como se tivesse arrancado a meia e a deixado para trás. Mas não era a parte mais estranha. A sola da meia estava branca, perfeitamente limpa. Como se o pé nunca tivesse tocado o chão. Franzo a testa e tiro a meia do arbusto, virando-a. Gravadas ao redor da borda estão duas pequenas letras, *E* e *D*. Edgar Drake. Sua mãe, a costureira, sempre marca suas roupas desta forma. Dobro cuidadosamente a meia e a enfio em meu bolso.

Ao redor do arbusto, a terra está em desordem como sempre, mas não há sinais de sapatos humanos. Novamente, nenhuma pista. Olho para Cole.

– Não faz sentido – murmuro. – Onde está o resto dele?

Cole franze a testa, olhando desfocado para o páramo, que se desenrola infinito à nossa frente. Ele parece triste, mas não surpreso. Balanço a cabeça e me levanto. Olho o chão, esperando encontrar evidências do caminho feito pelo vento.

Dali até o alto da colina só consigo encontrar a ondulação estranha no mato, levando das árvores até o ponto onde estamos. Olho para a frente de novo, passando pelo caminho de arbustos, até o páramo iluminado pela lua. O caminho criado pelo vento desce pela colina além da casa das irmãs, mas se espalha quando chega à base, ampliando-se até cobrir toda a ladeira. E, quando cobre tudo, é como se não houvesse nenhum caminho, a massa de mato fica confusa, as urzes e as amoras silvestres todas de lado. Fecho os olhos, tentando focar, mas minha cabeça parece cansada, lenta.

Ouçó um barulho forte cortando a noite e volto minha atenção para Cole, a colina e o som de homens, lembrando-me no ato da ameaça de meu tio, sua patrulha com faixas amarelas, o homem na porta com a arma. Da ponta do bosque abaixo ouço passos. Pesados e descuidados. Botas esmagam gravetos em algum lugar no meio das árvores, e então os homens surgem na base da colina, olhando para a casa das irmãs. Prendo a respiração quando Cole e eu nos abaixamos atrás do muro de pedra, apertando-nos na sombra do lado oposto. Duas vozes viajam sobre o páramo, muito mais duras que a de Cole contra o vento doce e constante. Uma é mais velha, rouca, mas a outra é jovem, convencida, e eu a reconheceria em qualquer lugar. Tyler. O homem mais velho deve ser seu pai, o sr. Ward. Cole e eu nos agachamos atrás do muro de pedra enquanto os passos se aproximam, subindo a colina. Xingo baixinho. Se a patrulha me pegar e não atirar primeiro, será o inferno. Mas e se eles tropeçarem no estranho aqui, sem a presença e a proteção das irmãs, o que vão fazer com ele? Prendê-lo? Nunca os vi prendendo alguém, apesar de já terem ameaçado. Mas nunca tinha visto um estranho antes. Sei que, não importa o que fizerem, se Tyler me pegar com Cole será imensamente pior. Olho de lado, mas as sombras são mais pesadas ali e não consigo ver Cole, embora ele só possa estar a um ou dois passos de distância. Imagino, no entanto, que consigo ouvir seu coração, lento, constante e pulsando. Então percebo que não é ele, nem eu. É o vento.

O vento está começando a subir e descer, a mover-se em curtas pulsações sobre o páramo, movendo o mato em ondas e jogando um cobertor de barulho doce sobre tudo. Cole se aproxima um pouco, mas a escuridão contra o muro é tão densa que só consigo ver seu contorno e seus olhos. Deve ser porque sua pele é tão clara que seus olhos parecem ter um halo brilhante, a forma em que eu os vi naquela primeira noite no páramo. Esfrego meus olhos, cansados de procurar toda a noite somente com a

lua para iluminar. Há um buraco no muro onde pedras caíram com o tempo e dou uma espiada. Tyler e seu pai caminham até o espaço entre a cabana e o muro, como se estivessem dispostos a se aproximar muito. Finalmente, eles param a uns poucos metros na nossa frente, olhando para o páramo, tomado pela lua, ao leste de Near.

– Isso é inútil – fala Tyler. – Não consigo ouvir nada com este vento.

– Duvido que haja algo para ouvir ou ver – diz seu pai. – Mas agora podemos falar a Otto que procuramos até o limite do lado leste.

Tyler chuta um tufo de mato.

– Como se tivesse feito alguma diferença.

Meus dedos estão espalhados contra o muro e minha mão toca um grupo de pedras soltas. Elas caem livres, chocando-se umas contra as outras até chegarem ao chão. Seguro a respiração, mas o vento engole a primeira metade do som e o mato engole a segunda. O sr. Ward já se virou e está indo embora, mas Tyler para no meio do caminho e olha por cima do seu ombro.

Impossível. Eu quase não consegui ouvir as pedras caindo. Cole fecha os olhos, sua respiração ainda cuidadosa e calma. A batida do vento do páramo aumenta ao nosso redor e eu silenciosamente oro para que Tyler se vire e vá embora. Naquele momento, Cole parece mais magro, como se estivesse desaparecendo. Minha mão desliza pelo chão até a dele, juntando nossos dedos, minha pele precisando da segurança de que ele ainda esteja ali. Dou um pequeno apertão e ele me responde, por um momento somos como as irmãs, falando sem palavras. É como se estivesse orando comigo para nos manter escondidos.

Tyler hesita um momento mais, os olhos passeando pelo muro. Não, não pelo muro, percebo, mas pelo ar acima dele. Olho para cima e vejo um bater de asas negras. Um corvo para em cima do muro, olhando para nós com um brilho nos olhos, mesmo no escuro. Olhando pelo buraco no muro, vejo Tyler levantar seu rifle e apontar para o pássaro.

– Pare de ficar brincando – fala o sr. Ward da base da colina. Com o som bravo da voz do homem, o corvo sai voando, de volta para a escuridão. Tyler abaixa sua arma, dando uma última olhada para o muro, mas Cole e eu estamos bem escondidos atrás das nossas pedras. Finalmente, Tyler bufá e corre para alcançar seu pai.

Cole e eu soltamos o ar juntos. Lentamente, o vento ao nosso redor começa a morrer, voltando a ser a gentil brisa de antes. A mão de Cole junto à minha parece

diferente, forte e sólida. Mas minha cabeça está girando e acho que na última hora ela esteve brincando com meus sentidos.

Cole olha para minha mão na dele como se fosse um objeto estranho, como se não soubesse como os nossos dedos acabaram misturados. Ele me solta. Quando meus olhos se encontram com os dele, está distante e fechado de novo. Ficamos sentados ali no chão frio, as costas pressionadas contra o muro de pedras pontudas, meio escondidos um do outro pelas sombras. Há uma luz doce se espalhando pelo céu, um brilho tão fraco que, se não estivéssemos na parte mais escura da noite, eu não teria notado. A manhã é uma caçadora furtiva, meu pai costumava dizer. Aparece em silêncio e rápida sobre a noite e a domina.

– Preciso ir para casa – digo, tirando as folhas da minha capa. – Amanhã é a sua vez.

– De quê? – pergunta Cole, levantando-se ao meu lado, com as mãos para cima, como se ainda não pertencessem a ele.

– De me contar uma história.



NÃO ME LEMBRO DETER DORMIDO.

Subi pela janela quando a manhã estava nascendo, minha mente um ninho de perguntas, e agora de algum modo já era de manhã. Eu me viro e Wren está ali ao meu lado, os joelhos dobrados e a cabeça abaixada, o talismã de Dreska ainda amarrado ao redor do punho. Ela treme e se enrola ainda mais. Eu às vezes esqueço que ela é pequena.

Um momento depois, seus olhos se abrem, profundos e azuis. Ela não está completamente acordada quando franze muito a testa e se senta. Seu olhar vai direto para a janela.

– O que foi? – pergunto, minha garganta grossa pelo sono.

Minha irmã começa a puxar um fio sobre a velha colcha, os olhos ainda olhando para a janela. Wren não é quieta, então vê-la com a boca fechada é estranho. Ela começa a murmurar aquela tonta musiquinha, mas só canta uns pedaços para si mesma, pulando as palavras centrais, e assim o som sai fracionado.

– Você está bem? – pergunto, sentando-me. Passo as mãos pelo meu cabelo, tentando desembaraçá-lo.

Ela me olha, mas não para de cantarolar.

– Está preocupada com Edgar? – pergunto. – Vão encontrá-lo.

Seus dedos continuam puxando o fio solto até que a melodia finalmente termina. Então, ela fala:

– Queria que parassem de brincar.

– Brincar? Você acha que é um jogo?

Ela assente muito séria.

– Eles me chamaram para brincar também, mas eu falei não. Não tenho medo – ela acrescenta rapidamente –, mas é que eles vieram muito tarde.

– Como assim, *eles*, Wren?

– Ed e Cece.

– Cecília? – perguntei, o nome pegando em minha garganta. Cecília Porter. A garota que tinha segurado a mão de Wren na brincadeira de roda, a que tinha o rosto cheio de sardas e cachos ruivos.

Wren se inclina para a frente de forma exagerada como fazem as crianças quando contam um segredo.

– Eu os ouvi, aí fora. – Ela aponta para o mundo do outro lado da janela, cheia de luz da manhã.

– Quando você os ouviu? Ontem à noite?

Ela confirmou.

– Tem certeza de que não sonhou?

Wren balança a cabeça, focando novamente a janela.

– Viu algo lá fora?

– Não, estava muito escuro.

Lembro do vento noturno e a maneira que ele se enrolava em quase vozes.

– Tem certeza de que ouviu a voz de Cecília também?

Wren assente.

– Sei que sim. – Além do nosso quarto, os sons começam a se espalhar pela casa. O tom brusco de meu tio. A fala arrastada de Bo. As palavras constantes e lentas de minha mãe. Mas as vozes são todas tensas, perturbadas, cada uma com seu jeito. Eu engulo em seco, sabendo a razão antes mesmo de ouvir o nome da criança. Quando visto minhas roupas e me junto ao grupo na cozinha, a conversa está acabando.

– ... novamente.

– ... falado com Maria ou Peter?

– ... Alan não viu nada.

– ... faria algo assim?

– O que aconteceu? – pergunto, sentando-me em uma cadeira. Mas eu já sei. Meu coração se afunda quando minha mãe diz:

– Cecília.

– Foi levada – resmunga Otto.

– Ou fugiu – diz Bo, pondo um cotovelo sobre a pia.

– Desapareceu – sussurra minha mãe.

– Ninguém sabe.

Meu peito fica apertado. Wren sabia. Ouço passos na porta, pesados e fortes, e momentos depois Tyler entra na cozinha.

– Otto – ele fala –, os homens já estão aqui. – Percebo que ele é cuidadoso em não dizer *onde* ou o que planejam fazer. Mas vou descobrir. Preciso. Meu tio faz um movimento de cabeça e coloca a caneca na mesa.

Os olhos de Tyler se encontram com os meus e ele levanta o queixo. Sei que está orgulhoso por ser considerado um dos homens. Ele cruza a cozinha vindo até perto de mim, pegando minha mão e a beijando, sabendo que vou aguentar na frente de meu tio. Posso sentir o peso dos olhos de Otto enquanto Tyler saboreia o momento. Eu fico rígida, esperando que ele me solte, mas sua mão continua me segurando.

– Prometo, Lexi – ele fala, a boca uma linha forte, suas sobrancelhas apropriadamente unidas –, vamos parar esse ladrão antes que mais alguém saia ferido.

Sim, *vamos*, penso, mantendo uma máscara de calma. Mas não confio em mim mesma, então só concordo e libero meus dedos. Espero que eles partam, já imaginando um caminho até a casa de Cecília. Terei de ser rápida. Não posso deixar que pisem nas poucas pistas que há para encontrar.

Tyler se vira para Otto, espera por suas ordens. Meu tio olha para nós.

– Tyler, você vai ficar aqui, com Lexi.

– O quê? – Nós dois falamos ao mesmo tempo. Não. Não posso perder um dia.

– Mas, Otto... – começa Tyler.

– Você vai ficar aqui, Tyler. – Ele se vira para mim. – Assim como você. Juntos.

– Se nos quer juntos, então deixe-nos sair para ajudar na busca – insisto.

– Volte para a cidade – meu tio fala para Bo. – Vou logo depois. – Bo mexe em sua arma e desaparece.

Tyler se senta na mesa, os braços cruzados.

A arma de Otto está encostada no canto, e ele a pega sem falar nenhuma outra palavra. Quando passa por minha mãe, ele dá um fraco apertado em sua mão. Talvez queira dizer *não se preocupe* ou *vou resolver isso*, mas minha mãe só inclina a cabeça sobre seu trabalho. Quando ele passa por mim, toco a manga de meu tio.

– Por favor – digo, tentando evitar a raiva em minha voz, tentando parecer calma –, deixe-me ajudá-lo na busca. Você falou...

Otto olha para mim e por um momento cai sua máscara, revelando cansaço e tensão.

– Eu disse *vamos ver* e decidi que não é uma boa ideia. Você está mais segura aqui.
– Olho para Tyler. Isso depende da definição de segurança de meu tio.

– Quero ajudar. – Eu me pergunto se a estranha trilha de vento estará ao lado da casa de Cecília também. Para onde ela levará? – Eu *posso* ajudar.

Sua mão livre se fecha em meu ombro.

– Se quer ajudar, então cuide de sua mãe e de sua irmã. Não posso me dar ao luxo de me preocupar com você ou Wren agora. Então fique aqui até descobrirmos o que está acontecendo, certo? – Ele se afasta e a máscara volta a esconder seu rosto, as linhas duras que estão começando a parecer mais como rachaduras.

– Por favor, Lexi – ele diz quando sai da cozinha. – Fique aqui.

Sigo Otto até a porta da frente e vejo-o desaparecer da vista, engolido pelas colinas que estão entre nós e a vila.

– Desculpe, tio – digo para a sombra ao longe. – Não posso.

Dedos descansam em meus ombros. Tyler beija o meu cabelo.

Eu me viro para ele, surpresa por vê-lo tão frustrado quanto eu.

– Deixe-me perguntar – ele diz, olhando sobre minha cabeça para o caminho que Otto pegou. – Por que você acha que ele nos fez ficar?

– Como poderia saber, Tyler? Talvez porque sou uma garota e ele acha que sou muito fraca para ajudar ou fazer qualquer coisa, para falar a verdade.

– Ele não acha que você é fraca... nem eu. – Ele abaixa a cabeça até nossas testas quase se tocarem. – Otto acha que você está indo ver o estranho. É por isso que está sempre fugindo.

– Por que ele...

– E eu acho – ele sussurra – que é verdade.

– E por que eu faria isso? – Eu o empurro e saio pelo corredor. Tyler me segue.

– Ele é perigoso, Lexi.

– Você não sabe – digo muito rápida, acrescentando –, nem eu.

Tyler segura meu braço, empurrando-me contra a parede.

– Quando você o viu?

Ele me segura pelos ombros.

– Isso não tem nada a ver com o estranho – digo devagar. – Tem a ver com Cecília e Edgar.

– Como você sabe que eles não estão conectados?

– Não sei – respondo. – E eu *ia* sair hoje...

– Para vê-lo?

– Não! – Empurro seu peito, mas ele não se move. – Para procurar pistas, rastrear, *algo* que poderia nos levar às crianças!

Ele me aperta, seu peso me forçando contra a parede.

– Não *mint*a para mim!

– Tyler Ward. – A voz da minha mãe se enfia entre nós. Ela está parada na porta da cozinha, suja de farinha, os olhos calmos e azuis.

Tyler e eu ficamos congelados, a presença da minha mãe nos ensopando como se fosse água.

Finalmente, ele endireita os ombros e passa uma das mãos pelo cabelo.

– Sim, sra. Harris?

– Preciso de um pouco mais de lenha para o forno. – Ela gesticula para o jardim. – Poderia?

Tyler olha para mim por um longo momento, antes de sorrir.

– Claro que sim. – Ele sai, fechando a porta da frente atrás de si.

Eu desencosto da parede. Minha mãe volta para a cozinha.

Olho para a porta fechada por bastante tempo antes de ter os pensamentos claros e perceber o que minha mãe me deu. Uma chance. Respiro fundo e a sigo até a cozinha, pronta para convencê-la, e a encontro acrescentando gravetos ao fogo, uma boa pilha de madeira ao lado do forno. Seus olhos se encontram com os meus. E não estão vazios. Ela limpa as mãos no avental, aponta para a janela aberta da cozinha e só diz uma palavra.

Uma palavra precisa e perfeita.

– Anda.



MINHAS BOTAS ESTÃO AMARRADAS E DOU A VOLTA POR TRÁS da casa. Atrás de uma pequena colina, desapareço com segurança do lugar em que Tyler corta madeira no jardim. Minha mente faz o mapa da vila, pondo o norte, o sul, o leste e o oeste, e tudo que existe no meio disso.

Minha mãe poderia aguentar seu luto amassando, mas eu faço isso caminhando, correndo. Movendo-me. Não parei de me mover em três anos.

Quando minhas botas tocam o páramo, penso na música que viaja por essas colinas à noite. Os adultos não parecem notar, ou, se notam, não falam nada. Mas Wren ouve claramente e eu ouço *algo* que desmorona pouco antes que eu possa perceber o que é. Por quê?

Chego à praça da cidade e o lugar está estranhamente quieto. Há dois dias estava cheio de moradores, mas agora não há ninguém, só uma faixa de terra e uns poucos muros baixos.

Quem será o próximo? Paro e tento pensar no jogo de roda. Edgar estava de um lado de Wren, Cecília do outro, e agora os dois desapareceram. Quantos outros estavam brincando? Lembro de um garoto forte, talvez com uns oito anos. Riley Thatcher, perto das gêmeas, Rose e Lilly; o irmão mais velho delas, Ben. Emily Harp estava? É uma menina pequena, da idade de Wren, com tranças escuras. Sua família vive na parte sul de Near, por isso ela e Wren não brincam muito juntas, mas eu me lembro dela porque seus aniversários são perto um do outro. Tento puxar pela memória, mas não consigo reconstruir todo o círculo. Rose e Lilly ainda não completaram quatro anos e o irmão delas é só um ano mais novo que eu. Mas Riley e Emily... será que eles ouviram as vozes dos amigos à noite?

Quem estou esquecendo?

Wren. Uma voz bem baixinho no fundo da minha mente acrescenta minha irmãzinha à lista. Eu me contraio e balanço a cabeça.

O mais importante primeiro. Cecília.



A vila está quieta e as portas estão fechadas.

Consigo ver a casa de Cecília, no meio de um pequeno grupo de casas, logo depois da praça da cidade. Considerando a proximidade das construções, quem levou a garotinha não teve medo de ser pego. Caminho em direção ao amontoado de casas, com a esperança de que existam pistas que os homens não encontraram.

Estou me aproximando quando uma voz familiar surge de uma porta aberta, um daqueles tons que grudam no ouvido, não importa o volume que tenha. Mais baixa que a de Magda, mesmo assim forte o suficiente. Dreska. Quase tropeço. As irmãs quase nunca põem os pés na vila.

Ela parece estar murmurando algo para si mesma, exceto que há outra velha voz respondendo quando uma de suas sentenças termina, é velha mas não tão diferente.

– Eu estava lá – Dreska fala e eu me encolho. As pedras da casa parecem estar mais juntas. – Você não estava, Tomas. Você não era nem um pensamento nas mentes de seus pais e seus pais não eram pensamentos e os pais *deles* não eram pensamentos. Mas *eu* estava lá...

Arrisco uma olhada na porta semiaberta, vejo Dreska se inclinando sobre sua bengala enquanto aponta um dedo retorcido para o peito do Mestre Tomas. Ninguém levanta a voz, muito menos a mão, contra os membros do Conselho, e especialmente contra o Mestre Tomas, o mais velho dos três. Seu cabelo é totalmente branco, sua pele, tão fina quanto a do Mestre Eli. Mas seus olhos são coloridos, algo entre verde e cinza, e sempre estão entrecerrados. Apesar de ser velho, ele é intimidadoramente alto e está sempre ereto, não curvado com a idade como outros. Ele está parado olhando para Dreska.

– Pode ser. – Sua voz é frágil, cansada. – Mas você não sabe...

– Olhe os sinais. – Ela corta. – Está vendo? Eu estou. Você deveria ser o guardião dos segredos e das verdades esquecidas. Como pode não ver... – ela para. A casa treme.

– Eu vejo, Dreska, mas se estava lá para vê-la viva, também estava lá para vê-la morta.

– Eu estava. Fui testemunha dos crimes de seus ancestrais. Vocês forjaram isso... – ela fala com voz esganiçada, mas ele a corta de novo, mexendo o nariz como se estivesse sentindo um cheiro estranho.

A voz dele fica baixa e não consigo ouvir, precisaria me aproximar. A única palavra que consigo ouvir é *bruxa*. E então Dreska solta um suspiro como se jogassem água sobre carvão quente.

– Não me teste, Dreska Thorne... – diz o velho, mais alto. – Uma árvore cresce, apodrece e novas coisas crescem. – Seus olhos pálidos brilham para ela. – Uma árvore não apodrece e depois renasce inteira de novo, com casca e tudo... E você deveria saber...

Mas Dreska se cansa, parece. Ela levanta as mãos, faz um gesto para o homem como se ele tivesse algumas chamas em seus ombros ossudos, e vai embora. Eu corro o mais longe possível da porta e finjo que acabei de chegar. Mas não teria importado nada, poderia ter ficado parada ao lado de Dreska. Ela passa por mim, murmurando sozinha.

– Todos estúpidos – diz para ninguém, chutando uma pedra escura. Ela se afasta das três casas que pertencem ao Conselho e se vira para o leste, onde outro grupo maior de casas se destaca contra o dia cinzento. Dreska usa sua bengala para soltar mais algumas pedras e um par de bons gravetos antes de fazer o esforço de se abaixar para pegá-los e colocar em seu avental sujo. Eu a sigo e fico olhando, imaginando o que estará tramando.

– Gravetos e pedras, Lexi Harris – ela diz de repente, como se isso respondesse tudo.

–Vão quebrar meus ossos? – completo.

– Não, garota tonta, *gravetos e pedras*. Para construir pássaros. – Ela meio que canta com sua voz rouca enquanto continua andando. – Juntos no chão da vila, pregados em cada porta, olhos vigilantes, não deixam o mal se aproximar. – Olha para mim, ainda cambaleando antes de se equilibrar. Está esperando algum reconhecimento, alguma resposta. Quando não digo nada, ela balança a cabeça, abaixando-se para pegar outro graveto da estrada. Ela se vira e me acerta com ele, sorrindo por sua força. Eu esfrego o braço onde ela me acertou.

– Nossa, eu esqueço como as crianças sabem poucas coisas – fala, cutucando-me com a ponta do graveto. – Há muito tempo, muito antes que a “Rima da Bruxa” se tornasse popular, conhecíamos uma dúzia de outras. Quando as pessoas ainda tinham juízo. Quando eu era criança.

Sei que todo mundo deve começar jovem, mas para mim é impossível imaginar Magda e Dreska diferentes do que são agora, enrugadas e velhas. Ou melhor, posso conjurar algo em minha mente, mas o resultado é grotesco, só uns centímetros mais baixa que Dreska e igualmente enrugada, com uma voz tão aguda quanto a de Wren e um sorriso maior, mas sem dentes.

Fecho os olhos, tentando desfazer a imagem. Quando volto a abri-los, Dreska já está longe no caminho que vira para o sul, dando a volta na vila, em direção à sua casa.

– Dreska – digo, diminuindo a distância entre nós. – Wren disse que ouviu as vozes dos amigos chamando-a do páramo. Não consegui ouvi-las, as palavras morrem antes que eu consiga entendê-las, e os adultos parecem não notar nada. – Seus olhos verdes me observam, rígidos, como se me vissem pela primeira vez. – Mas todo mundo deixa uma marca e não há nenhuma. Só posso pensar que alguma coisa os está atraindo, algo... – Quero dizer bruxas. Magia. Mas não consigo dizer isso para ela. Só há duas bruxas em Near e nenhuma delas faria isso.

Espero que Dreska fale algo, qualquer coisa, para continuar de onde parei a sentença, mas ela apenas fica olhando para mim com seus olhos cortantes. Finalmente, ela pisca.

– Você vem? – ela pergunta, virando-se de volta para o caminho, afastando-se das casas. Quando hesito, acrescenta: – Você é jovem e tonta, Lexi Harris, mas não mais que o restante de Near. Talvez até bastante menos. Como seu pai. – Ela franze a testa quando diz isso, como se não estivesse convencida de que ser igual a ele fosse uma coisa boa.

Quero ir com ela, ver Cole de novo, ver como ela transforma o avental cheio de gravetos e pedras em outra coisa, e fazer perguntas que talvez ela finalmente resolvesse responder. Mas preciso terminar isso primeiro.

– Vou mais tarde – digo olhando de volta na direção da casa de Cecília. – Prometo.

Dreska dá de ombros ou acho que é isso que ela faz; poderia estar se ajeitando. Ela parte pelo caminho quase invisível em direção à sua cabana.

No último momento, digo:

– A Bruxa de Near era real – acrescentando mais baixo –, certo? – Mas quando ela não se vira, acho que não me ouviu.

Continuo a andar, quando a ouço responder.

– Claro que era. As histórias sempre nascem de algo real. – E desaparece, engolida pelas colinas.

Eu me viro para a casa de Cecília. Dreska não riu para mim, não desdenhou das minhas perguntas. Sinto como se tivesse ganhado uma chave para uma porta que mais ninguém possui, desde meu pai. “Como seu pai”, ela falou, e essas três palavras me envolvem como uma armadura. Chego à casa, dou uma última olhada procurando sinais de meu tio, antes de bater rapidamente à porta. Momentos depois, ela se abre e eu entro.



A CASA DE CECÍLIA É UM EMARANHADO DE CORPOS.

Minha força recém-descoberta começa a desaparecer quando mãos me guiam para dentro e os corpos se acomodam para criar espaço. A última vez que vi tanta gente em tão pouco espaço foi no velório de meu pai. Até o clima é o mesmo. Muita agitação, movimento e conversa, como se isso pudesse cobrir a preocupação e a dor. E a perda. Agem como se Cecília já estivesse morta. Sinto como se tivesse engolido pedras.

Ao redor da sala, as mulheres estão sussurrando, retorcendo as mãos, com as cabeças baixas.

– Não estão fazendo muito esforço para procurar.

– Por que Otto não conseguiu encontrá-los?

– Primeiro Edgar, agora Cece. Por quanto tempo isso vai continuar?

A mãe de Cecília, a sra. Porter, está sentada na ponta de uma cadeira da cozinha, seus braços magros ao redor dos ombros de outra mulher, enquanto chora em espasmos. Sua amiga a consola. Eu cruzo a sala.

– A janela, a janela. – A sra. Porter repete sem parar. – Estava trancada por dentro e por fora. Como pode ser... – Ela balança a cabeça e continua dessa forma, divagando, repetindo para si mesma, enquanto as mulheres balançam a cabeça ao redor dela. Olho o quarto procurando meu tio, mas ele não está lá. Nenhum homem está, na verdade. Eles devem estar todos procurando. Eu me aproximo, querendo confortá-la, mas sem saber como. Alguém toca meu cotovelo, murmura meu nome. Abro caminho através do mar de mulheres até estar ali, ao lado dela.

– Sra. Porter – digo baixinho, e ela levanta a cabeça. Eu me ajoelho, assim a olho de baixo. Ela volta a olhar para suas mãos, murmurando sobre janelas.

– A senhora notou algo estranho?

Ela balança a cabeça fortemente, os olhos vermelhos. Abre a boca, mas não fala, e penso por um momento que poderia até gritar. A pergunta atrai olhares de toda a sala sobre mim e algumas palavras, como se devesse simplesmente me sentar e chorar como todo mundo.

– Sra. Porter – eu insisto.

– Já contei para eles – ela diz, a cabeça ainda indo de um lado para o outro. – A janela. A gente a mantém trancada. Cece... – Ela reprime um choro. – Ela gosta de andar, então colocamos dois trincos na janela, um dentro e outro fora. Eu os travei. Sei que fiz. Mas esta manhã os dois estavam abertos.

Franzo a testa.

– Cecília falou algo ontem à noite... algo diferente?

– Não, nada – ela sussurra, a voz rouca, fraca. – Ela parecia alegre, cantando e brincando.

Sinto um calafrio.

– Cantando? Conhecia a música?

Ela dá de ombros.

– Conhece as crianças, sempre cantando algo...

– Tente se lembrar – pressiono. Seus olhos ainda estão fixos na parede do outro lado da sala.

Ela engole e começa a murmurar uma música baixinho, cheia de notas quebradas e pausas estranhas, mas eu a conheço. Sinto um calafrio quando sua voz para. Meus dedos estão apertando a palma da mão, quando abro tenho pequenas marcas na pele.

– Há algo mais que a senhora poderia me contar? Qualquer coisa...

– Chega, Lexi – avisa uma das mulheres e percebo que a canção da sra. Porter se transformou em um choro silencioso. De repente, há vários pares de olhos me encarando. Eu ponho minhas mãos sobre as da sra. Porter, dou um pequeno apertão e sussurro um pedido de desculpas enquanto me levanto. Meus olhos passeiam pela sala, tentando encontrar algo, qualquer coisa.

Uma porta leva ao corredor e de repente só quero ir para lá, naquele espaço vazio, longe destas mulheres.

A forma encurvada da sra. Porter me lembra muito minha mãe, encurvada sobre a cama de meu pai e depois sobre a massa do pão, em um luto silencioso enquanto a vila se espalhava por nossa casa. Um emaranhado de braços e pernas, abraços e beijos, mexidas no cabelo, o baixo murmúrio das orações, o gentil apertar de dedos. Deslizo pelo corredor na direção do quarto de Cecília, giro a maçaneta e entro.

As cobertas foram puxadas. Há um tapete atrás da cama, um canto marcado como se um pequeno par de pés tivesse deslizado pelo chão, ainda dormindo.

E ali a janela, agora fechada. Passo os dedos sobre o trinco interno. Há um igual do outro lado. O trinco externo ainda está aberto, mas o de dentro foi trancado de novo. Empurro a barra de metal de lado e o trinco se abre. Testo o marco com os dedos, mas a madeira é velha, dura. Duvido que uma criança de seis anos poderia movê-la. Puxo e a madeira desliza uns trinta centímetros com um barulho forte, forçando-me a olhar para trás. Além da janela está o chão com mato e os únicos sinais diferentes são umas poucas pisadas a alguns metros de distância, onde as botas dos homens pressionaram o mato. Não há sinais de queda ou de pulo, nenhum lugar bem ao lado da janela em que um pé tenha tocado o solo. Nenhuma marca. Estou a ponto de me virar quando me lembro de Cole e do caminho feito pelo vento.

No começo não vejo nada, a não ser alguns telhados à distância. E então, lentamente, o mundo vai mudando, algumas formas se reacomodam, outras ganham proeminência. Aparece uma sombra, mais longa do que deveria ser, pois o sol está alto. Quase parece como se o mato emaranhado estivesse encurvado, arqueado, da forma que estava na casa de Edgar. Eu junto meu vestido e levanto o pé até o peitoril, preparando-me para pular.

– Expulse-o da cidade.

Volto correndo para dentro do quarto, me encostando na parede ao lado da janela. Respiro tão rapidamente que quase me sufoco. Meu tio e vários outros homens deram a volta na casa de Cecília, resmungando, e param bem do outro lado da janela.

– E deixar que escape?

– Arriscar que ele volte? Não. – A voz corta o ar fresco, resmungona e baixa. Otto. Meus dedos agarram a fina cortina ao lado da janela.

– Eric diz que o viu perto daqui no meio da noite – acrescenta o sr. Ward. – Diz que tem certeza. – Eric Porter. Pai da Cecília.

– A que horas? – pergunta Otto.

– Tarde. Eric diz que não conseguia dormir, estava parado na varanda e jura que viu aquele garoto espreitando.

Mentira. Deve ser. Cole disse que me viu e decidiu me seguir. Ele nunca teria vindo para esses lados. E não viemos para cá juntos. Meus dedos apertam o tecido até minhas juntas ficarem brancas. O medo deve estar criando fantasmas.

– É toda a evidência que você tem? – responde Bo, com um ar de desinteresse. Consigo imaginá-lo dando de ombros enquanto limpa a sujeira das unhas com a faca de caça.

– Ele é estranho – cospe Tyler, e lembro de seu rosto no corredor, o orgulho ferido e algo pior.

Tyler. Se ele está aqui, então Otto sabe que não estou em casa. Engulo em seco e me encosto ainda mais na parede ao lado da janela. É melhor aproveitar o dia.

– O que mais precisamos? – acrescenta Tyler.

– Infelizmente, garoto – une-se um velho, parecendo cansado, mas paciente –, um pouco mais que isso. – Conheço a voz. Lenta e equilibrada. O terceiro membro do Conselho, o Mestre Matthew.

– Mas não foi tudo o que Eric falou – continua o sr. Ward. – Ele disse que estava olhando o estranho, bem de perto, e que em um momento ele estava ali e no seguinte simplesmente tinha sumido.

Meu coração fica pesado quando me lembro daquela primeira noite em que vi Cole. Lembro-me de ouvir o som das persianas se fechando.

– O que você quer dizer? – resmungou Otto.

– Desapareceu. Bem na frente dos olhos dele.

– Não percebeu que não há pistas, Otto? Nenhum rastro? Talvez isso tenha a ver com aquilo.

– Ele está envolvido.

– Precisamos nos livrar dele.

Nada bom cresce do medo, disse meu pai. *É algo venenoso.*

– E se não foi ele?

– Foi ele.

– Aposto que poderíamos obrigá-lo a falar – diz Tyler. Posso ouvir o sorriso em sua voz. – Contar onde estão elas, as crianças.

– Esquece que está sendo protegido pelas irmãs – diz o Mestre Matthew.

– Mas quem está protegendo *as irmãs*?

Houve um longo silêncio.

– Esperem um pouco – diz outro, nervoso.

– Não queremos...

– Por quê? Não me diga que você está realmente com medo daquelas bruxas.

Estão secas e sua magia também.

– Por que não deveríamos subir ali e exigir que nos entreguem o estranho?

– Por que deveríamos esperar que mais crianças desapareçam? – resmunga meu tio. – Isso tudo começou quando aquele rapaz chegou. Quantas crianças mais perderemos? Jack, você tem um garoto. Está disposto a perder Riley porque teve medo de duas velhas bruxas? Minha cunhada tem duas garotas, e faço o que for preciso para protegê-las. – Matthew – Otto diz em um apelo e imagino o membro do Conselho, seu rosto mais calmo que o dos outros, os olhos azuis quase sonolentos por trás dos pequenos óculos em seu nariz.

Os outros homens murmuram aprovação. Matthew deve ter aprovado. Consigo ouvir o som de metal contra as pedras da casa. Armas?

Arrisco um pequeno passo ao longo da parede.

– Vamos, então – fala meu tio e os outros o seguem. – Isso termina hoje. – Ele bate a mão contra o lado da casa e dou um pulo, acertando uma prateleira baixa. Meu coração dispara enquanto as vozes vão diminuindo, suas palavras ecoando em minha cabeça. Estão construindo um caso contra ele baseado em mentiras. Mas agora, com as crianças desaparecidas e ninguém para culpar, as mentiras funcionam.

Preciso avisar Cole.



Viro para o sul pelo caminho que Dreska tomou, o que faz a curva pela praça da cidade, o chão afundando debaixo das botas de meu pai. Este caminho é sinuoso, assim os homens nunca vão tomá-lo, e, se eu correr, posso chegar antes à casa das irmãs.

Corro pelos arredores da vila. Na minha mente, Cole vai desbotando sob o páramo escuro, os olhos brilhando. Uma rajada de vento o atinge e ele desaparece, como fumaça.

Eu reprimo o pensamento e continuo correndo para o leste.



PUXO AS MINHAS MANGAS E ME DOU UMA BRONCA POR NÃO ter vestido algo mais quente. O vento está forte quando subo a colina seguindo o muro baixo de pedras. Quando a casa das irmãs aparece, meu peito fica apertado, parcialmente pelo esforço de correr e parcialmente pelo súbito alívio de ver a cabana intocada. Ganhei dos homens de meu tio aqui. Subo no muro e hesito.

O lugar está muito quieto, muito fechado.

Dá para ver a ponta do galpão atrás da casa, mas a capa cinza de Cole não está pendurada.

Chego à porta das irmãs e, quando estou a ponto de bater à porta, ouço vozes lá dentro, palavras abafadas, e então o meu nome. É algo estranho a maneira que o mundo fica quieto quando ouvimos nosso nome, como se as paredes ficassem mais finas. Abro meu punho e paro, os dedos se espalham contra a porta. Eu me aproximo, tentando ouvir. Mas as palavras estão abafadas de novo, então viro no canto da casa até a outra parede, onde há uma janela. O vidro é velho e o caixilho de madeira está rachado; pelo espaço entre os dois as vozes escapam.

– Lexi encontrou uma meia de criança por perto.

Olho por cima do peitoril e vejo o corpo fino de Cole na sala mal iluminada, de costas para mim. Ele está sentado em uma cadeira perto da lareira, olhando para as pedras frias e escuras, enquanto Dreska anda inquieta ao redor dele, sua bengala riscando o solo. Magda desembrulha algo de sua cesta, murmurando. Cole parece estranho dentro da cabana, sem o vento e o mato alto. Ele não ocupa mais espaço que a cadeira.

– Isso é tudo? Nenhum outro traço?

– Uma coisa – fala Cole, levantando-se. Ele vai até a lareira, os dedos longos e pálidos movendo-se por cima dela. – Um caminho criado pelo vento que ia até o páramo. Fraco. Eu mostrei a Lexi.

As sobrancelhas de Magda se arquearam, as rugas se multiplicaram.

– Para onde levava? – ela pergunta.

– Para cá.

Dreska deixou escapar um suspiro curto.

– Mas os moradores não tiveram sorte.

As palavras seguintes de Dreska são abafadas e eu me estico para conseguir olhar melhor, algumas pedras soltas se movem debaixo dos meus pés.

– E acho que nem vão ter – diz Magda, carrancuda.

– E Lexi? – pergunta Dreska, virando-se para a janela como se quisesse *me* perguntar algo. Eu me abaixo, pouco antes de seu olhar me encontrar.

– Ela não sabe o que fazer com isso – ele diz.

Sinto um calafrio. *Fazer com o quê?*

– Mas vai saber – a voz de Dreska está mais perto desta vez, logo depois do vidro, e eu me abaixo ainda mais, sentindo a pulsação no meu ouvido tão alta que quase não consigo ouvir as palavras.

– Se você não contar a ela... – Dreska acrescenta antes de voltar para dentro da cabana, sua voz desaparecendo. Cole responde, mas ele se afasta também e só ouço sons abafados. Corro de volta para a frente da casa, esperando ouvir mais coisas.

Mas, em vez disso, a porta da frente se abre e estou parada cara a cara com Cole.

Luto contra a vontade de me virar e correr, e mesmo contra a vontade de dar um passo para trás. Em vez disso, encontro seus olhos e os enfrento.

– Contar-me o quê, Cole? – pergunto, baixinho e com raiva. Sua boca se abre e se fecha somente por um segundo, a testa fica mais enrugada. Mas então sua boca se trava e ele não diz nada. Eu solto um suspiro bravo e me viro, afastando-me. Inacreditável. Estou arriscando enfrentar a raiva de meu tio para ajudá-lo e ele não quer me contar a verdade.

– Lexi, espere. – A voz de Cole cruza o vento até meus ouvidos e então ele está ao meu lado. Ele se estica para pegar meu braço, me parar, mas seus dedos só roçam minha pele.

– Deixe-me explicar – ele diz, mas eu vou mais rápido. Muito rápido. Meu sapato acerta uma pedra, lançando-me colina abaixo. Fecho os olhos, me abraço, mas não caio. Sinto braços frios ao redor dos meus ombros e sinto o coração de Cole batendo pela sua pele. Eu me afasto, o vento movendo meu cabelo, meu vestido.

Ele cruza os braços.

– Lexi, o que você ouviu...

Passo a mão pelo meu cabelo.

– Cole, estou tentando ajudá-lo.

Ele franze a testa, mas continua me encarando.

– Eu sei...

– Mas não posso fazer isso se você continuar com segredos.

– Você não...

– Todo mundo na cidade quer culpar *você* pelas crianças desaparecidas. Meu tio e o Conselho estão vindo para cá *bem agora* .

Olho para baixo da colina, até as árvores e o caminho estreito que os homens de Otto vão tomar, mas não há ninguém ali. Ainda assim, imagino ouvir o som de gravetos e folhas se quebrando debaixo de seus pés, entre as árvores. Cole segue meu olhar.

– Por aqui – ele fala, gesticulando para o galpão atrás da cabana. Um barulho real, inconfundível, vem das árvores abaixo de nós, e eu deixo que ele me leve, passando pelo galpão. As árvores, a colina e a casa das irmãs desaparecem por trás das vigas de madeira.

Cole vira-se para as colinas. Eu o alcanço, pondo a minha mão em seu ombro, ele fica tenso mas não a tira. Aperto meus dedos contra ele, testando-o.

– O que não me contou? – pergunto.

E por um momento acho que ele realmente vai me contar. Consigo vê-lo lutando com as palavras dentro da cabeça. Gaguejando. Tentei fazer malabarismos uma vez, com três maçãs que encontrei na despensa. Mas terminei machucando-as tanto que minha mãe precisou usá-las para fazer pão de maçã. Todo o tempo em que estive tentando, eu sempre me perdia nos movimentos. Não conseguia me concentrar em todas elas ao mesmo tempo.

Gostaria que Cole me desse uma maçã. E então ele me olha e lá está aquela mesma tristeza, quase um sorriso, como se ele tivesse decidido passar uma maçã para mim, mas ele sabe que também não consigo equilibrá-la. Como se não houvesse nenhuma razão para que os dois nos machucássemos mais que o necessário.

Estico minha mão.

– Deixe-me ajudar.

Ele olha para minha palma.

– Você quer conhecer minha história – ele fala, olhando tão fixo que acho que deve estar contando as rugas em minha mão.

– Uma vez, há muito tempo, havia um homem, uma mulher e um menino, e uma vila cheia de pessoas. Então a vila se queimou. E não havia mais nada.

Seguro a respiração, esperando que ele continue. Mas Cole se vira, vai até o ponto onde Near termina e o páramo toma conta. Nunca fui até o mar, mas Magda me contou histórias sobre ondas que rolam pela eternidade. Imagino que seria como isto, só que azul.

– Você não é muito bom contando histórias – digo, esperando arrancar um sorriso, mas ele parece muito triste olhando para o páramo. O vento ao nosso redor está assobiando, empurrando e puxando.

Então entendo.

– Sua vila pegou fogo? – pergunto, olhando para suas roupas cinza, o olhar triste, e percebendo de repente por que ele odeia o nome que lhe dei.¹

– Oh, Deus, Cole... quero dizer...

– Tudo bem, Lexi.

– Diga-me qual é o seu nome verdadeiro.

Ele se vira, o rosto tenso.

– Pode ser Cole. Tudo bem. Está crescendo em mim.

Ouçõ a porta da cabana se abrir e as irmãs saírem, a bengala de Dreska batendo no chão.

Volto para o galpão e vejo as duas no jardim. Os olhos duros de Dreska nos veem antes de se moverem para o caminho na base da colina. Sinto Cole atrás de mim.

– Como você sobreviveu? – pergunto, antes de fechar a boca. Ele olha para mim, medindo suas palavras como se estivessem tentando voltar pela sua garganta.

– O fogo foi culpa minha – ele suspira.

– Como? – pergunto. Mas ele me implora com o olhar, toda a dor e a perda e algo pior. Está tentando respirar direito, tranquilo, sua boca travada como se estivesse com medo de chorar. Ou gritar. Dava para entender por quê, foi como me senti logo depois da morte de meu pai, como queria gritar, mas todo o ar tinha sido roubado dos meus pulmões. Como se eu abrisse uma parte de mim, como se tudo

fosse vazar. Cole fecha os olhos e suas mãos apertam suas costelas, como se isso fosse contê-lo.

– Lexi – ele fala –, não...

Mas então ouvimos as vozes dos homens, a de Otto acima das dos outros.

Como se acordasse de um transe, os olhos de Cole se abrem, escuros e cinzas, a boca formando uma linha fina. Eu o empurro para a sombra da cabana, pressionando-o contra a madeira.

Olhando do canto, consigo ver os homens na beira do bosque abaixo. Parecem estar brigando. Otto gesticula para o alto da colina, impaciente. Vários homens gesticulam para trás antes de recuarem para a linha das árvores. Não parecem tão ousados agora, com as bruxas esperando no alto da colina. Otto bufa, se vira e caminha sozinho até o alto da colina.

Dreska dirige um olhar de aviso para o galpão, então cruza os braços e suspira, encarando o caminho.

Magda desce até o pedaço de terra morta, murmurando besteiras para o chão e passando os dedos para a frente e para trás de um modo infantil. Otto se aproxima.

Cole e eu nos agachamos no galpão. Minha mão aperta a dele, que responde segurando meus dedos. Sinto um calafrio com seu toque.

– O que o traz até os arredores de Near? – pergunta Dreska, avaliando meu tio. Eu tento dar olhadas furtivas do canto do galpão.

– Preciso falar com o estranho – diz Otto.

Sinto a tensão nas mãos de Cole.

Dreska fecha mais a cara, e no céu algumas nuvens começam a se juntar. Ela suspira fundo.

– Otto Harris. Vimos você nascer.

Magda abre os braços.

– Vimos você crescer.

Quando as irmãs falam, há um estranho eco em suas vozes, e assim, quando uma para e a outra começa, elas se misturam.

Meu tio apenas balança a cabeça impaciente.

– O Conselho está preocupado com a presença do estranho – ele fala. – Sobre suas razões para estar aqui.

– Somos mais velhas que o Conselho.

– E nós, também, cuidamos de Near.

– O garoto não fez nada. Nós damos a nossa palavra.

O olhar de Otto fica mais duro.

– E o que significam as suas palavras? – ele grita. Seus olhos mostram frustração, marcados pela fadiga. Sem os outros homens, ele não está parado tão ereto, e eu me lembro de sua forma arqueada sobre a mesa, segurando a cabeça. Ele respira fundo e se acalma.

– Duas crianças estão desaparecidas e este garoto que vocês abrigam é suspeito – ele fala, acariciando a barba.

– Provas?

– Testemunhas. – Ele ignora uma curta tosse de Magda. – Agora, o que vocês sabem sobre isso? – Seu rosto está duro, escondendo a fadiga por trás da barba, por trás dos olhos.

– Agora você se importa com as ideias de duas velhas bruxas? – diz Dreska.

– O Conselho sabe quem está levando as crianças – acrescenta Magda com um gesto dos dedos sujos de terra.

– Não me faça perder meu tempo – ele resmunga. – Não com esta besteira.

– Toda Near sabe.

– Toda Near esquece.

– Ou tenta.

Toda Near tenta esquecer? Antes que possa entender, as vozes das irmãs começam a se sobrepor e o som é assombroso.

– Mas nós nos lembramos.

– Parem – fala Otto, balançando a cabeça. Ele se endireita, levantando os ombros.

– Preciso falar com ele. O estranho.

O céu está ficando escuro, ameaçando chuva.

– Ele não está aqui.

A mão enrugada de Magda cruza o ar.

– Está no páramo.

– Em algum lugar aí fora. Não sabemos onde.

– É um páramo muito grande, afinal.

Otto franze a testa. Ele não acredita nelas.

– Vou pedir mais uma vez...

– Ou *o quê*, Otto Harris? – fala Dreska. Juro que consigo sentir a terra tremer.

Otto respira fundo antes de enfrentar seu olhar. Quando fala, as palavras são lentas e medidas.

– Não tenho medo de vocês.

– Nem o seu irmão – fala Magda. O chão ao nosso redor começa a se mexer, somente uma ondulação, mas o suficiente para fazer as pedras da casa rangerem. – Mas pelo menos ele nos respeitava.

Várias gotas de chuva caem sobre nós. O vento é gelado, acho que estou sentindo a mão de Cole soltando a minha; quando olho ele ainda está ali, olhando para a frente, mas parece desfocado.

Otto murmura algo que não consigo ouvir e, então, mais alto.

– Mas eu vou. – E com isso, ouço suas botas marcando o chão quando se afasta. Cole se mexe ao meu lado, indo mais para o fundo do galpão. As tábuas fazem ruído. Seus olhos se abrem em pânico e eu seguro a respiração. Os passos pesados de meu tio param. Quando ele fala de novo, sua voz está terrivelmente perto do galpão.

– Ele está aqui agora, eu sei.

Os passos ficam mais altos e Cole olha para mim. Parece mais fino com o vento mais forte. Preciso fazer algo. Se Otto me encontrar, será ruim. Mas, se encontrar Cole, será muito pior. Xingo baixinho, então solto sua mão e me forço a sair de meu abrigo, entrando no caminho de meu tio. Ele dá um passo para trás.

– Tio – digo, tentando não recuar enquanto seu olhar passa do choque à raiva.

– Então é *aqui* que você se esconde? – A mão de Otto vem na minha direção. Não tenho nenhuma mentira pronta, por isso opto pelo silêncio. Atrás de mim, as tábuas fazem outro barulho alto.

Otto me empurra quando dá a volta no galpão e eu me forço para não gritar *NÃO!* Mas o olhar que me dirige quando volta é suficiente para eu saber que Cole não está ali.

Otto não diz nada, só me agarra e me arrasta de volta para o caminho que leva à casa. Seu súbito silêncio me preocupa mais que qualquer grito. Ele me empurra na frente dele como uma prisioneira, e eu me forço a não olhar para trás.



Ele não fala. Nem quando estamos na base da colina ou cruzando o bosque, ou quando chegamos em nossas casas. Neste momento, o sol está se pondo e meu tio é um contorno escuro contra ele. O silêncio é muito pesado.

– Eu só estava fazendo meu...

Ele não me deixa terminar.

– Você ignora *tudo* que eu falo?

Não consigo conter a frustração crescendo em mim.

– Só quando você me trata como uma criança.

– Só estou tentando protegê-la. – Nossas vozes sobem uma acima da outra.

– Você deveria estar protegendo Wren em vez de tentar me trancar em casa.

– *Chega*, Lexi.

– Você me quer sentada dentro de casa, esperando, quando eu poderia estar *procurando*. – Entro em casa.

– Porque você *deveria* estar aqui – ele fala, seguindo-me de perto –, com sua mãe e Wren.

– Por que é isso que as mulheres fazem?

– Porque é *perigoso*. O estranho poderia ser perigoso. E se ele a machucar? O que eu...

– Ele não é perigoso. – Sigo pelo corredor até meu quarto, Otto bem atrás de mim.

– Como você sabe? Você o conhece tão bem?

Solto um suspiro e passo os dedos pelo cabelo.

– Só quero ajudar, tio. Da forma que puder. E se isso significa procurar pelo estranho, se significa ir até a casa das irmãs, então por que não faria isso? Só quero proteger a minha família... – Minha voz morre quando vejo um pequeno quadrado branco enfiado embaixo do canto da janela, uma ponta voando sob a brisa da tarde. Um bilhete.

– Eu também – ele fala, tão baixo que quase não consigo ouvir.

Tiro os olhos do bilhete e me viro para ele, tentando evitar que olhe para a janela, onde o pedaço de papel se destaca como uma mancha de tinta contra o vidro escuro.

– Lexi, sei que não sou seu pai – ele fala. – Mas prometi a ele.

O quarto fica frio, mas Otto parece não notar.

– Prometi que cuidaria de você, lembra-se? Sei que você estava ouvindo aquele dia – ele continua. – Estou fazendo o melhor que posso, Lexi, mas não é fácil se estou brigando com você e tentando encontrar as crianças.

Meu tio suspira, a vontade de brigar desaparece na frente de meus olhos, deixando um silêncio tenso e cansado.

– Estou tentando – ele diz.

Encosta-se na parede do corredor. Seu cabelo escuro está marcado com tufo grisalhos que se enrolam sobre os olhos. Seu rosto é como o de meu pai, só que mais duro. Quando ele vira a cabeça de certa maneira, a semelhança é tão incrível que sinto algo no estômago, mas há uma tensão em seus olhos, como um animal enjaulado, que meu pai nunca teve.

– Por que está procurando por Co... pelo estranho? – pergunto. Meu tio pisca, como se estivesse perdido, e só agora estivesse voltando a si.

Ele me olha, mas não diz nada, então se afasta da parede e vai para a cozinha. Eu o sigo. Wren está brincando em um canto, fazendo um labirinto de pedras no chão. Tenho certeza de que ela preferia estar do lado de fora. Minha mãe coloca uma caneca perto de meu tio. Ele dá longos goles e balança a cabeça.

– Tem de ser ele – fala, finalmente. – O rapaz aparece aqui e então isso acontece. – Ele vai tomar mais um gole, vê que a caneca está vazia e a deixa na mesa. Minha mãe volta a enchê-la com algo forte e escuro. – Temos testemunhas. Ele foi visto na vila depois de escurecer. Eric Porter diz que o viu na noite passada, mais ou menos na hora em que Cecília desapareceu.

– Tio, o medo pode fazer com que as pessoas vejam coisas estranhas – digo, tentando parecer razoável.

– Lexi, preciso fazer algo.

– Mas...

– Estou falando, quero que ele vá embora.

– Não foi Cole – digo antes de conseguir evitar.

– Cole. – Meu tio dá um longo gole, segurando o líquido na boca junto com a palavra. – Este é o nome dele? E como você sabe?

Porque eu criei o nome.

– Dreska o chama assim – digo, dando de ombros. – Quando fui lá, para conversar com elas. E procurar por ele – admito. Uma pequena verdade fortalece

uma mentira. – Ela disse que não tinha visto Cole naquele dia, que ele estava em algum lugar do páramo.

– E por que você está tão convencida de que *não* foi ele? – A voz, o corpo, tudo em Otto está tenso.

Porque eu saí à noite com ele para procurar e ele está me ajudando.

– Porque ser estranho não é crime.

– Bom, não importa – ele murmura, batendo a caneca na velha mesa de madeira para enfatizar. – Quando chegar a manhã teremos nossas respostas.

Senti um calafrio.

– Como assim? – pergunto lentamente.

Otto olha por um bom tempo para mim antes de responder.

– Se as irmãs não nos entregarem o rapaz, vamos capturá-lo. – E com isso sai da cozinha. Eu o sigo até o corredor, mas ele já está na porta, sendo engolido pela escuridão. Um nó começa a crescer no peito, me afogando. Luto contra a vontade de correr atrás dele, ou, melhor ainda, de correr para o leste até chegar ao bosque, à colina e à casa das irmãs e Cole.

“Quando chegar a manhã”, disse meu tio. Tento respirar mais calma. As perguntas viajam pela minha cabeça, deixando-me com tontura, e fico parada no escuro tentando me convencer de que vou encontrar uma forma de resolver tudo. Sinto dedos no meu braço e o toque da minha mãe, firme e acolhedor, pedindo que eu volte para dentro.

Ela vai para a cozinha para começar a limpeza. Eu vou para o quarto, querendo soltar o pedaço de papel da janela. A brisa prende o bilhete contra o vidro escuro. Rapidamente abro a janela, implorando para que não faça muito barulho, e pego o bilhete antes que ele voe pela noite. O pequeno papel tem somente três palavras, escritas com uma letra fina.

Venha me encontrar.

Passo os dedos sobre as letras escritas com pressa. As palavras fazem meu coração bater de forma estranha, aquela mesma gravidade estranha que me arrasta para o ar fresco. O sentimento me diz, tanto quanto as palavras, que o bilhete é de Cole. Quando ele poderia ter deixado? A tensão me deixa sem ar, uma mistura de excitação e preocupação. Enfio o pedaço de papel no meu vestido.

Percebo que estou usando as botas de meu pai e me sento na cama para tirá-las, e então ouço passos leves.

– Lexi, está muito frio – diz a voz atrás de mim. Eu olho para trás com um sorriso.

– Você está certa, Wren – digo, abaixando a janela. – Vamos deixá-la bem fechada, certo?

Ela concorda e me estica a mão. Eu a agarro e deixo que me leve para a cozinha.



A noite parece demorar para cair.

O bilhete de Cole queima em meu bolso enquanto caminho pela casa esperando que o quarto da minha mãe fique escuro. Então vou até Wren, enfiada na cama, mas ainda acordada. Puxo a colcha por cima dela, brinco com seu cabelo. A velha casa solta alguns cliques e rangidos ao se despedir do calor do dia.

– Espero que eles não voltem – ela diz no meio de um bocejo. – Estou cansada. Não quero brincar. – Ela está quieta, mas seus olhos ficam piscando para a janela. Acaricio seu cabelo.

– Vai ficar tudo bem.

– Você promete? – ela pergunta. Estica suas mãos, o talismã das irmãs ainda está amarrado em seu punho, dá para sentir o cheiro de musgo, terra e flores silvestres. Pego suas mãos entre as minhas e as beijo. Hesito, tentando escolher as palavras certas.

– Prometo que vou resolver isso – sussurro no espaço entre suas palmas. Wren fica com as mãos fechadas entre as palavras enquanto volta a se deitar.

– E, Wren – acrescento, sentando-me ao lado dela na cama –, não importa o que aconteça, não saia da cama esta noite. E, se ouvir seus amigos de novo, ignore-os. Não é bom sair com eles no meio da noite.

Wren se enrola debaixo das cobertas.

– Estou falando sério – digo, quando ela desaparece no meio da cama.

Fico olhando a luz da vela dançar e espero.

Quando tenho certeza de que ela dormiu, fico de pé e o quarto gira de leve, ou talvez seja eu que balance pela falta de sono. As paredes e o chão se estabilizam e

aperto a faca de meu pai contra a perna. Beijo a testa de Wren e saio pela janela. Então a fecho, e também as persianas antes de me virar para a noite que espera.

1 Cole tem o mesmo som que *coal* que, em inglês, quer dizer “carvão”.



A LUA ESTÁ BRILHANTE, A NOITE ESTÁ SILENCIOSA E O VENTO está soprando de maneira distante.

A gravidade me leva de volta a ele, manda meus pés de volta a um caminho que eles conhecem, sempre conheceram, com uma nova urgência. Sigo o caminho através do mundo iluminado pela lua, entre as sombras azul-acinzentadas em um chão azul-acinzentado, vendo o círculo azul-branco no céu azul-escuro. Lembro-me a cada passo de por que estou acordada, e a ameaça de Otto me ajuda a manter os olhos abertos e meu ouvido afiado.

Alguém está perto.

Há passos na escuridão que não consigo ouvir. Sei que estão ali, do mesmo modo que alguém sabe se há outra pessoa no quarto mesmo sem ouvir nenhum som. O ar ao meu redor muda quando chego ao bosque. O grupo de árvores está tão escuro que parece uma única sombra. Então uma parte dele se abre.

– Cole – digo quando ele aparece sob uma faixa de luz da lua. Os traços assustados desta tarde desaparecem. Suas mãos caem pelas laterais em vez de abraçarem suas costelas. A exaustão em seu rosto parece levemente difusa. Seus olhos estão cansados, mas calmos.

– Lexi – ele diz. – Você recebeu meu bilhete?

Toco meu bolso.

– Sim. Mas eu viria de qualquer maneira. Para avisá-lo. Meu tio...

– Espere – ele fala, sua voz alta de uma forma que nunca tinha ouvido. Ela corta o vento, em vez de segui-lo. – Sobre esta tarde. Pedi para você me encontrar porque assim poderia explicar. Eu preciso.

– Você não precisa me explicar nada, Cole, se não quiser.
– Não, não quero. Mas preciso. – Sua capa está voando. – Só não sei por onde começar.
– O incêndio? Você falou que sua vila pegou fogo. Que... *você* a queimou?
Ele balança a cabeça.
– Não é tão simples.
– Então me conte o que aconteceu. – O bosque atrás dele parece uma sombra enorme. Isso ou uma besta está a ponto de engoli-lo inteiro. – Cole?
Ele hesita.
– Vá em frente. Estou ouvindo – digo.
Ele dá uma última olhada para a noite. Seus olhos voltam a se encontrar com os meus e, quando isso acontece, há um tipo de abandono neles.
– Vou mostrar – ele fala, por fim.
Cole dá um passo para a frente, os dedos tocam meus ombros e ele me beija.
É repentino, doce e suave como o ar tocando meus lábios. O vento sopra ao nosso redor, movendo o tecido das nossas roupas, mas sem nos separar.
E então ele desaparece, a pressão fria contra meus lábios, e meus olhos estão abertos e olhando para dois olhos cinza, como pedras do rio.
– *Isso* é o que você queria me mostrar?
– Não – ele fala, os dedos correndo por meus braços enquanto me tira do caminho e me afasta de Near. – Foi por precaução.



Por precaução *de quê*? Eu me pergunto, enquanto os últimos sinais de Near se apagam atrás das colinas.

– Até onde vamos? – pergunto.

Há uma urgência no avanço de Cole, só consigo ouvir seus passos no chão. Então, ele começa a falar. Até agora, toda declaração dele precisou ser implorada, arrancada. Mas as palavras começam a sair aos borbotões.

– Minha mãe tinha olhos cor de pedra lavada pela chuva, não tão escuros quanto os meus, mas perto disso. E cabelos escuros e compridos que ela sempre usava presos, mas que nem sempre conseguia conter. É uma das primeiras coisas de que

me lembro dela, como seu rosto era pálido, marcado contra o escuro do cabelo. Mas ela era perfeita. E forte. Você a teria adorado, Lexi. Sei disso.

– E seu pai?

– Falecido. – A palavra tão dura e curta. – Nunca o conheci – acrescenta. – E não sei nada sobre ele. Nem seu nome ou como era. Só sei uma coisa. Uma coisa muito importante.

Chegamos ao alto da ladeira e uma faixa de planície nos espera, abrindo caminho para o próximo vale. O campo além desta colina parece muito vasto. É impossível ver todo o mundo além de Near, na verdade, porque nunca dá para ver mais que uma ou duas colinas de cada vez. O mundo poderia terminar, de repente, além da próxima colina. Cole faz uma parada para olhar e não posso deixar de me perguntar por que viemos até ali.

– E o que é isso? – pergunto.

Então ele estica sua mão. Não para mim, mas para a noite.

O ar ao nosso redor parece tremer e o vento sopra frio contra a minha pele. Respiro fundo quando o vento se enrola na sua mão esticada. Ele gira mais rápido até parecer que seus dedos são parte do vento. Então vão ficando mais finos até dar para ver através deles, até não existir nenhuma diferença entre o vento girando e a pele dele.

– Você é um bruxo – eu sussurro. Deveria sentir choque, mas acho que sei desde que o vi pela primeira vez, porque só sinto uma onda de calma.

Ele vira sua mão como se estivesse ninando algo. E então seus dedos se fecham contra a palma e o vento desaparece, de repente.

– Ele também era. – Cole fala com o olhar sério. – Quando eu era jovem – ele continua – achava isso maravilhoso. As outras crianças tinham amigos imaginários, mas eu tinha algo muito melhor. Algo vasto, poderoso, mas íntimo também. Eu nunca estava sozinho. Quando sentia raiva, o vento soprava, cada vez mais forte. Havia alguns fios invisíveis me ligando a ele. O vento agarrava o que eu sentia e o levava embora. Minha mãe tinha medo. Não de mim, acho que não, mas *por* mim. Ela me contou que as pessoas não entendiam os bruxos e por isso tinham medo, e ela não queria que tivessem medo de mim. Era uma mulher muito forte, mas acho que essas preocupações a comeram viva.

Senti um aperto no peito. Ela se parece com meu pai, a mistura de orgulho e preocupação em seus olhos mesmo quando me ensinava a caçar, a rastrear, a cortar lenha.

– Mas seu marido era outra questão.

– Seu marido? Achei que você tinha dito...

– Ela voltou a se casar, antes do meu nascimento. Mas nunca o vi como pai. E ele, tenho certeza, nunca me viu como filho.

Ao nosso redor, o vento está soprando.

– Tentei muito por ela, minha mãe. Tentei ficar calmo. Achei que se pudesse ficar vazio, se conseguisse não ter sentimentos muito fortes, então tudo ficaria bem. E por um curto tempo foi assim. As pessoas até pareciam esquecer o que eu era.

Cole parece não notar, mas o vento ao nosso redor está ficando forte e pesado. Ele açoita o chão, levantando folhas e mato em pequenos círculos. Seu tom está mudando também.

– Mas nem todo mundo esquece. O marido da minha mãe. Ele nunca esqueceu. – Cole olha para cima, mas seus olhos estão desfocados e eu me pergunto onde ele está, o que vê. Está até mais pálido que o normal, e um músculo na lateral do rosto se contorce enquanto trava os dentes.

– *O vento no páramo é enganador.* Não é assim que você fala, Lexi? – Ele deixa escapar uma risada curta e seca. Há uma pedra perto e ele sobe nela, deslizando depois como se suas pernas não aguentassem. É uma brincadeira triste e sem graça. – Bem, você estava certa. O vento é enganador. Como é a chuva, o sol e o próprio páramo. Estas coisas, elas nem sempre agem com gentileza ou de forma racional. O vento pode invadir o pulmão de alguém, ser ouvido quando você respira. A chuva pode congelar os ossos de uma pessoa.

Consigo vê-lo tremendo, mas resisto à vontade de tocá-lo. Tenho medo de que pare de falar. Tenho medo que pisque e volte a ser aquele estranho silencioso, segurando suas costelas para não deixar escapar nada. Ele vai derreter de volta para o escuro.

– Ela ficou doente muito rápido, tão rápido quanto o sopro do vento, e desapareceu antes de desaparecer, se isso faz sentido. Todas as cores a deixaram. Ela teve uma febre e deveria ter ficado quente, deveria ter ficado vermelha, mas estava cinza e fria. – Ele engole em seco. – Estava morrendo, sua vida se esvaindo na nossa

frente, e não podíamos fazer nada. Seu marido virou-se para mim. Realmente me olhou, talvez pela primeira vez.

As mãos de Cole estavam fechadas sobre seus joelhos. Ele não as vê, não vê nada. Eu me movo para perto dele, mas o vento me empurra de volta.

– “Você fala com o páramo”, o marido dela me falou. “Peça para salvá-la.” Estava desesperado. “Se você a ama, faça com que ele a salve.” Foi o que ele disse.

Os olhos frios de Cole estão brilhando, as lágrimas se formando sob a luz azul-esbranquiçada, juntando-se nos cantos.

– Mas não funciona assim. Não consigo controlar as tempestades, e, mesmo se conseguisse, a chuva não poderia sair de seus pulmões, de seus ossos.

Os pequenos círculos de vento estão crescendo e minhas mãos se agarram a uma rocha para me equilibrar. Cole parece existir em seu próprio espaço agora, onde o vento nem mexe em seu cabelo ou em sua capa.

– Ela morreu. – Ele faz uma pausa, engole forte. – Foi nessa noite que a vila pegou fogo.

Fico sem respirar. Não sei o que dizer. O vento faz curvas ao meu redor como se fosse uma concha. Mas, de alguma forma, sua voz chega aos meus ouvidos.

– Havia tanto vento. Achei que não poderia vir tudo de mim. Era muito alto, muito forte. Algumas das tochas foram derrubadas. Tentei me acalmar, mas a tempestade continuava crescendo. Uma tempestade seca, somente nuvens e o vento, e o fogo continuou crescendo, engolindo tudo. Queria que me engolissem também, mas não consegui. A cidade queimou como um pedaço de papel, enrolando-se até que não sobrou nada. Apenas eu. Não queria fazer isso, Lexi – ele fala, finalmente me olhando. A culpa escorre com as lágrimas por seus cílios escuros.

Eu tento abraçá-lo, mas ele se afasta.

– Não consegui controlar.

O vento entre nós cresce de novo, mas eu forço o meu caminho até chegar perto dele. Ajoelho-me na sua frente, ponho as mãos sobre as dele. Quando Cole olha para mim, seu rosto está molhado. A dor em seus olhos é tão familiar que fico sem ar nos pulmões.

– Então terminou e só sobraram as cinzas.

Não consigo parar de olhar para ele, triste e cinza, sozinho onde antes havia uma vila.

– Eu me senti... *vazio* – ele fala, balançando a cabeça. – Destruído. Oco. E machucado. Pior que qualquer coisa.

– Calma, está tudo bem – digo, e minha voz desaparece no vento.

Ele pisca, olha ao redor para os redemoinhos arrancando terra e pedras. Cole balança a cabeça e tenta se soltar.

– Afaste-se.

Meus dedos apertam os dele e o vento começa a aumentar.

– Não.

Pequenos ciclones, espirais de folhas, grama e pedregulhos se formam perto de nós, atraídos para Cole por sua estranha gravidade, da mesma forma que eu estou atraída por ele. Eles se juntam, crescendo.

– Afaste-se, *por favor* – ele repete, o pânico aparecendo em sua voz quando se levanta. Fico perto dele, recuso-me a sair. Mas então o vento me atira para trás, enroscando-se em minha capa. Eu me afasto dele quando o ar começa a girar ao meu redor, arrastando os arbustos soltos e a terra com ele. E vai crescendo. O vento uiva mais alto quando gira até se tornar um perfeito ciclone, criando um círculo no páramo.

– Cole! – grito, mas a palavra se perde instantaneamente no vento, engolida assim que deixa os meus lábios. Consigo me levantar. O mundo além do ciclone começa a ficar um borrão. O páramo, as pedras e Cole se unem, e depois desaparecem inteiramente atrás da parede de ar. O túnel sobe até o céu. Mas aqui no centro está tão calmo, tão tranquilo, tirando o ruído branco. O vento mexe suavemente nas minhas roupas, nas pontas da minha capa, os fios soltos de cabelo, é quase gentil. Vejo Cole dentro de seu próprio túnel naquela noite, sua vila queimando enquanto o vento o mantinha seguro. Sozinho. Sinto-o sozinho aqui. Estico a minha mão, deixo meus dedos tocarem a parede do ciclone.

E, então, outros dedos ultrapassam o vento, tocam os meus, se unem a eles. Cole atravessa a parede de ar e entra no círculo. O vento se abre para ele, mexendo em seu cabelo antes de se fechar depois que ele entra. Cole me abraça.

– Estou aqui – sussurro. E seus lábios também se movem, mas não há nenhuma voz, somente o vento, quando Cole me puxa para mais perto e encosta sua testa na minha. Não há nada ali, apenas nós. Além da parede de vento, o mundo se separa,

assobia, sopra, puxa e empurra. Mas só por um momento, impossível, nós dois ficamos parados.

O vento perde foco, começa a oscilar. Ele me abraça mais forte quando o vento se separa e passa por nós, por apenas um segundo forte e violento. E então o vento desaparece e tudo que fica é uma doce brisa, quando as colinas voltam a aparecer e o mato vai se estabilizando. Cole procura o meu rosto. Ele parece que está esperando medo, desgosto, algo retorcido, mas nunca me senti tão viva. Ele me solta, dá um passo para trás, tremendo.

– Lexi – diz soltando o ar, tentando respirar fundo, como se o vento tivesse roubado todo o conteúdo dos seus pulmões. O vento secou seu rosto e mudou o penteado do cabelo. – Agora você sabe. Eu sou isso. Desculpe.

Ele parece cair, deslizando para o chão, mas eu seguro o seu braço. Sua respiração está irregular e por um momento acho que vai desmaiar.

– Não peça desculpas.

– Entendo – ele fala, tentando se equilibrar –, se você não quiser...

Eu o interrompo.

– Foi isso que você quis dizer antes, quando me beijou, “por precaução”?

Ele olha por cima da minha cabeça para o leste, os olhos brilhando, mas eu consigo ver o sorriso fraco em seus lábios.

– Olhe para mim – digo, passando os dedos pelo seu queixo e virando seu rosto para mim. – Ainda estou aqui.

Cole me beija uma vez, um beijo quieto e desesperado. Consigo sentir a dor em seus lábios, o gosto do sal. Então ele se afasta e volta a olhar para o leste. Sigo seu olhar. Os cantos do céu estão mudando. Se não voltarmos para Near, a manhã vai chegar e nos pegar despreparados.

–Vamos.

Ele me deixa guiá-lo, meus dedos pressionados contra o seu braço, garantindo com minha pele que ele está ali, comigo. Ando devagar, sem querer ver Near muito cedo. O ciclone pode ter sumido, mas ainda parece que estamos sozinhos no mundo.

É Cole quem rompe o silêncio quando andamos.

– Queria mostrar a você. Mas não assim. Prometi a mim mesmo – ele murmura – nunca deixar isso acontecer de novo, nunca perder o controle.

– Mas você *consegue* controlar. Acabei de ver... – Meus dedos dão um pequeno apertão. – Você enroscou aquele vento ao redor da sua mão antes de começar a ficar bravo. E, quando esqueceu sua raiva por um momento, tudo parou. Tenho certeza de que se você só...

– É muito perigoso – ele fala, os olhos se fechando enquanto caminhamos, seus pés planando sobre a terra. – Só é preciso um deslize.

– Mas, Cole...

– Por que você acha que eu a trouxe até aqui? Já faz mais de um ano desde aquela noite e falei para mim mesmo todos os dias, com toda a respiração, para ficar calmo, ficar vazio. – Ele me encara. – Por que você acha que fico fora da vila? Por que acha que tentei não me aproximar de você? – Lembro a maneira que ele se afastava, evitava até tocar a minha mão. A estranha expressão, preocupada ou algo mais, quando encontrou os meus dedos enroscados nos dele.

– Nunca quis parar aqui – ele diz. – Eu só estava de passagem.

– Para onde você estava indo?

Ele balança a cabeça e o esforço parece deixá-lo exausto.

– Não sei. Desde aquela noite não consigo parar. Não consigo deixar de me mover.

– Mas você parou aqui. Por quê?

Ele para de caminhar e eu me viro para ele.

– Ouvi algo – ele fala, suas mãos paradas, sem peso, nos meus ombros. – Algo terrível está acontecendo em Near, Lexi. Este lugar, é como se ele estivesse possuído. O vento está possuído. Por canções. Por vozes.

Fico pensativa.

– Minha irmã, Wren – conto. – Ela falou uma coisa muito estranha esta manhã. Disse que as crianças perdidas vieram até sua janela e a chamaram para brincar. Ela disse que conseguia ouvi-las.

Cole ficou tenso.

– As vozes que ouvi não podem pertencer àquelas crianças. Não exatamente. Era uma voz de mulher. Não estava formando o vento. Não da forma que eu faço. Era como se sua voz *fosse* o vento. E não era só o vento. Sentia como se tudo estivesse se movendo sob um feitiço. No começo, eu simplesmente parei para ouvir, ver se havia outra bruxa aqui.

Suas mãos começaram a deslizar dos meus ombros, mas eu o segurei.

– Então há uma bruxa? Raptando as crianças de suas camas?

Ele concorda.

– A voz tinha essa qualidade musical. Eu estava circulando pela vila quando ouvi. Não entendi o que estava acontecendo, mas sabia que havia algo errado.

– Como assim, *errado*?

– Nunca tinha conhecido outra bruxa antes de chegar aqui – ele fala. – Mas o que eu faço, só posso fazer com o vento e apenas na superfície, no formato. Essa bruxa estava usando o vento de uma forma que nunca achei ser possível. É o que quero dizer. Errado.

– E você ficou?

– Na noite seguinte, as crianças começaram a desaparecer. Eu sabia que havia alguma conexão. Nada pode compensar o que aconteceu na minha vila, mas pensei que poderia fazer algo para ajudar, eu precisava fazer isso.

– É por isso que você estava no páramo na noite passada, perto da casa de Edgar.

Ele assentiu de novo, recuperando a respiração, mais calmo. Recomeçamos a andar sobre as colinas, em direção à casa das irmãs.

– Então, eu a conheci. As irmãs não queriam me contar o que estava acontecendo, mas disseram que eu deveria perguntar a você sobre a história.

As partes começaram a se encaixar. A forma que o vento canta a “Rima da Bruxa”. A falta de pistas, o caminho misterioso que passa por cima dos arbustos e do mato. A briga de Dreska com o Mestre Tomas.

– Você acha que é a Bruxa de Near?

– Você parece não acreditar – ele fala enquanto descemos uma pequena colina e voltamos a ver o bosque. Caminhamos na direção das árvores.

– É difícil acreditar.

– Por quê?

– Porque ela *morreu*, Cole. Chamar a chuva ou fazer flores crescerem é uma coisa, ressuscitar os mortos é outra.

Cole franze a testa e a ruga entre seus olhos se aprofunda. Alcançamos o bosque, não o lugar onde ele me tirou da trilha, mas do lado em que se vê a casa das irmãs. Meus olhos encontram a velha cabana de pedras. Ao lado do muro baixo de pedras brilha uma faixa iluminada pela lua, ou água, e tudo que consigo pensar é que quero

chegar lá e me deitar um pouco. Como estou cansada: poderia dormir feliz nas pedras. Minha cabeça está muito pesada de perguntas quando saio do bosque, e é nesse momento que três coisas acontecem.

A mão de Cole se aperta ao redor de meu punho.

O vento sopra forte, enterrando nossas respirações.

O cano de metal de uma arma brilha sob a luz da lua.



COLE ME PUXA DE VOLTA PARA A SOMBRA DO BOSQUE BEM no momento em que Otto e Bo aparecem no páramo sob a luz da lua. Estão ao lado do galpão; meu tio levanta sua arma e desaparece no canto da estrutura inclinada enquanto Bo anda de um lado para o outro, as mãos nos bolsos, olhando para o páramo. Otto reaparece do outro lado do galpão e posso ouvir seus xingamentos murmurados.

– Onde *está* ele? – A voz de meu tio desce a colina até nós.

– Tem certeza de que ele *está* aqui? – pergunta Bo, chutando a terra com sua bota. Ele gesticula para o campo ao redor. – Vamos, Otto. Vamos voltar – ele fala, bocejando. – Há dias não vejo a minha cama.

– Ele tem de estar aqui. Sei que estão escondendo o rapaz – Parece tenso, cansado. – Droga. – Olha para o mundo escuro atrás do galpão. Consigo imaginá-lo procurando algo vivo.

– Achei que você tinha dito que íamos fazer isso de manhã. Agora *está* me arrastando até aqui no meio da noite.

– Mudei de ideia. Achei que teríamos mais sorte agora. Antes que a vila acordasse.

Ele quer dizer antes que eu acordasse, antes que pudesse vir até aqui para avisar Cole. Ele sabe. Ou pelo menos suspeita.

Atrás de Otto, Bo suspira e tira coisas do bolso. Ele vai até o galpão e se ajoelha o melhor que pode com sua perna ruim, deixando cair um pequeno objeto no chão. Então empurra um pedaço de tecido debaixo da ponta de uma das tábuas podres do galpão. Meu tio finalmente se vira e nota o que ele *está* fazendo.

– O que você está fazendo?

– Acelerando as coisas – fala Bo, chutando alguma terra sobre o pedaço de pano.

– Qual é o *seu* plano? Puxar uma cadeira e esperar que o garoto apareça? Ou esperar por aí que as irmãs o encontrem e o joguem na lareira?

Xingo baixinho quando entendo o que está acontecendo. Ele está plantando evidências.

– Não gosto disso, Bo – fala o meu tio, seu tom uma mistura de choque e raiva.

– Olhe, Otto, algo precisa ser feito. – Bo põe uma das mãos no ombro de meu tio. – Sabemos que foi ele. Agora podemos ajudar os outros a entenderem isso também.

– O Conselho mandou você fazer isso, não foi?

Bo para, parecendo pesar suas palavras.

– O Mestre Eli diz que é o melhor.

– Ele mandou você fazer isso e não me falou nada?

Um sorriso triste aparece no rosto de Bo.

– Você estava preocupado. Mas isto precisa ser feito.

– E as *crianças*? – resmunga Otto. – Como isso nos ajuda a encontrá-las?

– Quando tivermos o estranho – ele fala, gesticulando para o galpão –, podemos obrigá-lo a nos contar onde estão. Até lá...

Os ombros do meu tio se levantaram até seus ouvidos. Estou inclinada para a frente, esperando que ele diga: *Não, basta, isso está errado.*

Mas ele não fala nada.

Só passa os dedos pelo cabelo, acaricia sua barba e segue Bo descendo a colina. Eu abraço Cole. Bo e Otto estão descendo o caminho até o bosque.

Na *nossa* direção.

Minha pulsação se acelera e Cole deve sentir, porque ele me abraça e sopra em meu cabelo, algo entre um beijo e um som de silêncio.

Então ele desliza para trás entre as árvores, incrivelmente silencioso sobre os gravetos e as folhas mortas, levando-me com ele. Centímetro a centímetro nos afastamos do caminho, até o abrigo dos troncos mais grossos. O vento forte o suficiente para fazer os galhos e as folhas caindo encobrirem os sons quando os dois homens entram no bosque.

Meu tio passa a centímetros de meu rosto.

Mas ele não me vê. Seus olhos não deixam a nuca de Bo.

Então eles desaparecem, atravessam o bosque e voltam para Near. E lá estamos nós, Cole e eu encostados contra uma árvore, na noite escura. Ele solta um longo suspiro que chega até minha nuca e eu sinto um calafrio.

– Essa foi por pouco – sussurra Cole. Eu me afasto e voltamos ao caminho.

– Cole, ele vão *incriminá-lo*.

– Pois vou esconder a prova.

– Não está vendo? Essa não é a questão. – Eu me encosto em uma árvore. – Eles não se importam se você é culpado ou não. Como podemos provar que você é inocente?

– Não podemos. Eles não se importam com inocência.

– Precisamos encontrar quem está realmente sequestrando as crianças – digo. – Se *for* a Bruxa de Near, se ela conseguiu voltar de alguma forma, então como poderemos encontrá-la? Como podemos *pará-la*? – Minha cabeça está latejando. Sinto-me destruída.

– Lexi – ele fala com uma estranha calma que poderia ser somente cansaço –, você mesma falou que as vozes das crianças não eram realmente de crianças. E aquele caminho do vento não era feito por pés. Isso é magia. Quantas bruxas há na cidade de Near?

– As irmãs Thorne e a Bruxa de Near, que estava morta na última vez que verifiquei, e você.

– Confia nas irmãs?

– Confio.

– E confia em mim? – ele pergunta.

Dou um passo na direção dele.

– Confio.

– Então deve ser a Bruxa de Near.

Concordo, preocupada. Meus instintos dizem que é verdade, ou pelo menos possível, e meu pai me ensinou a confiar em meus instintos. Mas o que é que ela está fazendo exatamente e como você para uma bruxa que deveria estar morta? Minha cabeça gira. *Durma, só um pouco*, implora o meu corpo.

– Vamos descobrir, Lexi. – Ele diminui a distância entre nós e seus dedos acariciam o meu rosto. – O que acontece com a Bruxa de Near na história?

– Ela foi banida. Expulsa de Near. Morreu sozinha entre os arbustos há centenas de anos.

– Como seu pai contava isso? Talvez haja pistas.

Deito a minha cabeça contra o peito dele e fecho os olhos. Meus pensamentos começam a viajar, mas tento continuar de onde parei, tento lembrar o final que meu pai contava. A coisa sobre recitar uma história é que é difícil recomeçar quando você para no meio. Lembro as coisas inteiras, não em pedaços.

– Vejamos – sussurro, sentindo como se pudesse sair flutuando. – A Bruxa de Near era parte de tudo e de nada. E ela amava a vila, e as crianças, muito. Alguns dias, quando tinha paciência, fazia truques para elas. Só coisas pequenas, como fazer as flores crescerem com um piscar de olhos ou fazer o vento sussurrar coisas que eram quase palavras. As crianças adoravam esses truques e sempre queriam ver mais, por isso a adoravam.

Paro, porque meu pai sempre parava neste ponto. Meu pai só me contou a parte seguinte uma ou duas vezes, e é difícil encontrar as palavras.

– Até que, um dia, um menino morreu no jardim e o mundo mudou. Os três caçadores que protegiam a vila baniram a bruxa. Na noite em que ela foi expulsa, sua cabana afundou no mato e seu jardim voltou a se enfiar no solo. E ela nunca mais foi vista. Mas foi ouvida, no páramo, cantando para as colinas dormirem. Com os anos, o canto foi diminuindo, até ser pouco mais que o vento. E então morreu inteiramente. E foi a última vez que se ouviu a Bruxa de Near. – Suspiro. – Não é muito útil, mas é como meu pai contava.

Cole se inclina um pouco para trás para olhar para mim.

– Você fala como se houvesse outra versão.

– Acho que sim. – Balanço a cabeça, confusa. – Magda nunca a contou, mas sei que ela não acredita neste final. Conte-o uma vez e ela fez uma careta e balançou a cabeça.

– Bom, é um começo. Se houver outro final, um que as irmãs não querem contar, então talvez seja porque há alguma verdade aí. Vamos perguntar pela manhã.

– Elas não confiam em mim – digo.

– Elas não confiam em ninguém. Mas vão nos contar. Agora vá para casa. Durma.

– Ele dá um beijo leve na minha testa e se vira para deixar o bosque.

– Espere – digo, puxando-o de volta. – E o Otto? Ele vai voltar.

– Vou ficar bem.

– Como? – pergunto, sentindo de novo o peito apertado. – Onde vai se esconder?

Como se respondesse, o vento ao nosso redor fica mais forte, levantando folhas em pequenos redemoinhos, e, bem na minha frente, Cole começa a desaparecer, seu corpo se misturando com a noite ao nosso redor. Ele dá um sorriso fraco.

– Há muito espaço.

Agarro mais forte o seu braço, com medo de que ele desapareça totalmente. Mas o vento morre e ele está ali, carne e sangue de novo.

– Por quanto tempo você consegue se esconder? – pergunto, com um terrível cansaço na voz.

– Somente até encontrarmos o verdadeiro responsável. Somente até encontrarmos as crianças. Então não precisarei mais me esconder.

Não é tão específico quanto a resposta que estava esperando, mas suponho que funcione. Eu me inclino para dar um beijo de boa-noite.

– Por precaução – sussurro.

Suas mãos me abraçam na cintura, mas ele hesita.

– O que foi? – pergunto, dando um passo para trás.

– Estou cansado. Não tenho muito controle.

– Então fique calmo. – Eu me inclino para a frente, tão calma e devagar como se ele fosse um alce. Quando meus lábios estão a centímetros dele, paro, espero que se afaste de novo, mas ele aguenta firme. Minha respiração pressiona a dele.

– Fique calmo – repito, e meus lábios tocam os dele. As nuvens de repente param de se mover, como se quisessem parar o momento tanto quanto eu. Quando me afasto, há algo novo em seu rosto, algo tímido, um traço de um sorriso. Cansado, mas está ali.

E, então, ele é que está me puxando para perto, sua mão fria contra a curva das minhas costas enquanto me beija o ombro, o pescoço. Uma curta risada me escapa enquanto seu cabelo faz cócegas em minha pele. É gostoso – tanto rir quanto abraçá-lo assim. O vento ao nosso redor começa a ondular, a subir e a descer. Cole levanta a cabeça até seus olhos se encontrarem com os meus. No alto, o céu fica mais escuro, quase negro, e eu sei que isso não está certo. Já passamos a parte mais negra da noite

e a luz deveria estar se espalhando. Inclino a cabeça para trás, olhando pelo meio das árvores para o céu. As nuvens ainda estão ali, cobrindo a lua.

– Cole – sussurro quando o vento se torna algo mais forte. – Cole, *fique calmo*.

Seus olhos voltam a encarar os meus, e desta vez ele franze a testa.

– Não sou eu – ele fala quando o vento vai crescendo, reproduzindo uma melodia familiar que faz o meu coração quase parar. – É ela.

E bem nesse momento o mundo fica negro e a música fica mais alta. Debaixo da melodia, eu ouço aquelas quase palavras. As que os adultos não ouvem e as crianças ouvem muito claramente, chamando-as para saírem de suas camas.

Wren. Meu peito volta a ficar apertado quando percebo o que está acontecendo. A música e a escuridão antinatural acontecem toda noite e, de manhã, as camas estão vazias. Preciso ir para casa. Eu me afasto dele, virando-me para cruzar o bosque, quando o mundo gira violentamente debaixo dos meus pés. Os dedos de Cole se apertam ao meu redor, e ele diz algo, mas não consigo ouvir. A música se sobrepõe a tudo e a noite está totalmente escura. O páramo debaixo de mim começa a desaparecer. Seus dedos começam a desaparecer. A noite começa a desaparecer. E tudo fica escuro e silencioso.



LUZ DO SOL, REPENTINA E QUENTE, TOMA CONTA DA MINHA cama.

Eu me sento de um pulo. Consigo ouvir os passos suaves da minha mãe na cozinha. Os de Wren se ouvem no corredor. Wren. Em casa e segura. Deixo escapar um suspiro de alívio. Sinto-me tonta, confusa. Como cheguei aqui? A luz que entra pela janela é revigorante e clara.

Começo a me lembrar, como em um sonho, de ter sido meio carregada, meio guiada para casa, uma voz baixa sussurrando enquanto minhas botas deslizavam pelo mato. Afasto os lençóis. Minha capa está ao lado da cômoda. Cruzo o quarto até a janela e a abro, olhando para baixo. Minhas botas estão arrumadas debaixo do peitoril. Tudo está no lugar.

Quando encontro Wren no corredor, eu me ajoelho e a abraço, ignorando as suas tentativas de se livrar de mim.

– Estão todos brincando sem mim – ela reclama.

– Quem? – Se Wren está aqui e segura, então a cama de quem foi encontrada vazia esta manhã?

Logo saberei a resposta.

– E a sra. Harp diz a mesma coisa – diz uma voz.

É Tyler (quem mais?), contando os detalhes para a minha mãe.

E ele está falando sobre a sra. Harp. A mãe de *Emily*. A garota ganha forma em minha mente, dando um pequeno giro, duas trancinhas escuras no ar.

– Nenhuma pista? – pergunta minha mãe, baixinho.

Eu fico parada no corredor por um momento, ainda abraçando Wren e ouvindo mais pedaços fracionados de conversa.

Nenhuma pista. Não estou mais surpresa. O vento veio e roubou Emily de sua pequena cama. Consigo imaginar. Uma colcha levantada devagar, expondo os lençóis brancos, frios e vazios. Talvez tenham encontrado seu talismã no criado-mudo, jogado como os cobertores em uma noite quente.

Wren se livra dos meus braços, seu talismã ainda ao redor do punho, com o cheiro doce de terra. Eu o seguro quando uma brisa começa a entrar na casa.

Sinto um arrepio e vejo que a porta da frente está aberta.

Nesse momento, percebo como é tarde, o sol já está alto. Como se fosse uma dica, ouço os passos pesados do meu tio na porta e meu coração chega à boca.

Cole.

A evidência plantada.

Wren escapa de mim, disparando pelo corredor até Otto. Ela quase passa por ele, jogando seus braços para a frente no último momento, para abraçá-lo. Ele a agarra, levantando-a no colo.

– Bom dia, Wren – ele fala antes de deixá-la no chão.

Seus olhos se encontram com os meus e então, para minha surpresa, ele sorri.

– Bom dia, Lexi – fala com a voz calma.

Tento não mostrar o choque.

– Como o senhor está, tio?

Então percebo as suas mangas, levantadas e sujas, um longo arranhão em um braço.

– O que você *fez*? – pergunto, com um olhar fixo.

Otto abaixa cuidadosamente suas mangas.

– Fiz o que tinha de ser feito.

Tento sair correndo, mas suas mãos são muito rápidas, agarram o meu punho.

– Você foi até ele? Tentou avisá-lo? – ele pergunta.

– Do que você está falando? – e me volto para ele.

Seus dedos me apertam e estremeço, tentando me liberar quando Tyler aparece no corredor.

– Então me ajude, Lexi, falei para não me desobedecer. – A voz de Otto está engasgada. – Não vê o que está fazendo? O que já fez?

– *Otto* – diz minha mãe atrás de mim, sua voz mais forte do que já ouvi nos últimos meses. – Solte-a.

Meu tio me solta no ato, como se não tivesse percebido que estava me machucando, e eu caio sobre Tyler, que parece muito feliz por me agarrar.

Engulo todos os xingamentos que sobem pela minha garganta enquanto o empurro para fora da casa.

– Não posso salvá-la agora – Otto murmura quando eu me afasto.

Há marcas de dedos vermelhas no meu punho, mas não sinto nada a não ser raiva e frustração, além de medo por Cole e pelas irmãs Thorne. Pego minhas botas debaixo da janela, abandonando a faca de meu pai e a minha capa, ignorando o fresco ar do verão. Não posso voltar. Não tenho tempo.

As ameaças de Otto crescem atrás de mim, mas não olho para trás.



A primeira coisa que vejo é fumaça.

Quando a cabana aparece, percebo que vem da chaminé; o ar passou de fresco a frio em questão de dias. A porta da frente está aberta e mesmo do caminho consigo ver a mesa virada, o chão cheio de canecas, panelas, folhas e outras coisas. Uma das cadeiras da cozinha está no jardim da frente e nela está Magda. Aos seus pés está uma cesta de gravetos e pedras, e ela canta sozinha enquanto trabalha, como se não tivesse acontecido nada. Sua música se mistura com o vento, de forma tão perfeita que não consigo separar as duas melodias. Quando eu me aproximo, consigo entender as palavras da música. Elas passam por seus lábios enrugados quase sem consoantes.

– ... porta da vila, olhos atentos apareceram à noite, mantenham os males longe...

Está montando pássaros. Seus dedos tortos arrancam finas tiras de pequenos pedaços de gravetos e envolvem os fios ao redor e entre as pedras e pedaços de madeira. Eu corro para a casa, olhando para o páramo, procurando algo cinza-escuro entre o mundo verde-claro e o céu azul-claro. Mas tudo que vejo são ondas de grama. Uma neblina tomou conta de tudo. As costas das colinas se arrepiam como bestas dormindo.

– Magda! – grito quando me aproximo. – O que aconteceu? Onde está Cole? Ele...?

Pelo canto do olho vejo algo, uma sombra. É ele na porta, esperando por mim.

Corro o restante do caminho e o abraço. Ele dá um passo para trás, mas não me afasta. Seus braços me abraçam gentilmente.

– Você está aqui – digo sem fôlego, mas com alívio. – Pensei... Não sei o que pensei. Otto veio para casa e estava falando coisas... sobre fazer o que precisava ser feito. Ele me acusou de avisá-lo.

– Estou aqui – ele fala. – Está tudo bem.

– O que aconteceu, Cole? Ontem à noite... e depois... isso? Pensei... – Engulo as palavras e o abraço mais forte, inalando o cheiro de sua capa cinza, o ar fresco com um toque de fumaça.

Ele inclina a sua cabeça, beijando gentilmente a curva de meu pescoço. Olho para dentro da casa.

– Avisei Magda e Dreska – ele fala sobre meu ombro –, mas elas se recusaram a sair.

– Claro que sim – fala Dreska brava, varrendo uns poucos pratos quebrados, usando a vassoura ao mesmo tempo como apoio e ferramenta. Ela se inclina para pegar a perna de um banco virado e o arruma ao lado do fogo.

– O que aconteceu? – pergunto, pegando uma cesta.

– O que você acha que aconteceu? – pergunta Dreska. – Seu tio e os homens dele subiram aqui procurando pelo nosso convidado e, quando não o encontraram, fizeram esta bagunça. – Ela pega uma tigela. – Como se ele pudesse estar escondido debaixo dos pratos.

– Vieram ao galpão – acrescenta Cole, balançando a cabeça. – Não deveria ter removido a prova deles.

– Todas as coisas que eles derrubaram já tinham sido derrubadas uma centena de vezes antes – resmunga Dreska. – Coloque a cesta na mesa – e ela acrescenta – quando Cole a tiver arrumado.

Cole virou a mesa de pernas para baixo. Sua superfície é uma teia de riscos e de queimados, mas, tirando o gemido que faz ao ser colocada na posição, parece em ordem.

– Foi por isso que ele me perguntou se eu o tinha avisado – digo esfregando os braços de frio. Cole nota e tira sua capa, colocando-a ao redor dos meus ombros. É surpreendentemente macia e quente.

Dreska coloca a chaleira sobre o fogo.

Alguns momentos depois, Magda entra com sua cesta de pássaros feitos de gravetos e pedras. Ela deixa que caia no chão ao lado da porta com um barulho forte.

– Seus olhos estão cheios de coisas negras. Aquele homem é o pior – ela fala.

Sinto a inesperada necessidade de defender meu tio, apesar de a culpa ser dele. Apesar de ainda ter as marcas vermelhas no meu punho.

– Otto não... – começo.

– Não, não Otto – diz Magda, balançando a mão. – O outro. O alto, com jeito entediado.

– Bo – digo, e a palavra sai como uma maldição. – Bo Pike. – Lembro como ele se ajoelhou, escondendo os pedaços de roupa de criança, seu nariz e o cabelo apontando para baixo.

– Isso não pode continuar – digo a Cole. – Você não pode ficar se escondendo deles. Se os homens de Otto conseguirem se virar todos contra você, não haverá lugar para se esconder.

– Não vou embora, Lexi. – Sua expressão teimosa não deixa espaço para argumento.

– Magda – digo querendo mudar de assunto. – Dreska. – As irmãs não me olham nem para seus afazeres, mas sei que estão ouvindo, esperando que eu continue.

– A Bruxa de Near simplesmente não desapareceu no páramo, não é mesmo? – pergunto, minha voz diminuindo. – Algo deve ter acontecido. Algo ruim.

Magda respira fundo e solta o ar.

– Aconteceu, querida – ela fala, deixando-se cair sobre uma cadeira. Seu corpo range como gravetos velhos quando ela se inclina. – Algo ruim aconteceu. – Ela dá uma olhada pela janela, para as colinas ao leste, como se tivesse medo de que alguém pudesse estar ouvindo.

– O que aconteceu? – pergunto.

Dreska para de varrer, mas somente por um momento, então redobra seus esforços, o *swoosh swoosh* da vassoura enchendo o quarto como estática. A ponta de metal da chaleira começa a apitar quando a água ferve. Magda agarra uma toalha e, com as duas mãos, a tira do fogo.

– Conte-me o fim da história. – Eu hesito, então acrescento: – O final verdadeiro.

As canecas fazem barulho ao se chocar quando são colocadas na mesa, com a chaleira e o pão fatiado.

Magda olha para mim como se eu tivesse ficado louca. Ou tivesse crescido. É mais ou menos a mesma coisa. Abre a boca, revelando os buracos onde faltam dentes, mas, antes de ela falar, Dreska balança a cabeça.

– Não, não, não há por que fazer isso, querida – diz Magda, impaciente com um graveto de madeira que encontrou no chão.

– Preciso saber – pressiono, olhando para Cole. Ele está ao lado da janela aberta. Fico imaginando se é difícil para ele ficar confinado, já que precisa de ar fresco. – Se a Bruxa de Near está roubando as crianças...

– Quem falou que ela está? – interrompe Dreska.

– Como poderia? – acrescenta Magda. – Ela está morta há muito tempo.

Mas a forma com que fala é muito cuidadosa. Elas não acreditam em uma palavra do que dizem. Cole me faz um gesto de encorajamento.

– Sei que você pensa que é ela, Dreska – digo, tentando não me intimidar com seu olhar de pedra. Nenhuma das irmãs fala, mas elas trocam uma série de olhares frios. – Ouvi você falar com Tomas, na vila. Tentou contar a ele e as duas tentaram contar a Otto. Eles não acreditaram, mas eu acredito.

Todo o som desapareceu da sala.

– E se não encontrarmos o culpado e as crianças... – Meus olhos piscaram para Cole ao lado da janela aberta. E então para Magda, ocupada com o chá, e para Dreska, olhando direto para mim, quase através de mim, com aqueles olhos cortantes. Era a minha chance de persuadi-las.

– ... as coisas vão piorar. Ninguém vai conseguir descobrir quem está levando as crianças. Vão culpar Cole, mas isso não vai resolver nada. As crianças vão continuar desaparecendo. Wren vai desaparecer e não posso ficar sentada esperando que isso aconteça enquanto eles procuram o culpado! – Olho para o teto tentando me recuperar entre as vigas de madeira. – Precisamos entregar provas a eles. Precisamos acertar as coisas.

Dreska me olha, como se não conseguisse decidir se devia me mandar para casa ou confiar em mim.

– Magda. Dreska. Meu pai passou a vida tentando fazer com que Near confiasse em vocês. Agora, por favor, confiem em *mim*. Deixem-me ajudar.

– Foi Lexi quem me avisou, ela nos avisou sobre os homens de Otto – Cole acrescenta, finalmente.

– E por que você está tão convencida de que é a Bruxa de Near, Lexi Harris? – pergunta Dreska.

– Ela conseguia controlar todos os elementos, certo? Até mover a terra. Consequia cobrir seus traços. E há esse estranho caminho, como uma trilha, por cima do mato.

Os olhos de Dreska se fecham um pouco, mas ela não me interrompe.

– Então, a única coisa que não sei é como ela voltou, e por que iria querer roubar as crianças. Vão me contar ou não? – As palavras saem mais alto do que eu esperava. Elas ecoam pelas paredes de pedra.

O rosto de Dreska se enrugam, todas as rugas voltando-se para o centro, entre os seus olhos. Magda murmura a “Rima da Bruxa” enquanto serve o líquido quente sobre o velho coador de pano dentro das canecas. O vapor sobe pelo ar, enrolando-se ao redor dela.

Dreska dá uma última olhada para Cole, encostado na parede ao lado da janela, e balança a cabeça. Mas, quando ela fala, é para dizer:

– Muito bem, Lexi.

– Podem se sentar – acrescenta Magda. – O chá está pronto.



– A BRUXA DE NEAR VIVIA NOS ARREDORES DA VILA – COMEÇA

Magda –, no limite em que Near se encontra com o mundo selvagem. Isso foi há muitos anos. Talvez antes de Near ser Near. E sim, é verdade que ela tinha um jardim, e é verdade que as crianças gostavam de ir vê-la. Os moradores não a incomodavam, mas tampouco gostavam dela. Um dia, um garotinho foi ver a Bruxa de Near e não voltou para casa. – Magda olha para um canto da sala.

Dreska está andando pelo lugar, claramente desconfortável. Fecha a janela e Cole recua, mas ela não para, mexendo na chaleira e olhando pelo vidro para o páramo que ia ficando cada vez mais escuro. Começa a chover finalmente, a água caindo forte e pesada sobre a casa. Magda continua.

– Quando o sol se pôs e o dia terminou, a mãe do garoto saiu para tentar encontrá-lo. Chegando até a pequena cabana nos arredores de Near, bem ali. – E agora Magda aponta por cima do ombro da irmã para o lado de fora da casa. – Mas a bruxa não estava em casa. No entanto, o menino estava ali, no jardim, entre as flores vermelhas e amarelas.

Seus dedos agarram a xícara de chá.

– Estava morto. Como se tivesse dormido entre aquelas flores e nunca mais quisesse se levantar. Os gritos da mãe puderam ser ouvidos, contam, mesmo com o forte vento do páramo. Mais tarde, a Bruxa de Near voltou para casa com os braços cheios de mato alto e frutos, e outras coisas que as bruxas gostam de juntar. Sua casa estava envolvida pelas chamas e seu precioso jardim, destruído. Um grupo de caçadores a estava esperando. “Assassina”, eles gritavam, “assassina!”. – A voz de Magda treme quando ela fala isso e eu recuo. – E os caçadores caíram como corvos

em cima da Bruxa de Near. E gritou para as árvores, mas elas estavam enraizadas e não puderam salvá-la. Gritou para o mato, mas ele era pequeno e frágil e não pôde salvá-la.

A chuva cai sobre as pedras da casa e Dreska parece estar ouvindo a história da sua irmã com um ouvido e a tempestade com o outro. Cole está em um canto e nada fala, mas seu rosto está tenso e os olhos, perdidos.

– Finalmente, a Bruxa de Near gritou para a própria terra. Mas era muito tarde e nem a terra pôde salvá-la. – Dá um longo gole no chá. – Ou é o que dizem, querida. – Posso imaginar do que ela está falando, só que não imagino a bruxa pedindo ajuda ao páramo. Imagino Cole. Tremo.

– Meu Deus, Magda, as histórias que você conta... – Dreska fala de onde está na janela. Ela se vira, continua a mexer em algo com as mãos, movendo uma panela, varrendo umas poucas folhas com a bengala.

Magda me olha.

– Eles mataram a bruxa, os três caçadores.

– Os três caçadores? – pergunto. – Os homens que formaram o Conselho original? Eles receberam este título por *proteger* a vila.

Dreska assente.

– Não eram o Conselho naquele momento, só jovens caçadores, mas sim. Homens como o seu tio, como aquele Bo. Os caçadores levaram o corpo da bruxa para o páramo, muito, muito longe, e o enterraram bem fundo.

– Mas a terra é como a pele, cresce em camadas – murmuro, lembrando as palavras sem sentido de Magda no jardim. A velha concorda.

– O que está no alto, descasca. O que está embaixo pode chegar ao alto, em algum momento – ela fala, e desta vez acrescenta –, se estiver bravo o suficiente.

– E se for forte o suficiente.

– Foi uma morte muito errada para uma bruxa tão poderosa.

– Com os anos, o corpo cresceu até finalmente ter chegado à superfície e reaparecer – fala Dreska, misteriosa. – E agora, finalmente, o páramo conseguiu salvar a sua bruxa. – Depois de uma longa pausa, ela acrescenta, séria:

– Ou é o que *nós* acreditamos.

Novamente as irmãs falam de sua forma entrelaçada.

– Ela subiu até o páramo – fala Dreska.

- Agora sua pele realmente é feita com o mato do páramo – acrescenta Magda.
- Agora seu sangue é feito de chuva do páramo.
- Agora sua voz é feita do vento do páramo.
- Agora a Bruxa de Near é feita do páramo.
- E ela está furiosa.

As palavras das irmãs ecoam pela cabana, subindo como vapor por entre nós. De repente, eu gostaria que as janelas estivessem abertas, mesmo que a chuva entrasse. É difícil respirar ali. O chão sujo da cabana parece tremer quando Magda fala. As paredes de pedra se aproximam.

– É a razão pela qual as crianças estão desaparecendo agora – digo baixinho. – A Bruxa de Near está levando todas elas para punir a vila...

Magda concorda movimentando a cabeça, tão regular quanto um gotejar de água.

As palavras do livro de meu pai, as palavras de Magda, voltam à minha mente: *O vento é solitário e sempre está procurando companhia*. É exatamente o que a bruxa está fazendo, tirando-os de suas camas. Sinto um arrepio.

– Mas por que somente à noite?

– Por mais poderosa que seja, ainda está morta – fala Dreska.

– Coisas mortas devem ficar em suas camas até ficar escuro – fala Magda.

Mas há algo em seus tons de voz, algo que estive tentando entender todo o tempo. Há maciez quando as irmãs falam da Bruxa de Near.

– Vocês gostavam dela – digo, percebendo as minhas palavras quando elas já haviam saído da minha boca.

Algo parecido com um sorriso se ilumina no rosto de Dreska.

– Já fomos crianças também.

– Brincávamos em seu jardim – conta Magda, olhando o seu chá.

– Nós a respeitávamos.

Aperto meus dedos contra a xícara até sentir o calor se espalhando pelas minhas mãos. Todo esse tempo, Cole ficou parado como uma sombra na parede, silencioso, inescrutável. Fico imaginando se ele consegue se ver nessa história, sua casa se queimando. Ou se ele está presenciando coisas mais terríveis. Mas, quando olha de seu canto, e nossos olhares se cruzam, um sorriso quase triste se forma em seu rosto. É fraco, mais para mim do que para ele, mas eu o imito e volto a olhar para as irmãs.

– Ela não matou aquele garoto, não é?

Dreska confirmou, balançando a cabeça.

– Às vezes, uma vida é muito curta.

– E precisamos culpar alguém.

– O menino, ele tinha o coração ruim.

– Ele se deitou naquele jardim e dormiu.

– E eles a mataram por isso – sussurro, com a xícara nos meus lábios. – Vocês sabiam? Todo esse tempo? Por que não me contaram? Por que não fizeram nada?

– Acreditar e saber são coisas diferentes – fala Dreska, voltando à mesa.

– Saber e provar são coisas diferentes – fala Magda.

As irmãs estão com a mesma expressão, profunda e enrugada. No canto, o rosto de Cole está nas sombras de novo. E, do lado de fora da janela, a chuva está diminuindo, mas o céu ainda está escuro.

– Não sabemos onde a bruxa está enterrada – fala Dreska, com um longo movimento da mão para fora.

– E tentamos convencê-los – diz Magda, apontando com a cabeça para a vila. – Tentamos contar aos que procuravam o túmulo desde o começo, mas não nos ouviram.

– Cabeças-duras – fala Dreska. – Exatamente como eram naquela época.

– É como você falou antes, Lexi. – Magda gira sua xícara em pequenos círculos na mesa. – Os moradores nunca vão acreditar. Os homens de Otto nunca vão acreditar.

Olho para o dia cinzento, a luz voltando a aparecer.

– O que precisamos fazer – pergunto – para resolver esse problema?

– Bom, primeiro... – diz Magda, terminando o seu chá e se levantando. – Primeiro, vocês precisam encontrar o corpo da bruxa. Precisam encontrar os ossos.

– E dar um descanso a eles – murmura Dreska, quase com reverência.

– Enterrados de forma apropriada.

– Guardados de forma apropriada.

– É assim que funciona com as bruxas.

– E com todas as coisas.

– Onde? – pergunto, me levantando.

– Onde ela vivia – respondem.

As irmãs nos fazem sair da casa. Do lado de fora, o ar está frio, não muito, mas o suficiente para a minha pele ficar arrepiada.

– Sim, eu sei que está aqui em algum lugar – fala Magda, coçando o rosto enrugado com uma unha suja. – Ah, sim, bem ali. – Ela aponta para o segundo pedaço de terra entre a cabana e o muro baixo de pedras, atrás do jardim dela. A terra que sempre parecia limpa, estranhamente nua em um lugar tomado por mato e flores. Eu me encosto e percebo que o chão, de perto, se mostra queimado. Estéril, sem mato. Passo os dedos pela terra, tudo transformado em lama por causa da tempestade. Não faz sentido. O fogo deve ter acontecido séculos atrás. O mato deveria ter se recuperado. E, mesmo assim, quase consigo ver as marcas do incêndio. Como se ele tivesse acontecido recentemente.

– Esta era sua casa – murmuro.

– E o jardim está quase pronto – diz Dreska, apontando para o solo entre a cabana de pedras e o ponto de terra chamuscado. O jardim de Magda. Antes era o da Bruxa de Near.

– A bruxa merecia respeito, na vida e na morte – diz Magda, tão baixinho que Dreska não deveria ter ouvido. Mesmo assim, as duas assentem uma ao lado da outra, as cabeças se mexendo a um ritmo levemente diferente. – Em vez disso, ela recebeu medo, depois fogo e assassinato.

– Mas como vamos encontrar os ossos? – pergunto. – Podem estar em qualquer lugar.

Dreska levanta uma mão cansada para o leste, para o páramo.

– Esta é a direção na qual eles levaram o corpo. Esta é a direção em que você vai encontrar os ossos. A que distância, isso eu não sei.

Uma mão descansa em meu ombro e Cole está ali, atrás de mim.

– Vamos encontrá-los – ele promete. Magda e Dreska voltam para a casa e ficamos sozinhos nos arredores de Near.

– Parece impossível – falo, ainda de costas para ele. – Por onde começamos?

Olho para o páramo e meu coração se afunda. O mundo é enorme. Infinito. Colina após colina, todas pontuadas com árvores. O páramo sempre parece estar comendo coisas. Pedras e madeiras meio digeridas espalhadas pelas colinas. E em algum lugar aí fora, engoliu a Bruxa de Near também.



OLHO PARA AS COLINAS SEM FIM E TUDO O QUE SINTO É FALTA de esperança.

Cole dá um passo para a frente, mas eu o impeço.

– Ainda não – digo, balançando a cabeça. – Não podemos simplesmente sair andando no páramo. Precisamos de um plano. E eles virão atrás de você, Cole. Otto e seus homens vão nos seguir.

Ele simplesmente olha para mim.

– Há pessoas que preciso visitar. Posso ser persuasiva como meu tio quando preciso. – Não vou precisar de muito tempo.

Cole ainda não fala nada e percebo como está quieto desde que as irmãs contaram a história. Eu o abraço e seus olhos cinza estão estranhamente mortos, como se olhassem para dentro e não para fora. Quando finalmente fala, sua voz é vazia, quase brava.

– É uma perda de tempo, Lexi.

– O que você quer dizer?

– Não importa. O que eles pensam de mim não importa. – O vento ao nosso redor fica mais forte, um peso em meu peito.

– Mas *me* importa. E se Otto e seus homens o agarrarem, e você for julgado, o que as pessoas pensarem vai importar muito.

Ele fecha os olhos. Ponho a mão sobre seu rosto, a pele fria contra os meus dedos.

– O que foi?

As rugas entre suas sobrancelhas diminuem um pouco com o meu toque, mas ele continua com os olhos fechados. Consigo ouvir sua respiração enchendo o peito em

arfadas curtas e irregulares, como se fossem expulsas de seus pulmões assim que entram. Fico com as mãos ali, sobre o seu rosto, até a pele se acostumar com o meu toque, até sua respiração ficar mais tranquila e o vento ao nosso redor voltar a ser uma gentil brisa. Poderia ficar ali para sempre.

– Às vezes me pergunto o que faria – ele fala, finalmente, sem abrir os olhos – se alguém tivesse sobrevivido ao fogo. Teria confessado e deixaria que me punissem? Isso teria amenizado a dor de alguém?

– Por que você está falando isso? – Fico surpresa com a raiva em mim. – Como isso poderia ter melhorado as coisas?

Seus olhos se abrem, os cílios bem negros contrastando com a pele branca.

– Você ouviu as irmãs. Às vezes, as pessoas precisam culpar algo, alguém. Isso lhes dá paz até encontrarem as verdadeiras respostas.

– Mas elas não precisam culpá-lo. Podem culpar a Bruxa de Near e podemos provar, assim que encontrarmos as crianças. – Tento encher a minha voz com suficiente determinação para os dois. Então era isso que ele estava pensando na cabana das irmãs quando me deu um sorriso triste. Estava querendo que houvesse caçadores para agarrá-lo, para puni-lo, assim não precisaria se autopunir?

Ele fica mais tranquilo, mas não muito. Balança a cabeça um pouco, então volta a me olhar.

– Desculpe – ele fala, baixinho. – Não quis deixá-la chateada. – Sua voz é reveladora, honesta.

– Cole, você não é uma pedra – digo. – Não é uma árvore ou um punhado de mato ou uma nuvem. E não é uma coisa para ser jogada fora, queimada ou pisada. Por favor, diga-me que entende isso. – Ele me encara. – E você não é só o vento, também. Está aqui e é real, isso pode estar em você, mas não é você. Não o torna menos humano.

Ele assente. Passo meus braços ao redor da sua cintura, sua capa abraça nós dois.

De todos os lados, o páramo está calmo, a luz é forte e o ar está mais quente. Nesse momento, não parece que algum mal possa entrar aqui.

Nesse pequeno momento de paz, volto a escutar as palavras do meu tio: *Não posso salvá-la agora*. O que quis dizer com isso? Aperto Cole com mais força. Ele inclina a cabeça contra a minha.

– Você tem um dom – sussurro. Ele tem cheiro de cinzas, mas também de vento, como as roupas quando são deixadas para secar no sol e no ar da manhã. – E preciso da sua ajuda. Preciso de você.

Estico o braço e tiro o cabelo do seu rosto, seus olhos se fecham quando ele solta o ar, a tensão diminui em seu corpo.

– Quando começamos? – ele pergunta.

– Vamos encontrar os ossos esta noite.

– Achei que você precisava de um plano primeiro.

Eu sorrio.

– À noite já terei um.

Dou um último beijo nele e não consigo esconder o pequeno prazer que sinto quando o vento fica mais forte ao nosso redor.

– Nos veremos esta noite, então – ele fala.

Concordo e deixo meus braços se afastarem dele, soltando a sua capa. Coloco-a de volta em seus ombros e começo a voltar. O vento ao meu redor mexe com meu cabelo, que me esqueci de prender. Brinca com as ondas escuras, escovando a minha nuca. Quando dou uma última olhada para trás, ele não está voltado para as nuvens ou para o páramo. Está olhando para mim e sorri.

Eu também sorrio e volto a descer a colina, louca para que a noite chegue logo.

Mas tenho tarefas a cumprir antes disso.



CHEGO A UM GRUPO DE CASAS BEM AO SUL DA CABANA DAS irmãs e no centro da cidade. As casas são esparsas no lado leste, como se os moradores quisessem se afastar de Magda e Dreska.

Estou cortando pelo meio das casas, pensando no meu plano, quando um pequeno garoto aparece, seguido pelos protestos abafados de sua mãe. Riley Thatcher.

Oito anos e tão magro quanto um grupo de varetas, Riley cruza o jardim, cai na terra e está de pé de novo em um piscar de olhos. Mas, naquele momento, algo está diferente. Algo desapareceu. Ele já está correndo para outra casa quando vejo a pequena coisa que ele deixou no mato. Eu me ajoelho e pego o talismã das irmãs, a bolsinha de ervas e terra, o fio quebrado.

– Riley – eu o chamo e o menino volta. Eu devolvo o talismã a ele. O menino sorri e o enfia no bolso e, no mesmo instante, a mão de uma mulher agarra a sua camisa.

– Riley Thatcher, o senhor pode voltar para dentro. Eu falei que não podia sair.

A sra. Thatcher o obriga a dar meia-volta e o empurra firmemente para a porta. Suprimo uma risada quando ela suspira.

– Ele é incansável. Todos eles são. Não estão acostumados a ficar dentro de casa enquanto o sol está brilhando – ela diz.

Meu sorriso desaparece.

– Eu sei. Wren tem permissão de sair com nossa mãe, mas sente falta da sua liberdade mesmo assim. Ainda bem que está meio úmido. Se o sol ficar brilhando assim, teremos de amarrá-la em uma cadeira.

A sra. Thatcher concorda.

– Mas com tudo o que está acontecendo, o que mais podemos fazer? E aquele estranho? Não o encontram em lugar nenhum.

– O que as pessoas estão falando?

Ela passa as costas da mão na testa.

– Não está sabendo? Estão com medo. Não é bom que um estranho apareça aqui no dia anterior a tudo isso começar... – Ela gesticula com a mão, apontando para as cabanas, para as pegadas que Riley fez na terra, tudo.

– Isso não quer dizer que ele seja o responsável.

Ela olha para mim e suspira.

– Vamos entrar, querida – fala. – Não há motivo para ficar conversando ao ar livre. Especialmente com o tempo úmido assim.

Dou uma olhada nervosa para o céu, mas o sol ainda está bastante alto, então eu a sigo.

A sra. Thatcher é uma mulher forte. É boa trabalhando com as mãos, como minha mãe, e faz a maior parte das panelas e tigelas da vila. Riley e seu pai parecem gravetos conectados com cordas, e ela tem a forma de uma de suas tigelas. Mas, por mais redonda que possa ser, seus olhos estão sempre afiados. Ela não me trata como criança. Ela e minha mãe sempre foram próximas. Eram mais antes de a minha mãe se transformar em um fantasma.

– O estranho, como você falou que era seu nome? – Ela enxuga as mãos em uma toalha que sempre está em seu ombro.

– Não falei. Mas é Cole.

– Bom, ele não falou com ninguém na vila. E agora foram questioná-lo e ele desapareceu. E acho que não é a primeira vez que tentaram encontrá-lo. Menos mal se ele foi embora, e que o encontrem, se ele não foi.

– Mas *não* foi Cole.

Ela se vira para a mesa, preparando uma bandeja.

– É mesmo? E como você pode ter tanta certeza, Lexi Harris?

Engulo em seco. Ela não vai acreditar que é a Bruxa de Near.

– Sra. Thatcher – sussurro confidencialmente, inclinando-me para a frente como faz Wren –, estive pesquisando também, à noite. E aquele rapaz, Cole, estive me

ajudando. Ele é esperto. É um bom rastreador. Estou muito mais perto de encontrar o verdadeiro ladrão por causa dele.

Está de costas para mim, mas sei que está escutando.

– Otto e seus homens não têm ideia de quem está levando as crianças e não querem parecer tontos, então escolheram Cole. Poderia ter sido qualquer um. E se eles o expulsarem da vila, poderíamos nunca encontrar quem realmente está levando as crianças.

– Ele terá sorte se só o expulsarem da vila.

Sinto um aperto na garganta.

– O que vão fazer?

A sra. Thatcher coloca um prato de biscoitos entre nós na mesa, discos circulares que parecem tão duros quanto sua cerâmica. Em poucos segundos, Riley está ali, pegando dois ou três de uma só vez. As longas mãos da sra. Thatcher agarram seu braço antes que os biscoitos possam entrar em seu bolso. Riley tem um sorriso safado que me lembra o de Tyler quando tinha essa idade. Vejo que ele, com a mão livre, enfia mais dois biscoitos no bolso de trás.

– Saia daqui, Riley – ela fala, e o menino pega mais alguns biscoitos da bandeja e parte feliz, tendo juntado meia dúzia de biscoitos entre seus bolsos e suas palmas. Eu pego um e mordo com educação. O biscoito resiste. Mordo mais fortemente até meus dentes doerem, mas não tem jeito, então eu o coloco no meu colo.

Ela mastiga um biscoito, os olhos entrecerrados.

– Não sei, Lexi. Todo mundo está ficando preocupado. Eles querem ver alguém culpado. Você realmente acha que o estranho é inocente?

– Acho. Tenho certeza. Você acredita em mim?

– Oh, estou tentando acreditar – ela diz com um suspiro. – Mas a menos que você e seu amigo encontrem logo essas crianças, pouco vai importar o que eu penso.

E sei que ela está certa. Eu me levanto e agradeço à sra. Thatcher pelos biscoitos e por me ouvir. Ela sorri, um sorriso fraco, mas genuíno. Quando saio para a rua, o ar frio faz minhas mãos e meu rosto doerem. O sol está mais baixo. Eu me viro e a encontro me olhando da porta. Mas, quando vou agradecer-lhe de novo, percebo que está olhando para algo atrás de mim, a boca fechada e as mãos cruzadas sobre sua barriga. Eu me viro e vejo um corvo circulando no alto, uma mancha escura contra o céu pálido.

– Você precisa convencer aqueles que perderam – ela diz, ainda olhando para o pássaro. – Aqueles que perderam as crianças. Os Harp, os Porter, os Drake. Ouvi dizer que o Mestre Matthew está muito bravo.

O *Mestre Matthew*. E então eu percebo. Matthew Drake. O terceiro membro do Conselho. E o avô de Edgar e Helena.

– Se você acha que consegue encontrar as crianças, é melhor ser rápida – a sra. Thatcher fala baixo. E com isso ela volta para dentro da casa, mas eu já estou correndo o mais rápido que consigo. Minha mente está voando e meu coração está acelerado, os pés tentando alcançá-los. Estou indo para a casa de Helena.



Três pessoas sabiam onde a bruxa estava enterrada. Até aí eu sei.

O sol está descendo devagar na ponta do céu quando parto para a casa dos Drake.

Três pessoas. Os membros do Conselho. Quando Dreska estava brigando com o Mestre Tomas, ela o chamou de guardador de segredos e verdades esquecidas. Será que a tumba da bruxa é um dos segredos passados de Conselho para Conselho? Torço para que o conhecimento tenha durado todo esse tempo. Minha única chance de descobrir a tumba é arrancar a resposta de um deles.

O Mestre Tomas brigou com Dreska e dá para ver por seu tom que ele não vai contar.

O Mestre Eli supostamente mandou Bo plantar a evidência, então tampouco dá para contar com ele.

Mas há o Mestre Matthew *Drake*. Ele esteve estranhamente ausente de tudo isso. E a perda de um neto pode ser suficiente para abalar qualquer base. Se houver uma chance de descobrir onde a bruxa está enterrada, está com ele.

Vejo Helena bem antes de chegar à sua casa e meus pés param de repente. A culpa é tão pesada quanto pedras nos bolsos de meu vestido, como um gosto ruim no fundo da garganta.

Ela parece destruída, mesmo de longe. Eu forço meus pés a continuarem. Deveria ter vindo antes. Não interrogá-la, mas ver como estava indo. Meu rosto está queimando pela corrida e pelo ar frio, e, quando chego perto de Helena, vejo que seu rosto está vermelho também, mas de maneira diferente. Olhos quentes e rosto

manchado. Seu cabelo loiro está amarrado contra o vento, e ela está lavando roupas em um riacho.

Helena está transformada. A alegre Helena, a minha Helena – que deixou os olhos e os ouvidos da vila ansiosos quando anunciou que tinha visto o estranho, quando brincou sobre como ele era atraente –, agora parece abatida, exausta. Ela murmura algo para si, passando pelas melodias como um fantasma pelos quartos. De vez em quando a melodia se confunde com a “Rima da Bruxa”. Quando me aproximo, posso ver que suas mãos estão vermelhas do frio da água. Quando ela me vê, tenta sorrir, um puxão em seus lábios que está mais próximo a uma careta. Eu paro atrás dela no mato e espero. Ela continua lavando algo azul-escuro. Uma camisa de menino. Envolver os meus braços ao redor de seus ombros.

– Quero que tudo esteja pronto para quando Edgar voltar – ela fala, tirando a pequena camisa azul do irmão da água. – Dessa forma ele vai saber que não o esquecemos. – Seus dedos ficam amassando o tecido. – Espero que encontrem esse estranho – ela fala e sua voz parece diferente. – Espero que o matem.

As palavras doem, mas não deixo que ela perceba.

– Desculpe – sussurro encostada em seu rosto. Demora algum tempo até que suas mãos parem de fazer pequenos movimentos desesperados sobre a roupa. Eu me afasto o suficiente para olhar para ela, surpresa pelo súbito calor em seus olhos. – Vamos encontrar Edgar. Eu estou procurando também, todas as noites.

– Onde você estava? – Sua voz é tão baixa e fraca, que quase consigo sentir o nó se formando em minha garganta. – Todos os outros vieram nos ver – ela continua, a voz cada vez mais fraca –, vieram *me* ver.

Ela vira o rosto deixando o seu olhar escapar para o rio. Começo a me desculpar de novo – uma frase tão inútil, mas preciso falar algo – quando Helena me interrompe.

– Você esteve rastreando o estranho? É como vai encontrar Edgar.

Balanço a cabeça.

– A equipe de busca está espalhando mentiras, Helena. Eles não sabem quem ou o quê está levando as crianças, e estão acusando esse pobre estranho porque não há suspeitos. Mas não foi ele. Eu sei. – Tiro suas mãos da água, onde ainda estão trabalhando furiosamente, e as puxo, tentando esquentá-las com as minhas.

– O que você sabe? – ela pergunta, separando suas mãos. – Teria tanta certeza se Wren tivesse desaparecido? – Ela não espera uma resposta, não parece se importar. – Só quero meu irmão de volta. – Sua voz está calma de novo. – Ele deve estar com tanto medo.

– Vou encontrar Edgar – digo. – Mas, por favor, não culpe Cole.

Ela parece chocada por eu saber o nome do estranho.

– Ele está me ajudando, Helena – sussurro. – Estamos chegando perto de encontrar o verdadeiro culpado. Todos nós queremos respostas – digo puxando o cabelo dela para trás da orelha e virando o seu rosto na minha direção. – Mas não foi ele.

– O que devo pensar, Lexi? O sr. Porter jurou que o viu perto da casa da Cecília na noite anterior a ela desaparecer. E agora o sr. Ward diz que o viu do lado de fora da nossa casa na noite em que Edgar desapareceu.

A brisa fica mais forte e eu luto contra um arrepio quando o sol parece estar mais baixo. Helena põe a mão de volta na água gelada e nem pisca.

– Foi no meio da noite – eu respondo. – Como eles podiam jurar ter visto algo além do escuro? Não quero discutir com você, mas pense nisso: por que outras testemunhas não apareceram antes? Ontem, elas afirmaram ter visto alguém perto da casa da Cecília, mas ninguém falou que ele estava perto da sua. Hoje, eles de repente se lembraram de ter visto? E o que o pai de Tyler estava fazendo aqui à noite? A qualquer minuto, alguém vai se levantar e dizer que o viram perto da janela de Emily também, quando todos estavam dormindo em suas camas.

Espero que ela concorde, mexa no cabelo ou faça um comentário sobre o Conselho, sobre a estranheza disso, sobre *qualquer coisa*.

Ela simplesmente enfia outra peça de roupa debaixo da água.

Eu me levanto e tiro algumas folhas da minha saia. É uma perda de tempo. Esteja onde estiver Helena, a *minha* Helena não está ali.

– Onde está o seu avô?

Ela aponta na direção da sua casa.

– Volto logo. Prometo. – Com isso, eu me viro e deixo a minha amiga ao lado do riacho gelado.



Há uma varanda na casa que envolve três lados. No canto, pouco antes que as estreitas colunas e o corrimão simples desapareçam, está parada a sombra de um homem, olhando.

Eu me aproximo da varanda tentando ficar reta, levanto meus ombros, com a cabeça alta. É estranho ver o Mestre Matthew tão longe da ação, enfiado em sua velha casa, na qual vive desde antes de ser membro do Conselho. Ouço o farfalhar de páginas e percebo que ele está segurando um livro em cima do corrimão de madeira, um xale escuro ao redor de seus ombros.

– Lexi Harris – ele fala sem se virar. Sua voz é profunda e forte demais para um homem tão velho. – Seu tio acha que você realizou sua própria busca ontem à noite. O que a traz aqui à luz do dia? Alguma perdida esperança de pistas? Garanto a você que procuramos... eu procurei. – Ele fica de costas para mim, virando uma página. – Ou está aqui para limpar o nome daquele rapaz, para me convencer de que não foi ele? Temo que não conseguirá fazer isso.

Minhas pernas fraquejam um pouco, mas eu engulo em seco e não abaixo a cabeça.

– Estou aqui para conversar com *o senhor*.

Finalmente, ele se volta para mim. Os olhos do Mestre Matthew têm maciez, uma característica que não atribuo prontamente ao Conselho. Deve ser por ter uma família, filhos, netos. Essas coisas que nos moldam, que nos deixam mais tranquilos.

Ele abaixa a cabeça e me olha por cima dos óculos, parada ali, sem casaco, tentando não tremer pelo frio e por coisas que não têm nada a ver com o clima.

– Você parece com o seu pai, parada dessa forma. Como se pudesse desafiar o mundo e todas as coisas somente por levantar a cabeça. – Quando não respondo, ele acrescenta. – Pare de segurar a respiração, Lexi. Não importa se você está ereta. – Ele levanta a mão, gesticulando para a varanda. Eu me aproximo. O céu no oeste está pintado de vermelho e laranja, e tudo o que consigo pensar é em fogo.

– Preciso da sua ajuda, Mestre Ma...

– Só Matthew.

– Matthew – sussurro. – Preciso que me conte uma história.

Ele vira a cabeça na minha direção, as sobrancelhas arqueadas. O sol poente ilumina o seu rosto com rugas avermelhadas. Não consigo deixar de pensar em

quantos anos ele tem. Deve ter pelo menos oitenta, mas, quando vira a cabeça, de certa forma parece vários anos mais jovem.

– Preciso que me conte a história da Bruxa de Near. Somente o final.

De repente, seus olhos mudam de curiosos para preocupados. Tento não recuar com o seu olhar frio.

– A parte em que o Conselho a arrastou até o páramo e a enterrou. – O que estou dizendo? – Só preciso mesmo saber esta parte...

A frustração pintada em seu rosto se transformou em surpresa, mas não sei se é pela pergunta ou pela minha ousadia. Meu pai estaria sorrindo. Meu tio, por outro lado, me mataria se me ouvisse falando dessa forma.

– Não sei nada mais que a velha lenda, criança. – Não há malícia em sua voz, mas tampouco gentileza. Cada palavra é cuidadosa e medida.

– Acho que a Bruxa de Near está de volta e é ela quem está levando as crianças. Se conseguir encontrar onde está enterrada, então acho que posso encontrá-los. Como você pode não me ajudar se existe uma chance, qualquer chance, de encontrar o seu neto? Culpar o estranho não vai trazer Edgar de volta. O que acontecerá quando se livrarem dele e as crianças continuarem desaparecendo? Mesmo se não acreditar que é a bruxa fazendo isso, é uma possibilidade, e isso é mais do que o meu tio e seus homens têm.

Sinto como se tivesse usado todo o ar dos meus pulmões.

Depois de um silêncio doloroso, ele fala.

– A Bruxa de Near está morta. Caçar fantasmas não vai trazer nada de bom.

– Mas e se...

– Criança, ela está *morta*. – Ele joga o livro no chão. – Morta há centenas de anos.

– Ele olha para suas mãos, os dedos brancos agarrando o corrimão. – Há muito tempo. Tempo suficiente para se tornar uma lenda. Há tanto tempo, que em alguns dias duvido que ela já tenha vivido.

– Mas, se existir alguma chance – digo baixinho –, mesmo se for apenas uma teoria boba, uma teoria é melhor que nada. – Ponho minhas mãos sobre as dele, estão frias quando as últimas luzes marcam o céu. Ele somente olha para os meus dedos. – Minha irmã, Wren, é amiga de Edgar. Eles têm quase a mesma idade. Não posso... – Aperto a mão dele. – Não posso ficar sentada e esperar que ela

desapareça. Por favor, Matthew. – Não percebo que estou perto de chorar até que a minha voz se afoga na garganta.

O Mestre Matthew não me olha. Está vendo o fim da tarde, que perdeu a cor, jogando sombras cinzentas sobre o mundo.

– Cinco colinas a leste, em uma pequena floresta. – As palavras saem de sua boca como um suspiro. – O primeiro Conselho levou-a para o leste, depois da casa, o que sobrou dela, cinco colinas adiante, até chegarem a um grupo de árvores. De acordo com as histórias, nem era um bosque, mas isso foi há muito tempo e as coisas crescem rápido no páramo, se elas quiserem crescer.

É engraçado como, quando começamos a contar um segredo, não conseguimos parar. Algo se abre em nós e o momento de transparência nos impele a continuar.

– Prefiro acreditar, Lexi Harris, que o Conselho fez o que eles acharam que era... não certo, certo é a palavra errada, o que acharam ser necessário.

– Ela não matou o menino.

Ele finalmente olhou para mim.

– Duvido que isso tenha importado. – E, nesse momento, percebo como Cole está em perigo. Solto a mão do Mestre Matthew.

– Obrigada.

Ele assente, cansado.

– Você é realmente como ele, seu pai.

– Não sei se o senhor acha isso bom ou ruim.

– O que importa? É simplesmente verdade.

Começo a ir embora quando ele acrescenta, tão baixo que quase não ouço.

– Boa sorte.

Sorrio e vou para o norte, para casa, esperar pela noite.



Há um corvo de madeira pregado em nossa porta.

O graveto do centro é quase tão retorcido e enrugado quanto os dedos de Magda. Dois pregos compridos foram enfiados, um prendendo o graveto à porta e o outro separando a madeira como um bico enferrujado. Umhas poucas penas pretas balançando de lado, presas ao graveto com cordas, flutuando no ar da tarde. E ali, bem acima do bico pontudo, duas pedras de rio, tão lisas e polidas quanto espelhos,

brilhando como olhos. Eu abro a porta e o corvo de madeira bate contra ela. O que foi que Magda disse?

Olhos atentos apareceram à noite, mantenham os males longe...



DENTRO, A CASA ESTAVA MUITO QUIETA.

Espero pelos resmungos de Otto na cozinha, pelo som da caneca na mesa, mas não há nada. Wren está sentada com as pernas cruzadas em uma das cadeiras da cozinha, ocupada com um brinquedo improvisado com uma tampa na velha mesa de madeira e parecendo terrivelmente entediada, enquanto a minha mãe emenda desajeitadamente a bainha de um vestido. Até os sons do tecido e da tampa estão baixos, como se o ar tivesse sido sugado para fora da cozinha. Eu entro me lembrando da briga com o meu tio.

– Onde está o Otto? – pergunto, e a minha voz quebra o estranho silêncio. A tampa de madeira cai no chão com um seco *tap tap tap*. Wren desce da cadeira e corre atrás dela. Minha mãe levanta a cabeça.

– Os homens se reuniram. Na cidade.

– Para quê?

– Você sabe para quê, Lexi – ela diz.

Quero gritar de frustração. Em vez disso, aperto os dedos contra a palma e só digo.

– Cole é *inocente*.

Ela me olha sério.

– As irmãs confiam nele, não?

Faço que sim com a cabeça.

Suas sobrancelhas se juntam um pouco e ela diz.

– Então ele é confiável.

Ela estica o braço e seus dedos se apoiam em meu braço.

– Near pode não cuidar das irmãs, Lexi, mas elas cuidam de Near. – Dá um sorriso. – Você sabe disso.

São as palavras do meu pai saindo dos lábios dela. Quero abraçá-la.

Naquele momento, Wren entra de novo na cozinha, Otto atrás dela. Seu olhar sombrio cai direto sobre mim.

Lembro-me das palavras de Matthew. *Seu tio acha que você fez sua própria busca ontem à noite.*

– Otto...

Eu me preparo para outra briga, mas ela não começa. Nenhuma acusação ou ameaça aos gritos.

– Não consegue ver, Lexi? – ele fala, sua voz quase um sussurro: – Você me traiu e aos meus desejos. Isso eu posso perdoar. Mas você traiu Near ao ajudar aquele menino. O Conselho, eles não precisam perdoar. Eles podem bani-la, se quiserem.

– Banir? – pergunto. A palavra parece estranha na minha boca.

– Não haveria nada que eu pudesse fazer para protegê-la.

Otto se senta e minha mãe pega uma caneca para ele. Meu tio segura a cabeça com as mãos. A imagem do páramo selvagem, crescendo de cada um dos lados de Near, ganha forma em minha mente. Nenhum sinal de Near. Só espaço. Liberdade. Seria tão ruim? Como se lesse a minha mente, Otto fala:

– Nenhum lar. Nenhuma família. Nunca mais vai ver Wren. Nunca mais. – A imagem na minha mente começa a se escurecer e a se transformar até que o espaço infinito parece muito pequeno. Aterrador. Eu engulo em seco e balanço a cabeça. Não chegará a isso. Não posso deixar.

Isso vai terminar logo. Vou consertar as coisas.

Não sei como foi a reunião da cidade. Não sei quais são os planos do Conselho ou de Otto e seus homens. Mas isto eu sei: eles podem ter um plano para a manhã, mas eu pretendo resolver as coisas esta noite.



No fundo da casa, a minha mãe está cantando.

É algo velho, lento e doce, e o fato de não ser a “Rima da Bruxa” faz com que meus ombros fiquem mais relaxados e meu corpo suspire encostado na cômoda ao lado da janela. As velas já estão acesas. A bolsinha ainda está pendurada no punho de

Wren. Do lado de fora, não há luz e a lua está baixa. A canção da minha mãe vai desaparecendo e, momentos depois, eu a vejo através do vidro, acompanhando Otto até a porta. Ela massageia seus ombros, tirando a tensão, e manda que vá para sua cabana, esperando na porta até que ele entre. Momentos depois, um fraco brilho preenche o espaço interno e ela volta a entrar.

Atrás de mim, Wren se impacienta com o bracelete, as pernas balançando para a frente e para trás na ponta da cama.

– Ouça, Wren – digo, virando-me para ela. – Você se lembra de como papai costumava contar as histórias da Bruxa de Near? Que contava como ela cantava para que as colinas dormissem à noite?

Ela balança a cabeça.

– Não me lembro dele – ela diz e sinto um aperto no coração.

– O papai era... – e penso no que dizer.

Como vou recriar nosso pai para ela? Não somente suas histórias, mas o modo que ele cheirava a lenha e ar fresco, e seu sorriso, impossivelmente carinhoso e gentil para um homem tão grande. Seriam somente imagens, lindas fotografias sem peso.

– Bem – digo, pigarreando –, o papai costumava dizer que a Bruxa de Near amava muito as crianças. E, bem, ela... – Não consigo encontrar as palavras, não consigo conciliar essas histórias com a ideia de que a bruxa é real e que, de alguma maneira, voltou e está roubando crianças de suas camas em vez de cantar para elas em seu jardim.

Está tudo misturado, como o tempo entre o sono e o despertar, tempo em que sonhos e vida real se misturam, se confundem. Tento imitar as histórias do meu pai.

– E se não forem os seus amigos chamando, Wren? E se for a Bruxa de Near vindo chamá-la para ir até o páramo?

– *Porque crianças têm sabor melhor sob a luz da lua* – recita Wren, brava. – Não tente me amedrontar – ela acrescenta, enfiando-se entre as cobertas.

– Não estou tentando amedrontar você – insisto. – Estou falando bem sério. – Mas ela está certa. Não parece real. Estas são as histórias da minha infância. Eu arrumo as cobertas sobre seu pequeno corpo e toco o talismã ao redor do punho. – Magda e Dreska são bruxas, Wren, isso é verdade. E elas fizeram isso para que você fique segura. Não importa o que acontecer, você precisa usar isso.

– Cada vez mais crianças estão indo brincar – ela reclamou – e eu ainda não fui. Todos tentam me chamar. – Wren solta um suspiro fundo e se enrola embaixo das cobertas.

– Eles logo vão parar de brincar. – Acaricio o seu cabelo e conto uma história baixinho, do tipo doce como as que meu pai contava. Não de bruxas ou de canções do vento, mas de colinas que vão se desenrolando até chegar ao mar. De nuvens que ficam cansadas e caem do céu, estendendo-se sobre o páramo em cachos de névoa. Da sombra de uma garotinha que cresceu tanto até cobrir o céu e se tornar a noite, e debaixo dela todas as coisas dormiam, seguras debaixo de suas cobertas.



CINCO COLINAS A LESTE, EM UMA PEQUENA FLORESTA.

Repito as palavras várias vezes em minha cabeça enquanto saio descalça pela janela, até alcançar o chão embaixo e enfiar as minhas botas. Olho para trás, vejo Wren dormindo e faço uma oração silenciosa para que o talismã continue a funcionar. Amarro as minhas botas e tranco as persianas, verificando duas vezes se estão bem fechadas, antes de me virar para o páramo e me dirigir à casa das irmãs.

Quando chego ali, as janelas estão escuras e o teto reflete a luz da lua, assim o espaço ao redor da casa é um anel negro.

– Cole – sussurro, e então percebo o leve movimento quando meus olhos se ajustam à casa nas sombras e à lua brilhante. Ele está encostado nas pedras da cabana, os braços cruzados e o queixo encostado no peito, como se tivesse dormido enquanto esperava. Mas, quando eu me aproximo, ele levanta a cabeça.

– Bem, Lexi – ele diz, vindo me encontrar. – Pensou em algum plano?

Sorriso no escuro.

– Eu disse que teria um plano.

Cole assente silencioso, pega a minha mão e corremos até o alto da colina das irmãs. Conto como foi a tarde, sobre Matthew, sobre as cinco colinas e a floresta nos separando da Bruxa de Near. Passamos pelo pequeno ponto queimado onde a bruxa vivia, chegando ao lugar em que a colina das irmãs faz divisa com o páramo. Paramos, como se estivéssemos na ponta de um desfiladeiro, olhando para o mar. E por um momento fico com medo por entender como o mundo é vasto. Por um momento, as cinco colinas parecem cinco montanhas, e então cinco mundos. A dúvida começa a crescer. E se estivermos errados? E se Matthew mentiu?

Mas então o vento começa a soprar nas minhas costas para me impelir para a frente. A mão de Cole aperta a minha, e com isso começamos a nos dirigir à primeira colina.



A casa das irmãs está rapidamente ficando para trás. Mantemos a lua crescente à nossa frente e sob sua luz prateada procuro algum sinal de pegadas na terra. Mas ela está confusa e selvagem, e é difícil dizer o que está intocado, de verdade, em um lugar onde tudo parece emaranhado. De vez em quando eu me ajoelho, certa de que vi uma pegada ou um traço, mas é somente o páramo me enganando.

Percebo alguns poucos gravetos quebrados pelo peso de um passo. De perto é claramente o trabalho da pata de um alce, não o pé de uma criança, e a marca foi feita há muito tempo, quase engolida pela chuva, a terra e o vento.

Subimos à segunda colina.

– Onde você aprendeu a caçar e a rastrear? – pergunta Cole.

Paro e me ajoelho, os dedos traçando uma pedra envolvida nos arbustos, lisa e escura como as que as irmãs usaram para os olhos dos corvos de madeira. Eu a levanto, limpando a sujeira com o meu dedo.

– Meu pai me ensinou.

Cole se ajoelha ao meu lado.

– O que aconteceu com ele?

Deixo a pedra lisa cair de volta na terra, com um barulho baixo.

Sei a história de meu pai. Sei tão bem quanto as que ele me contou, mas não consigo contá-la da mesma forma prática. Está escrita em meu sangue, nos ossos e na memória em vez de estar em pedaços de papel. Gostaria de poder contá-la como uma história e não como sua vida e minha perda. Mas ainda não sei como. Um pequeno pedaço de mim espera nunca saber como, porque o meu pai não era simplesmente uma história para dormir.

– Se você não quiser... – ele fala.

Respiro fundo e começo a descer a segunda colina.

– Meu pai era um rastreador. O melhor – digo quando Cole começa a me seguir. – Era um homem grande, mas poderia se tornar pequeno e silencioso como um rato do campo. E tinha uma risada que chocava as folhas das árvores. Você pode perguntar

a qualquer um em Near e eles vão contar sobre sua força ou sua habilidade, mas vou sempre me lembrar dele por essa risada e pela forma que poderia deixar sua voz mais doce e terna quando me contava histórias. As pessoas o amavam tanto que lhe deram um título, logo abaixo do Conselho. Chamavam-no de Protetor. Ele cuidava da vila e até o páramo parecia confiar nele. Como se soubesse ser os dois, andar sobre a linha fina entre pessoa e bruxo. É como eu sempre pensei nele quando era criança. Queria aprender a caminhar por esta linha também.

– É por isso que você chama isso – ele aponta para si mesmo e para a brisa movendo seu cabelo e sua capa – de dom?

– Não posso deixar de pensar que se... se eu fosse como você, nunca me sentiria sozinha. Meu pai se sentia desse jeito com o páramo – explico. – Como se ele soubesse o que queria, como se confiasse nele. Sei que bruxos nascem assim, não aprendem, mas eu honestamente pensava que ele tinha encontrado uma forma de falar com o páramo, de fazer com que a terra e o clima falassem com ele. Achei que era o dom supremo estar conectado com algo tão vasto.

– É o sentimento mais solitário do mundo – diz Cole. – Não me sinto uma pessoa. Quero sentir dor, alegria e amor. Estas são as coisas que conectam humanos uns aos outros. São conexões muito mais fortes que as que conectam com o vento.

Franzo a testa. Nunca tinha pensado desta forma.

– Então, você não sente estas coisas?

Ele hesita.

– Sinto. Mas é fácil esquecer. Perder-se.

E quero dizer que entendo, que eu também já me senti assim perdida, mas somente concordo.

Subimos a terceira colina e Cole não diz nada, então eu continuo.

– Sempre que meu pai saía, começava primeiro agradecendo ao páramo – digo. – Ele olhava para as nuvens e para o mato, depois para as colinas, e sussurrava uma oração.

Chegamos à terceira colina. O mundo parece pequeno ao nosso redor e eu foco na quarta colina à frente, em vez da luz cegante que enche a minha cabeça e meu peito quando falo sobre o meu pai, roubando todo o espaço por ar.

– “Eu me entrego a ti, páramo”, ele sussurrava. “Nasci do páramo, como minha família. Vivo do páramo. Dou de volta para o páramo.” Sempre que punha os pés nas

colinas ele orava, e por muito tempo o páramo o protegeu.

Descemos uma ladeira desnivelada e eu olho para Cole, que mantém seus olhos no vento enquanto este faz ondas com as pontas do mato, ouvindo.

– Ele sempre foi próximo às irmãs. Acho que foi o mesmo sentimento que me aproximou de você... – Os olhos de Cole se encontram com os meus e sinto que minhas palavras estão tentando voltar pela garganta. Continuo.

– De todo modo, as coisas eram piores naquela época. Near era um lugar muito fechado e as pessoas tinham se afastado do páramo. Tinham medo dele. Desde a Bruxa de Near e do Conselho, eras atrás.

Subimos a quarta colina.

– O Conselho sempre liderou Near pelo medo. Medo do que *tinha* acontecido. O que poderia voltar a acontecer. Quando meu pai ficou mais velho, ele ficou mais perto das irmãs, assistindo ao que elas podiam fazer, movendo a terra e fazendo as coisas crescerem de uma forma diferente de toda a cidade. Elas só fazem talismãs agora, mas ele falou que elas costumavam ser tão fortes que poderiam fazer crescer plantas na terra estéril com um único toque. Elas poderiam criar casas de pedra do nada. Meu pai perguntou ao Conselho por que eles mantinham aqueles velhos medos, por que não aceitavam as irmãs e seus dons. A Bruxa de Near já tinha desaparecido há séculos. Near o chamara de seu Protetor, e ele estava vendo a cidade murchar por causa dos velhos medos. Mas o Conselho não queria que as coisas mudassem.

– O que aconteceu?

– Eles tentaram silenciá-lo – conto. – Disseram que era um tonto e, quando isso não o impediu, eles tiraram seu título de Protetor e o deram a Otto. Nada foi o mesmo depois disso. Otto o denunciou publicamente. Eles não se falaram por dois anos.

Chegamos ao alto da quarta colina.

– Mesmo depois da traição de Otto, meu pai não desistiu. Tentou mudar a cabeça dos moradores, tentou mostrar como a vila poderia melhorar com a ajuda das irmãs.

– Funcionou?

– Pouco a pouco – digo com um leve sorriso. – Algumas pessoas começaram a ouvi-lo. No começo, só alguns poucos estavam dispostos a confiar nas irmãs e depois cada vez mais. Magda e Dreska começaram a vir à cidade, começaram a conversar e a

ensinar às pessoas formas de construir jardins e fazer as coisas crescerem. E parecia que os moradores finalmente começavam a se tranquilizar.

Solto um longo suspiro, tentando não vacilar.

– Até que um dia...

O vale abaixo de nós está tomado pela sombra. Olhando para baixo, parece um abismo. A cada passo sinto que a escuridão vai me engolir, vai se espalhar por minhas botas e minha capa.

Algo faz barulho atrás de nós. E viramos para tentar ver algo na noite e no caminho pelo qual viemos. Mas tudo está vazio. Solto um suspiro.

Provavelmente é só um alce.

– Um dia – continuo enquanto a minha garganta, meu peito e meus olhos queimam à medida que vamos descendo –, ele estava nas colinas ao sul. Tinha sido um outono chuvoso, o verão tinha sido seco, e a terra estava rachada, não no alto, mas no fundo, onde não dava para ver. Ele estava subindo a colina, onde tinha ocorrido um desmoronamento. O declive cedeu e ele foi engolido pela terra... Foram muitas horas até conseguir encontrá-lo. Ele foi levado para casa, mas seu corpo estava quebrado. Passaram-se três dias até ele...

Engoli em seco, mas algumas palavras não saíam. Em vez disso, falei:

– É incrível quantas coisas podem mudar em um dia, ainda mais em três. Naqueles três dias vi o meu tio ficar mais duro. Vi minha mãe se tornar um fantasma. Vi meu pai morrer. Tentei gravar cada palavra que ele falava, tentei guardá-las na memória, tentei não me quebrar por dentro. Otto veio e se sentou na cama dele. Eles conversaram pela primeira vez em dois anos. A maior parte do tempo com a voz muito baixa para ninguém ouvir. Mas uma vez ouvi Otto levantar a voz: “Carne, sangue e tolice”. Foi o que ele falou. Várias vezes. Meu tio se sentou com a cabeça baixa por três dias, mas não foi embora. Não parecia bravo. Parecia triste. Perdido. Acho que Otto se culpava de alguma maneira. Mas meu pai nunca o culpou. E nunca culpou o páramo. No terceiro dia, ele disse adeus. Sua voz sempre ecoava pela nossa casa, mesmo quando falava baixo. As paredes simplesmente pareciam ter sido feitas para ele. Pediu para o páramo cuidar de sua família, de sua cidade. A última coisa que falou, depois de ter feito as pazes com todo mundo e todas as coisas, foi: “entregue-me a ti, páramo”. – Fecho os olhos.

Quando volto a abri-los, a quinta colina surge à nossa frente e começamos a subir, tudo doendo dentro de mim. Eu tropeço, mas Cole está ali e segura o meu braço. Seu toque é frio mesmo por cima da roupa e parece que ele quer falar algo, mas não há nada para falar.

Suas mãos são macias e fortes ao mesmo tempo e seus dedos me contam que ele está ali.

Eu me enfito debaixo da sua capa, ainda meio perdida nas palavras. Fecho meus olhos. Falar tudo aquilo deixou a minha garganta seca. Talvez um dia as palavras saiam como tantas outras, fáceis, tranquilas e sozinhas. No momento, elas levam pedaços de mim em seu caminho. Eu me recupero e me afasto dele, sei que devemos continuar. O barulho de gravetos quebrados reaparece atrás de nós, mas não paramos.

Estamos quase no alto da quinta colina.

No céu, um único corvo voa como uma nuvem negra.

É possível vê-lo quando se aproxima da lua, a luz azul-esbranquiçada dançando entre suas penas negras. Mas, quando ele volta para o escuro, desaparece. Mesmo assim, ainda consigo ouvir suas asas no vento e ele me faz tremer. Penso na Bruxa de Near e sua dúzia de corvos. Devemos estar perto. O corvo cruza a lua de novo antes de partir para o leste, desaparecendo detrás do contorno da quinta colina.

Cole e eu subimos até a colina, mas depois de vários metros ele para, franzindo a testa, enquanto balança a cabeça como se estivesse ouvindo algum som distante.

Nesse momento, percebo que o vento ao nosso redor está ficando mais denso, crescendo tão gradualmente que noto somente agora, quando ele começa a se agitar, não com os tons baixos de Cole, e sim mais altos, quase musicais. Cole retrai-se para meu lado, mas continuamos a subir para o alto da colina. O vento parece estar se espalhando, nos empurrando para trás, e temos de fazer força para não cair.

– Estamos quase lá – digo.

O vento vai ficando mais forte, empurrando e puxando. Um sopro forte nos empurra de volta da borda da colina, o tom oscilante tão forte que quase consigo ouvir as palavras da canção nele. A rajada seguinte quase nos derruba no mato. O vento vibra pelos meus ossos.

Uma rajada recua, como se fosse uma respiração, e naquele momento, conseguimos chegar ao topo da colina. Aparece o mundo do outro lado. Cinco

colinas para o leste e... consigo ver.

A floresta.



– **COLE, VEJA! – GRITO, APONTANDO PARA A SOMBRA DAS** árvores no vale abaixo.

Mas ele não responde. Eu me viro bem quando ele cambaleia e cai no mato, segurando a cabeça.

– O quê? O que foi? – pergunto, ajoelhando-me ao lado dele.

– A música. É como cruzar dois tons – ele fala, recuando. – Dói ouvi-la.

O vento aumenta e Cole abaixa a cabeça, respirando fundo. Posso vê-lo lutando para ficar calmo, para ficar controlado. O vento está lutando contra si mesmo, arrancando o ar de seus pulmões.

As nuvens acima cobrem a lua brilhante e não sei o que fazer. Eu me abaixo para ajudá-lo, mas ele balança a cabeça e começa a se levantar devagar, o vento move sua capa, cortando o ar. Ele aponta para a floresta no vale abaixo.

– É ela – ele grita, sem ar, sobre o vento. – Ela está controlando... tudo ao mesmo tempo... puxando na direção dela.

Então a luz se apaga e tudo fica negro.

Nada mais de azul-acinzentado, branco-azulado e azul-escuro.

Só negro.

O vento ao nosso redor muda também; todo o ruído e a força condensada em uma melodia translúcida.

Então a própria noite começa a mudar.

Um brilho estranho, não acima, mas abaixo de nós, no vale. A floresta.

É como se a lua e as árvores tivessem mudado de lugar. O céu está tomado pela escuridão pesada das nuvens que parecem dominar toda a noite, mas, no vale abaixo,

as árvores – ou os lugares entre as árvores, é impossível dizer qual é a fonte – estão completamente acesas, brilhando. A Floresta está iluminada como brasa, branco-azulada entre as colinas. É como um farol, penso sentindo um calafrio. Então é o que acontece quando o mundo fica negro. A floresta rouba a luz do céu. Cole se endireita ao meu lado, respirando irregularmente. Não consigo parar de olhar para as árvores brilhando. É estranho e mágico. Quase adorável. A canção do vento se torna simplesmente uma música, clara e articulada, como se fosse feita por um instrumento em vez de ar. É tudo um sonho perfeito.

A música continua mais clara que nunca, e é difícil ouvir somente com os meus ouvidos, porque nunca percebi como era linda. Ainda é o vento, feita pelo próprio vento, mas está flutuando na nossa direção como o aroma do pão da minha mãe, preenchendo tudo de forma estranha.

Uma rajada sopra contra nós, tão forte e repentina que quase corta a melodia. A mesma tensão baixa e triste que ouvi naquela primeira noite, como uma segunda camada. Cole. Mas a música continua, juntando-se ao outro lado.

Meus pés me forçam a avançar na direção das árvores, sem que eu possa evitar, sinto-me somente como uma mariposa, um inseto tremulando cego para tudo, exceto o impossível brilho da floresta. Dou passos silenciosos para descer a colina antes que os dedos de Cole agarrem o meu punho.

– Espere – ele fala, mas também parece confuso pela luz.

– O que é este lugar? – pergunto. Sinto que está ao meu lado. Não o vejo ali, porque não consigo tirar meus olhos do brilho.

Então, na outra colina, vemos uma sombra se mover. Uma pequena silhueta, como uma criança, envolta em uma profunda escuridão, como se estivesse tomada pela própria noite. A forma gira sobre o páramo em direção às árvores com suavidade e uma velocidade antinaturais, como se estivesse sendo impulsionada, meio carregada pelo vento e pelo mato. Como se seus pés não tocassem o chão.

Ela dança no vale e sobe a floresta.

– Não – grito para a forma que se aproxima do bosque iluminado. Cole não se mexe.

– Não consegue ver? – digo para ele, retorcendo-me – É uma criança. Precisamos salvá-la.

Eu me solto de Cole e começo a descer a colina correndo, e consigo senti-lo bem ao meu lado. Ele está falando, pedindo para que eu vá mais devagar, espere e algo mais, mas o vento está contra os meus ouvidos e não consigo tirar os olhos da figura em silhueta contra as árvores brilhando. Talvez seja uma pequena garota com cabelo loiro que não se desarruma e uma voz aguda. O *talvez* parece se transformar, perante meus olhos, na minha animada irmãzinha.

Chego muito rapidamente na base da colina e caio. A terra dura corta meus dedos e minha canela, mas não sinto nada, e Cole me ajuda a me levantar. Fico espantada ao ver como a floresta está perto. Parecia mais distante, mas agora, que estamos parados no vale, os pequenos galhos e as folhas estão bem visíveis na luz azulada.

– Wren? – grito, mas a criança não se vira para nós, nem dá uma olhada sobre o ombro. Ela caminha direto para a floresta e instantaneamente desaparece da nossa visão.

Grito novamente o seu nome, correndo para as árvores, mas desta vez Cole não me agarra gentilmente, sua voz não é mais uma sugestão.

– Não, Lexi. Não é ela. Algo está errado. – O vento ainda está ficando mais forte, mas a música parou, e agora está simplesmente uivando, bravo. Cole recua, afastando a cabeça da fonte do som, a floresta. Eu me solto e avanço vários metros, quase tocando um galho meio quebrado que se destaca, quando acontece. Uma dúzia de corvos sai da floresta, explodindo entre as árvores, mais escuros que a noite e gritando com um tom agudo. O vento aumenta e cai com as palavras na minha cabeça.

Os corvos todos olhando sobre o muro.

Cole e eu nos viramos juntos. Sinto muito frio por estar nervosa. Ouço galhos se quebrando. Galhos caídos no chão da floresta, quebrando-se sob o peso de algo. Alguém. Consigo dar outro passo para trás, com Cole, e estamos presos entre a vontade de fugir e uma horrível curiosidade que entra em nossos ossos e nos deixa mais lentos. Minha irmã pode estar na floresta. Não posso fugir. Não posso deixá-la. Mas há algo mais na floresta. Algo está fazendo os galhos se quebrarem, sua forma se aproximando cada vez mais entre as árvores. E então eu vejo.

Cinco linhas brancas seguram uma árvore fina perto da entrada da floresta. Eu me assusto. Ossos dos dedos. O medo vence e dou uns passos para trás. Dois círculos brilhantes flutuam bem atrás da árvore estreita, como pedras do rio. Os ossos dos

dedos soltam a árvore e avançam na minha direção. E quando fazem isso, quando arranham o ar aberto do pequeno vale, fazem o musgo crescer. Terra e ervas ao redor dos ossos duros e escorregadios, como músculo e pele. Cole se posiciona entre as árvores e eu. Os círculos brilhantes se aproximam e são realmente rochas do rio, colocados como olhos sem vida em um rosto feito de musgo. Um rosto de mulher. Bem debaixo dos olhos, a pele de terra se separa e a mulher silva. Ela abre a boca e o que sai no começo não são palavras, mas vento, e sua voz é áspera, como se sua garganta estivesse entupida com terra.

Os galhos se quebram debaixo de seus pés feitos de musgo quando ela se aproxima saindo do bosque brilhante. Ela solta o ar e o vento sai forte o suficiente para dobrar tudo, como se fizesse o mundo se ajoelhar. O mato é pressionado contra a terra e até a floresta parece se dobrar. Não consigo ouvir nada, a não ser o barulho branco e a voz da bruxa.

– Não ouse – ela diz. Eu me encolho, mas Cole está parado de pé. Seus olhos são tão escuros quanto os da bruxa, engolindo a luz da floresta.

– Precisamos pegar a criança! – grito para ele por cima do vento. Avançamos e outra rajada nos acerta nas costas, mas ela morre como água nas pedras quando se encontra com a floresta e a bruxa. Ela inspira e o vento uiva ao seu redor, amplificando suas palavras e assim nos cercando, como se viessem de todos os lados.

– NÃO OUSEM PERTURBAR O MEU JARDIM – ela grita. O som ecoa pelo mundo e então vai morrendo aos poucos, transformando-se em sussurros e uivos.

Cole passa um braço ao meu redor, não deixando que seus olhos se afastem da coisa feita de páramo que é a Bruxa de Near, e ele parece paralisado; mas de repente seus olhos se entrecerram e o vento começa a soprar em nossas costas de novo. Sua mão livre começa a se movimentar e o ar atrás de nós sopra sobre nossas cabeças e enche o espaço entre a Bruxa de Near e nós, como uma parede. Sopra tão forte que o mundo além do vento se distorce, ondulando. Então a Bruxa de Near deixa escapar um som entre um grunhido e uma risada e, de repente, a parede se quebra e cai sobre nós, jogando-nos contra o mato.

Nesse momento, as árvores ficam negras de novo e a lua volta a tomar conta do céu, somos deixados no vale ao lado da floresta negra, com a lua cheia e brilhante. Cole respira pesado ao meu lado.

– O que aconteceu? – sussurro, ficando de joelhos e ajudando-o a se levantar. Ele me abraça forte, mas agora eu também estou bastante preocupada com ele. Seus olhos se encontram com os meus e de repente ele me beija, e não é um beijo frio e leve, mas quente e desesperado, amedrontado. Não somente com medo da bruxa, mas do que ele mesmo fez. Pressiona sua boca contra a minha como se pudesse forçar normalidade, humanidade, carne e sangue de volta para si, e apagar a imagem dos olhos da Bruxa de Near, que também era a imagem de si mesmo.

Nisso, ouvimos o som de galhos se quebrando de novo, os que nos seguiram pelas colinas. Passos. Botas pesadas no alto da colina. Cole separa os lábios dos meus e nós dois olhamos para cima. Vejo o brilho dos rifles antes de ver os olhos de meu tio. Otto, Bo, e Tyler. Ficamos todos congelados como as árvores e as rochas ao nosso redor, olhando um para o outro. Vejo como meu tio aperta sua arma quando seus olhos passam de mim para Cole. Tyler xinga, o som espalha-se pelo vale. Nunca tinha visto tanto ódio em seus olhos. Seu cabelo loiro brilha sob a luz da lua, mas seus olhos azuis parecem negros. Consigo sentir seu olhar seguindo o contorno de meu corpo, vendo como se encaixa no de Cole. Cinco pessoas, todas esperando que alguém se mova. Os três homens na colina olham para nós como se fôssemos suas presas. Tudo acontece ao mesmo tempo.

A arma de Otto brilha sob a lua quando ele a levanta.

Bo inclina a cabeça.

Tyler dá um passo para a frente.

Os braços de Cole se apertam ao redor de meu pescoço quando ele aproxima seu rosto do meu e sussurra:

– Não se solte.

Antes que eu possa perguntar o que ele quer dizer, o vento começa a aumentar ao nosso redor, soprando tão forte que o mundo mais uma vez começa a desbotar. O mato fica achatado quando a rajada corta a colina na direção dos homens, com tal força que fico esperando pelo som do impacto, da colisão, mas somente sinto o assobio do vento enchendo os meus ouvidos e a voz tranquila de Cole.

– Corra.

Então entramos na floresta.



Galhos rasgam nossas capas, roupas e pele quando passamos entre as árvores, tentando margear a floresta. Raízes podres se enroscam em nós. Eu me seguro em Cole, correndo o máximo que posso, deixando os meus movimentos me levarem, meus pés encontrando os espaços sozinhos.

Mantemos a clareira à nossa esquerda e o profundo da floresta à direita. O centro da floresta é negro, frio e quieto. Sempre que começo a ir para lá, lembrando a pequena sombra em forma de garotinha e os cinco ossos, Cole me força a voltar para a beira do bosque.

– Não consegui ganhar muito tempo – ele fala. – Quem sabe quanto tempo... o vento vai aguentar. – Ele parece sem fôlego e sinto que começa a escapar entre os meus dedos, tornando-se algo mais parecido a uma névoa do que a pele.

– Cole – digo, segurando-o com mais força. Ele diminui a velocidade o suficiente para me olhar, os olhos brilhando.

– Vou ficar bem – ele fala, vendo a preocupação em meus olhos. Seu braço parece sólido ao meu toque. – Mas precisamos correr. – Aceleramos, meus pulmões queimam, a pele treme de medo e de frio.

– Matthew deve ter contado para eles! – digo.

Atrás de nós, galhos sendo quebrados por botas.

Os homens estão na floresta.

Eu olho para trás, mas tudo que consigo ver são os galhos escuros, a luz da lua à nossa esquerda. Tropeço e caio, minha mão desliza pelo braço de Cole, seu punho, até nossos dedos se agarrarem. As vozes dos homens ecoam no escuro. Crescendo aos poucos. Eles tomaram um caminho mais para o fundo do bosque.

Cole de repente vira para a esquerda e cruzamos as árvores até a ponta da floresta. A lua está no alto, brilhando de novo, iluminando o páramo, expondo tudo. Inclusive nós.

Corremos até o alto da colina, tudo em mim queima, desesperada por ar e descanso. Quando penso que meus pulmões e pernas não vão aguentar, o vento recomeça a soprar, pressionando contra as minhas costas, me incitando a continuar. Chego ao alto da colina, os dedos de Cole ainda segurando os meus, e arrisco dar uma olhada para a floresta abaixo, para os três homens que acabaram de surgir. Antes de olharem para cima da colina, nós já desaparecemos.



Com o vento às nossas costas, chegamos em casa.

Não paramos na casa das irmãs, não conversamos, só corremos, precisando usar toda a nossa força para conseguir chegar. Somente quando avisto a minha casa é que paramos, o vento dissolve-se em um silêncio aterrorizante. Eu caio no chão, arfando, e fecho os olhos quando a tontura me domina. Quando volto a abri-los, Cole está ajoelhado ao meu lado. Ele balança a cabeça, tentando recuperar o equilíbrio. Quando levanta a cabeça, está pálido.

– Você precisa ir embora daqui – digo. – Eles viram você. Vão pensar que estamos escondendo algo.

– Vá ver Wren – ele fala, e só então eu me lembro da pequena forma escura que entrou na floresta. Eu me viro para a casa. A janela do quarto está aberta e meu coração sobe até a garganta. Consigo ver as cortinas balançando no quarto que divido com a minha irmã, consigo ver a parede do fundo onde a lua ilumina diferentes formas. Chego ali, no peitoril, mais rápido que Cole, lutando contra a vontade de gritar por Wren no escuro. Seguro as lágrimas e o pânico quando me lanço sobre o peitoril para dentro do quarto, caindo e fazendo barulho.

E lá está ela.

Enfiada fundo dentro dos cobertores. Vou até ela e meus olhos veem o talismã em seu punho, ainda com cheiro de terra e algo doce. Faço uma oração silenciosa a Magda e Dreska. Sem fôlego, Cole chega à janela e eu saio. A preocupação está em seus olhos, mas faço um gesto de assentimento e solto um suspiro. Ele olha para trás, por cima do ombro.

– Quantas crianças há na cidade de Near? – ele pergunta, encostando-se na janela.

– Pelo menos uma dúzia – sussurro. – Por quê?

– Uma delas não teve tanta sorte.



O PEITO DE WREN SOBE E DESCE.

Fico olhando como ela dorme e penso na silhueta na ponta da floresta e da assustadora canção do vento. Imagino como ela levanta as sobrancelhas de uma criança, arrastando as perninhas das cobertas. Incitando-a, ainda meio dormindo, a sair na noite escura.

Eu me viro para a janela, onde Cole está esperando. Ao longe, um pássaro levanta voo, perturbado.

– Você precisa...

– Eu sei. Já vou. – Ele fala de uma forma tão segura e definitiva que o pânico deve ser visível em meus olhos, pois ele passa seu dedo sobre os meus no peitoril.

– Espere por mim. Vou voltar – ele fala, cansado e pálido. Ele parece entorpecido, perdido. Sua mão se afasta da minha. – Vamos resolver tudo pela manhã.

Há passos em algum lugar e olho para trás dele.

– Cole, vá embora – aviso, mas, quando olho para baixo, ele já desapareceu.

Entro no quarto, tirando a capa e as botas. Entro nas cobertas ao lado de Wren e, quando sinto o quente da cama, percebo pela primeira vez como a minha pele está fria.

– Amanhã – sussurro para a luz da lua e para a minha irmã, que dorme ao meu lado. – Amanhã vamos fazer tudo certo. Amanhã vamos voltar à floresta e encontrar os ossos da bruxa enquanto ela dorme. Amanhã vou encontrar as crianças. Amanhã...

Eu me enfio mais fundo nos cobertores quando o vento fica mais forte e imploro para conseguir dormir e trazer logo a manhã.



A coisa com as más notícias é isso:

Toda má notícia se espalha como fogo, mas, quando ela nos pega de surpresa, é dolorida e quente, tomando conta de tudo tão rapidamente que nem temos chance. Quando você está esperando por isso, é até pior. É fumaça, enchendo o quarto tão lentamente que dá para ver como ela rouba o seu ar.

De manhã. Palavras às quais me agarro, esperando que a manhã chegue. Pisco e o tempo passa em saltos estranhos, mas o sol não parece nascer.

Pego-me olhando os restos da luz da lua que faz círculos no teto. Olho para elas, passando por elas, esperando que a noite passe, tentando entender tudo, incapaz de me concentrar.

Meus olhos piscam para a janela.

Uma delas não teve tanta sorte.

Mas quem?

A manhã começa a despontar nas beiradas do céu. Eu desisto da ideia de dormir, saio da cama e vou para o corredor. Uma vela queima na cozinha. Minha mãe está lá, fazendo chá.

Sinto o coração parar quando vejo uma mulher redonda, alguém conhecida, sentada em uma cadeira da cozinha, retorcendo suas grandes mãos.

A sra. Thatcher pega o chá que minha mãe oferece. Ela mesma fez a caneca; dá para ver pela forma que seus dedos se encaixam perfeitamente nela. Não chora, como as outras, só está sentada, bebendo e xingando. Ela quase não nota as pontas queimadas do pão que come ou como está quente. Eu fico quieta, encostada na parede, quando minha mãe para de assar pão e vem se sentar com a mãe de Riley, segurando sua própria caneca.

– Tonto, tonto – a sra. Thatcher murmura e ela me lembra Dreska quando diz isso, só que mais jovem e mais gorda. – Falei para ele usar, para estar seguro. Mas ele não quis saber.

– Usar o quê?

– Aquele maldito corvo. Jack não quis. Disse que era uma coisa tonta para pessoas tontas com medos tontos. E olhe agora! – E coloca a caneca na mesa com quase a mesma força que o meu tio.

– Poderíamos ter usado o talismã que recebemos. Para nos proteger contra quem – seus olhos me encaram – ou o que está levando essas crianças. Não estou dizendo que consertaria tudo. Não estou dizendo que os corvos poderiam manter o menino seguro, mas agora... – Ela termina o chá, desta vez coloca a caneca na mesa mais calma, a raiva transformando-se finalmente em tristeza. – Agora não vamos saber.

Minha mãe segura as mãos dela.

– Não é muito tarde – ela murmura. – Vamos encontrá-lo. Lexi vai ajudar a encontrá-lo.

A sra. Thatcher suspira fundo e se afasta da mesa.

– Preciso voltar – murmura e a cadeira range quando ela se levanta. – Jack está furioso há uma hora, alucinado e provocando uma tempestade. Louco por sangue. – Seus olhos se encontram com os meus. – Eu a avisei. Onde está o seu amigo agora? – Ela balança a cabeça. – Se for esperto, já foi para longe de Near.

– Venha – diz minha mãe. – Eu a acompanho. – E com isso minha mãe sai com a sra. Thatcher para a manhã fria.

Onde está Cole? Sua promessa ecoa em mim. *Espera por mim. Vou voltar amanhã.* Minhas mãos começam a tremer, então fecho os meus punhos. Devo ir antes que Otto me impeça. Devo encontrar Cole, assim poderemos ir até a floresta. Não quero voltar sozinha, mesmo durante o dia. Onde ele está? E se estiver escondido? E se precisar de mim?

Wren entra meio adormecida na cozinha, o cabelo já arrumado. Passo a mão em sua cabeça – um movimento simples, agradecido. Ela olha para mim como se eu tivesse ficado louca. Não é o olhar de uma criança. É de simpatia. *Pobre irmã mais velha*, posso imaginá-la pensando. Velho é velho para uma criança. Eu poderia também ser Magda ou Dreska. *Pobre Lexi, perdendo a sua mente. Pensa que o garoto fala com o vento e queima vilas. Pensa que a Bruxa de Near está roubando crianças. Pensa que pode parar tudo isso.*

– Wren, onde você acha que estão os seus amigos?

Ela me estuda.

– Não sei, mas estão juntos – ela suspira, cruzando os braços. – E *eles* não precisam ficar em casa.

Eu me abaixo para beijar sua testa.

– Está ficando frio.

No jardim, sons estão subindo, crescendo um sobre o outro. O silêncio tenso na casa é subitamente substituído pelo clamor de vozes e pés. De Otto, do sr. Drake, do sr. Thatcher e de Tyler, além de um punhado de outros que se juntaram. Mas uma das vozes é macia, tranquila, e não se encaixa com a raiva seca e rude dos outros.

Cole.

Eu me levanto da cadeira e saio correndo para o jardim bem a tempo de ver Otto batendo com a coroa no peito de Cole, derrubando-o.

O vento sopra muito forte, embora nem todos possam perceber. Mas, para mim, é como se estivesse arfando, sinto a guerra da dor e do temperamento no ar e consigo ver em seu maxilar a tentativa desesperada de manter a cabeça equilibrada. Ele tenta se levantar, mas Otto dá um soco e ele cai para trás. O vento fica mais forte.

– Cole – grito e lanço um olhar mortal para o meu tio. Corro para eles, mas aparece alguém na minha frente e eu colido contra carne, osso, cabelo loiro e um sorriso maldoso.

Tyler me abraça, puxando o meu corpo contra o dele. O vento uiva.

– Calma, calma, Lexi – ele diz, me apertando. – Não faça assim.

Tento me soltar. Ele é forte. Lembro quando ele era magrinho, mais baixo que eu. Agora seus braços prendem o meu peito, pressionando-me.

– É por sua culpa que chegamos a isso – acrescenta o meu tio. – Você deveria ter me ouvido.

– Venha, vamos entrar – fala Tyler, olhando para Cole caído no chão. Ele está tentando se levantar e Tyler me puxa, praticamente me carrega para trás, em direção à casa.

– Me solte – aviso, mas ele só sorri de um jeito doentio. E há algo em seus olhos, algo pior que aquele sorriso petulante. Raiva. Ódio. Ele sempre achou que a minha resistência era um jogo. Mas ele me viu, ontem à noite, nos braços de Cole. Ele entende então que não é que não amo ninguém, não amo... *ele*. Aperta mais forte e eu tento não chorar.

Eu o avisei, lembro, e dou uma joelhada nele, fazendo um barulho forte. Tyler respira fundo e dá um passo para trás. Cole está de pé de novo, segurando o peito. Corro para ele, mas braços aparecem por trás, enrolam-se em meu pescoço e quase

não consigo respirar. Luto contra o apertão de Tyler, mas o ângulo é estranho e, em vez de me liberar, só pioro a situação.

– Lexi, pare – diz Cole, endireitando-se. Ele passa a mão no peito, olhando não para o meu tio, nem para mim, mas para a terra aos meus pés. O vento está morrendo, pouco a pouco.

– Não seja ridícula, garota – resmunga o meu tio colocando a sua pesada mão sobre o ombro de Cole, que poderia se acabar debaixo de todo aquele peso, mas seus olhos não se movem do pedaço de terra.

Há uma estranha e cansada resignação nos olhos do meu tio, e tudo que consigo pensar é em Matthew balançando a cabeça e dizendo que o Conselho fez o que achava que era necessário.

– Só precisamos conversar com ele – fala Otto.

– Até parece – cuspo.

– Ele deveria ter ido embora – Tyler sussurra para mim, respirando no meu rosto.

– Deveria ter fugido quando teve chance. Mas Otto sabia que ele não fugiria. Otto sabia que voltaria.

E então, para o grupo unido de homens, Tyler fala alto e claro.

– Na noite passada, presenciei este estranho levando uma criança até uma floresta a leste do páramo. – É uma mentira descarada e todo mundo ali sabe disso.

– Está vendo, Lexi – diz Otto, frio e calmo. – Tyler diz que o viu. E eu também.

– Ele levou a criança para a escuridão e saiu sozinho.

Todos estão mentindo, abertamente.

– Isso é absurdo. Você sabe que não é o que viu. Precisam soltá-lo.

Cole me olha. Força um sorriso fraco.

– Ficarei bem. Os ossos, Lexi.

– Não diga o nome dela – grita Tyler, mas Cole parece ver somente a mim.

– Resolva as coisas – ele fala.

Há algo estranho em seus olhos. Ele está tentando parecer forte, tentando me garantir que tudo ficará bem. Mesmo agora, é o que ele está *tentando* dizer. Mas há uma mancha de tristeza em seus olhos, um toque de *adeus* ou *me desculpe*. Não sei o que é exatamente, mas sei que não quero decodificá-lo. O vento volta ao páramo, tão cansado quanto Cole. Lembro-me de algo que ele falou.

Às vezes me pergunto o que faria se alguém tivesse sobrevivido ao fogo. Teria confessado e deixaria que me punissem? Isso teria amenizado a dor de alguém?

Não. Não posso deixá-lo. E ele não aceitaria. Ou sim? Ele me prometeu que resolveríamos isso. Juntos. Quero acreditar nele. Eu me atiro para a frente, pegando Tyler desprevenido, mas, antes que eu consiga me libertar, suas mãos estão ali de novo, puxando-me contra ele.

– Vamos lá – ordena o meu tio. Ele vira Cole para o outro lado, longe de mim, longe da casa, longe de Near. Para o norte e o páramo aberto.

– Ela fica aqui – Otto ordena.

Todo mundo segue Otto e Cole, exceto Tyler e Bo. Em pouco tempo eles estão perdidos atrás de uma colina. Aonde estão indo? Para onde estão levando Cole?

– Não vão derramar o sangue do estranho no solo de Near – murmura Bo, sua voz baixa. Ele parece quase espantado.

– Mas ele não... – Tento me soltar, mas Tyler é uma parede.

– Droga, Tyler, *me solta* – eu resmungo.

– Otto a avisou, Lexi – fala Tyler. – *Eu* deveria ter avisado. Já está metida em problemas suficientes. Mas sinto muito que tenha de terminar assim. – *Terminar. Terminar.* Esta é a palavra que retumba em meu peito agitado. Não consigo respirar direito.

– Agora vamos – ele fala mais calmo. – Vamos entrar.

Fico com a postura mais frouxa e descanso a minha cabeça contra o seu peito. Claro, suas mãos soltam os meus punhos. Viro-me lentamente na direção dele, olho para os seus olhos azuis. Ele sorri cauteloso para mim. E dou um soco na cara dele.



MINHA MÃO DÓI, MAS TENHO CERTEZA DE QUE O ROSTO DELE dói mais, e nada disso se compara à sensação enjoativa na boca de meu estômago. Eu deveria correr atrás de Cole no minuto em que Tyler cai no mato, mas hesito só um momento e Bo está aqui, segurando os meus braços, tentando me arrastar para casa.

– O que está acontecendo? – grita a minha mãe, vindo do caminho.

– Lexi não está normal – fala Bo.

Tyler se levanta, uma trilha de sangue no canto da boca. Minha mãe nos alcança e seus olhos passam de Bo para Tyler e para mim. Eu imploro com o olhar, mas ela só olha. Deixa que me levem para casa, uma expressão estranha no rosto, como se estivesse segurando a respiração, toda ela quieta e parada, exceto os olhos, que brilham febris entre nós. Vou até o meu quarto batendo os pés, que ecoam pela casa, pois o silêncio do lugar está me sufocando. Consigo ouvi-la na cozinha com Bo, que conta calmamente as mesmas mentiras sobre Cole. Tyler está sentado na porta da frente porque minha mãe não deixou que ele entrasse. Tenho certeza de que gostaria de me vigiar no meu quarto, da minha cama. Mas minha mãe olha feio para ele e solta algumas palavras duras, e Tyler coloca uma das cadeiras da cozinha ao lado da porta da frente, debaixo das nuvens. Consigo imaginá-lo ainda segurando o nariz, a cabeça encostada contra a porta.

Eles não conseguem me manter cativa em minha própria casa. Sei como escapar, fazendo-me pequena e silenciosa. Prendo a faca de meu pai ao redor da cintura e a minha capa verde sobre os ombros. Tyler pode estar perto da porta, mas o vento usa a janela e eu também. Mas, quando tento abri-la, não consigo. Dois pesados pregos

foram martelados na madeira, prendendo a vidraça. Chuto a parede e sinto várias lágrimas quentes escaparem: frustração, fadiga e medo.

– Lexi – a voz da minha mãe flutua da porta. Ela está agarrando uma cesta e parece mais desperta do que já a vi em um ano. Seco as lágrimas com as costas da minha mão, mas ela está ali, ao meu lado.

– Vamos – ela fala, pegando a minha mão e puxando-me para o corredor. Na cozinha, Bo está encostado na mesa, de costas para nós. Wren está brincando com bonecos de massa fresca, mas não parece entusiasmada. Tyler ainda está em seu canto ao lado da porta, murmurando uma música meio obscurecida pelo corte em seu rosto. Minha mãe me leva até seu quarto e fecha a porta. Coloca a cesta no chão e tira dela as minhas botas, ainda cheias de barro. Eu a abraço e então me ajoelho e as calço, enquanto minha mãe abre a janela com dedos silenciosos. Ela me abraça apertado antes de se virar e desaparecer. Eu pulo a janela aberta e desço silenciosa, dobrando as pernas enquanto as botas afundam na terra fofa. Então saio correndo.



Quero ir para o norte.

Longe de Near, onde as colinas ondulam, escondendo dezenas de vales. Onde Otto e seus homens levaram Cole. Tudo em mim quer ir para aquele lugar. Mas eu me forço a ir para o leste. Para a floresta e os ossos. Esta é minha única chance. Cole sabia disso também. O sol brilha no céu, marcando a manhã.

Ficarei bem. A promessa de Cole ecoa no vento quando eu corro. Os ossos, Lexi. Resolva as coisas.

Cole vai ficar bem.

Cole precisa ficar bem.

Outra voz se intromete: a voz de Bo, lenta e vagamente espantada: *Não vão derramar o sangue do estranho no solo de Near.*

Eu me forço a ir para as colinas do leste.

Quando corro, o rosto do meu tio brilha na minha mente e então o seu rifle, brilhando à luz da lua. Desejaria que Cole tivesse lutado no jardim, mas conseguia ver em seus olhos que ele sabia que não funcionaria. Agora, em toda rajada de vento procuro um sinal dele. Passa pelo meu rosto, levanta os pelos da minha nuca, mas é só o vento. A promessa de Cole de que resolveríamos tudo se sobrepõe ao quase

adeus em seus olhos e imagino ouvir um tiro, longe e alto. Imagino por um momento se a chuva vai lavar o sangue do chão, fazer pequenas poças escuras como faz depois de uma caçada, limpando a terra manchada. Não. Agora não. Percebo que meu peito está ficando mais apertado e me concentro em respirar profundamente enquanto minhas pernas se agitam.

Fique calma. Ouço a voz do meu pai. *Preste atenção. Não deixe sua mente vagar ou sua presa também vagará.* Balanço a cabeça e subo a quinta colina, sabendo o que me espera além dela. Vejo as árvores que parecem nuvens baixas deixadas no vale, tão pesadas que se afundam no chão. Desço a colina.

A floresta é uma coisa diferente à luz manchada do dia, mas não uma coisa melhor, não uma coisa menos assustadora. Não há nenhum brilho azul-esbranquiçado de dentro, mas um cinza duro de fora, difuso pelos galhos mortos das árvores. As próprias árvores formam linhas pontudas, postes finos subindo do chão. Há algo violento na forma em que elas foram enfiadas no chão, como alfinetes. Sem cuidado,afiadas. E tudo parece morto por um silêncio asfixiante.

Eu avanço para o canto da floresta e o chão faz barulho debaixo dos meus pés, um cobertor de folhas mortas e frágeis gravetos. Quando meus dedos tocam as árvores mais externas, lembro-me da mão ossuda, enrolada e branca contra o tronco escuro. Recuo. Não quero tocar este lugar. Não quero deixar uma marca. Tenho medo de encontrar respostas, pois não estou procurando nenhuma e este medo me faz ficar mais brava que tudo. Encontro o ponto em que a Bruxa de Near ficou parada quando nos olhou, e com um suspiro fundo e um rápido toque na faca do meu pai, forço meus pés a seguirem adiante, sobre o limiar, entrando no bosque da bruxa.



SEGURO A RESPIRAÇÃO, MAS NADA ACONTECE, NADA ME ATACA.

O vento não fica mais forte, o mundo não muda, então começo a me mover. Em vez de seguir a linha das árvores, permanecendo na periferia, vou direto para dentro, ao centro, pelo caminho em que a bruxa deve ter desaparecido. Engulo em seco e me lembro de que as coisas mortas devem ficar em suas camas enquanto o sol estiver no alto. Olho para o alto das árvores, mas é impossível medir o tempo. A floresta engole o mundo além, mastiga a luz e o calor, que só entram em pedaços. Parece infinita.

Procuro qualquer sinal da sombra em forma de criança, mas tudo que consigo encontrar são folhas mortas – a floresta é densa, acidentada, com muitas fontes de água, as cascas das árvores caem, os galhos se quebram.

A maioria dos bosques é lar de vários animais. Alguns andam pelo chão, outros pelas árvores. Eles voam, se empoleiram ou saltam. Todo tipo de coisa faz barulho. Mas aqui não há nada.

E, então, um grasnido corta o silêncio. Um corvo. No alto, um pássaro negro voa entre as árvores. Então outro. E um terceiro. Todos descendo entre as árvores. Sigo a trilha de grasnidos e penas escuras pelo meio dos troncos, amoras e galhos prendendo a minha capa, arranhando as minhas pernas. Pego velocidade até algo agarrar uma das minhas botas, jogando-me na terra dura. Sinto dor na perna e tento me soltar, mas o apertão só fica mais forte. Uma comprida raiz retorcida agarra a fivela da minha bota. Luto com ela, liberando a faixa de couro, e, enquanto faço isso, vejo.

Meio apagada pela minha queda, entre o musgo e a terra, há uma pegada. Cinco pequenos dedinhos. Uma bola. Um calcanhar. Depois há outra. Fico de pé.

E outra.

E mais outra.

Não há pegadas entre aqui e a vila, mas a floresta está cheia delas. Múltiplos pares de pés de crianças.

Pegadas, mas nada das crianças. E de nenhum dos sons que elas costumam fazer. Lembro-me de Edgar e Cecília quando brincam, de como Emily dança e ri, de quanto barulho Riley faz batendo nas coisas. Agora ouço somente o ocasional barulho de corvos circulando por cima da minha cabeça.

Tento seguir as pegadas, mas elas vão para muitas direções diferentes.

Um par menor, talvez de Edgar, dirigindo-se sonolento para a direita, arrastando a terra e apagando outras marcas.

Uma garota leve, com pequenos passos de dança, quase somente uma bola e dedos, sem o calcanhar, dirige-se à esquerda.

Outro par caminha para a frente e para trás em ondas regulares, como se estivesse seguindo linhas sinuosas.

E um quarto par caminha deliberadamente, orgulhoso, como um pequeno rapaz faz quando está tentando fingir que já é um homem.

Sigo cada pegada e descubro que, apesar de tomarem caminhos diferentes, todas acabam se dirigindo para o mesmo lugar. Elas vão até um ponto à frente onde as árvores se abrem para formar uma espécie de clareira. Quando chego ali, um bater nervoso de asas atrai o meu olhar. Pássaros negros esperam em quase toda árvore meio morta, olhos negros sem piscar. Soltando grasnidos tão duros quanto as árvores.

Olho para o chão no lugar em que a floresta abriu espaço suficiente para permitir um tipo de aterro. Uma densa massa de galhos retorcidos e folhas no centro do espaço. Ali, na clareira, as pegadas desaparecem.

– O que é isso? – pergunto em voz alta, porque às vezes é melhor fingir que há alguém com você. Imagino o meu pai me respondendo, já que não tenho mais ninguém.

Deixe o páramo contar – ouço uma versão mais fina da voz dele.

– Então? – pergunto de novo ao páramo. Um corvo no alto solta um grasnido agudo. Eu me aproximo e vários pássaros abrem as asas, ameaçadores, mas não saem de seus galhos. O monte de galhos, na verdade, é formado por várias árvores, os galhos dobram-se de forma estranha para guardar o espaço entre eles.

É como uma casa, percebo. Como um casulo. Construo meus casulos com lençóis e cobertores. Mas este é feito de galhos afiados e madeira meio podre. Os galhos estão bem juntos, em alguns lugares lado a lado, mas em outros pontos estão afastados, deixando espaços largos o suficiente para que eu me encaixe. Já tenho uma perna no casulo quando uma rajada de vento levanta o ar de dentro dele. É úmido e denso, e tem cheiro de podre.

No alto, um corvo bica algo branco e macio. Lembra-me, mais que nada, de um osso do dedo. O pássaro brinca com aquilo, mas a forma pálida cai no meio do casulo, quicando em um galho antes de mergulhar no vazio frio e escuro. Consigo vê-lo repousando no montículo de terra, um lampejo de branco. E então vejo que há outros pedaços lá dentro, todos meio enterrados e brancos.

Ossos.

Eles brilham nas faixas de luz que conseguem penetrar a floresta e o ninho das árvores. Um antebraço se sobressai de uma massa de ervas emaranhadas.

Esta é a Bruxa de Near, ou o que resta dela.

Novamente eu me lembro dos cinco ossos brancos segurando a árvore, a forma que o musgo e a terra se envolviam ao redor deles como músculo e pele. Então olho para baixo e fico enjoada. Tudo está podre. Engulo em seco e estou a ponto de entrar no buraco cheio de musgo, para cavar os ossos da bruxa, quando ouço algo.

Um ruído de galho quebrado se ouve, é alto a ponto de espantar os corvos.

Os galhos se mexem e a faca do meu pai está na minha mão antes mesmo de me virar para ver de onde vem o ruído. Tiro a minha perna do casulo, recuo e me agacho, enquanto escuto o som de passos se aproximando. São duas pessoas, dois passos diferentes, um mais pesado que o outro. Reconheço a voz do sr. Ward, uma versão mais grossa da de Tyler, quando ele fala com alguém que murmura uma resposta. Consigo saber pelo tom do último que ele está se sentindo muito desconfortável, é mais supersticioso. É o sr. Drake, o pai do Edgar, um homem nervoso cujos olhos se movem muito, indo de um lado para o outro tão rapidamente que parece que nunca param.

O que estão fazendo ali? O que fizeram com Cole?

– Sim, é onde viram os dois ontem à noite – diz o sr. Ward, a voz cada vez mais alta. Ele deve estar entrando na clareira. – Fora do bosque.

Dou um lento passo para trás, o casulo ainda entre nós.

O sr. Drake comenta sobre o cheiro, mas estou segurando completamente a respiração enquanto olho a floresta e tento orquestrar a minha retirada sem um som.

– Lexi e aquele estranho? – ele pergunta nervoso. O sr. Ward o escuta, pois seu interlocutor continua. – Você realmente acha que ele levou Edgar?

– Não importa – murmura o sr. Ward. Dou outro passo para trás quando as vozes se aproximam e posso imaginá-lo do outro lado do casulo, passando uma mão por ele. – Agora ele é passado. Eu me engasgo com o ar.

Não.

Fecho os olhos, certa de que eles conseguem ouvir o meu coração bater.

Não.

– Você não acha que foi ele – diz o sr. Drake, e não é uma pergunta.

– Como falei – diz o sr. Ward –, não importa. Não vai trazer o seu menino de volta.

Não. Não. Não. Falo para mim mesma, dando um passo silencioso para trás. Balanço a cabeça, tento focar. Estão errados. Estão errados e Cole disse que eu precisava encontrar os ossos e ele me encontraria. Então onde ele está? E onde estão as crianças? Foco nesta última pergunta porque parece a única que eu posso responder.

– Então por quê?

Vi uma criança entrando na floresta quando a luz da lua passou para as árvores e a música tomou conta de tudo. Vi uma criança. Elas devem estar perto, mas *onde?*

– Para ter certeza, acho – diz o sr. Ward.

Olho as árvores, o chão, a terra, o musgo e os gravetos mortos e...

Um dos meus pés cai pesado sobre um galho frágil e, mesmo sem ver os homens, sei que eles ouviram. No alto, todos os doze corvos acordam e começam a gritar, sons agudos terríveis. Não posso esperar. É minha única chance. Eu me viro e corro o mais rápido que posso, abandonando os ossos, cruzo a floresta e saio no páramo, os joelhos oscilando a cada passo, o corpo já totalmente exausto. Olho para cima, fico chocada ao ver que o sol cruzou totalmente o céu e agora está mergulhando em uma

névoa colorida. Corro, por cima das cinco colinas, até a casa das irmãs. Meus pulmões e minhas pernas choram. Mas não posso chorar. Não vou chorar.

Os olhos de Cole, o adeus estranho, as desculpas.

Teria confessado e deixaria que me punissem?

Não vou chorar.

Isso teria amenizado a dor de alguém?

Não vou.

Ele prometeu. Falou que ficaria bem. Ele...

Meus joelhos falham quando chego ao alto da última colina e a casa das irmãs aparece. Eu caio no mato, tentando respirar, e enterro os meus dedos na terra coberta de musgos.

– O que está fazendo aí no chão, querida?

Olho para cima e vejo Magda se abaixando sobre mim da maneira que ela sempre faz. Sua voz é fina, cansada. Todo mundo parece muito cansado. Ela me obriga a me levantar e me leva na direção da cabana, em silêncio. Não há nenhuma capa cinza no prego do galpão. Dreska está parada no jardim, os braços cruzados, olhando para o ponto queimado no chão. Seus olhos verdes brilham para mim, mas ela não se move. A terra debaixo de nós parece cantar. Magda me leva até a casa.

– Você não viu Cole, viu? – pergunto, a voz arranhada, como se estivesse gritando.

– Não, não, não... – ela fala como um suspiro, soltando as palavras como se pusesse água na chaleira. Eu me deixo cair sobre uma cadeira. Sinto as lágrimas escorrerem por meu rosto ao imaginar pontos vermelhos na terra. Eu as enxugo.

– Eles o levaram – digo, porque preciso dizer.

Magda balança a cabeça triste e compreensiva, e põe seus dedos retorcidos no meu ombro.

– Eles nos viram ontem à noite. Vieram esta manhã e o levaram, para o páramo. E Bo disse que não derramariam o sangue de um estranho no solo de Near e não sei o que fizeram, mas ele me prometeu que me encontraria se eu achasse os ossos, e eu os achei, mas ele não estava lá. Ele não estava lá e os caçadores estão dizendo que ele...

Tento recuperar o fôlego, me abraço fortemente. Que ele se foi. Eu deveria dizer *Cole foi levado*, mas não é o certo. Se eu falasse assim, alguém poderia pensar que ele

foi embora, pegou o caminho de volta de onde veio. Mas Cole foi levado por homens de carne e osso. Homens procurando um culpado.

Eu deveria dizer *Cole está morto*, mas não acho que possa falar essas palavras sem me quebrar e não posso fazer isso agora. Não tenho os ossos e não encontrei as crianças, e há muitas coisas a fazer antes de ter a permissão para chorar.

– Então você os encontrou? – pergunta Dreska, da porta. Nem a ouvi entrar.

– Não está ouvindo? – pergunto, me afastando da mesa. A cadeira cai para trás. – *Cole foi levado*.

– Assim como quatro crianças.

– Como você pode não se importar por ele ter sido levado? Eles provavelmente...

– Ele sabia o que estava fazendo.

– Não! Não sabia. Ele não sabia. Ele me prometeu!

Tudo em mim dói. A sala parece girar. A chaleira está apitando.

– Então confie nele – diz Magda finalmente. Ela tira a água do fogo. Uma estranha dormência está tomando conta de mim, um tipo de dormência tomando conta da minha cabeça. Deixei que tomasse conta de mim.

– As coisas estão a ponto de ficar muito piores – murmura Dreska, mas não acho que suas palavras sejam para mim.

– Preciso voltar – digo. – Tenho de pegar os ossos. Cole disse... e não encontrei as crianças. Não consegui encontrá-las.

– Você vai para casa, Lexi Harris – fala Dreska.

– O quê? Mas precisamos daqueles ossos agora! Ela vai voltar esta noite.

– Vá para casa, querida – diz Magda, sua mão enrugada sobre a minha. Percebo que estava agarrando a mesa.

– Não saia do lado da sua irmã – fala Dreska.

– E pela manhã – acrescenta Magda –, você vem direto para cá, querida, e vamos resolver as coisas. – Ela dá um tapinha na minha mão e a solta.

– Você deve voltar pela manhã, Lexi – reforça Dreska. – Tudo ficará bem. – Essa estúpida frase de novo. As pessoas estão sempre falando isso e nunca é verdade. Dou uma olhada que mostra o que penso.

– Vá para casa, Lexi – ela fala com uma voz diferente, mais calma, como a que usava com o meu pai. Dreska me leva até a porta. Seus longos dedos ossudos em

meu ombro. – Vamos pôr as coisas no lugar certo. – Saio da casa. O céu está vermelho.

– Tudo vai ficar bem – ela repete e desta vez não falo nada. Não discordo.

Como? Pergunta uma voz dentro de mim, mas está afundando, deslizando debaixo de algo quente como os cobertores.



De alguma forma, chego em casa. Meus pés devem ter me levado, inteligentes, pois não encontro o caminho com os olhos.

Minha casa aparece e, com ela, Otto, Tyler e Bo. Estão parados na porta, banhados pela luz vermelha. Bo vira a cabeça de lado. Tyler está de costas para mim. Otto me vê e, mesmo aturdida, espero que ele fique bravo. Mas só há uma fadiga triste. Não é um olhar vitorioso. É um que diz: *Posso não ter ganhado ainda, mas você perdeu.*

Passo por eles, passo por minha mãe, que sabia que eu voltaria. Ela me olha, um olhar trocado entre prisioneiras, antes de voltar a se virar para o forno. Tiro a capa, liberto meus pés das botas e vou pendurá-las na janela. Mas ainda está trancada por fora, a madeira ainda pregada. Esfrego os olhos e deixo as botas caírem no chão com barulho, antes de tirar o vestido e colocar a minha camisola.

Cada centímetro meu pede para dormir. Quanto tempo faz que dormi pela última vez? Ainda falta uma hora até escurecer. Posso descansar, só um pouco, e ficar desperta depois para cuidar de Wren. Puxo as cobertas, me enfio embaixo delas e me cubro. É uma sensação acolhedora e confortável.



A PRIMEIRA COISA QUE PERCEBO É QUE O QUARTO ESTÁ ESCURO.

Dormi muito e sou tomada pelo pânico, mas então vejo que Wren está dormindo segura, enfiada embaixo dos cobertores. A noite está escura ao nosso redor, o vento cantarola pelas aberturas da janela, do piso e do espaço na porta.

Meus pensamentos vão aos poucos se organizando. Aquela confusão ainda existe, enchendo o meu peito. Eu me arrasto da cama, pensando em acender as velas, quando o quarto parece girar, meu corpo e minha mente ainda tomados pelo sono. Paro encostada na cama, esperando que a tontura passe. Então ouço a voz. Um nome simples e suave, trazido pelo vento.

Meu nome. *Lexi*. O vento está me pregando peças de novo. Meus olhos viajam sonolentos para a janela, para o páramo, esperando não ver nada.

Mas há uma pessoa parada ali na escuridão. Esperando no campo, logo depois da linha da vila, no lugar em que Near se encontra com o páramo do norte, alguém alto, magro, parecendo um corvo.

– Cole? – pergunto. Quando ele não desaparece, eu arrasto o meu adorável entorpecimento, meu quase sono, até a janela, esquecendo os pregos que a fecham. Pressiono as mãos contra a superfície e olho para fora, o calor marca o vidro ao redor dos meus dedos. Lá fora, o vento fica mais forte, e o marco da janela balança. Cole vira a cabeça de lado e os pregos começam a tremer, depois a subir e a se soltar, caindo no mato. Eu abro a janela; ela range um pouco e depois desliza silenciosamente entre os meus dedos. O som do outro lado do vidro é mais forte. O vento assobia passando por mim e entrando no quarto, agitando toda a superfície ao seu alcance.

Eu hesito, olhando para a minha irmã dormindo debaixo dos cobertores, mas ela está tranquila, o bracelete amarrado em seu punho.

Lá fora, o páramo está frio e escuro, e eu trepo na janela, quase tropeçando em meus próprios pés. Fecho o trinco. Quero ver Cole, seu rosto e seus olhos de pedra do rio, e saber por que ele me deixou e como ele voltou e o que aconteceu. Ele acena uma vez e quero sentir sua pele, saber que ele está lá. Cruzo o pequeno trecho de terra de camisola, sem sentir a terra dura debaixo dos meus pés descalços e a noite fria em meus braços.

– Cole – chamo de novo, e desta vez ele faz um movimento na minha direção, levantando a mão. Quando me aproximo, vejo que é ele. Fecho os olhos, acho difícil voltar a abri-los quando ele pega a minha mão, seus dedos estranhamente frios quando se unem aos meus. Ele não está hesitando, nem piscando. Ao contrário, seu aperto é firme, puxando-me para ele. Faz meu coração bater de uma forma estranha, como quando estou rastreando e vejo a minha presa, e todos os meus nervos se eriçam debaixo da minha pele, alertas. Ele me abraça em silêncio e o vento se curva ao nosso redor.

– Você está bem? – pergunto, passando meus dedos por ele. – Você está vivo. Cole, eles falaram... eu ouvi... – Ele não fala nada, só me puxa para o páramo, e eu o sigo, delirando de alívio.

– Onde você estava? O que aconteceu? – Estou brava por ele ter ido embora, por deixar que eles o levassem. Paro de repente.

– Cole, diga algo. – Tento me virar para casa, para Near, quando ele me puxa para perto dele de novo, pressionando-me contra sua forma fria e tocada pelo vento. Seu rosto roça o meu. Sinto como se estivesse esquecendo algo, mas então seus lábios se encontram com os meus e seu beijo tira o meu ar.

– Siga-me – ele sussurra no meu ouvido, o bafo frio contra o meu rosto. Sinto minhas pernas se dobrarem e forço para que fiquem eretas enquanto deixo que me guie. Ele acrescenta: – Vou contar tudo.

– O que aconteceu? Para onde Otto o levou? – As perguntas vão saindo. – Aonde você foi?

– Vou mostrar – ele fala, tão baixo e sussurrado que o som quase nem parece feito de palavras.

– Encontrei os ossos – digo. A mão de Cole aperta a minha mais forte por um momento e seu rosto fica mais sombrio, mas isso passa e seus olhos se acalmam de novo. O vento volta a nos envolver e ele me aperta firme, seu braço ao redor da minha cintura enquanto me guia pelo páramo. Sempre que resisto ou peço uma explicação, ele para e se vira para mim, os olhos voltados para baixo, e leva sua mão ao meu queixo. Sinto meu rosto ficar mais quente debaixo da sua palma. Quando ele beija a minha testa, é como uma gota sobre a minha pele.

– Cole – sussurro, confusa e aliviada ao mesmo tempo, mas então ele volta a me beijar, de verdade, frio e com uma sensação fantasmagórica. Não há medo em seu beijo, nenhuma incerteza. Ele me beija e passa as costas da mão contra o meu rosto quente e continua a me guiar pelas colinas. Eu quase nem noto a vila desaparecendo atrás de nós. Bocejo e me encosto nele no escuro, certa de que isso é um sonho, que talvez eu esteja andando pelo chão de madeira do quarto da casa da minha mãe. E aqui, neste sonho, Cole está vivo e estamos caminhando. Consigo senti-lo e vê-lo ao meu lado, mas o resto do mundo parece ter desaparecido.

– Aonde estamos indo? – pergunto. A maneira que Cole me agarra é estranha, ao mesmo tempo leve e apertada, e resisto momentaneamente, tentando empurrá-lo para longe de mim. Empurro com os meus dedos. É preciso um pouco de esforço. Cole para de novo e se vira para mim.

– Lexi – ele fala sussurrando, traçando as curvas de meu rosto com seus dedos.

Por mais gentis que seus dedos pareçam, não consigo me soltar. Eu pisco, o ar frio e o pânico tomam conta de meu peito. Não deveria estar aqui. Deveria estar em casa.

– Solte-me, Cole, e conte-me o que está acontecendo. Conte-me o que aconteceu. – Então, quando isso só leva a mais beijos, eu grito: – Cole, solte-me! – Mas ele não solta. Segura-me firme com uma das mãos, enquanto a outra, que estava no meu rosto, vaga do meu queixo até o meu pescoço. Seus dedos se fecham ao redor da minha garganta. Eu ofego, principalmente em choque, e luto contra as suas mãos, mas atravesso o seu corpo como se ele fosse nada mais que... ar.

– Fui eu que fiz – ele sussurra na minha orelha, seus dedos de vento apertando a minha garganta. Não consigo respirar.

– Fez o quê? – ofego, quando os olhos de pedra de Cole se encontram com os meus. É estranho quanto eles se parecem com pedras de verdade agora.

– Eu raptei as crianças. – As palavras saíam como silvos. – Raptei todas elas.

Tento desesperadamente me soltar, lutar, mas nada toca este Cole feito de vento e pedra. O sonho se dispersa e o mundo está voltando a tomar forma, a noite escura e as colinas se espalham em todas as direções. Como nos afastamos tanto da vila? Mesmo se eu pudesse gritar, o som chegaria perto de Near? Desapareceria no vento?

– O que está errado, Lexi? – ele pergunta enquanto aperta meu pescoço. – Você parece brava. Calma, agora. Tudo ficará bem. – Cole começa a cantarolar aquela horrível música enquanto a minha pulsação lateja em minhas orelhas e o vento chicoteia ao nosso redor.

Como posso ter esquecido a faca de meu pai? Não estou nem usando sapatos, finalmente percebo, olho para os meus pés sangrando e arranhados. Não os sinto. O medo toma conta de todos os outros sentimentos. Eu o empurro com toda a minha força e nem todo ele é feito de vento, porque consigo me conectar, encontrar algo sólido e ele dá um passo para trás, me solta. Eu tropeço no mato e recuo quando um galho quebrado rasga a minha camisola, arranhando a minha perna. Sinto algo quente correr pelo meu joelho.

– Por que você está fazendo isso? – pergunto, tentando respirar.

– Você se meteu no meu caminho – resmunga Cole, e a voz não é mais dele, é mais feroz, mais antiga. Meus dedos se fecham ao redor do galho de árvore, ainda manchado com meu sangue, enquanto tento me levantar e atingir Cole com ele, fortemente. Erro, o vento fica mais pesado e o arranca das minhas mãos. Caio para a frente. Cole, feito de pedras, madeira, vento e algo horrível e escuro, está inclinado sobre mim.

O vento puxa os meus membros, assobiando nos meus ouvidos enquanto me levanta. E, ao redor do garoto que chamei de Cole, vários galhos afiados se levantam sozinhos do chão, flutuando como folhas ao vento.

– Boa noite, Lexi – ele sussurra, e os galhos voltam suas pontas na minha direção, cruzando o ar. Bem nesse momento algo me segura por trás, firme e feito de carne e osso. Braços se fecham ao redor de meu peito e me forçam para baixo, até o chão, quando os galhos cortam o ar e se quebram contra as rochas atrás de mim.

O Cole do páramo, com raiva, avança, mas a forma que me segura solta um tipo de grunhido e o vento começa a soprar de um lado diferente. Quando toca Cole, ele

se desmancha no chão em um amontoado de pedras, galhos e grama. Fecho os olhos e tento me soltar do corpo em cima do meu. Dou um soco que acerta o alvo.

– Droga, Lexi – ouço uma voz familiar. – Sou eu.

Pisco e, quando abro os olhos, estou diante do rosto de Cole, que parecia uma duplicação assustadora do rosto que tinha acabado de se desintegrar.

– Saia daqui! – grito, empurrando-o contra as rochas. – Não se aproxime de mim. – Cole parece estar machucado, mas eu também estou, além de confusa.

– O que você está falando? – ele pergunta com a voz baixa, as palavras claras e precisas. Ele olha para mim e para a pilha de coisas do páramo que até momentos antes tinha sido uma versão assustadora dele.

– Não era eu – diz, aproximando-se lentamente, como se eu fosse um cervo e ele estivesse com medo de me assustar. – Não era eu. Está tudo bem. – Ele dá outro passo. Seu rosto está tão pálido quanto a lua no céu. – Está tudo bem. – Minha respiração ainda está pesada e eu cruzo os braços, mas não fujo.

– Desculpe, Lexi. – Agora seus dedos tocam o meu rosto e estão quentes, não são feitos de vento. – Está tudo bem. – Ele me abraça. – Não era eu.

Olho para a pilha de pedras.

– Então, quem era?

Mas, quando a pergunta sai dos meus lábios, eu já sei. Dou um passo para trás e me apoio em uma das pedras menores, tentando recuperar o fôlego, os galhos pontudos espalhados entre os meus pés. O mundo não está balançando como antes, mas eu ainda me sinto mal. O corte na minha perna não é tão profundo. Não sinto nenhuma dor. Estou tremendo, parcialmente pelo choque, e Cole tira a sua capa e a põe sobre os meus ombros. A camisa que ele tem por baixo está gasta e fina, e eu presto atenção nele pela primeira vez. Está vivo. E machucado.

Sob a luz da lua eu vejo a mancha que se espalha por seu peito, ainda mais escura que a camisa. Aproximo meus dedos da mancha. Eles voltam molhados.

Meu tio. Meu tio fez isso. Ou Bo. Cole pega a minha mão manchada de sangue e me puxa para perto dele.

– Eu escapei – ele fala. Sua mão está quente e quero abraçá-lo bem forte porque está ali e é real, mas a mancha em suas roupas e a dor em seus olhos me avisam para não fazer isso. Ainda não consigo tirar os meus olhos da mancha escura cobrindo a

sua camisa e parte de mim agradece por ser noite e o sangue parecer preto e cinza em vez de vermelho.

– Estou bem – ele diz, mas seu maxilar fica tenso quando meus dedos caminham pela mancha.

– Se por “bem” você quer dizer “sangrando”, então sim, você está bem – respondo, tentando examinar a ferida. Começo a levantar a sua camisa, mas ele me impede.

– Vou *ficar* bem – ele corrige, abaixando a camisa e afastando gentilmente os meus dedos. – Vamos voltar para a sua casa – ele fala, ajudando-me a ficar de pé.

– Acho que não, Cole. Você é quem precisa de ajuda. Precisamos ir até a casa das irmãs. – Ele balança a cabeça daquela maneira lenta, típica de Magda. Um sorriso cresce em seus lábios.

– Lexi, deixei-a sozinha por uma noite e você foi raptada e quase morta pela Bruxa de Near. Não posso deixar que vá sozinha para casa. – Ele gesticula para os galhos pontudos aos meus pés e toda a lama em mim.

– Para ser justa, ela se parecia muito com você – digo, repentinamente cansada. – E, quando você não apareceu hoje, eu estava tão... – Minha voz desaparece, encontra outro caminho. – Quando vi aquela coisa – aponto para a pilha de gravetos, musgos e pedras – fiquei tão aliviada...

– Desculpe – ele sussurra, pegando a minha mão. – Desculpe por não conseguir chegar antes.

Meus olhos voltam para a mancha escura.

– O que aconteceu? – Não consigo parar de balançar a cabeça. Sinto como se todo o meu susto estivesse diminuindo e o sangue e as sensações estivessem voltando.

– Eles me levaram para fora da cidade – ele sussurra –, para o páramo... – Seus dedos tocam o próprio ombro. – Não importa. Estou aqui.

– Importa, *sim*.

Cole dá um passo para trás e eu perco o fôlego quando ele puxa o colarinho da camisa de lado, o suficiente para revelar tiras de pano cinza, o forro de sua capa usada, amarrada ao redor do ombro, pouco acima do coração. O cinza quase se transforma em preto no local em que a bala acertou.

Não tenho palavras para a raiva que começa a crescer dentro de mim.

– *Quem?* – consigo resmungar por fim.

– Não foi seu tio, se é o que você está pensando. – Ele solta a camisa. – Ele não conseguiu fazer isso. Outro homem pegou a arma.

– Bo – digo. – Você vai ficar bem?

– Já estou melhor. – Há dor em seus olhos, mas ele aperta mais forte a minha mão. Leva-me de volta cruzando o páramo, acompanhando-me cauteloso ao seu lado. Apesar dos ferimentos, parece sentir o que eu sinto: estamos ansiosos, desejando que o outro seja arrastado pelo vento. E ele compartilha a mesma necessidade desesperada de lembrar como era o contato da sua pele com a minha, provar que ele ainda está aqui e que eu também estou.

– Como você sobreviveu? – pergunto.

– Não tão bem quanto gostaria – ele fala, respirando leve. – As coisas vão ficar mais complicadas.

– Como assim?

– Não tive escolha. Ficar controlado não era alta prioridade naquele momento. – Ele quase ri, mas para pela dor que sente.

– Você mostrou que era bruxo?

– Eu só pensava em sobreviver.

– O que você fez?

Ele abaixa os braços em resposta e, quando me viro para encará-lo, está desaparecendo, agitando-se como se fosse uma onda de calor. O vento aumenta e sopra *por* ele, que simplesmente desaparece diante dos meus olhos. Giro em um círculo completo, mas ele desapareceu. O pânico toma conta de mim enquanto o vento cresce, levantando a capa de Cole, envolvendo-se em mim; e momentos depois são seus braços de novo, segurando-me perto, os olhos me encarando.

– Lexi, quando eles me levaram para o páramo, pela primeira vez em muito tempo eu não queria sofrer. Não queria perder... tudo pelos crimes de outra pessoa. Tinha percebido isso um pouco antes – ele fala, com um pequeno sorriso dolorido. – A única coisa em que podia pensar quando ele levantou a arma, quando puxou o gatilho, era em você. Queria ouvir a sua voz. Queria sentir a sua pele contra a minha. Sinto-me conectado a você e não poderia aguentar a ideia de ser ferido. Estar perdido.

Ele beija a minha testa. Diz a palavra *obrigado* contra a minha pele.

– Para minha sorte – ele fala –, o grupo de caça não esperava que eu fizesse o que fiz. Você deveria ter visto. Nem os coelhos saem correndo tão rápido.

Ri com ele agora porque precisávamos rir. Rio enquanto ele me beija no rosto, nos lábios. Beijos que deixam marcas por todo o meu rosto, frios e macios o suficiente para me fazer parar, lembrar-me do Cole de pedras e gravetos que me beijou com o vento do páramo. Ele se inclina para mim e ainda estou rindo quando sua boca encontra a minha, quente e viva. Não há nenhum ciclone ao nosso redor, mas o mundo está caindo de novo. Tudo além das nossas peles está caindo. Seus beijos arrancam o Cole feito do páramo, o Cole da Bruxa de Near, da minha mente. Arrancam o medo de falhar, o medo de ser banida. Seus beijos afastam tudo isso.

A parte mais escura da noite ficou para trás e continuamos andando. Estamos quase na minha casa. E então ele para. Percebo que provavelmente há um caçador, quase certamente Otto, esperando do outro lado da última colina. Cole leva a mão ao peito, defensivamente, olhando para o declive. Tiro a sua capa e a devolvo.

– Cole – digo, lembrando-me –, encontrei os ossos. Os ossos da bruxa. – Não sei por que fico animada de repente, mas não tive chance de contar. Tento manter o sorriso no meu rosto. Ele precisa disso. – Voltei à floresta e os encontrei.

– Sabia que conseguiria. O que fazemos agora?

– Voltamos lá logo de manhã.

Então eu me lembro. Não deveria estar ali fora. Deveria estar com Wren. Cuidando de Wren. Guardando a janela que a réplica fantasmagórica de Cole abriu.

– Logo de manhãzinha.

Já estou indo embora.

– Boa noite, Lexi.

– Eu o vejo em algumas horas – prometo. Nossas mãos se separam e ele desaparece.

Minha casa aparece e Otto está ali, encostado à porta, sentado na cadeira que minha mãe colocou para Tyler. Está dormindo. Seu queixo está encostado no peito e ele faz barulho como um estômago com fome. O sol está começando a sair, a luz dá seus primeiros passos nas pontas do páramo, anunciando a sua aproximação.

Logo a manhã virá, ele diz quando toca o mato. *Logo o dia vai nascer*, diz quando se reflete no orvalho. *Logo de manhãzinha*, eu acrescento, enquanto entro sem fazer

barulho pela janela e a fecho. Vejo o ninho familiar de cobertores ainda na cama e me deito ao seu lado, com alívio. *Logo de manhãzinha vamos consertar toda essa bagunça.*



EM MEUS SONHOS, ALGUÉM ESTÁ GRITANDO.

A voz grita e é pega pelo vento. Fica presa, falha. Então ela muda, estica-se, longa e fina, tensa antes de se quebrar, e tudo fica quieto. Silenciosa como a casa de pedra das irmãs, onde até o vento não consegue entrar. Asfixiante. Acordo de repente, os cobertores enrolados estão muito apertados ao meu redor, esquentando muito. O único som no quarto é o meu coração, mas é tão alto que tenho certeza de que vai acordar a minha irmã. De algum modo estranho, eu consigo dormir. Não somente até o nascer do sol, como tinha planejado, mas muito mais que isso. Demais. O sol está brilhando forte quando consigo me libertar, um membro de cada vez, dos lençóis amarrados ao meu redor. paro para olhar o quarto, registrando as sutis mudanças.

Há duas mesas de madeira ao lado da cama, uma de cada lado. Na minha está a faca de caça de meu pai, dentro da sua bainha de couro. Mas, na de Wren, está o seu talismã, largado, ainda cheirando a terra e flores. A janela está aberta e o sol brilha, os cobertores estão empilhados da mesma forma que na noite anterior, como um ninho. Mas minha irmã não está entre eles.

O ar escapa de meu peito. Wren provavelmente está enfiada na cama da minha mãe, mas sinto enjoo quando me levanto, vestindo as minhas roupas e reclamando quando o tecido roça o arranhão na minha perna. Prendo a faca de meu pai ao redor de meu peito, olho para o espelho, tiro um fio preto de meu rosto. Saio para o corredor e vou ao quarto da minha mãe. A cama está desfeita e não há nenhuma marca no lado esquerdo, o lado em que Wren sempre se deita, onde meu pai costumava dormir. Nenhuma marca no travesseiro.

Nada de Wren.

Ouço vozes na cozinha, da minha mãe e de Otto, baixas, tensas e marcadas por algo pior, o tipo de coisa que está presa na garganta e faz com que as palavras saiam do tom. Corro.

– Onde ela está? – quase me afogo com a pergunta. – Onde está Wren?

E a resposta está nos olhos de Otto quando ele me olha preocupado, um olhar que mostra pouca simpatia e mais que um toque de censura. Ele está inclinado sobre a mesa, uma caneca de algo quente e forte em uma das mãos. Sua outra mão descansa sobre o rifle à sua frente, onde deveriam estar os pães. Minha mãe não está assando pães. Está parada na janela, olhando para fora e apertando tão fortemente uma caneca de chá a ponto de seus dedos estarem brancos. A imagem parece se inclinar e percebo que a minha cabeça está balançando de um lado para o outro.

E o silêncio naquela cozinha, a falta de uma resposta à minha pergunta, aquele silêncio está me sufocando.

Corro até a minha mãe e a abraço na cintura, forte o suficiente para que ela perceba que estou aqui. Carne, sangue e ossos, e aqui. Ela também me abraça e ficamos abraçadas por um minuto, em silêncio. Tento respirar profundamente, tento me focar, vou encontrar minha irmã, penso. Vou encontrar minha irmã, digo baixinho para a minha mãe. Cole e eu vamos encontrar as crianças hoje, e vamos resolver isso. Repito várias vezes. Wren não está morta. Desapareceu por um tempo, só até chegarmos à floresta.

Minha mãe se separa de mim e volta ao seu trabalho. Ela mede a farinha com movimentos lentos e regulares, está com o olhar perdido como nos dias após a morte do meu pai. *Traga-a de volta*, seus dedos apertavam a massa. *Traga meu bebê de volta*, ela amassa as palavras.

– Foi bruxaria – diz Otto. E por um momento, só por um momento, acho que ele sabe a verdade. Até acrescentar: – Deveríamos tê-lo matado.

Otto coloca a caneca na mesa, não com a força habitual, mas de forma tensa e calma. Ele tira a arma da mesa.

– Você ainda acha que foi Cole? – pergunto, virando-me para ele. – O que você tentou *matar*?

– Ele nos atacou – disse Otto, vazio. – Não tivemos escolha a não ser nos defender.

– Ele o atacou antes ou depois que vocês atiraram nele?

Os olhos da minha mãe piscam.

Houve uma pausa antes de Otto perguntar:

– Como você sabe que atiramos nele?

– Ouvi Bo se vangloriando. – As palavras saíam sozinhas. – Contando como você não teve coragem.

Seus dedos apertam a arma e eu me viro.

Preciso sair dali.

– Aonde você vai? – pergunta Otto.

Não respondo.

– Lexi – ele avisa. – Eu falei...

– Então eu encaro o desterro – eu o interrompo. – Quando isso terminar.

Quando Wren estiver segura em casa. Encaro qualquer coisa quando ela estiver segura.

– Lexi, não faça isso – ele pede. Abaixa a arma, que bate na madeira. O som põe meus pés em movimento. Eu me viro e corro pelo corredor.

A porta da frente está aberta e o corvo de madeira, que antes estava preso em nossa porta, está caído, torto e quebrado, nos degraus da frente. O Cole feito do páramo tirou os pregos da minha janela. Deve ter arrancado o corvo da porta. A Bruxa de Near sabia que eu estava tentando encontrar as crianças. Ela sabia que eu estava atrás dela.

Cruzo a porta, tentando me lembrar do momento em que voltei pela janela e entrei no quarto. Lembro-me da pilha de cobertores. Wren já deveria ter sido levada.

Sinto-me mal.

Estou cruzando o jardim quando dedos me seguram fortemente.

– Aonde você pensa que vai?

– Solte-me, Bo.

Ele me olha curioso e sua mão aperta mais o meu punho.

Um braço, o braço de Tyler, me abraça do outro lado.

– Eu cuido disso, Bo.

Mas Bo não me larga. Tyler me puxa mais para o seu lado.

– Eu falei que cuido disso. Vá dizer a Otto que estamos prontos. – Bo me solta, um dedo de cada vez, aquela mesma expressão estranha em seu rosto.

– Prontos para o quê? – pergunto, tentando me libertar. Não consigo.

– Como as coisas saíram tão mal? – pergunta Tyler com a voz baixa, mas seu braço ainda está me segurando, firme. – Você bagunçou tudo, Lex. O Conselho sabe o que você anda fazendo. Estão furiosos. Vão julgá-la. Mas vamos implorar a eles. – Sua mão desce até os meus dedos, entrelaçando-se.

– Isso não tem a ver com a gente, Tyler. Não mesmo.

– Sinto muito por Wren – ele fala.

– Vou encontrá-la. Sei onde ela...

– Na floresta, certo?

– Isso! Isso, é exatamente onde ela está. – Solto os meus dedos e levo as mãos ao meu peito. – Só preciso ir...

– Lexi, sabemos sobre a floresta e não há nenhuma criança lá. Nós já olhamos. – Seu rosto fica sombrio. – Mentiras não vão ajudar o seu *amigo* agora.

– Tyler, não é...

– A única coisa escondida naquele lugar é um bruxo. E vamos resolver isso.

– O que vocês...

– Estamos prontos – fala Bo quando volta ao jardim, Otto e minha mãe atrás dele. – Vamos.

– Aonde? – pergunto, exasperada.

Está tudo errado.

– Temos de ir para a cidade – diz Otto, com o rifle sobre o ombro. – *Todos* nós.

Bo, Otto e minha mãe vão na frente, mas Tyler fica um pouco para trás.

– Sei que você quer acreditar naquele bruxo, Lexi, mas ele a enganou. Jogou algum feitiço sobre você.

– Não funciona assim, Tyler, e você sabe disso. – Tento me soltar, mas ele me puxa, nossos narizes quase se tocam.

– Não? – ele sussurra. – Não jogou um feitiço sobre as crianças, sobre a sua irmã também, atraindo-as de suas camas? Ele deve ter feito o mesmo com você.

– Não é ele que está fazendo...

– Teria sido melhor se ele tivesse morrido – fala baixinho. – Não tinha certeza se era ele, sabe? Até nos atacar. Os olhos dele, Lexi.

Besteira. A ausência de Wren, essa maldita procissão até a cidade e os braços de Tyler, quentes ao meu redor, tudo isso é um pesadelo. Sinto-me tonta de novo, enfiada em muitos cobertores. Fecho os olhos, esperando acordar.

– Não minta, Tyler. Não para mim...

– Há quanto tempo você sabia que ele era bruxo? – Tyler me interrompe.

– Isso importa?

Depois de uma longa pausa, ele fala:

– Não, acho que não. – E me empurra para junto dos outros, para o centro de Near.

– É melhor nos apressarmos.



Todos os moradores se juntaram, e os três velhos Mestres do Conselho sobem no muro baixo de pedras na praça da vila. Olho para Helena no outro lado da praça e tento chamar a sua atenção, mas ela não me vê. A sra. Thatcher está parada ao lado da minha mãe. Ela me encara por um momento, mas então Tyler me puxa contra si, forçando-nos a avançar pelo meio dos corpos tensos, bravos e cansados. Mas ele para no meio da multidão.

– Vão prendê-la – ele sussurra. – No final da reunião.

Sinto o meu coração parar. Os três sinos do Conselho soam, cada um com um tom diferente, e a praça fica em silêncio. Isso não pode estar acontecendo.

Não há nenhum eco quando os Mestres falam. Suas vozes fracas raspam umas nas outras.

– Seis dias atrás, um estranho chegou a Near – anuncia o Mestre Eli para os moradores, os olhos escuros fundos e apertados.

– Esse estranho é um bruxo – continua o Mestre Tomas, mais alto que os outros.

Um murmúrio cruza a praça.

– Ele tem a capacidade de controlar o vento – acrescenta Matthew, o sol brilha em seus óculos.

– Esse bruxo usou seu poder para atrair as crianças da vila e tirá-las de suas camas.

– E usou o vento para cobrir seus rastros. É por isso que não conseguimos encontrá-las.

Tento me soltar, mas os braços de Tyler ainda estão ao meu redor.

– E ontem, quando finalmente enfrentamos esse bruxo, ele usou o vento para atacar nossos homens e fugir.

O murmúrio cresce, fica mais agudo. Alguns metros à frente, e perto do muro, Bo, Otto, o sr. Ward e o sr. Drake estão juntos, murmurando entre si, mas não consigo ouvi-los.

– E as crianças? – grita a sra. Thatcher. Uma dúzia de vozes grita concordando e a massa de pessoas parece se mover um pouco para a frente.

Os olhos azuis de Matthew viajam pela multidão e se encontram com os meus.

– Não encontramos nenhum traço delas – fala, parecendo ainda mais velho que quando o vi na última vez. – Ainda estamos procurando.

A multidão avança um pouco mais, aproximando-me do grupo de homens perto do muro, e consigo ouvir as palavras do sr. Drake. Ele está inclinado para Otto e parece abalado, do mesmo modo que Helena quando a encontrei perto do rio. O modo que Edgar estava quando caiu na praça naquele dia.

– Você realmente acha que ele está na floresta? – ele sussurra.

– Algo está – resmunga Otto.

– O que vamos fazer?

– Livrar-nos dele – sugere o sr. Ward.

– Isso não deu muito certo na última vez – intervém Bo, seco.

– Pelo menos sabemos que ele sangra.

– Não vou errar outra vez.

– Precisamos encontrá-lo primeiro.

A voz do Mestre Tomas supera o murmúrio da multidão.

– Esse bruxo está solto. Ninguém está seguro enquanto ele não for pego...

Toda a multidão concorda. Vozes se misturam com o som de passos e armas.

Estão caçando o bruxo errado.

Aperto os meus cotovelos contra Tyler e me separo um pouco dele, criando um pequeno espaço.

– ... estou falando, Bo – diz o sr. Drake –, é ela. Alan e eu voltamos àquela floresta, como você mandou, e pudemos ouvir seus corvos... – As vozes dos homens começaram a se misturar com o barulho crescente da praça.

– Matthew diz que é ela, a Bruxa de Near.

Bo e o sr. Ward riram.

– Você não pode estar falando sério.

– A Bruxa de Near está morta.

– Uma bruxa ou um bruxo, não importa.

– Mas quando Magda trouxe aquele talismã, ela falou...

– Digo para nos livrarmos das irmãs também – fala Bo. – Queimar tudo de ruim de uma só vez.

– Não tem a ver com elas – corta Otto.

– Não? Elas não deram abrigo ao estranho? – fala Bo, com um sorriso torcido. – Não sabiam o que ele era desde o começo? São tão responsáveis quanto ele.

O apertão de Tyler afrouxa um pouco. Consigo pôr uma mão entre seu corpo e o meu.

– Mas e se as crianças estiverem em algum lugar na floresta?

Elas estão, penso, elas têm de estar.

Meus dedos se fecham ao redor do cabo da faca de meu pai.

Ouçõ a voz do Mestre Eli.

– O bruxo não estava agindo sozinho.

– *Nãõ.* – A multidãõ começa a sussurrar.

– Teríamos encontrado as crianças – murmura Bo.

– Você não pode estar seguro disso – fala Otto. – Assim que a reunião terminar, vamos para a floresta. Se algo ou alguém estiver lá, vamos encontrar.

– E se não houver nada, vamos queimar a floresta.

O Mestre Tomas limpa a garganta.

– Há um traidor entre nós.

Meu pé cai sobre o de Tyler e ele grita, soltando-me. Somente um momento, mas é todo o tempo de que preciso. Tiro a faca, encosto nele, então o puxo para perto de mim de novo. A ponta da faca debaixo de seu queixo.

– Lexi – ele sussurra. – Não faça isso.

– Desculpe, Tyler.

Empurro-o para trás, fortemente, e corro.

A multidãõ está fechada ao meu redor, pressionando-me, e Tyler agarra o meu braço justo quando chego à ponta da praça. Mas suas mãos me soltam subitamente e

ele acaba sentado no chão, confuso. Uma forma ampla está quase em cima dele. A sra. Thatcher. Suas mãos grandes o agarram pelo colarinho.

– Mostre algum respeito, sr. Ward – ela fala, virando-o de costas. – Seu Conselho está falando. – Ele tenta se libertar, mas ela o leva de volta para o meio da multidão, olhando para mim com força e balançando a cabeça. Desapareço.



CORTO PELO MEIO DAS CASAS, SAINDO DO CENTRO DA CIDADE. O vento corre pelos meus pulmões enquanto os meus pés cruzam o caminho para a casa das irmãs. O mais rápido possível. Nunca olho para trás. Pelos campos, através do bosque e até a colina, e tudo que consigo visualizar é o mundo em fogo.

Magda está agachada no jardim, murmurando algo e parecendo mais uma grande e enrugada erva. Dreska está inclinada sobre sua bengala e dizendo para sua irmã o que ela está fazendo de errado, seja lá o que for que esteja tentando fazer. Só consigo ver botões de flores e brotos pipocando no solo. Vários metros atrás, sobre a terra, uma pilha de pedras que não estava lá antes.

As irmãs levantam a cabeça quando começo a subir a colina.

– O que foi, criança?

Paro um pouco, sem ar.

– Wren desapareceu – digo. – O Conselho virou a vila contra Cole. Bo quer queimar a floresta. Agora.

– Homens tolos – diz Dreska.

Magda se levanta, virando o rosto enrugado para o sol.

– Onde está Cole? – pergunto, respirando fundo.

Magda balança a cabeça.

– Ele esperou, mas você não veio. Ele foi para a floresta.

Se eu tivesse algum ar nos pulmões, teria sido nocauteada.

A floresta.

Tudo que mais amo está naquela floresta.

– Traga-nos os ossos – diz Dreska, olhando para a pilha de pedras. – Todos eles. Estamos prontas para o restante.

– Corra, querida Lexi – acrescenta Magda. – Corra.



Quero muito parar de correr.

Parece que meu coração vai abandonar o meu peito. Meus pulmões estão gritando.

Não preciso de ar, digo a mim mesma.

Tudo de que preciso é da imagem de Wren vagando pela floresta em fogo. A imagem de Cole cercado por homens, olhando o mundo em chamas de novo. O casulo caindo sobre os ossos da bruxa.

Onde estarão os homens de Otto? Será que Bo traz fósforos com ele? As árvores mortas da floresta servem como palha para o fogo.

Alcanço a colina final e no vale eu a vejo, os galhos tão perto e tão escuros no começo que penso que estão fumegantes. Quase deslizo colina abaixo até o monte de árvores enfiadas na terra, quando uma capa cinza também entra no bosque.

Eu me atiro atrás dela.



– Cole – grito, assustando um corvo em um galho próximo. A capa cinza se vira quando me aproximo dela e praticamente me lanço em seus braços antes de me lembrar de sua ferida. Ele está sem camisa embaixo da capa e seu peito é um emaranhado de faixas, com manchas vermelho-escuras em alguns pontos. A dor cruza o seu rosto como uma sombra e seus dedos apertam uma cesta.

– Você não veio, então pensei que deveria... – Ele para, olhando-me nos olhos. – O que foi? O que há de errado?

– Wren – falo, tentando respirar. – Ela desapareceu. – Sinto o peito apertar e quase não consigo respirar. Não é a corrida, mas as próprias palavras selando a minha garganta. Cole me puxa para perto e sinto sua pele fria contra a minha.

– E a vila – digo. – Todos pensam...

– Lexi – ele fala, com a voz calma e tranquila –, não importa mais.

Eu me afasto.

– Cole, estão vindo para queimar toda a floresta.

Ele entrecerra os olhos, mas tudo que diz é:

– Então precisamos correr.

Dá uma olhada para as árvores e as colinas. O vento sobre o mato selvagem fica mais forte, mais pesado. Cada vez mais forte, até o chão se dividir em dois lados. O mundo começa a ficar borrado. Está estranhamente calmo com essa parede de vento, pelo menos do nosso lado.

– Isso é para atrasá-los – ele fala, vendo a pergunta em meus olhos. Nós partimos, de mãos dadas, para a clareira e os ossos.

– Você andou praticando – digo olhando para trás.

– Estou tentando. Ainda falta muito para aprender.

– No que você estava pensando quando criou esta parede?

– Não estava pensando, na verdade – ele fala, sem parar de caminhar. – *Só quis fazer*. Quero mantê-la segura. Quero encontrar as crianças. Quero acabar com a Bruxa de Near. Porque quero ficar aqui. – Ele olha para o chão, mas posso ouvi-lo acrescentar: – Quero ficar aqui, com você.

Eu o acaricio quando entramos na parte mais fechada da floresta.



– Tudo neste lugar obedece a *ela*. – Cole gesticula para toda a floresta, para sua natureza arruinada. Tudo está meio podre, como um bosque espetacular totalmente abandonado. – Ela deve ter sido uma bruxa muito poderosa.

– Mas como ela pode controlar? É de dia. As irmãs disseram que ela só poderia assumir seu corpo à noite.

– O corpo talvez – fala Cole. – Mas ela ainda está aqui e ainda é forte. As árvores a obedecem. Estão encantadas.

Eu o levo pelas árvores com galhos pontudos, minhas botas deixam pegadas em cima dos pequenos pés ainda vagamente marcados no chão. Os homens de Otto deixaram suas pegadas, seguindo um caminho próprio. Pés grandes arrastando-se pelo chão. Nenhum método, nenhuma habilidade. Tento seguir o rastro das crianças, mas muitas das pegadas pequenas estão arruinadas. Olho para a luz fraca que entra pelo meio das árvores.

Estamos caminhando há muito tempo.

– Não deveria ser tão difícil de encontrar.

– O que estamos procurando? – pergunta Cole.

– Um ninho de árvores. Uma clareira. Mesmo se a bruxa puder se mover, aquelas árvores estão velhas, muito podres. – Olho para as pegadas meio apagadas e paro. Por cima das outras, bem leve, há um novo par de pés.

Wren.

Suas pegadas são tão leves que quase não deixam marcas, mas eu as conheço e também a maneira que elas se movem. Eu me ajoelho, estudando a estranha dança. Estava brincando de algo. Não o jogo de girar da “Rima da Bruxa”, já que é preciso um grupo, mas uma de suas próprias brincadeiras, o tipo que ela brincava no corredor antes de ir para cama.

– O que foi? – pergunta Cole, os braços cruzados, mas eu levanto a minha mão. Fico de pé e pesquiso os rodopios, pulos para a frente e para o lado. Então vou seguindo os estranhos passos que nunca teriam parecido um rastro para ninguém a não ser para mim. Cole me segue silencioso.

Finalmente as pegadas de Wren nos levam até a pequena clareira, o espaço onde as árvores se afastaram para dar espaço à terra, e os galhos se inclinam para formar um tipo de abrigo. Na clareira, os passos de Wren desaparecem com o restante e tento engolir o pânico de ter perdido sua trilha.

– Wren? – chamo, mas a única resposta é o barulho das árvores. Dou uma volta na clareira, procurando algo, qualquer coisa, mas não há nenhum sinal.

– Lexi – chama Cole, mas ele não está olhando para mim. Está olhando para o caminho pelo qual viemos. Sigo o seu olhar, mas as árvores são muito fechadas e a beira da floresta está muito longe. Fico imaginando se os caçadores chegaram à floresta, se Bo já está começando a pôr fogo em tudo.

– Estão vindo – diz Cole. – Onde estão os ossos?

– Ali dentro. – Aponto para a massa de galhos. Sobre o casulo, uma dúzia de corvos estão sentados esperando, como postes negros, e olham com pequenos olhos de pedra e bicos que brilham mesmo na luz cinza.

Cole deixa cair a cesta e vai até o casulo, olhando entre os galhos cruzados. Ele parece esperar que o casulo simplesmente se abra e nos deixe entrar, mas a massa não se mexe. Caso se mexesse, eu confiaria ainda menos nessa coisa. Ele tira a sua capa, deixando-a cair, e assim expõe as faixas que cruzam o seu peito e as suas costas.

Os galhos rangem e estalam em protesto quando ele se enfia por uma abertura, desaparecendo no interior escuro. No alto, um dos corvos abre as asas.

– Espere – corro, pensando em suas feridas. – Eu faço isso. – Falo baixo, caso os homens estejam perto.

– Estou bem – ele fala automaticamente, as palavras abafadas pela parede de galhos.

Encontro uma abertura maior, um lugar onde os galhos se cruzam para formar um tipo de janela. Olho para o casulo e o musgo e a podridão reviram o meu estômago. Cole está parado no centro, até os joelhos, e começa a cavar. Ele vai me dando um osso atrás do outro, brilhantes e brancos como se estivessem limpos, apesar do barro e do musgo que estavam por toda parte. Ele procura na semiescuridão e eu levanto a cesta, subindo no casulo.

– Cuidado – aviso, quando enfio a bota nos galhos do teto. A maior parte deles resiste, meio petrificados pelo tempo. Mas vários menores se quebram, caindo sobre Cole, com lascas de madeira e faixas de luz. Os ossos brancos brilham, sobressaindo na terra, sob os novos raios da luz do final da tarde. Eu retomo o meu posto, pegando os ossos quando ele os entrega. Cada um é uma surpresa. Um dedo fino. Um fêmur dividido. Um ombro.

Então, um crânio. Ele passa para mim e eu ofego quando o pego, o rosto meio destruído no ponto em que há algumas flores sujas de musgo e ervas. É como um horrível vaso de flores, as raízes escapando do olho. Então foi isso que fizeram com ela, com a Bruxa de Near, quando encontraram o menino morto no seu jardim. Passo meus dedos pelo crânio arruinado – o rosto quebrado, o olho destruído – e tremo quando penso no grupo de caça arrastando Cole para o páramo.

– Lexi? – ele pergunta, esperando para me entregar outro osso. – Você está bem?

Respiro fundo, solto o ar e coloco o crânio gentilmente na cesta. Pelas árvores, o sol está cruzando o céu. Demoramos muito para encontrar os ossos. Está demorando mais ainda para juntá-los.

Cole continua a cavar, mas está ficando cada vez mais difícil e os minutos vão se esticando entre cada achado. Ouvimos uma arma atirando ao longe e eu me viro, olhando para trás, mas só consigo ver as árvores.

– Você quer muito isso, Cole? – pergunto. E ele sabe o que quero dizer.

– Com todo o meu coração – ele fala, enquanto me passa outro osso. Sua mão parece mais fina e juro que consigo ouvir o vento pressionando as colinas e os caçadores. – Mas não consigo mantê-los longe por muito tempo.

Há um *clique, clique, clique* no alto e olho para cima, vendo um corvo brincando com um pequeno osso, como antes. Só que, desta vez, preciso daquele osso. Desço até o chão, coloco a cesta de lado e encontro uma pedra, apontando-a para ele. A primeira pedra não o acerta, um tiro apressado. O corvo não se mexe, não parece nem um pouco perturbado pelo assalto. Ouço a voz de meu pai.

Foco, Lexi. Que valha a pena.

Eu puxo a faca, sinto meus dedos passando pelos velhos sulcos, antes de virá-la, segurando-a pela lâmina. Movo-me lentamente, medindo a distância. Levanto a faca atrás de meu ombro, e então tenho a sensação familiar do metal passando pela minha pele quando a solto. A faca cruza o ar, acertando o corvo na árvore. Ele dá um grito agonizante e então, chocada, vejo como se transforma em uma pilha de penas negras, pedras e gravetos. Assim como o Cole feito pelo vento no páramo à noite. Olho para o monte onde está o pequeno osso, esperando como uma coroa, e o retiro do alto da pilha. Considero apontar para os outros corvos quando ouço uma agitação e folhas farfalhando, e a pilha de coisas da floresta começa a retomar seu formato aos meus pés. Começa a retomar uma forma vagamente parecida a um pássaro, exceto que o bico está um pouco fora de lugar e um olho de pedra caiu. O corvo defeituoso sai voando e alcança seu galho, parecendo mais pássaro que restos de novo. Eu sinto um calafrio, solto a faca do tronco e corro de volta para a cesta e para Cole, deixando o pequeno osso com os outros e guardando a faca na bainha de couro na minha cintura.

Ouço outro tiro, desta vez não abafado pelo vento. Estão na floresta.

– Quase terminamos – fala Cole, suas mãos enfiadas até os cotovelos no chão cheio de musgo.

Meus olhos viajam pela linha do horizonte, procurando entre as árvores. Tento ouvir os sons de pés e de homens, mas não chega nada até ali.

Cole me entrega outro osso. Alguns dos menores estão unidos por ervas e raízes, unidos pelos buracos como se pelo tutano. Pelo menos ajuda a encontrá-los, penso, encolhendo-me quando Cole me passa um pé, a maior parte dos ossos ainda conectada por ervas e musgo. Enfio-o na cesta e me agacho, de costas para Cole e o casulo, por um momento. Acho que estou ouvindo uma voz de homem, longe, mas

deste lado da parede de vento. Otto. Pelas árvores, a luz de outono está crescendo quando o sol se aproxima do chão. Os dias vão ficando mais curtos com a chegada do inverno.

Então sinto cheiro de fumaça.

– Cole – digo.

– Eu sei – ele responde. – Quase terminei.

Mas algo está errado. Otto nunca permitiria isso, não antes de procurarem cada centímetro pelas crianças. Os homens e o fogo estão vindo de direções diferentes. A voz de Otto vem da direita e as trilhas de fumaça preta começam a vir da esquerda.

Eu investigo o chão da floresta, esperando mais uma vez encontrar as crianças. Minha irmã. Meus olhos correm pelas árvores e seus troncos, até o chão, e depois eles percebem uma divisão. O chão. O chão debaixo dos meus pés está seco, com cachos de ervas e pedaços de musgo bem assentado. Mas, alguns metros adiante, ao lado do casulo, a terra está diferente. Mexida recentemente. As palavras da bruxa voltam aos meus ouvidos. *Não ousem perturbar o meu jardim.*

Oh, não. Não, não, não.

Caio de joelhos ao lado da terra mexida, começo a cavar com as mãos, tirando terra dos dois lados. Não há nada. Nada. Então meus dedos sentem algo macio.

Um rosto.

Cole me chama de dentro do casulo de árvores, uma pergunta, acho, mas tudo que consigo ouvir é a minha pulsação, as palavras da Bruxa de Near e a vaga melodia no ar, Cole sai do casulo, tentando se liberar do ninho de galhos retorcidos. Há vento e fumaça enquanto cavo, liberando o rosto de uma criança.

Wren. Ela não está respirando. Sua pele está pálida, sua camisola se espalha gentilmente ao seu redor, seu cabelo ainda está arrumado, por mais incrível que pareça. Não, não Wren. Deveríamos ter conseguido impedir isso. Deveríamos ter conseguido consertar a situação. Eu reprimo a vontade de gritar e, em vez disso, desenterro o seu peito e pressiono o meu ouvido contra ele, procurando a pulsação. Ouço-a, lenta, baixa e regular. Meu coração bate aliviado enquanto puxo a minha irmã da terra pelos ombros.

– Venha me ajudar, Cole! – grito. E logo ele está ao meu lado, limpando o chão ao redor do seu corpo, mostrando as suas pernas, os seus pés descalços. Então ele começa a tirar a terra ao lado do corpo de Wren. Logo mais rostos aparecem. Edgar.

Cecília. Emily. Riley. Cinco crianças ao todo, enfiadas embaixo do jardim. Percebo que Cole está falando.

– Lexi – ele está falando. – Venha aqui.

Ele tira os meus dedos dos braços de Wren e percebo que estive segurando e apertando a minha irmã. Posso ouvir as vozes agora, cada vez mais perto. A fumaça está enchendo toda a clareira e consigo ouvir a madeira queimando.

– Lexi, pegue os ossos, você precisa ir.

Balanço a cabeça, arrumo o cabelo loiro de Wren, sujo de barro, em seu rosto pálido.

– Não posso. Não posso deixá-la.

– O grupo de busca está chegando – ele fala, a voz mais forte. – Você precisa levar os ossos de volta para as irmãs antes do pôr do sol.

Balanço a cabeça.

– Não. Não. O fogo. Não posso deixar a minha irmã.

– Olhe para mim. – Ele se ajoelha, a mão fria levantando o meu queixo. – Vou ficar. Posso usar o vento para manter o fogo longe de Wren e dos outros, mas você precisa correr. Um de nós precisa levar os ossos e não vou deixá-la aqui.

Meus dedos começam a soltar o corpo de Wren, mas não consigo deixá-la.

– Lexi, por favor. Estamos perdendo tempo. – Galhos próximos se quebram debaixo de pés pesados. Mas Wren parece um peso morto no meu colo, tão fria, e não consigo obrigar as minhas pernas a se moverem. Então ouço um barulho tão alto e perto que é incrível que os rastreadores não estejam ali. O fogo chega à clareira de um lado, as vozes dos homens chamam do outro.

– Vá. Leve isso até a casa das irmãs. Eu a alcanço depois. – Ele olha para as crianças e depois de novo para mim. – Nós a alcançaremos. Prometo.

Os corvos no alto abrem as asas, nervosos, e vejo o pânico nos olhos de Cole, por isso deixo que ele me ajude a me levantar, o cabelo loiro da minha irmã deslizando do meu vestido de volta para a terra. Sinto de novo as minhas pernas debaixo de mim quando olho para o alto das árvores e vejo que o céu está mudando, escurecendo. As mãos de Cole me entregam a cesta e depois levantam Wren. O vento gira ao seu redor, ao redor das outras crianças. Elas começam a ficar embaçadas, mas não sei se é por causa do vento ou das lágrimas. Eu me viro,

agarrando a cesta de ossos, e deixo a clareira. A floresta se fecha como uma cortina atrás de mim, e meu mundo é engolido por fumaça, fogo e árvores.



CORRO PELA FLORESTA MORTA E A LUZ VAI FICANDO CADA vez mais fraca, desaparecendo rápido demais no horizonte. Algo me puxa para trás. Minha capa ficou presa em um galho baixo e luto para libertá-la. O galho se solta e eu tropeço.

Eu me entrego ao páramo... tento recitar a oração de meu pai, mas as palavras parecem vazias. Tento uma segunda vez, antes de abandonar a oração.

Por favor, imploro para a floresta.

Cruzo a linha de árvores e chego às colinas.

Por favor, imploro ao céu e ao mato.

Por favor, proteja-os. Não posso entregar a minha irmã ao chão tão cedo. Não posso entregá-la de volta ao páramo da mesma maneira que fizemos com o meu pai. Não posso deixar o mundo de Cole queimar uma segunda vez.

Do alto da colina vejo que a floresta está tomada pelas chamas.

Agarro bem a cesta enquanto corro, a parte mais baixa do sol toca as colinas, o círculo dourado marca o mato. Luto contra a vontade de olhar para trás, de ir mais devagar. Preciso chegar até as irmãs. O páramo aos meus pés, imagino que sinto um vento gelado nas minhas costas, empurrando-me para a frente.

Chego à última colina antes da casa das irmãs. Só mais uma. Uma subida e uma descida e lá estarei eu.

Estou a ponto de respirar mais aliviada quando o chão dá uma súbita reviravolta debaixo dos meus pés e uma forte rajada de vento arranca a cesta das minhas mãos. Caio no chão com força. Sinto uma forte dor na cabeça. Ouço um forte ruído em

meus ouvidos. Tento me levantar, ficar de joelhos, antes de a minha cabeça girar e eu ser obrigada a parar.

Ainda estou tentando descobrir o que aconteceu quando vejo a cesta derrubada, com todos os ossos caídos na beira da colina. O chão parece ondular debaixo de mim enquanto tento me levantar, tremendo. Algo escorre pelo meu rosto e, quando eu o limpo, vejo que há um líquido escuro na minha mão. O sol também está sangrando, direto no horizonte, e todo o mundo se tornou de um vermelho doentio.

Eu me viro, olhando para a colina, depois para cima. Minha bússola interna parece ter sido arrancada da minha cabeça pelo impacto e quase não consigo ouvir a minha voz por cima do zumbido nos meus ouvidos. Para cima é o melhor, penso lentamente. Preciso subir.

Eu me arrasto pelo chão, cheio de ossos, tentando juntar o máximo possível. Uma luz explode na frente dos meus olhos, mas eu me forço a permanecer focada.

A vários metros, a cesta se move. Ou melhor, algo *dentro* da cesta se move, bem quando o sol mergulha atrás das colinas. O osso de um braço sai da cesta, contorcendo-se, enquanto o páramo sobe ao redor dele, cobrindo aquela coisa branca com terra e ervas.

Solto uma praga, indo atrás do braço que desliza pelo chão e tenta se conectar com uma mão. Procurando os dedos entre os arbustos.

Corra, grita uma voz dentro da minha cabeça.

Eu me arrasto descendo a colina, mantendo os olhos focados no corpo que vai se montando à minha frente. O sol agora está quase totalmente fora da minha visão. Minha fuga é muito estranha, muito lenta, mas não consigo tirar os olhos da coisa se formando na minha frente, o mato selvagem sendo amassado pelos ossos que vão se juntando. Um pé encontra uma perna. Costelas encontram a coluna. Eu pego a faca de meu pai enquanto desço a última colina. Não tenho ideia do que vou fazer com isso.

Um braço, agora totalmente montado, enfia-se na cesta e recupera o crânio, a flor ainda plantada acima do olho. E na palma já coberta de mato, a terra e as ervas começam a subir para o crânio, duas pedras sobem ocupando o lugar dos buracos dos olhos onde as raízes esperam, como nervos.

Chego ao alto da colina quando a bruxa recupera sua cabeça e se vira para mim. O crânio, agora com cabelo feito de mato, ainda está na palma da sua mão, enquanto

o restante do corpo vai se montando.

A Bruxa de Near abre os seus olhos de pedra e fala com uma voz de vento.

– Você arruinou o meu jardim.

– Você roubou a minha irmã – grito em resposta, levantando a faca como se tivesse ideia do que fazer com aquilo.

O vento ao nosso redor começa a soprar mais forte.

– Quieta, quieta – ela grita com sua boca meio formada, pedaços de terra caindo de seus lábios. O chão se move debaixo de mim. Meu calcanhar toca um novo sulco na colina e eu tropeço.

– Quieta, coisinha. – Ela sorri e as palavras têm uma força tangível, pesadas no ar. Elas vêm sobre o vento como um feitiço e, antes que eu possa me levantar, o páramo está sobre mim, raízes e mato subindo pelos meus braços e pernas, prendendo-me ao solo. Os galhos cortam a minha pele. Eu perco o fôlego quando eles me apertam e corto as raízes com a faca, somente para ver mais uma dúzia subindo pelas minhas botas, minhas pernas. Meus braços estão livres, eu golpeio as ervas segurando os meus tornozelos enquanto a Bruxa de Near se aproxima. Ela começa mancando, sua perna ainda se prendendo, mas, quando vai chegando perto, sua caminhada é tão tranquila quanto a da minha mãe. Várias ervas ao redor das minhas pernas são arrancadas a golpes de faca. Ela estica os seus braços.

– Eu falei – ela diz, os olhos de pedra brilhando, suas palavras viajando fortes e claras pelo ar – para não mexer no meu jardim.

Finalmente os últimos fios se quebram debaixo da faca de meu pai. Antes que possam voltar a me atacar, chuto-as o mais forte que posso com as minhas botas. Quando o emaranhado de ervas colide com a bruxa, ainda fraca, ela começa cair para trás. Mas, antes, o mato e a terra se juntam para segurá-la.

Eu chego ao alto da colina enquanto ela se recupera. A cada passo, mais o páramo vai se adicionando aos seus membros, fortalecendo-a.

Dou outro passo para trás e posso sentir a colina começar a se inclinar atrás de mim. Ouso olhar para trás e sinto um pequeno alívio quando vejo o muro baixo de pedras que parece um rabo esticado no páramo e, ao lado dele, a casa das irmãs.

– Como você ousou?

Sinto as palavras, o ar frio contra a minha pele. Giro o corpo e a Bruxa de Near está a centímetros de meu rosto, seus lábios de musgo demonstram sua raiva.

Seus dedos ossudos, agora cobertos de ervas, seguram a minha garganta. Fecho o punho, sentindo o cabo da faca do meu pai, e dou um golpe certo, cortando a mão da bruxa. Ela cai e eu também, rolando pela colina vários metros antes de conseguir parar. Mas ela já está vindo atrás de mim, recolocando sua mão no seu punho. Consigo ficar de pé, e deslizo para a base da colina. Olho para a casa das irmãs e vejo uma tumba de pedras, aberta, esperando. Elas conseguiram. A estrutura é uma catacumba retangular, onde antes só havia terra árida e aquela pilha de pedras. Magda e Dreska fizeram uma tumba grande o suficiente para guardar os ossos da bruxa. Preciso enfiá-la ali.

Viro-me para a bruxa, espero-a, mas ela para de se mover. Fica parada por um momento, enquanto olha para a cabana e para o pequeno jardim ao lado, um espaço cheio de flores, todas se abrindo apesar do outono frio. Meia dúzia de tipos diferentes, em filas perfeitas. Claramente, a magia das irmãs não desapareceu completamente durante todos estes anos.

Algo se move ao lado do muro de pedras, algo cinza. Lança-se pelo páramo na minha direção, viajando tão rápido que quase não é possível vê-lo.

– Cole?

A palavra arranca a Bruxa de Near de seu devaneio e seus olhos de pedra brilham para mim. Ela pula no momento em que Cole me alcança, jogando o seu corpo na frente do meu. E então um som, muito forte, muitas vezes mais alto que qualquer galho sendo quebrado, alto o suficiente para fazer o páramo tremer e a bruxa se virar, brava, na direção do barulho.

– Agora, Cole! – grito, e naquele momento o vento sopra forte, pegando a bruxa desprevenida. Somos forçados a nos jogar no chão quando o ar a acerta, carregando-a para o jardim e a tumba onde antes era sua casa. Os ossos batem contra as pedras da tumba com tanta força que a estrutura se desmonta, um monte de rochas, ervas, terras e ossos em algum lugar embaixo da terra.

E, de repente, tudo fica quieto.

Um silêncio estranho, os ouvidos estão bloqueados, uma forte pressão antes do retorno do som. As mãos de Cole estão em seus joelhos e ele tenta respirar. Minha cabeça está girando e eu me sento no mato, confusa, vendo como as ervas começam a crescer lentamente sobre a tumba, as flores silvestres crescem até a estrutura de pedras parecer tão velha quanto a casa das irmãs, meio comida pelo páramo. Está

acabado. Não consigo parar de olhar para a pequena tumba de pedras, esperando que ela se mexa, desabe e libere a bruxa enraivecida. Mas não há nenhum som, nenhum movimento.

Então vejo o metal brilhando embaixo, ao lado do muro de pedra, a fonte do ruído agressivo. Otto está parado, o rifle ainda levantado contra o ombro, olhando para Cole. Ele continua a olhar por cima do cano da arma para nós dois, sentados meio mortos no páramo, e posso imaginar o que pensa enquanto olha para Cole por um bom tempo. Finalmente ele abaixa a arma e o sr. Ward e Tyler pulam o muro e correm até nós. Cole deve tê-los trazido. Fico imaginando a cena do fogo se espalhando pela floresta e o pedido para que os homens viessem rapidamente para ajudá-lo. Eles hesitaram? Duvidaram?

Posso ver os outros homens caminhando atrás de meu tio e em seus braços pequenas formas aninhadas. As crianças. Otto sobe no muro também quando Magda e Dreska saem da casa. A mão de Magda toca a tumba quando ela passa, parecendo satisfeita. Dreska vem bem atrás, tocando o lugar também. Cole se senta, sem ar e pálido, ao meu lado.

– Você conseguiu – digo.

– Prometi.

O sol desaparece e a noite parece ter tomado conta, somente os últimos raios de luz se refletem ainda em algumas nuvens.

Otto para ao nosso lado. Ele me olha, medindo-me, antes de virar a sua atenção para Cole.

Meu tio olha para o rapaz pálido e ensanguentado no chão ao meu lado. Seu rosto também está sujo e a roupa, desalinhada. Parece que os dois estiveram na mesma batalha. Cole encara Otto, nem com raiva nem com medo. O que aconteceu na floresta? Otto olha para as crianças, depois para a tumba de pedra. Depois de um longo momento, volta a olhar para Cole, que está se levantando. Otto estica a mão e Cole a segura.

As irmãs estão examinando as crianças, as cinco sentadas no chão ao lado do muro de pedra. Ainda não estão se movendo. Então Wren começa a se mexer, rola de lado, ainda dormindo. Dormindo. Minha cabeça gira de alívio.

Quando volto a olhar para Otto, ele ainda não solta a mão de Cole.

– Obrigado – diz finalmente, tão baixo que mais parece um resmungo. Mas eu consigo ouvir, Cole também, e, pela dura expressão de Tyler, acho que ele também consegue ouvir. A mão de Otto se solta e Cole olha para mim, e não consigo tirar o sorriso do rosto. Ele me segura em seus braços. O vento se enrosca em nós. E pela primeira vez, no que parece ser uma eternidade, tudo parece estar certo. No seu lugar.



MEU PAI COSTUMAVA DIZER QUE A MUDANÇA É COMO UM JARDIM.

Não acontece da noite para o dia, a menos que você seja uma bruxa. As coisas precisam ser plantadas e cuidadas e, acima de tudo, o chão precisa ser o certo. Ele falava que as pessoas de Near tinham a terra errada e por isso resistiam tanto à mudança, da mesma forma que as raízes resistem à terra dura. Ele falava que, se pudesse simplesmente romper a resistência, no fundo havia um bom solo ali.

Há uma comemoração na praça da cidade na noite seguinte. As crianças estão dançando, cantando e brincando. Edgar pega uma das mãos de Wren e Cecília, a outra, e eles se juntam no círculo com o restante. Até as irmãs vieram e estão tentando ensinar novas e algumas velhas músicas para as crianças. Vejo o cabelo loiro de Wren girar enquanto ela corre de um lado para o outro, sem parar.

Minha mãe contou a Wren que ela havia saído para se juntar aos seus amigos e terminara dormindo na floresta.

Eu contei que a Bruxa de Near a roubara na calada da noite e sua corajosa irmã a salvara.

Não acho que ela acredita totalmente em nenhuma de nós.

Helena está sentada em uma parte do muro que cruza a praça, cuidando do irmãozinho como se ele pudesse desaparecer a qualquer momento, os olhos ainda estão nervosos, mas sua pele finalmente começa a recuperar a cor. Vejo como Tyler para no muro ao lado dela, olhando para as crianças e tentando parecer interessado. O rosto de Helena se ilumina e consigo ver, de onde estou sentada, como ela fica vermelha. Tyler parece contente por ser querido tanto por alguém, mesmo não

sendo quem ele queria que fosse, porque, quando ela treme de frio, ele se aproxima e oferece um espaço embaixo do seu braço. Helena se inclina e se aninha contra o largo peito, e os dois ficam olhando as crianças, que giram e cantam. De vez em quando ele me olha e eu finjo não notar.

Near ainda é Near. Não vai mudar até amanhã de manhã. Não vai mudar em um dia ou em uma semana.

Mas há algo novo – no ar e no chão. Mesmo com a chegada do outono, eu consigo sentir.

O Conselho ainda está em seu posto, os sinos prontos caso pensem em algo para dizer. Mas Matthew está inclinado para a frente, vendo as irmãs ensinarem uma música para as crianças. Seus olhos azuis vão de Magda para Edgar. Eli está de costas para a vila, falando em particular com Tomas. Algumas pessoas nunca mudarão.

As casas próximas à praça abriram suas portas para a vila.

A mãe de Emily, a sra. Harp, está ao lado da minha mãe, servindo pães e doces. Outra casa está oferecendo canecas de bebida quente e forte, e Otto está encostado no muro, cercado por vários outros homens. Eles conversam e bebem, mas meu tio olha, na maior parte do tempo, para a praça, com uma mistura de alívio e cansaço. E, quando ninguém do grupo está olhando, vejo como levanta seu copo para ninguém em particular e seus lábios se movem sem ruído, como se estivesse orando. Fico imaginando se está orando para o páramo, para as crianças, ou para o meu pai, mas é curto e silencioso, e então ele é engolfado pelo grupo de homens que se juntam e fazem um brinde. Somente Bo não está ali.

Eu me sento em outra parte do muro, a última seção antes que ele termine. Meus dedos brincam com o cabelo escuro de Cole, que se estica na superfície de pedra, sua cabeça no meu colo. Começo a seguir o ritmo das músicas das crianças em sua pele, ele me olha e sorri, pegando a minha mão e movendo os meus dedos pelos seus lábios. Ao nosso redor, o vento cruza a celebração, movendo lâmpadas e vestidos.

Ouçõ os três sinos e olho para cima, mas não é o Conselho se preparando para falar. É o meu tio.

– Há sete dias, um estranho chegou a Near. E, sim, o estranho é um bruxo.

Cai o silêncio sobre o festival, sua voz profunda viaja por cima da multidão. Otto olha para baixo, os braços cruzados em seu peito.

– Meu irmão me contou que o páramo e as bruxas são como todo o resto, que eles podem ser bons ou maus, fracos ou fortes. Que podem vir em muitas formas e tamanhos, como nós. Só na semana passada isso ficou provado. Seus filhos estão aqui esta noite por causa das irmãs Thorne e por causa da ajuda desse bruxo. – Os olhos de Otto param em Cole, que está sentado, apoiado em um dos cotovelos. – Nossa vila está aberta a você, se quiser ficar.

Com isso, Otto desce e, lentamente, por toda a praça, a celebração volta a tomar conta.

– Bem – pergunto, inclinando-me para ele –, você quer ficar?

– Quero.

– E por quê, Cole? – pergunto, chegando mais perto, quase tocando o seu nariz com o meu.

– Bem – ele fala com um sorriso –, o clima aqui é muito bom.

Eu me afasto, mas seus dedos me puxam pelo pescoço, passeando pelo meu cabelo, até que nossas testas se toquem. Sua mão desliza pelo meu pescoço, entre os meus ombros, traçando a curva da minha espinha antes de descansarem em sua perna. Não me afasto.

Ele me beija no nariz.

– Lexi – fala.

Beija o meu queixo.

– Quero ficar aqui.

Beija a minha garganta.

– Porque você está aqui.

Posso sentir seu sorriso contra a minha pele.

A celebração vai terminando e a vila vai ficando silenciosa, tudo vai desaparecendo, exceto as suas mãos nas minhas. E os seus lábios nos meus. Eu me afasto, estudando seus grandes olhos cinzentos.

– Não olhe para mim assim – ele fala, com um sorriso.

– Assim como?

– Como se eu não fosse real ou não estivesse aqui. Como se eu fosse desaparecer.

– Você vai? – pergunto.

Ele franze a testa, sentando-se e virando-se para poder me olhar de frente.

– Espero que não. É o único lugar onde quero estar.



Mais tarde, à noite, Wren se mexe ao meu lado na cama e a sensação nunca foi melhor. Deixo que roube os cobertores, que monte o seu ninho, dou nela um empurrão leve e brincalhão. Espero pela manhã, desejo que faça seus bonecos de massa de pão e suas brincadeiras no corredor. Quero vê-la crescer, dia a dia.

Do lado de fora, o vento sopra.

Sorrio na escuridão. Não há lua, nenhuma imagem dançando nas paredes. O sono logo vai chegar. Quando fecho os olhos, fico vendo o rosto da bruxa, o crânio esmagado, as horríveis flores saindo dele. A forma que a raiva se transformou em outra coisa quando viu a sua casa. O seu jardim. Espero que tenha encontrado a paz. Fico imaginando se é isso que sinto agora, uma sensação que me cobre como um lençol, frio e confortável. Neste lugar silencioso, imagino que consigo ouvir o meu pai sussurrando histórias que ouvi mil vezes. Histórias que fazem com que ele fique por perto.

O vento no páramo será sempre algo enganador. Ele distorce a sua voz e pode assumir qualquer formato, comprido e fino o suficiente para entrar pelo vão da porta, robusto o suficiente para parecer algo com peso, respiração e ossos.

Vou escrever esta nova história também, registrá-la ao lado das histórias para dormir do meu pai, ao lado das conversas na hora do chá de Magda. Vou me lembrar de tudo.

Ouçó a minha voz quando o mundo começa a dormir.

Às vezes, o vento sussurra nomes, perfeitamente claros, de modo que você poderia, à beira do sono, imaginar que ouviu o seu. E você nunca sabe se esse som debaixo da sua porta é somente o vento soprando ou a Bruxa de Near, em sua pequena casa de pedra ou em seu jardim, cantando para as colinas dormirem.

Todas as noites, Lexi Harris acende três velas para clarear um pouco o quarto escuro enquanto conta uma história de dormir para sua irmãzinha. Mas Wren nunca fica acordada tempo suficiente para ouvir o final, o que é bom, já que ela tem medo do barulho que o vento faz na cidade de Near. Ele costuma sussurrar, uivar, cantar...

Em uma noite como todas as outras após Wren pegar no sono, Lexi se levanta para apagar as velas, mas percebe uma movimentação incomum pela janela. Há um estranho do lado de fora, e ele parece desaparecer misteriosamente bem diante de seus olhos, como fumaça. Nos dias seguintes, as crianças começam a desaparecer de suas camas, e Lexi se vê obrigada a descobrir o que está acontecendo para impedir que o mesmo aconteça com Wren.

Seria possível que a lenda da Bruxa de Near fosse realidade? Ou será que o estranho que apareceu em sua janela está por trás dos misteriosos desaparecimentos?

Parte conto de fadas, parte história de amor, o romance de Victoria Schwab é do tipo que prende desde a primeira página!

Victoria Schwab é o resultado de uma mãe britânica, um pai de Beverly Hills, e uma educação do sul dos Estados Unidos. Ela vive em Nashville, no Tennessee, quando não está vagando em busca de um tesouro enterrado, contos de fadas ou uma boa xícara de chá.

Às vezes, o vento sussurra nomes, perfeitamente claros, de modo que você poderia, à beira do sono, imaginar que ouviu o seu. E você nunca sabe se esse som debaixo da sua porta é somente o vento soprando ou a Bruxa de Near.

Na cidade de Near não existem estranhos, e a velha história da Bruxa é contada apenas para assustar as crianças. Estas são as verdades que Lexi Harris ouviu durante toda a vida.

Mas quando um estranho, um garoto que parece desaparecer como fumaça, surge em uma noite do lado de fora de sua casa, ela sabe que algo não está correto.

Na noite seguinte, crianças começam a desaparecer de suas camas sem deixar qualquer vestígio, e o estranho é o principal suspeito. Mas quando o garoto se oferece para ajudar na busca, algo no coração de Lexi diz que ele esconde outros segredos e não é o culpado.

Ela estaria apenas imaginando ou o vento parece sussurrar através das paredes? Quando a busca pelas crianças se intensifica, o mesmo acontece com a necessidade de Lexi de saber sobre a Bruxa que talvez não seja só uma história para dormir...